

UNIVERSO DO FUTEBOL
**Ciências Humanas
e Futebol**



UNIVERSO DO FUTEBOL

Ciências Humanas e Futebol

Organizadores

Prof. Dr. Carlos Ferrari

Prof. Dr. Rafael Mocarzel

Vassouras, Rio de Janeiro

2024

© 2024 Universidade de Vassouras

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE)

Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras

Dr. Marco Antônio Soares de Souza

Pró -Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica da Universidade de Vassouras

Dr. Carlos Eduardo Cardoso

Editora-Chefe das Revistas Online da Universidade de Vassouras

M. Sc. Lígia Marcondes Rodrigues dos Santos

Editora Executiva das Produções Técnicas

Dr. Paloma Martins Mendonça

Modo de acesso: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/PT/article/view/4729>

Un399

Universo do futebol: ciências humanas e futebol. / Organizado por: Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari, Rafael Carvalho da Silva Mocarzel – Vassouras, RJ : Universidade de Vassouras, 2024. 200 f.

Recurso eletrônico

Formato: E-book

ISBN: 978-85-88187-84-9

1. Futebol. 2. Esportes – Aspectos sociológicos. I. Ferrari, Carlos Eduardo Rafael de Andrade. II. Mocarzel, Rafael Carvalho da Silva. . III. Universidade de Vassouras. IV. Título.

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica Oline – Universidade de Vassouras

Todos os direitos reservados. É permitida reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. O texto é de responsabilidade de seus autores. As informações nele contidas, bem como opiniões emitida, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras.

Súmario

Homenagem	5
Agradecimentos	6
Prefácio	7
Apresentação.....	9
Catar 2022: Uma Argumentação Pautada Nas Polêmicas Que Marcaram A Copa Mais Excêntrica Da História.....	10
Copa Do Mundo De 2022 No Qatar, Soft Power E Sportswashing: Leituras Psico-Comportamentais.....	29
A Essência Do Futebol Brasileiro No Fluminense De Fernando Diniz: Entre A Teoria Ecológica E O Samba De Cartola	40
Futebol E Formação Do Profissional Cidadão	51
O Futsal Como Meio Da Promoção Da Saúde Em Um Projeto Social	64
O Que É Ser Um Craque? Um Modelo Epistemológico Para A Avaliação De Jogadores	76
Gestão Por Competências – Uma Questão De Liderança No Futebol	95
Relação Entre Despesas Em Formação De Atletas Das Categorias De Base Do Futebol E O Desempenho Esportivo De Clubes Cariocas Em Competição.....	111
Ética, Violência E Futebol De Formação: Sete Postulados Iniciáticos	128
A Violência No Futebol Brasileiro E O Afastamento Do Torcedor: Uma Análise A Partir Do Processo Civilizador	149
O Processo De Coisificação E Mercadorização Do Jogador De Futebol	172

HOMENAGEM

Homenagem póstuma (in memoriam) a Renato Alvarenga.

No início de fevereiro de 2023 não só o Brasil, mas o mundo perdeu um grande nome da educação, da saúde e da educação física. Meu querido amigo e professor Renato Alvarenga retornou a Deus.

Eu tive a graça de ter convivido com esse cavaleiro de ouro da fisiologia e treinamento desportivo de renome internacional e posso afirmar que sua imensa competência só não era maior que sua humildade inigualável. Um homem MUITO simples, de fala mansa, humilde até demais, apaixonado pelo ensino e sempre disposto a ajudar!

Durante a pandemia aceitou fazer uma live comigo e falou abertamente que, ao estudarmos, todos nós deveríamos retomar os estudos sobre a filosofia mesmo que minimamente, pois é de lá que saem todas as ciências. Isso só demonstrou como ele era um profissional humilde e sensato, que não concordava com separatismos dentro da educação.

Perde o Mundo, ganham os Céus...

Morre um homem, nasce uma lenda...

Obrigado por tudo, eterno Mestre!

Rafael Mocarzel

AGRADECIMENTOS

Esta obra contou com ajuda de muitos profissionais que se esforçam para manter viva a chama da saúde e educação através do estudo e prática do esporte junto à população. A todos eles, agradecemos humildemente a nobre parceria.

Agradecemos ainda aos apoiadores internos da Universidade de Vassouras, mais especificamente aos respectivos Coordenadores do curso de Educação Física dos campi Vassouras, Maricá e Saquarema, Paulo Caminha, Sávio Luís Oliveira da Silva e Carlos Eduardo das Neves.

Não obstante, nossa gratidão à Coordenadora de Pesquisa e Extensão do campus Maricá Michele Teixeira Serdeiro sempre sendo motivadora e atenciosa, à Pró-Reitora de Saúde De-nize Duarte Celento e ao Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica Carlos Eduardo Cardoso e claro, à toda equipe da Editora da Universidade de Vassouras.

Por fim, agradecemos aos incentivos e apoios da Universidade de Vassouras para a produção desta pesquisa e organização e confecção desta obra acadêmica através do apoio em forma de projeto de pesquisa.

PREFÁCIO

É com grande satisfação que recebi o convite para fazer o prefácio dessa coletânea que fala da paixão nacional e suas dimensões.

Desde a sua criação, o futebol tem se tornado um espaço de lazer, de socialização, de gestão, de profissão, além de tantas outras vertentes, não deixando de ser um espaço profícuo de pesquisa. As obras aqui contempladas fazem uma “viagem” neste universo tão extenso.

Dentre os vários pontos abordados me chamou a atenção alguns tópicos, como a relação entre as capacidades condicionais e coordenativas no futsal que é essencial para entender a dinâmica desse esporte. Também é igualmente crucial compreender que o futebol e seus derivados como componente curricular nas escolas, tem sua relevância social transcendendo os limites das linhas que demarcam o campo de jogo. O futebol e suas derivações são espaços ricos em promover valores como trabalho em equipe, respeito e superação de desafios, tornando-se uma ferramenta educacional poderosa, e tudo isso podemos contemplar nesta coletânea.

Outro ponto que foi analisado na coleção descreve sobre as desigualdades de gênero e raça entre os treinadores na Copa do Mundo masculina e feminina, e nos confrontam com uma realidade preocupante, já que a representatividade do futebol é fundamental para inspirar futuras gerações.

Me chamou também a atenção o artigo sobre a Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar, que foi marcada por polêmicas que ecoaram por todo o mundo. Desde questões relacionadas aos direitos humanos até preocupações com o clima, sustentabilidade e corrupção, este torneio se tornou uma plataforma para debates sobre essas variedades de questões globais. Argumentar sobre essas polêmicas é essencial para promover mudanças significativas no cenário esportivo internacional.

No contexto escolar, a educação física desempenha um papel fundamental na formação dos alunos, seja através da prática esportiva ou do desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas. A docência nessa área demanda um constante aprendizado e reflexão sobre as práticas pedagógicas, visando uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes.

A discussão do futebol para pessoas com deficiência visual, evidenciou a importância desse esporte para aqueles que tinham pouco espaço nessa modalidade, o artigo ora apresentado, faz com qualidade um resgate histórico desta modalidade que oportunizou os deficientes visuais na prática do tão amado futebol dando um passo crucial rumo à inclusão e à igualdade de oportunidades no cenário esportivo.

Cada um dos artigos aborda aspectos importantes e relevantes sobre o futebol e suas diversas dimensões. Reconheço a qualidade do trabalho apresentado e recomendo a leitura para aqueles que se interessam pelo esporte, seja como praticantes, espectadores ou estudiosos.

A diversidade de temas abordados certamente enriquece o conhecimento e promove reflexões essenciais sobre o papel do futebol na sociedade e em nossas vidas.

Prof. Dr. Rogério Melo
Presidente do Conselho Regional de Educação Física da 1^a Região

APRESENTAÇÃO

Apresento, com um enorme sentimento de satisfação, a coletânea “Universo do Futebol”, dado que organizar uma obra desta natureza, num país como o Brasil, com duzentos e três milhões de potenciais treinadores, é um desafio no que tange o paradoxo: ciência versus senso comum. Assim, como o título da obra sugestiona, a coletânea é composta por seis livros organizados, contemplando a imaginação epistemológica de pesquisadores brasileiros, portugueses e estadunidenses.

Temas como os Aspectos biológicos no futebol, Futebol na escola, Discussões de gênero no futebol, Ciências humanas e futebol, Nutrição e futebol, tal e qual a abordagem do Futebol e suas variações ao redor do mundo, engendram o mote da obra em relevo. Portanto, cada um a seu modo e dentro de suas perspectivas, procuram apresentar o Futebol, como fenômeno social múltiplo e polissêmico, acarretando numa viagem teórico-científica, que tenciona oferecer ao leitor uma visão mais rigorosa do esporte mais popular do mundo.

Desta forma, o conjunto de obras, numa compreensão inovadora, sustentável, foi publicada em formato ebook, disponibilizada gratuitamente para o público leitor graças à confiança e portas abertas da Universidade de Vassouras, instituição mantida pela Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE). Nesse nexo, o suporte em formato de incentivos via projeto de pesquisa, na pessoa do Magnífico Reitor, deve ser exaltado, pois o fomento proporcionou uma tranquilidade financeira não comum no meio acadêmico hodierno. Gratidão eterna!

Carlos Ferrari

CATAR 2022: UMA ARGUMENTAÇÃO PAUTADA NAS POLÊMICAS QUE MARCARAM A COPA MAIS EXCÊNTRICA DA HISTÓRIA

Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari

Carlos Eduardo das Neves

João Rafael Valentim-Silva

Roberto Ferreira dos Santos

Introito

A Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) é um dos eventos desportivos mais emblemáticos, responsável por atrair um número significativo de telespectadores ao redor do globo, o que em termos de visibilidade e simbolismo equipara-se aos Jogos Olímpicos de Verão, solenidade multiesportiva que, tal-qualmente, ocorre a cada quatro anos. Desde a sua primeira edição, realizada em 1930, no Uruguai, a competição idealizada pelo francês Jules Rimet (1873-1956) é um dos torneios mais requisitados do futebol, fenômeno que movimenta o mundo dos negócios, dentro e fora das quatro linhas, resultando na maior parte da receita da FIFA em meio à contemporaneidade. Diante disso, pode-se dizer que a Taça da Copa é o objeto de desejo de muitos, inclusive quando o que está em jogo é o <>poder econômico<> do maior campeonato de seleções do planeta (AGOSTINO, 2002; GURGEL, 2008; CHADE, 2015).

Não é descabido supor que o mote do evento ultrapassaria por demais as manifestações puramente futebolísticas, dado que a FIFA, na pessoa dos seus agentes, acumula uma série de escândalos de corrupção que, em certa medida, acaba por manchar a magnitude da competição. Cita-se, a título de exemplo, a denúncia do jornal “The New York Times”^[1], que acarretou a renúncia do então presidente da instituição, Joseph Blatter, em razão do Secretário-Geral da entidade, Jérôme Valcke, homem de confiança de Blatter, ter se envolvido em um esquema de pagamentos de propinas nos idos de 2008. Cita-se, ainda, a investigação do FBI, da Polícia Federal dos Estados Unidos, que questiona a concessão da Copa do Mundo

^[1]* “Segundo o ‘The New York Times’, o Departamento de Justiça dos EUA acredita que o secretário-geral Jérôme Valcke, abaixo apenas de Blatter na hierarquia da FIFA, movimentou US\$ 10 milhões (R\$ 32 milhões) para pagamentos de propina em 2008. Pressionado pelo maior escândalo da história do futebol, Blatter renuncia” (GAZETA DO POVO, 2015).

de 2014, ocorrida no Brasil, devido ao vínculo estreito entre Ricardo Teixeira, ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e o Secretário-Geral da FIFA, Valcke, conforme veiculado no jornal “El País”^[2], no caderno de Esportes.

Sob esse enfoque, de modo a contextualizar, faz-se premente ratificar que a Copa do Mundo de 2018, disputada na Rússia, também foi marcada por um rastro de escândalos de corrupção e fisiologismo (pessoal e coletivo)^[3]. Não obstante, o que chamou atenção na ocasião, e mereceu certo destaque na mídia, foram os episódios discriminatórios, isto é, crimes resultantes de discriminação e/ou preconceito^[4]. Uma declaração que merece repercussão, por explicitar, com efeito, o que foi dito antes, partiu da deputada Tamara Pletnyova. A líder da comissão das famílias, mulheres e crianças do Parlamento Russo, ao ser indagada por um repórter sobre a possibilidade da repetição de um fenômeno nomeado “Filhos das Olimpíadas”^[5], foi enfática, ao afirmar que “As russas devem evitar sexo com estrangeiros não brancos durante a Copa do Mundo, porque elas podem se tornar mães de crianças mestiças” (FURTADO, 2018).

Dentro desse cenário e dessa ótica, não seria exagero destacar que a FIFA, ou melhor, os ‘cartolas’ que comandam a entidade, estariam aparecendo mais nos noticiários policiais, nas páginas que repercutem assuntos policiais em sua generalidade, do que no caderno dos esportes. De um tempo para cá, o lance plástico, característico do futebol arte, vem perdendo espaço nos folhetins desportivos, que, diante da reincidência dos desmandos e das denúncias de corrupção e superfaturamento, veiculam e reverberam assuntos que, descontextualizados, seriam dificilmente atribuídos ao meio futebolístico. Não à toa, Arlei Damo, no artigo intitulado “O desejo, o direito e o dever – A trama que trouxe a Copa ao Brasil”, expõe que o evento “é muito mais do que uma competição futebolística, com 66 jogos e duração aproximada de 40 dias. Para a FIFA e suas parcerias comerciais, a Copa é projetada para render dividendos, e nisso consiste um dos aspectos mais polêmicos” (DAMO, 2012, p. 44).

Em vista disso, constata-se a valia de investigar os pormenores basilares quanto à compreensão dos fatos que marcaram a Copa do Catar. Assim, na forma de uma revisão narrativa (ROTHER, 2007), o ensaio-teórico em tela objetiva analisar matérias jornalísticas, publicadas na mídia impressa/digital, que, listadas com as demais concepções teoréticas, sinalizam o

²“Até o momento, não se sabe se Teixeira será um dos ‘conspiradores’ citados pelo FBI, cujas identidades ainda não foram reveladas. O ex-genro de João Havelange era diretor do Comitê Organizador da Copa do Mundo 2014 quando se exilou em Miami, em 2012, enfrentando gravíssimas acusações que depois seriam confirmadas e atingiriam o próprio Havelange – que perdeu sua condição de presidente honorário da FIFA e de membro do Comitê Olímpico Internacional (COI)” (CIFUENTES, 2015).

³ “Mundial da Rússia esteve no centro de escândalo de corrupção. Suspeitas de que a escolha da sede teria ocorrido por compra de votos aumentaram em 2015. A **Copa do Mundo da Rússia** esteve sob fogo cruzado nos últimos anos em razão de denúncias de que a escolha da sede teria se concretizado por compra de votos. Um dos principais alvos das investigações, o ex-presidente da CBF Ricardo Teixeira sempre negou participação no esquema. As acusações miravam o dirigente e outros nomes de peso da cartolagem da América do Sul” (BARSETTI, 2018).

⁴ “A preocupação dos russos não esbarra apenas na questão étnica. Um outro deputado, Alexander Sherin, disse à mesma rádio que os torcedores estrangeiros poderiam trazer vírus e infectar os russos, além de tentar introduzir no país substâncias banidas pelo governo” (FURTADO, 2018).

⁵ A fim de informação: O termo <<Filhos das Olimpíadas>> ou <<Crianças das Olimpíadas>> é uma expressão depreciativa, que desabrocha nos Jogos Olímpicos de Verão de 1980, em Moscou, durante o período soviético, no intento de retratar o aumento significativo da natalidade depois dos Jogos, que pejorativamente se refere aos filhos de mulheres de origem russa e homens não brancos: latinos, africanos e/ ou asiáticos

jogo de tensões que descontinam a Copa mais excêntrica da história. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2004), de cunho sociocultural, com apporte do estado da arte, concomitantemente com a técnica de “Triangulação das informações” defendida por Augusto Triviños (1987). O recorte temporal do ensaio data de 15 de maio de 2004, época em que o Comitê Executivo da FIFA escolheu a África do Sul como sede da Copa do Mundo^[6], o que definiu o critério de seleção da base de dados do presente estudo.

Para tal propósito, subdividiu-se o texto em cinco partes. Na primeira, revela-se um sucinto introito, que intenta apresentar a ideia central do ensaio-teórico em voga, evidenciando a justificativa e a relevância do estudo. Na segunda parte, enfatiza-se, em tom de denúncia, uma argumentação pautada notadamente nas violações aos direitos humanos em solo catari, que afetam sobretudo trabalhadores migrantes, mulheres e membros da comunidade LGBT-QIA+. Na terceira, busca-se refletir efetivamente a respeito da falência moral da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), tendo a <<ética>> e o <<poder econômico>> como concepções nucleares. Na quarta, e penúltima parte, ordena-se uma reflexão acerca do uso político do esporte (do esporte-rei). E, finalmente, na parte derradeira, estruturam-se as considerações finais.

Violações aos direitos humanos: dados, números e informes

“Copa do Catar põe direitos humanos em evidência. Segundo o colunista Pedro Dallari, entidades internacionais têm denunciado violações dos direitos dos trabalhadores envolvidos no Mundial” (ROLLEMBERG, 2022).

Como dito, vê-se que a Copa do Catar não será lembrada tão somente pelas belíssimas jogadas. Porque, a despeito da importância futebolística, o evento, que definitivamente colocou Lionel Messi no panteão dos maiores jogadores da história, por efeito do triunfo contra o selecionado francês, liderado por Kylian Mbappé, foi marcado por uma sucessão de polêmicas, como graves violações aos direitos humanos. Se isso é de fato, deve-se frisar que o Mundial mais oneroso de todos os tempos foi alvo de denúncias sem precedentes e um fato em comum: o descontentamento das Organizações não Governamentais (ONGs) no que tange aos abusos trabalhistas, particularmente em relação a trabalhadores imigrantes, segundo reportagem propagandeada no jornal da Universidade de São Paulo (*ibidem*).

Desse modo, é apropriado dar crédito ao jornal “The Guardian” nesta fase inicial do debate, já que o folhetim britânico, com exclusividade, veiculou o falecimento de um número vultoso de operários sul-asiáticos, devido à falta de segurança nos locais de trabalho; além das notificações que refletiam sobre o confisco de passaporte dos trabalhadores, entre outras

6 “Ex-Fifa diz que África do Sul pode ter perdido votação para sede da Copa de 2010. O escândalo de corrupção na Fifa pode ganhar um importante capítulo nos próximos dias. De acordo com o jornal britânico "Sunday Times", Marrocos teria vencido a África do Sul na contagem de votos para a sede da Copa do Mundo de 2010. A revelação foi feita após o veículo ter acesso a uma gravação de um dos membros do Comitê Executivo da entidade. O homem em questão é Ismail Bhamjee, representante de Botswana. No suposto áudio, ele e outros membros realizaram uma contagem dos votos e notaram que a África do Sul não ganhou a disputa, já que o número de eleitores no país não condizia com a realidade” (ESPN, 2015).

medidas arbitrárias, como o não pagamento de salários prometidos e/ou condições instáveis de moradia. No tocante aos óbitos em específico, “o jornal revelou que a causa da morte destes imigrantes geralmente é sem uma autópsia. O mesmo veículo apontou ainda que desde 2019 o forte calor vem sendo indicado como ‘fator significativo’ dos óbitos no Catar” (ESPN, 2021).

Assim sendo, por intermédio da técnica de “Triangulação das informações” (TRIVIÑOS, 1987), considera-se que o clima é um indicador a ser considerado, especialmente quando o que está em pauta é o número de operários mortos na preparação do país-sede. A mudança no calendário, por esse ângulo, é outro indício revelador, visto que as altas temperaturas, segundo especialistas, poderiam afetar o desempenho dos atletas, mormente no meado do ano, quando tradicionalmente ocorre o Mundial. Ou seja, em 2022, o futebol não foi o único assunto da Copa, tanto que os adeptos do Bayern de Munique exibiram uma faixa que dizia “15.000 mortos por 5.760 minutos de futebol! Envergonhem-se!” (OBSERVATÓRIO..., 2022).

Numa outra perspectiva, que remete tanto aos direitos das mulheres no plural quanto aos direitos dos membros da comunidade LGBTQIA+ nas suas diversas dimensões, a realidade não é muito diferente. Assumir isso é reconhecer, com base na leitura da paisagem social, que o Catar, na figura dos seus homens públicos, ainda é um país anacrônico^{[7][8]}, quer dizer, em total desacordo com os usos e os costumes de uma época em que a dignidade da pessoa humana é uma máxima – em tese – cristalizada e tida como Universal. A ponto do ex-presidente da FIFA, o suíço Joseph Blatter, admitir, em entrevista concedida ao jornal “Tages-Anzeiger”, que errou na escolha do Catar como sede da Copa do Mundo de 2022 (ROUNCE, 2022).

Nessa circunstância, para ser fiel aos fatos, pode-se indagar até que ponto o erro de Blatter teria sido um mero equívoco. Porém, sem entrar objetivamente nessa seara, pode-se também inferir que o erro culminou numa Copa excêntrica, pois o número de manchetes que não tinham conotação direta com o futebol, reacendeu as críticas à escolha do Catar como sede. Por exemplo, o furor em torno da ida das mulheres cataris aos estádios, em certos momentos, ecoou mais do que o jogo em si. Dado que no Catar, embora o país seja visto como o mais condescendente, no tocante aos direitos civis femininos, se equiparado aos países que adotam a Sharia (lei islâmica), não é comum mulheres frequentarem estádios, principalmente sozinhas ou sem a permissão de um homem, como expôs o “portal de notícias UOL” (WILKSON; GARCIA, 2022).

Novamente sob a ótica da dignidade da pessoa humana, mas numa compreensão voltada para a análise dos direitos dos membros da comunidade LGBTQIA+, há de se convir que a Copa do Catar desponta como a mais controversa da história, inclusive quando comparada com o Mundial da Rússia. Nesse nexo, é importante relatar que, em julho de 2018,

7 [] * “O Catar é um dos 70 países do mundo onde as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo são criminalizadas, segundo a organização Anistia Internacional. No país, são aplicadas penas de até sete anos de prisão por violação dos artigos 285 e 296 do código penal, referentes a essas relações” (CNN, 2022).

8 “No Catar, país-sede da Copa 2022, as mulheres não têm direito de tomar, sozinhas, muitas das decisões-chave sobre suas vidas. Falamos aqui de entrar para a universidade, se casar, se divorciar ou viajar. Para tudo isso, elas precisam da permissão do que se chama de “guardião masculino”. O sistema de tutelagem dos homens sobre as mulheres no país do Mundial de futebol é classificado por organizações de direitos humanos como discriminatório e limitante dos direitos delas” (BBC NEWS BRASIL, 2022a).

o antropólogo Wagner Campos já previa que o pior ainda estava por vir, referindo-se aos contratemplos que poderiam afligir e subjugar os grupos tradicionalmente marginalizados, em especial à comunidade LGBTQIA+. O teórico, num artigo de opinião publicado no maior portal de divulgação científica sobre o futebol da América Latina, deixa transparecer que a atmosfera da Copa do Catar seria tão obscura quanto a da Rússia (CAMARGO, 2018).

No bojo desse debate, Alessandro da Silva, Gustavo Menon e Renato Barboza expuseram que “É clara a preocupação com temas de direitos das mulheres e LGBTQIA+ e com o uso da censura pelo governo do Qatar” (SILVA; MENON; BARBOZA, 2022, p. 11). Nesse caso, segundo os teóricos, a FIFA não deveria voltar as atenções somente para a segurança dos torcedores estrangeiros, pois membros da sociedade local podem enfrentar adversidades ainda maiores, como revelado pelo médico catariano Nas Mohamed, à “BBC News”^[9]: “Eu vivia com um medo constante. Pensei que me matariam se soubessem que sou gay, se isso se tornasse público. Os crimes de honra são muito tribais no Catar. Algumas famílias fazem isso, outras não, e o governo tenta não intervir” (SILVA; MENON; BARBOZA, 2022, p. 10).

Num leque ainda mais alargado de episódios polêmicos, que querendo ou não expõe quão austero é o Código Penal catari, essencialmente no tocante tanto aos direitos das mulheres quanto dos membros da comunidade LGBTQIA+, soma-se a isso o caso da economista Paola Schietekat, condenada a 100 (cem) chibatadas e a 7 (sete) anos de prisão por delatar agressão física^[10]. Segundo Schietekat, o malfeitor, para escapar das penalidades, alegou ter um caso com ela, o que não é verdade. “Após a declaração do suspeito, a mexicana foi [acusada de ‘sexo extraconjugal’ e] condenada com a pena prevista pelas leis islâmicas. Para fugir das punições propostas, Paola foi informada de que poderia se casar com o seu agressor” (ISTOÉ, 2022).

Prevalece, assim, a ideia de que a FIFA, personificada na identidade dos seus dirigentes, não demonstrou consideração pelo clamor das entidades internacionais, tampouco considerou as circunstâncias que tencionavam contra a escolha do Estado catari como sede da Copa do Mundo de 2022 (REGUEIRO, 2020; SILVA; MENON; BARBOZA, 2022). Dessa maneira, em síntese e sublinhando o que foi dito antes, verifica-se a necessidade de apresentar – no verbete seguinte – uma argumentação pautada nas modalidades de culpa dos ‘homens fortes’ da entidade-mor do futebol mundial. O que consiste, conforme anunciado no introito deste ensaio-teórico, perspectivar a <<ética>> e o <<poder econômico>> como concepções nucleares (capitais), no intento de refletir sobre a falência moral da FIFA.

Ética versus poder econômico: a falência moral da fifa

9[] * “Nas [Mohamed] afirma que, embora não more mais no Catar, ainda teme por sua vida. Ele recebeu uma enxurrada de insultos e ameaças de morte depois de tornar pública sua homossexualidade. ‘Mesmo morando aqui em San Francisco (na Califórnia) não me sinto seguro. Porque há muito ódio e violência contra nós’, acrescenta” (PAREDES, 2022).

10 “A jovem conseguiu deixar o Catar no ano passado, mas desde então argumenta que a Justiça não foi feita em seu caso e que seu agressor está livre. Ela lamentou não ter recebido apoio até seu caso ganhar as manchetes na imprensa mexicana e internacional. Até que, neste domingo (3/4), a Secretaria de Relações Internacionais do México informou que o processo penal contra Schietekat foi devolvido pelo juiz ao órgão equivalente à Procuradoria, depois de os argumentos da defesa terem sido ouvidos. Isso, na prática, ‘conclui o processo penal’ em favor de Schietekat, segundo ela própria informou no Twitter. ‘Embora esse seja um grande passo na direção correta, o caso segue aberto e ainda há uma acusação contra mim por parte da Procuradoria’, afirmou a mexicana em sua postagem” (BBC NEWS BRASIL, 2022b).

“A FIFA se tornou nociva. A FIFA se tornou uma organização criminosa!” (informação verbal) [11].

A fala de Gianni Infantino, atual presidente da FIFA, sugere que a escolha do Catar é apenas a ponta do iceberg, isto é, o apêndice desse jogo de tensões. Mais do que isso: a declaração do mandatário, na série documental “Esquemas da FIFA” (2022), produzida pela Netflix, retrata o resultado de décadas e mais décadas de desmandos. Entretanto, o que salta aos olhos, numa análise mais rigorosa, é o modo como Infantino “antropomorfiza” a instituição em apreço, visto que qualquer estrutura extra-humana é constituída (gerida) por estruturas-humanas. Logo, co-sificar – como dar características ou formas humanas – a FIFA é, no mínimo, um meio ingênuo de autopreservação do ego; em razão de que as dimensões nesse aspecto estariam diretamente subordinadas ao Homem e à sua “natureza”, como bem pontua Norbert Elias (1999) no livro “Introdução à sociologia”.

Por outro lado, observa-se que a declaração de Infantino por norma justifica o mal-estar da opinião pública em escala global, independentemente da linha paradigmática assumida. Em outros termos, corresponde em teoria à desconfiança dos torcedores em relação à entidade máxima do futebol. Todavia, Guido Tognoni, ex-assessor de Joseph Blatter, na mesma série documental, dá a entender que os fãs – embora cientes do caráter duvidoso dos ‘homens fortes’ da FIFA – não se incomodam com as brigas internas na Federação. Sob essa ótica, de modo a problematizar, Tognoni emite a seguinte interrogação: “Por que o torcedor comum deveria se importar com o suborno no futebol? [Em resposta, o mesmo frisa que o] esporte ainda proporciona ao Mundo a ilusão de que algo é bom, justo, divertido e honesto. Não é assim! Mas, a ilusão ainda vive” [12], ajuíza ex-assessor.

Nesse caso, interpretando o raciocínio de Guido Tognoni, constata-se que, diante do mau-caratismo e da falta de integridade dos ‘cartolas’ da FIFA (sem generalizar, é claro), caberia ao torcedor a briosa missão de combater a corrupção no futebol, dado que o esporte-rei é um bem cultural imaterial condicionado ao Homem e à sua ordem de valores. Significa dizer, então, que a problemática não está diretamente ligada ao poder econômico da referida instituição, nem decisivamente vinculada ao poder simbólico do futebol em particular, já que tudo, ao fim e ao cabo, estará sujeito ao Homem na sua pessoalidade. Portanto, para ‘separar o joio do trigo’, o torcedor comum, que realmente ama o esporte, deve começar a enxergar o Homem em sua mais alta dignidade, assim como em sua animalidade (PATRÍCIO, 1993; BENTO; BENTO, 2010; BOURDIEU, 2012; MARINHO, 2013).

Em consideração a isso, para uma melhor percepção dessas demandas, faz-se imperioso apresentar excertos, levantamentos, que pautados exemplificam o ser humano sob duas facetas

[11]ESQUEMAS da FIFA. [FIFA Uncovered]. Direção: Daniel Gordon. Roteiro: Miles Coleman. 221 min. Produção / Distribuição: Ventureland, Passion Pictures / Netflix: EUA, 2022. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/8022113>. Acesso em: 2 jan. 2023. [A informação verbal ocorre no intervalo de 00:05:41 a 00:05:47, no Episódio 1].

[12] ESQUEMAS da FIFA. [FIFA Uncovered]. Direção: Daniel Gordon. Roteiro: Miles Coleman. 221 min. Produção / Distribuição: Ventureland, Passion Pictures / Netflix: EUA, 2022. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/8022113>. Acesso em: 2 jan. 2023. [A informação verbal ocorre no intervalo de 00:08:37 e 00:09:17, no Episódio 1].

totalmente antagônicas: o Homem de cultura, superorgânico [13], que possui segura bússola axiológica (sabe estar-no-mundo) em contraste com o homem minúsculo (homúnculo), seco, ligeiro, anticultural, ou seja, desprovido de freios éticos, morais e cívicos.

Exemplo de Homem de cultura

“Pra que eu teria dez Ferraris? Prefiro ajudar meu povo”, diz jogador do Liverpool. O astro senegalês afirma que prefere caridade a ostentação. Um dos jogadores de maior sucesso da atualidade, o senegalês Sadio Mané, 27 anos, do Liverpool, recebe atualmente salário astronômico, mas evita gastar demais com coisas que considera de luxo, devido a isso não trazer retorno às outras pessoas. Em entrevista ao site Teledakar, o camisa 10 de Senegal afirmou que prefere usar o dinheiro que recebe para ajudar quem mais precisa (VACCARI, 2019).

Exemplo de Mulher que possui segura bússola axiológica

Polonesa leiloa medalha conquistada em Tóquio para ajudar em cirurgia de criança. Medalha de prata no lançamento do dardo nos Jogos de Tóquio, Maria Andrejczyk decidiu leiloar sua conquista por uma boa causa. A atleta, que se recuperou de um câncer ósseo em 2018, resolveu destinar o valor arrecadado com o objeto a cirurgia cardíaca de um menino chamado Miloszek, de oito meses, conforme apuração da Eurosport. [...] “Não demorei muito para decidir, foi a primeira arrecadação de fundos em que participei e eu sabia que era a certa. Miloszek tem um problema cardíaco sério e precisa de cirurgia”, explicou (MOREIRA, 2021).

Exemplo de homem minúsculo

Sob denúncias, Havelange sai da Fifa pela porta dos fundos. [João Havelange](#) foi o dirigente mais poderoso do mundo do futebol por décadas. Mas nesta terça-feira, abriu mão do último elo com a [Fifa](#). O brasileiro deixou seu cargo de presidente de honra da entidade, depois do comitê de ética criticar duramente o comportamento do dirigente por aceitar propinas. O relatório do presidente do comitê, Hans-Joachim Eckbert, chama o ex-presidente de “moralmente e eticamente reprovável” (SOB DENÚNCIAS, HAVELANGE..., 2013 – TRIVELA).

Exemplo de homens desprovidos de freios éticos, morais e cívicos

13 O conceito enfatiza a evolução social que caracteriza o progresso da civilização, em que a cultura é vista por Alfred Kroeber (1949) como o agente potencializador desse Homem sui generis, isto é, <<superorgânico>>.

Fifa suspende Joseph Blatter e Jérôme Valcke do futebol por mais seis anos. Ex-presidente e ex-secretário-geral da entidade foram punidos após investigação sobre pagamentos de bônus nas Copas do Mundo de 2010 e 2014. [...] O atual banimento de Blatter deveria expirar em outubro. Agora, nesta data, entrarão em vigor as novas punições por violações do código de ética da entidade. A última investigação analisou os pagamentos de bônus da Copa do Mundo feitos a Blatter e a vários ex-funcionários do alto escalão da Fifa, incluindo o ex-secretário-geral Jérôme Valcke, o ex-vice-presidente Julio Grondona e o ex-diretor financeiro Markus Kattner (CNN BRASIL, 2021).

Em decorrência disso, constituem-se, em relação à problemática, três ideias centrais. A primeira, de modo a dar ênfase ao fato de que tanto os atletas quanto os dirigentes citados dispõem e/ou dispuseram de algum tipo de capital, quer seja econômico, quer seja simbólico, propõe que o impasse não está taxativamente no poder, e sim no exercício do livre arbítrio, quer dizer, no querer ou não agregar valor à sociedade. A segunda, de maneira complementar e no intuito de evidenciar as teias de interdependência que teoricamente modelam o jogo de tensões, aventa que os ‘cartolas’, ou grande parte deles, estariam sujeitos aos arbítrios da estrutura-humana-dominante (*establishment*)^[14], agindo em defesa da manutenção do *status quo*, favorecendo, assim, as desigualdades sociais, dentro e fora das quatro linhas. Enquanto a terceira ideia, que discorre sobre a Copa de 2022, indica que a escolha do Catar é decerto a ponta do iceberg, apesar da gravidade das denúncias, que incluem fraudes, subornos e lavagem de dinheiro (ELIAS, 1999; BOURDIEU, 2012; MARINHO, 2013; CHADE, 2015).

Por essa razão e por tudo o que representa a nobre atitude dos atletas aqui referidos, em comparação com a falta de estatura moral dos dirigentes em relevo, nota-se que o poder “é algo que não deve ser desprezado, entendido como estritamente maléfico ou pejorativo. O poder – ou quem o detém – é o agente que viabiliza a equidade e a disparidade das relações sociais.” (FERRARI *et al*, 2022, p. 6). Michel Foucault, no empenho de aclarar essas questões, sem, contudo, a pretensão de esgotar o tema, alega: “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 1984, p. 8). Se bem que Norbert Elias, numa reflexão acerca desse tema, revela

¹⁴ Teias de interdependência da estrutura-humana-dominante em destaque:

* “O caminho da ISL para se tornar uma das maiores potências de marketing esportivo do mundo passa por João Havelange. E mais do que pelo ex-presidente da Fifa, por suas relações com Horst Dassler, o dono da Adidas quando o dirigente assumiu a entidade, em 1974. Por intermédio do dirigente brasileiro, Dassler e Patrick Nally, seu parceiro na ISL, tornaram-se parceiros da Fifa, tornando a agência uma espécie de braço comercial da federação que controla o futebol mundial. Foi Dassler o responsável pela aproximação de Havelange com a Coca-Cola, empresa que fecharia contrato com a Fifa para patrocinar os Mundiais de futebol. A partir daí, negociando contratos com futuros investidores de marketing das Copas do Mundo, a ISL, cuja sede fica na Suiça, começou a crescer” (ASSUMPCÃO, 2000).

* “A Fifa obteve um recorde de US\$ 7,5 bilhões de faturamento no último quadriênio (2019-2022). O valor foi impulsionado pelos acordos comerciais fechados para a Copa do Mundo do Catar 2022. Trata-se de um incremento de US\$ 1 bilhão em relação ao torneio de 2018, realizado na Rússia. Por outro lado, as despesas no período somaram US\$ 6,5 bilhões, gerando lucro de US\$ 1 bilhão, que vai para o fundo de reserva da entidade. Dos acordos comerciais, destacam-se as locais Qatar Energy, empresa petrolífera estatal, bem como o banco QNB do Catar e a Ooredoo, multinacional de telecomunicações do Catar. Já os direitos de transmissão para a Copa do Mundo deste ano foram fechados ainda na gestão de Joseph Blatter. Eles incluíram parcerias com a Fox nos Estados Unidos e com a Qatari BeIN Sports, em 2011. Para o ciclo de 2023-2026, as receitas devem se aproximar de US\$ 10 bilhões, graças a uma nova estratégia financeira para gestão do futebol feminino e o aumento de participantes na Copa de 2026, que será realizada nos Estados Unidos, Canadá e México. Dos atuais parceiros, Coca-Cola, Adidas e Grupo Wanda estão garantidos até o novo ciclo” (MKTESPORTIVO, 2022).

enfaticamente que, para muitos indivíduos, o vocábulo poder tem um odor insuportável. No entender do sociólogo, “Isto deve-se ao facto de, durante todo o processo de desenvolvimento das sociedades humanas, o equilíbrio de poder ter sido extremamente desigual” (ELIAS, 1999, p. 80).

Considerando esses aspectos, e baseado no histórico de corrupção que assola a entidade máxima do futebol, vê-se que o desequilíbrio de poder (de oportunidade) é um dos fatores a se considerar quando o que está em pauta é a falência moral da FIFA na pessoa dos seus agentes. Afinal de contas, mesmo correndo o sério risco de realizar uma perigosa consideração, é lícito afirmar que a falta de perspectiva dos países fora do eixo Europa-Américas sediarem uma Copa abre espaço para especulações dessa natureza, por efeito do capital econômico servir de moeda de troca em alguns casos. Numa metáfora, num contexto imaginário figurado, é como ligar a fome à vontade de comer, cujo resultado por norma é a degradação dos valores (morais e cívicos) em prol de agendas que comumente vão de encontro ao que se espera de um evento desta magnitude (AGOSTINO, 2002; GURGEL, 2008; BOURDIEU, 2012; CHADE, 2015).

Arlei Damo, com o intuito de evidenciar o *modus operandi* dos ‘homens fortes’ da FIFA em relação ao processo de seleção dos países-sede, aponta que a entidade máxima do futebol, verificando o poder simbólico do evento (BOURDIEU, 2012), não abre mão de parceiros que se dispõem integralmente a financiar os custos da dita competição. Nas palavras do teórico, “a FIFA seduz o país-sede alardeando que ‘a copa é uma oportunidade’ – algo vago, portanto – que cabe ao país aproveitar. O que lhe importa, sobremaneira, é que o país-sede ofereça as condições para a realização do evento, e isso implica dispêndio de recursos públicos” (DAMO, 2012, p. 66). Segundo Arlei Damo, “ao invés de dizer que a FIFA escolhe o país-sede, seria mais condizente afirmar que ela compromete um governo e, segura disso, anuncia o país ao qual aquele governo corresponde como o local da Copa” (*ibidem*).

Com base nesse quadro de referência, que exibe claramente a falta de escrúpulo dos ‘homens fortes’ da FIFA, identifica-se que o uso político do futebol é uma prática comum no transcorrer da história, seja como meio propagandístico de regimes totalitários, seja como ferramenta de alienação. Nessa condição, percebe-se ainda que a instrumentalização do esporte-rei é uma conduta inerente ao processo de escolha dos países-sede; vê-se o exemplo do Catar, que, após desbancar Austrália, Coreia do Sul, Estados Unidos e Japão, tornou-se, sob fortes evidências de corrupção, o primeiro país do Oriente Médio a sediar o torneio. A esse respeito, em última análise, há que se fazer alusão à candidatura dos últimos países-sede, pois tal orientação corrobora com a ideia de que a FIFA, na figura dos seus agentes, estaria de fato falida moralmente (AGOSTINO, 2002; GURGEL, 2008; DAMO, 2012; CHADE, 2015).

O uso político do esporte: a instrumentalização do futebol

“Tudo que eles [os sheiks cataris] compraram em Londres, [...] em Paris, na Alemanha, toda essa força econômica, se dá como uma forma de [dizer]: – Olha! A gente não pode mais

ser atacado porque nós temos amigos muito poderosos” (informação verbal) [15].

Diante de tamanha assertividade, deve-se destacar que a fala de Marcos Uchôa [16] descreve cirurgicamente os meandros de uma disputa político-ideológica que se arrasta desde a Guerra do Iraque. A partir desse entendimento inicial, Uchôa ajuíza que o investimento esportivo é um dos alicerces da política de projeção internacional do Catar, que visa categoricamente a criar alianças com grandes potências ocidentais em troca de proteção num eventual conflito militar. Na esteira desse debate, o repórter sugere que o montante de dinheiro empregado na compra do Paris Saint-Germain, denota, por exemplo, a real intenção da dita monarquia absolutista, visto que o relacionamento com os países do ocidente europeu é uma estratégia fundamental para melhorar a imagem do Estado catari no mundo (UCHOA, 2022).

Ainda assim, mesmo compreendendo que o Catar é o objeto de estudo do presente ensaio-teórico, é necessário mencionar, nesta fase intermediária do debate, que a instrumentalização do esporte (e por consequência das atividades atléticas) é uma prática antiquíssima. Mário Sigoli e Dante de Rose Junior, num artigo que disserta exatamente sobre a história do uso político do esporte, evidenciam que “as atividades atléticas sempre estiveram relacionadas a instituições nas sociedades passadas. Na Grécia Antiga, elas faziam parte da religião e da educação grega” (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004, p. 111). Já no tocante ao Império Romano, os teóricos expuseram que “os Jogos Públícos foram utilizados para alienar o povo, evitando insurreições populares, na chamada ‘Política do Pão e Circo’” (*ibidem*).

Em outro recorte histórico, determinado pela ditadura de Benito Mussolini, o futebol serviu como ferramenta política do Partido Nacional Fascista, que explorou ardilosamente a excitação dos italianos nas Copas de 1934 e 1938 (SOMACAL, 2015). Hilário Franco Júnior, no intento de forjar o sentimento que pairava no ar àquela altura, frisa que o jornal “Corriere della Sera”, no dia da partida decisiva de 1934, noticiou a seguinte manchete: “Hoje seremos invadidos pela divina paixão que inevitavelmente está em tudo que é nosso, em tudo que tem a marca da nossa raça” (FRANCO JÚNIOR, 2017, p. 15). O historiador destaca ainda o fato de o governo ter enviado um telegrama aos jogadores italianos, minutos antes da final de 1938, que dizia: “Vencer ou morrer” (*ibidem*, p. 16).

Nesse ínterim, o uso político-ideológico do esporte também foi utilizado como estratagema propagandística do partido nazifascista nos idos de 1936, tendo marcado – negativamente – a 11ª edição dos Jogos Olímpicos de Verão, sediado na cidade de Berlim. Na análise de Filipe Mostaro (2012, p. 96), “Hitler usou um evento mundial e de cunho não-político para mostrar a nova Alemanha que nascia depois da Primeira Guerra Mundial” (MOSTARO, 2012, p. 96). Diante disso, segundo o cientista social brasileiro, “a força do Estado, a capacidade de organização e, principalmente, a tentativa de demonstrar a superioridade da raça ariana

15 UCHÔA dá aula sobre como a Copa do Mundo foi pro Catar. (12min21s). Charla Podcast. Publicado em: 19 nov. 2022. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NBAoXDLQ_6w. Acesso em: 6 jan. 2023. [A informação verbal ocorre no intervalo de 00:06:17 e 00:06:28].

16 A fim de informação: * “Marcos Uchôa Cavalcanti (Rio de Janeiro, 1 de julho de 1958), é um jornalista brasileiro . Participou de oito copas do mundo e 10 olímpíadas. Além disso, entrevistou grandes nomes, como Pelé, Ayrton Senna, Michael Jordan, Michael Phelps, Mike Tyson, Ronaldo Fenômeno, Michael Schumacher e outros.” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcos_Uch%C3%A3a. Acesso em: 6 jan. 2023.

foram amplamente divulgadas pela propaganda do partido nazista através dos jornais, rádio e cinema” (*ibidem*).

Assim, nessa linha de pensamento, que aduz a imaginação epistemológica de Filipe Mostaro, não seria inverossímil pontuar que o período definido pelas ditaduras sul-americanas merece destaque, quando o que está em pauta é o uso político do esporte, sobretudo no domínio do futebol. Portanto, consoante a literatura especializada, e como hipótese argumentativa do que foi dito anteriormente, cabe afirmar que a modalidade em evidência – nesse meio-tempo – serviu como um aparato de difusão ideológica dos regimes autoritários do chamado Cone Sul. Ou seja, não é por acaso que um dos capítulos do livro “Futebol ao sol e à sombra” (2004), de autoria do jornalista uruguai Eduardo Galeano, é cunhado a partir dos causos dos generais Médici, Videla, Pinochet e García Mesa, como se vê na narrativa a seguir.

Exemplo do uso político do futebol no período das ditaduras

Em pleno carnaval da vitória de 70, o general Médici, ditador do Brasil, presenteou com dinheiro os jogadores, posou para os fotógrafos com o troféu nas mãos e até cabeceou uma bola na frente das câmaras. A marcha composta para a seleção, Pra Frente Brasil, transformou-se em música oficial do governo, enquanto a imagem de Pelé, voando sobre a grama, ilustrava, na televisão, anúncios que proclamavam: Ninguém segura o Brasil. Quando a Argentina ganhou o mundial de 78, o general Videla utilizou, com idênticos propósitos, a imagem de Kempes irresistível como um furacão. O futebol é a pátria, o poder é o futebol: Eu sou a pátria, diziam essas ditaduras militares. Enquanto isso, o general Pinochet, manda-chuva do Chile, fez-se presidente do Colo-Colo, time mais popular do país, e o general García Mesa, que havia se apoderado da Bolívia, fez-se presidente do Wilstermann, um time com torcida numerosa e fervorosa. O futebol é o povo, o poder é o futebol: Eu sou o povo, diziam essas ditaduras (GALEANO, 2004, p. 136-137).

Nessa perspectiva, pode-se, então, conceber a ideia de que a instrumentalização do futebol, como estratégia geopolítica, é uma tendência dos regimes ditatoriais, especialmente durante todo o século XX (NASCIMENTO, 2018). O uso político-ideológico do futebol, se assim entendido, pode explicitar uma série de questões, como as teias de interdependência que modelaram, e ainda modelam, a relação indivíduo-sociedade no decorrer da história. Além do que, tal subterfúgio, mesmo depondo contra os valores do esporte, certifica o poder simbólico da modalidade, tendo em conta o número de vezes que ditadores utilizaram o esporte-rei como instrumento propagandístico. Logo, por tudo o que representa, o futebol pode ser considerado um fato social total, porque sintetiza, de certo modo, toda a sociedade (MAUSS, 1974; ELIAS, 1999; BOURDIEU, 2012).

No entanto, apesar do uso político do futebol ser uma prática no geral relacionada à estrutura dominante, é preciso ter em mente que a instrumentalização do esporte-rei, como a de outras modalidades, é uma estratégia que também foi utilizada por atletas ao longo do

tempo [17]. Filipe Mostaro, sob esse prisma, afirma que um dos capítulos mais expressivos da história do esporte foi protagonizado pelo atleta (líder civil) Jesse Owens. Segundo o teórico, por mais que os Jogos Olímpicos de Verão de 1936 tenham resgatado a autoestima do povo alemão, o regime nazifascista “levou um golpe contra o qual nada pode fazer, a não ser se silenciar como fez seu chefe Hitler ao sair do Estádio Olímpico. [...] Americano e negro, Owens conquistou 4 medalhas de ouro no atletismo, nos 100 metros, 200 metros, 4x100 metros e no salto em distância” (MOSTARO, 2012, p. 106).

No âmbito do futebol, pela importância social e política da modalidade, é possível listar uma gama de atletas que utilizaram o esporte-rei como ferramenta de luta [18]. Nesse universo, a estadunidense Megan Rapinoe, capitã da seleção campeã da Copa do Mundo Feminina da FIFA 2015, é uma das vozes mais ativas na atualidade. Exemplificando, a atleta, em entrevista à “Sports Illustrated”, ao ser indagada se iria à Casa Branca caso a seleção se sagrasse campeã da Copa da França 2019, emitiu a seguinte declaração: “Eu não vou fingir, confraternizar com o presidente [Donald Trump], que é claramente contra tantas coisas que eu apoio e muitas coisas que eu realmente sou. Não tenho interesse em estender nossa plataforma para ele” (ESPN, 2019).

Em síntese, e enfatizando o futebol enquanto ferramenta de luta, verifica-se que a Copa do Catar também foi marcada por queixas de jogadores. Nesse propósito, a seleção alemã, em protesto contra a FIFA, por não permitir o uso de braçadeiras em apoio à comunidade LGB-TQIA+, decidiu tapar a boca com as mãos na foto oficial da seleção, como noticiou o portal de internet R7 [19]. Em linhas gerais, e em última observação, vê-se que a Copa do Catar, em certo sentido, exibe os mesmos desmandos que macularam os últimos campeonatos de seleções, só que numa versão jamais vista, tida como *outsider*, muçulmana. Afinal, o instrumento esporte, e isso inclui o futebol, é o que nós (Humanos) fazemos dele, independentemente dos valores idiossincráticos, indeléveis e intersubjetivos que o envolvem.

Considerações finais

De maneira categórica, antes de voltar as atenções para as questões derradeiras, é pertinente salientar que a análise dos fenômenos ligados à Copa do Catar exigiu um olhar diversificado no

¹⁷ Exemplo de atleta que utilizou o esporte como ferramenta de luta: “Muhammad Ali pode ser considerado o primeiro esportista a aliar esporte e política. Exemplo disso foi seu desempenho antes da luta com [George Foreman](#) no [Zaire](#). Ali utilizou todo seu conhecimento do [pan-africanismo](#) para se colocar como o lutador da África, enquanto Foreman ficou como símbolo da alienação negra estadunidense, episódio este retratado no filme “Quando Éramos Reis”, de 1974. Ali entrou para história da década de 1960, quando se negou a lutar na [Guerra do Vietnã](#).” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Muhammad_Ali. Acesso em: 8 jan. 2023.

¹⁸ Exemplo de futebolista que utilizou o futebol como ferramenta de luta: O jogador Sócrates, no decorrer de sua carreira, “sempre manteve uma ativa participação política, tanto em assuntos relacionados ao bem-estar dos jogadores quanto aos temas correntes do país. Na década de 1980, participou da campanha [Diretas Já](#) (1983-1984) e foi um dos principais idealizadores do movimento [Democracia Corinthiana](#) (1982-1984), que reivindicava para os jogadores mais liberdade e mais influência nas decisões administrativas do clube. Por suas atividades e opiniões políticas, chegou a ser “fichado” pela [ditadura militar](#) juntamente com seu colega de equipe e grande amigo, [Casagrande](#).”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3crates_\(futebolista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3crates_(futebolista)). Acesso em: 9 jan. 2023.

¹⁹[*] * “Alemanha protesta contra censura da Fifa na Copa do Mundo do Catar. Jogadores da Alemanha se calam na hora da foto oficial para a estreia do Mundial de 2022. [...] Em protesto, todos os jogadores da Alemanha tamparam a boca na hora de tirar a foto oficial antes da partida diante dos japoneses. A cena não foi mostrada na geração de imagens da Fifa na partida, mas foi captada por fotógrafos que estavam no estádio. [...]” (R7, 2022).

que concerne ao ponto de vista teórico-epistemológico. Reconhecer isso, nesta fase conclusiva do debate, implica considerar que uma argumentação desta ordem, em virtude da influência do futebol, deve ampliar a compreensão que normalmente se tem de um determinado contexto histórico. Em razão disso, não seria inapropriado enfatizar que o evento em voga serviu como pano de fundo de uma reflexão mais abrangente. Visto que a escolha do Estado catari como país-sede da 22^a edição da Copa do Mundo é (nessa lógica) o reflexo de uma guerra de egos, que extrapola desmedidamente as temáticas estritamente futebolísticas.

Portanto, parece válido admitir que a liame futebol-guerra-política é uma máxima que não pode ser preterida. Mas é possível aduzir que a historicidade do esporte-rei também é notada por momentos em que a modalidade serviu como instrumento propagador da paz. Basta ver o exemplo do lendário time do Santos, que numa excursão pela África, nos idos de 1969, provocou o cessar-fogo na guerra civil de Biafra, na Nigéria ^[20]. Nesse nexo, conclui-se que o instrumento futebol não deve ser tachado pelas polêmicas que macularam a Copa do Catar, tampouco pelas excentricidades que marcaram os últimos torneios de seleções, já que os desmandos emanam do mau-caratismo dos ‘cartolas’ da FIFA, que encontra respaldo na visão megalomaníaca dos líderes mundiais (sem generalizar, é claro).

Assim, à guisa de contextualização, comprehende-se que o formato (faraônico) da próxima edição da Copa do Mundo ilustra, de certo modo, a ideia supramencionada. A competição, conforme noticiado na rede de canais ESPN, terá pela primeira vez na história: três países anfitriões (Estados Unidos, Canadá e México); 48 seleções na fase de grupos; mais cidades-sede em fusos-horários diferentes; maior infraestrutura; e um número de partidas que equivale a quase o dobro do que se viu no Estado catari. Segundo o veículo de comunicação, “**a Fifa projeta que tal mudança vai gerar U\$ 1 bilhão (R\$ 5,29 bilhões na cotação atual) a mais de receitas, além dos U\$ 640 milhões (R\$ 3,4 bilhões) de lucro adicional**” (JOHNSON, 2022).

Dessa forma, como já se salientou no decorrer do texto, sustenta-se a ideia de que a Copa do Catar, apesar da gravidade das denúncias, retrata o resultado de décadas e mais décadas de desmandos. Consequentemente, depois dessas considerações conclusivas acerca do objeto de estudo do presente ensaio-teórico, constata-se que a FIFA, por ser parte (integrante) do poder político e social de um mundo cada vez mais globalizado, pela ingerência dos seus mandatários, e por tudo que o esporte futebol representa no íntimo dos torcedores ao redor do globo, deveria ter mais responsabilidade para com a atividade. Afinal, falar em nome do esporte-rei é algo que deveria exigir ilibada reputação, pois uma modalidade tão cara carece de um porta-voz à sua altura, com segura bússola axiológica e elevada conduta moral e cívica.

²⁰[] Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/especiais/ha-53-anos-so-o-santos-parou-guerra/>. Acesso em: 9 jan. 2023.

Referências

AGOSTINO, G. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

ASSUMPÇÃO, João Carlos. Empresa decolou graças a Havelange. [Do Painel FC]. **Folha De S.Paulo**. Esporte. Publicado em: 22 out. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2210200005.htm>. Acesso em: 2 jan. 2023.

BARSETTI, Silvio. Mundial da Rússia esteve no centro de escândalo de corrupção. **Terra**. Copa da Rússia. Publicado em: 14 jun. 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2018/mundial-da-russia-esteve-no-centro-de-escandalo-de-corrupcao,04634864b2fc0efef9c954c17bfd14e9hqs4mkgy.html>. Acesso em: 24 nov. 2022.

BBC NEWS BRASIL. A reviravolta no caso da mexicana condenada a 100 chibatadas após denunciar agressão no Catar. **BBC News Brasil**. Publicado em: 5 abr. 2022. 2022b. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60998506>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BBC NEWS BRASIL. O sistema de tutelagem masculina sobre mulheres no Catar. **BBC News Brasil**. Publicado em: 9 dez. 2022. 2022a. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/media-63915567>. Acesso em: 16 dez. 2022.

BENTO, J. O., BENTO, H. C. B. Desporto e Educação Física: acerca do ideal pedagógico. In: J. O. BENTO, G. TANI, A. PRISTA. (Eds.), **Desporto e Educação Física em Português** (pp. 13-35). Portugal: Multitema, 2010.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Homofobia institucionalizada na Copa da Rússia. LELuS – Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade. Para além do futebol. **Ludo-pédio**. Publicado em: 8 jul. 2018. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/homofobia-institucionalizada-na-copa-da-russia/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

CHADE, J. *Política, propina e futebol: como o “Padrão Fifa” ameaça o esporte mais popular do planeta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

CIFUENTES, Pedro. FBI também investiga concessão da Copa do Brasil 2014. **El País**. Esportes. Caso de Corrupção na FIFA. Publicado em: 5 jun. 2015. Rio de Janeiro. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/05/deportes/1433526197_998815.html. Acesso

em: 23 nov. 2022.

CNN. Copa do Mundo: entenda as denúncias sobre direitos humanos contra o Catar. **CNN Brasil**. Publicado em: 18 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/copa-do-mundo-entenda-as-denuncias-sobre-direitos-humanos-contra-o-catar/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

CNN BRASIL. Fifa suspende Joseph Blatter e Jérôme Valcke do futebol por mais seis anos. **CNN BRASIL**. Publicado em: 24 mar. 2021. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/fifa-suspende-joseph-blatter-e-jerome-valcke-do-futebol-por-mais-seis-anos/amp/](https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/fifa-suspende-joseph-blatter-e-jerome-valcke-do-futebol-por-mais-seis-anos/). Acesso em: 2 jan. 2023.

DAMO, A. S. O desejo, o direito e o dever: a trama que trouxe a Copa ao Brasil. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 41-81, 2012.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.

ESPN. Catar teve morte de 6,5 mil trabalhadores imigrantes desde que virou sede da Copa do Mundo, revela jornal. **ESPN**. Futebol. Publicado em: 23 fev. 2021. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/8230125/catar-teve-morte-de-65-mil-trabalhadores-imigrantes-desde-que-virou-sede-da-copa-do-mundo-revela-jornal. Acesso em: 28 nov. 2022.

ESPN. Ex-Fifa diz que África do Sul pode ter perdido votação para sede da Copa de 2010. **ESPN**. Publicado em: 7 jun. 2015. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/516579_ex-fifa-diz-que-africa-do-sul-pode-ter-perdido-votacao-para-sede-da-copa-de-2010. Acesso em: 25 de nov. 2022.

ESPN. Jogadora da seleção dos EUA diz que não vai para a ‘p... da Casa Branca’ e Trump rebate nas redes sociais. **ESPN**. espnW. Publicado em: 26 jun. 2019. Disponível em: https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/5772707/jogadora-da-selecao-dos-eua-diz-que-nao-vai-para-a-p-da-casa-branca-e-trump-rebate-nas-redes-sociais. Acesso em: 6 jan. 2023.

ESQUEMAS da FIFA. [FIFA Uncovered]. Direção: Daniel Gordon. Roteiro: Miles Coleman. 221 min. Produção / Distribuição: Ventureland, Passion Pictures / Netflix: EUA, 2022.

FERRARI, C. E. R. de A.; MOCARZEL, R.; SANTOS, R. F. dos; GRAÇA, A. B. dos S. Abordagem de conceitos eliasianos e bourdieusianos: modelo de análise na investigação em Educação Física. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 10, p. e335111033062, 2022.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRANCO JÚNIOR, H. *Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FURTADO, Tatiana. Deputada pede que russas evitem sexo com turista não-branco na Copa. *O Globo*. Esportes. Copa 2018. Publicado em: 14 jun. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/deputada-pede-que-russas-evitem-sexo-com-turista-nao-branco-na-copa-22777864>. Acesso em: 24 nov. 2022.

GALEANO, E. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2004.

GAZETA DO POVO. Veja a cronologia da crise na Fifa com os escândalos de corrupção. *Gazeta do Povo*. Esportes. Futebol. Publicado em: 27 maio 2015. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/veja-a-cronologia-da-crise-na-fifa-com-os-escandalos-de-corrupcao-c5ullo39yz6apkqltxgb6e5zg/>. Acesso em: 23 nov. 2022.

GURGEL, A. O futebol como agente da globalização. *Revista de Economia e Relações Internacionais*, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 48-64, 2008.

ISTO É. Mexicana é agredida no Catar e recebe punição de 100 chibatadas; entenda. *Isto é*. Da Redação. Publicado em: 2 maio 2022. Disponível em: <https://istoe.com.br/mexicana-e-agredida-no-catar-e-recebe-punicao-de-100-chibatadas-entenda/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

JOHNSON, Dale. 48 seleções, mais de 100 jogos e até fuso horário ‘louco’: o que sabemos sobre a Copa de 2026. *ESPN*. Futebol. Publicado em: 19 dez. 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/copa-do-mundo/artigo/_/id/11378799/48-selecoes-mais-de-100-jogos-ate-fuso-horario-louco-o-que-sabemos-sobre-copa-2026. Acesso em: 9 jan. 2023.

KROEBER, A. L. O “superorgânico”. In: D. PIERSON. (Ed.), *Estudos de organização social*. (v. 2, pp. 231-281). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949.

MARCOS UCHÔA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcos_Uch%C3%A3a. Acesso em: 10 jan. 2023.

MARINHO, T. Reencontros Inadiáveis para Situar o Desporto no Horizonte da Paideia. Porto: T. Marinho. **Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto**, 2013.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.

MKTESPORTIVO. Fifa bate recorde de faturamento com US\$ 7,5 bilhões no ciclo até a Copa do Mundo do Catar. **MKTESPORTIVO**. Copa do Mundo 2022. Publicado em: 21 nov. 2022. Disponível em: <https://www.mktesportivo.com/2022/11/fifa-bate-recorde-de-faturamento-com-us-7-5-no-ciclo-ate-a-copa-do-mundo-do-catar/>. Acesso em: 2 jan. 2023.

MOREIRA, Vinicius. Polonesa leiloa medalha conquistada em Tóquio para ajudar em cirurgia de criança. **Istoé Esportes**. Publicado em: 17 ago. 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/polonesa-leiloa-medalha-conquistada-em-toquio-para-ajudar-em-cirurgia-de-crianca/>. Acesso em: 2 jan. 2023.

MOSTARO, F. F. R. Jogos Olímpicos de Berlim 1936: o uso do esporte para fins nada esportivos. **Comunicação e Entretenimento: Práticas Sociais, Indústrias e Linguagens**. v. 19, n. 1, 2012.

MUHAMMAD ALI. In: WIKIPÉDIA, a encyclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Muhammad_Ali. Acesso em: Acesso em: 10 jan. 2023.

NASCIMENTO, F. O. do. Política de esportes durante a ditadura militar: educação física, moral e cívica. In: Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: história e parcerias, 2018, Niterói-Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos**. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529339330_ARQUIVO_ArtigoAnpuh.pdf. Acesso em: 6 jan. 2023.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Leon Goretzka critica homofobia no Mundial: “É de outro milénio”. **Observatório da discriminação racial no futebol**. Publicado em: 11 nov. 2022. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/leon-goretzka-critica-homofobia-no-mundial-e-de-outro-milenio/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

PAREDES, Norberto. ‘Pensei que me matariam’: a história do 1º gay do Catar a sair do armário. BBC News Mundo. **BBC News Brasil**. Publicado em: 23 jun. 2022. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61894518>. Acesso em: 19 dez. 2022.

PATRÍCIO, M. F. *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

R7. Alemanha protesta contra censura da Fifa na Copa do Mundo do Catar. *Copa do Mundo*. Do R7. **R7**. publicado em: 23 nov. 2022. Disponível em: <https://esportes.r7.com/futebol/copa-do-mundo/alemanha-protesta-contra-censura-da-fifa-na-copa-do-mundo-do-catar-23112022>. Acesso em: 10 jan. 2023.

REGUEIRO, Raquel. **Shared Responsibility and Human Rights Abuse: The 2022 World Cup in Catar. Tilburg Law Review**. v. 25 (1). 2020.

ROLLEMBERG, Marcelo. Copa do Catar põe direitos humanos em evidência. *Jornal da USP*. Rádio USP. Publicado em: 16 nov. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/copa-do-catar-poe-direitos-humanos-em-evidencia/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x Revisão narrativa. *Acta Paul Enferm*, 20(2):vi, 2007.

ROUNCE, Henry. “Catar é um erro”, diz ex-presidente da Fifa sobre realização da Copa no país. *CNN Brasil*. [Agência Reuters]. Publicado em: 8 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/catar-e-um-erro-diz-ex-presidente-da-fifa-sobre-realizacao-da-copa-no-pais/>. Acesso em: 28 de nov. 2022.

SIGOLI, M. A.; ROSE JUNIOR, D. de. A história do uso político do esporte. *R. bras. Ci. e Mov*. Brasília, v. 12, n. 2, p. 111-119, 2004.

SILVA, A. S. da; MENON, G.; BARBOZA, R. A Copa do Mundo FIFA 2022 e o flagelo da homofobia. *Revista do Departamento de geografia. Portal de Revistas da USP*, São Paulo, 42, e203142, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.203142>. Acesso em: 17 de dez. 2022.

SOB DENÚNCIAS, HAVELANGE. *TRIVELA*. [30 abr. 2013]. Disponível em: <https://trivela.com.br/mundo/comite-de-etica-critica-havelange-que-deixa-cargo-na-fifa/#:~:text=Jo%C3%A3oHavelange%20foi%200%20dirigente,do%20dirigente%20por%20aceitar%20propinas..> Acesso em: 2 de jan. 2023.

SÓCRATES (FUTEBOLISTA). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3crates_\(futebolista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3crates_(futebolista)). Acesso em: 10 jan. 2023.

SOMACAL, V. V. Esportes e Relações Internacionais: um estudo de caso sobre o futebol italiano durante o período fascista. In: III Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG, 2015, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos**. Caxias do Sul: I Salão de Extensão & I Mostra Científica, 2015, v. 3, n. 3, p. 1518-1533. Disponível em: file:///C:/Users/sidinea/Desktop/1707-Texto%20do%20artigo-5270-1-10-20151105%20(2).pdf. Acesso em: 6 jan. 2023.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UCHÔA dá aula sobre como a Copa do Mundo foi pro Catar. (12min21s). Charla Podcast. Publicado em: 19 nov. 2022. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NBAoXDLQ_6w. Acesso em: 6 jan. 2023.

VACCARI, Glauce. “Pra que eu teria dez Ferraris? Prefiro ajudar meu povo”, diz jogador do Liverpool. Agências. **Correio do Estado**. Publicado em: 17 out. 2019. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/esportes/prá-que-eu-teria-dez-ferraris-prefiro-ajudar-meu-povo-diz-jogador-do-liverpool/362305>. Acesso em: 2 de jan. 2023.

WILKSON, Adriano; GARCIA, Diego. Mulheres do Qatar vão ao estádio pela 1^a vez: ‘Tive vontade de chorar’. Copa 2022. **UOL**. Publicado em: 20 nov. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2022/11/20/mulheres-do-qatar-vao-ao-estadio-pela-1-vez-tive-vontade-de-chorar.htm>. Aceso em: 16 dez. 2022.

COPA DO MUNDO DE 2022 NO QATAR, SOFT POWER E SPORTSWASHING: LEITURAS PSICO-COMPORTAMENTAIS

Dirceu Ribeiro Nogueira da Gama
José Mauro Malheiro Maia Junior
Jayme de Oliveira Aranha Neto
Rodrigo Gomes de Souza Vale

Introdução

Pode-se dizer que a utilização do esporte com finalidades político-ideológicas constitui um fenômeno recorrente na história do Ocidente. Esta estreita vinculação já se fazia detectar nos Jogos Olímpicos da Antiga Grécia, onde as cidades estados competiam por honra e glória. Aliás, a ideia da “trégua” olímpica tinha a ver justamente com a Ekecheiria, ou seja, o de armistício fundamentado na tradição que garantisse a atletas e espectadores o livre trânsito pela Hélade enquanto durasse a disputa (GOLDEN, 2011). O valor desse dispositivo era tão inquestionável que as autoridades de Elis, a polis escolhida para sediar a edição dos Jogos de 424 a. C. (e igualmente aliada de Atenas), não hesitaram em excluir a participação de Esparta devido à inserção desta na Guerra do Peloponeso (*ibid.*).

Guardadas as devidas proporções e motivos justificadores, os usos políticos das manifestações esportivas também se fizeram presentes em inúmeras ocasiões dos tempos modernos. Compete lembrar que os Jogos Olímpicos de Berlim de 1936 foram usados pelo regime nazista de Hitler para exibir a força do Terceiro *Reich* e, assim, impulsionar a imagem da Alemanha como nação possuidora de um povo etnicamente superior para toda a Europa (SENN, 1999; TUBINO, 1992). Da mesma forma, o ditador fascista Benito Mussolini aproveitou a Copa do Mundo FIFA de 1934 para promover políticas fascistas e criar um sentimento de patriotismo através da seleção nacional de futebol, a qual acabou vencendo o torneio (GORDON; LONDON, 2006). Em 1972, os Jogos Olímpicos de Munique foram marcados pelo assassinato de 11 atletas da seleção olímpica israelense, executados pelo grupo terrorista palestino Setembro Negro (SENN, 1999). As Olimpíadas de 1980 em Moscou foram boicotadas pelas nações ocidentais por causa da invasão soviética do Afeganistão e da tensão da Guerra Fria. Quatro anos depois, o Bloco Oriental liderado pela União Soviética não compareceu aos Jogos de Los Angeles 1984. Vê-se, portanto, que a história dos esportes se conecta visceralmente com a

da política internacional.

Em que pesem os exemplos anteriores, nos últimos anos, uma mudança na forma de se interpretar os usos políticos das manifestações esportivas vem paulatinamente aprumando no campo das Ciências Sociais e das investigações em Relações Internacionais. Essa nova leitura tem recorrido ao binômio conceitual *hard power/soft power* a fim de fundamentá-la, não obstante tratar-se de um instrumental epistêmico ainda em fase de amadurecimento. Entende-se por *soft power* (poder brando ou poder suave) a habilidade que determinado corpo de atores políticos possui (Estado, corporação, grupo de interesses etc.) de influenciar por intermédio de sugestões o comportamento de outros corpos de atores políticos. A capacidade de formular estratégias linguísticas convencedoras pelas vias da sedução representa o seu maior capital institucional (NYE, 2021). Já o *hard power* contrastaria com esse uso, por referenciar-se na exibição de conteúdos de força, poderio bélico, discursos intimidatórios e capacidade destrutiva. Em termos esportivos, as estratégias de Hitler, Mussolini, do Setembro Negro e da bipolaridade da Guerra Fria enquadrar-se-iam na perspectiva de um intenso *hard power*.

Em se tratando do *soft power*, Nye (2021) sublinha que o seu sucesso depende grandemente da reputação adquirida pelo “ator” na comunidade internacional, bem como do fluxo de informações que ele consegue gerar, adaptar e administrar, tanto reais como imaginárias. Estima-se que o emprego cada vez mais frequente de medidas desse tipo esteja associado à ascensão da Globalização e da compreensão neoliberal da dinâmica dos fluxos econômicos. Nesse sentido, soa legítimo colocar que as ferramentas tecnológicas de propaganda e de *marketing*, adaptadas aos mais variados contextos midiáticos, equivaleriam a requintados vetores de *soft power* (NYE, 2021).

Dado esse cenário, Grix e Lee (2013) colocam a hipótese de que a realização de megaeventos esportivos desponta como uma das mais credibilizadas estratégias de *soft power* utilizadas no pano de fundo maior da geopolítica contemporânea. A razão não seria outra senão a efetividade demonstrada por esses acontecimentos no reordenamento das linhas de forças sobre as quais se erige a administração dos Estados nacionais, bem como a produção de uma imagem pública mais palatável no palco das transações globais. Um caso recente que, a princípio, enquadra-se nessa abordagem consiste na realização da Copa do Mundo de 2022 no Qatar. O objetivo do presente ensaio consiste então em explorar essa questão procurando desdobrá-la na direção de um outro conceito, também ainda recente, surgido no campo das Ciências da Comunicação aplicadas ao Esporte: o *sportswashing*.

Caracterizações e singularidades do Qatar: levantando o cenário

O Qatar é um país de pequenas dimensões localizado na península arábica do Golfo Pérsico, com uma área total de 11.586 quilômetros quadrados. Estima-se que a sua população esteja em torno de 2,6 milhões de habitantes, dos quais 88% são trabalhadores migrantes (SESHAN,

2012). As receitas obtidas via exploração de jazidas de petróleo e gás transformaram-no em numa nação com elevadíssimos índices de produto interno bruto per capita anuais. A conjugação de enorme riqueza social produzida e população diminuta contribuiu para tornar o Qatar um dos mais profícuos estados de bem-estar social da Ásia, caracterizado por serviços médicos gratuitos, educação pública de reconhecida qualidade e programas subsidiados de financiamento de residências para os seus cidadãos (DARGIN, 2007).

Embora o Qatar tenha conhecido a enorme prosperidade financeira nas últimas décadas, compete lembrar que suas rendas dependem quase que exclusivamente da exploração de combustíveis fósseis. Embora os seus depósitos de petróleo e, sobretudo, de gás natural, sejam suficientemente grandes para mantê-lo no atual nível de despesa pública das gerações vindouras, as autoridades governamentais sentem a necessidade de diversificar a economia para que ela passe a se tornar menos dependente dos combustíveis fósseis. Assim, o Qatar tornar-se-ia menos vulnerável às flutuações do mercado da energia, além de ganhar receitas de novos sectores. Em resposta a esta demanda, o Secretariado-Geral para o Planeamento do Desenvolvimento no Qatar lançou o plano “Qatar New Vision 2030” (QNV 2030), em 2008 (Secretariado Geral para o Planeamento do Desenvolvimento, 2008). O QNV 2030 é o programa estratégico a longo prazo do Qatar para diversificar a sua economia.

O QNV 2030 esteia-se sobre cinco desafios principais postos pelas instituições de governança qatarianas, a saber: 1) modernização e preservação das tradições; 2) atendimento das necessidades desta geração e das necessidades das gerações futuras; 3) crescimento gerido e controle da expansão do gasto público; 4) a dimensão e a qualidade da força de trabalho e a via de desenvolvimento selecionada; 5) crescimento económico, harmonizado com desenvolvimento social e gestão ambiental (*ibid*). As autoridades do Qatar reconhecem a necessidade de modernizar a sua sociedade e diversificar a economia para poder manter um elevado nível de vida para as gerações vindouras, porém, isto não deve ser feito à custa das tradições culturais ou com comprometimentos do nível de vida da geração atual.

Ao assumir a premissa de que crescimento e desenvolvimento econômico não devem implicar em metamorfoses das tradições culturais, o Qatar assume posturas semelhantes às de outras nações asiáticas que enveredaram pela mesma sina, com destaque para o Japão, Singapura e a Coreia do Sul (ABELMANN, 1996; AOKI, 2021; RODAN, 2021). Por mais que iniciativas desde escol muitas esbarrem em restrições estruturais de difícil equacionamento, ao assumi-la como prioridade, o QNV 2023 demonstra alinhamento com a ideia de que a inserção nas economias de mercado pode ser compatibilizada com valores e princípios de procedência não eurocêntrica.

Um desses valores é a administração da nação em moldes dinásticos, baseada em linhagens hereditárias (HOURANI, 2013). Desde os anos 1800 que o Qatar é regido pela família al-Thani, cujo Emir atual é o Sheik Tamim bin Hamad al-Thani (ZAHLAN, 2016). O Emir equivale ao chefe de Estado e detém todos os poderes legislativo e executivo, controlando também, em última análise, o poder judicial. O seu reinado iniciou em 2013, quando o seu

pai, o Xeque Hamad bin Khalifa Al Thani, abandonou o cargo e passou o poder para este, que é o seu quarto filho (*Ibid.*). Os partidos políticos são proibidos e as únicas eleições são para um conselho municipal consultivo. Embora os cidadãos do Qatar estejam entre os vinte mais ricos do mundo, a grande maioria da população é constituída por “não cidadãos” que não têm direitos políticos, poucas liberdades civis e poucas oportunidades econômicas (AL-MULLA, 2017).

Tal circunstância vem sendo alvo de inúmeras críticas da opinião pública internacional, especialmente após a escolha da FIFA para sediar o campeonato mundial de seleções de futebol de 2022. Isso porque, para a maioria da comunidade internacional e das organizações internacionais de Direitos Humanos, os “não cidadãos” do Qatar são uma clara demonstração de que o mesmo desconsidera as liberdades existências básicas em termos de política de Estado. Talvez o grande exemplo disso seja o sistema de trabalho denominado de “Kafala” (HANAN, 2015). O sistema “Kafala” é um modo de recrutamento de indivíduos para trabalharem na região do Golfo pérsico, ancorado em patrocinadores, o qual, através de dispositivos normativos, legalmente vincula os empregados aos empregadores de tal modo que as possibilidades de mudarem de ocupação não é tolerada. Além disso, a normatividade “Kafala” impede-os de deixarem o país sem a anuência dos contratadores (*Ibid.*). Ora, trabalhadores externos representam 95% da mão de obra ativa do Qatar, e 88% da população total. Desde que a oportunidade de sediar a Copa do Mundo de 2022 foi dada ao Qatar, a população local aumentou de 1,6 milhões em 2010 para 2,6 milhões em 2018, sendo a maior parte direcionada à empregos no setor de construção civil.

Nesse sentido, inúmeros sujeitos provindos de algumas das nações mais pobres do planeta, como Nepal e Bangladesh, optaram por viajar para o Qatar imaginando que lá teriam oportunidades econômicas não existentes na terra natal. Todavia, muitos deles tornaram-se reféns do sistema “Kafala”. Esses abusos foram documentados em diversas denúncias em todo o mundo pela Organização Internacional do Trabalho, órgão associado à ONU, as quais explicitaram as graves condições de vida destes trabalhadores, envolvendo escravidão, trabalhos forçados e tráfico humano.

Em suma, o cenário geral do Qatar denota a coexistência de uma dupla orientação: se, por um lado, o viés de inserção nos diversificados mercados globais é reconhecido como possibilidade de minimização da dependência de rendas auferidas quase que exclusivamente pela exploração de reservas de petróleo e gás, condição essa que alinha-se com diretrizes da doutrina econômica neoliberal, do outro, o arraigamento numa tradição monárquica sem qualquer tipo de aparato de controle constitucional da administração do Estado torna-o afim dos regimes potencialmente antidemocráticos em termos de neoliberalismo político (MERQUIOR, 2014). Trata-se de duas situações dispares e, a em decorrência, aporéticas.

Soft power e copa do mundo de 2022: comentários

Um setor considerado estratégico para o Qatar passar a ser aceito como sociedade avançada no contexto global contemporâneo é o esportivo. A sua inclusão está no QNV 2030 enquanto eixo basilar do “*The Sports Sector Strategy 2011-2016*” (SSS 2011-2016) (SØYLAND; MORICONI, 2022). Este programa subentende que o Qatar avalia o esporte como uma ferramenta cultural significativa para a satisfação de suas demandas internas e externas, tanto a curto como médio e longo prazos. O SSS 2011-2016 reconhece que o esporte contribui para agregar pessoas e fomentar a coesão social (*Ibid.*). Além do mais, uma população menos sedentária redonda em menores custos de saúde pública futuros, físicos e mentais, como repercute na longevidade da força de trabalho. Seis pontos estratégicos são colocados como prioridades pelo referido documentos: 1) Viabilizar esporte e lazer; 2) promover a publicidade esportiva; 3) consciência e educação esportiva; 4) mecanismos de desenvolvimento das aptidões atléticas; 5) gestão eficiente do esporte; 6) sediar megaeventos internacionais.

Pode-se dizer que a escolha do Qatar para sediar a Copa de 2022 retrata o item de número 6 anterior. O fato dessa nação islâmica ter recebido a Copa do Mundo de Futebol de 2022 oportunizou-a a adquirir visibilidade diplomática através do desporto, abrindo-o à constituição de novas relações internacionais com nações ocidentais, além da criação de impressões favoráveis com os fãs estrangeiros. Assim como os Jogos Olímpicos, o maior evento cultural do mundo é a Copa do Mundo de Futebol (KOBIERECKI; STROŻEK, 2021). Em todas as plataformas de transmissão, avalia-se que ele alcance por volta de 3,572 mil milhões de espectadores, mais de metade da população mundial com quatro ou mais anos de idade.

Por que então seria este acontecimento uma estratégia de *soft power*? Ora, ao acolher o Campeonato do Mundo, o Qatar mostrou intencionalmente as suas estruturas internas à indivíduos de todos os continentes enquanto meio de reforçar a sua reputação de país estável e moderno numa região considerada retrógrada por muitos países ocidentais. O Campeonato do Mundo de Futebol de 2022 também lhe ofereceu a chance de exibir instalações e estádios de última geração a um público global. Com isso, obteve a chance de flexibilizar o estereótipo do povo árabe como conjunto populacional violento, retrógrado e fundamentalista.

Com efeito, é sabido que estados nacionais com viés autoritário hospedaram megaeventos esportivos de 2008 em diante. A China recebeu os Jogos de Verão de 2008 e os de Inverno de 2022 em Beijing. Idem para a Rússia em relação aos Jogos de Inverno de 2014 em Sochi, e a Copa do Mundo de 2018. Grix, e Lee (2013) enfatizam que realizar megaeventos esportivos como estes faz com estados autoritários descontinem ao mundo instalações e equipamentos esportivos com alto valor agregado enquanto astros do esporte de alto nível competem. Complementa Lenskyj (2020) que ao atrelarem as suas imagens ao esporte, tais nações desviam o foco das atenções globais daqueles que seriam as suas limitações político-sociais internas.

Outra dimensão não menos relevante a ser contabilizada remete à assunção da FIFA e do Comitê Olímpico Internacional como órgãos assumidamente apolíticos, conforme inúmeras vezes declararam os seus dirigentes máximos. Tal caráter apolítico torna-os parceiros atrativos para regimes antidemocráticos onde há pouco ou nenhum debate político consistente na

esfera pública. Além do mais, vige uma tendência entre as nações democráticas de criticarem o uso dos impostos recolhidos em eventos dessa natureza, dada a convicção de que poderiam ser empenhados no solucionamento de problemáticas sociais mais graves. Por último, reitera-se que após anos de condutas obscuras, falta de transparência nos gastos e denúncias de corrupção, as reputações da FIFA e do Comitê Olímpico Internacional desabaram. Isso pôs em xeque as suas credibilidades (JENNINGS, 2011; GIBSON, 2014).

Por mais que sediar megaeventos esportivos consista em um meio de *soft power*, com nítida capacidade de engrandecer a reputação nacional daqueles países que o fazem, não obstante a atração de investimentos e a promoção do setor de turismo, tal acontecimento pode também dialeticamente funcionar como vetor de críticas internacionais às suas inconsistências internas (LENSKYJ, 2020). Exemplos disso foram as denúncias contra a falta de direitos LGBT na Rússia antes do Campeonato do Mundo da FIFA em 2018, e várias controvérsias em torno do Campeonato do Mundo de 2022 no Qatar, incluindo corrupção, desrespeito aos direitos humanos e aos direitos laborais. Discussões com esse perfil tendem a ser endereçadas pelos meios de comunicação de massa antes da realização dos eventos. Todavia, após o seu início, tais debates desaparecem subitamente. Isto mostra o poder dos megaeventos desportivos de definirem a agenda informativa ao seu redor (LIN, 2013).

Em síntese, a realização da Copa do Mundo do Qatar pressupõe o uso manipulativo do futebol, dada a sua audiência universal. Frise-se que investimentos em igual ocorreram na esfera dos clubes. Em 2011, o fundo qatarião denominado “Qatar Investment Authority” comprou o clube francês Paris Saint Germain, junto com futebolistas de alto gabarito, como Kylian Mbappé e Neymar. Esse investimento desencadeou na criação de um brand (marca) mundial, com adeptos em todo o mundo sob a sua propriedade direta (KRZY-ZANIAK, 2016).

Soft power e sportswashing: colocações psico-comportamentais

A palavra *sportswashing* é relativamente recente no campo das Ciências Sociais. Entidades como, por exemplo, a Anistia Internacional, recorrem a ele para caracterizar ações corporativas, chanceladas por governos, de desvio das atenções das fragilidades de uma nação, em termos de cumprimento dos Direitos Humanos, através do entretenimento esportivo. Enquanto conceito, ele é bastante próximo do *soft power* proposto por Nye (1990), aludindo a uma apropriação intencional do glamour esportivo por razões políticas. Ou seja, uma estetização esportiva da política. Abre-se então, no esteio dessa aproximação, um leque para reflexões filosóficas.

Em sua conotação concreta, *sportswashing* tem a ver com “lavar”, “limpar” ou “clarear” pelas vias esportivas. Sendo assim, supõe um certo investimento na aparência de algum ente, desprovendo-o de eventuais rusgas que possam “manchá-lo”. Dessa feita, numa primeira abordagem, a tática do Qatar de efetuar *sportswashing* através da realização da Copa do

Mundo de 2022 em seu território seria uma maneira de se apropriar do evento com a intenção de retirar “manchas” de sua imagem. Essas “manchas” seriam, sem dúvidas, a tradição autoritária de governança da nação, os abusos do sistema “Kafala” contra os Direitos laborais, as limitações da cidadania civil e o unipartidarismo político.

A Copa do Mundo também corresponderia então a um meio simultâneo de fazer o espectador de futebol conferir valor de brand ao Qatar, ou seja, de indexá-lo à condição de “marca” futebolística de alta expressão. Com isso, ele entraria no circuito das seletas nações aptas a proporem negócios rentáveis na esfera do futebol global.

Ora, uma característica dos mercados esportivos de bens, serviços e produtos de entretenimento com intensa conotação midiática é a busca incessante por mecanismos de merchandising que possibilitem a diferenciação de marcas dos atores que nele atuam. A busca por elementos diferenciadores além dos meramente utilitários ou funcionais insurge como uma das características mais observáveis nesses mercados. Nesse sentido, a atribuição simbólica de qualidades humanas aos artefatos comercializáveis desponta como um meio de singularização mercadológica dos mesmos. No campo da Psicologia Social, tal fenômeno é alcunhado de *brand personality* ou personalidade da marca.

Austin et al. (2003) sugerem que a escolha de uma marca com as características de personalidade corretas permite ao consumidor desenvolver uma representação visível e única de si próprio. A personalidade da marca pode ser, outrossim, uma ferramenta de marketing eficaz para diferenciar o produto de alguém daquele veiculado pelo seu concorrente com alguma vantagem competitiva. Aaker (1997) pontua que cinco aspectos são vivificados numa marca sedutora: sinceridade, excitação, competência, satisfação e robustez.

Diversos construtos teórico-metodológicos são invocados tendo em vista apontar as razões pelas quais consumidores desportivos associam traços de personalidade humana a uma marca. Elementos conceituais da teoria mista do animismo e do antropomorfismo oferecem uma razoável base de sustentação epistêmica para a compreensão desse processo. Em sentido lato, animismo e antropomorfismo podem ser definidos como “atribuir vida ao que não é vivo” e “atribuir características humanas ao não-humano”, respectivamente (AVIS, 2012; GUTHRIE, 1993). Embora o animismo e o antropomorfismo tenham sido usados como teorias intercambiáveis na literatura antropológica de marketing, Puzakova et al. (2009) argumentaram que os psicólogos sociais diferenciam explicitamente os dois processos psicológicos. Nessa mesma linha, Epley, Waytz e Cacioppo (2007) argumentam que o antropomorfismo envolve mais do que simplesmente atribuir vida ao não-vivo. Assim, o processo psicológico dos consumidores de imbuir traços humanos às marcas subentende que elas podem ser rotineiramente percebidas como uma espécie de entidade humanas (AVIS;AITKEN; FERGUSON, 2012).

Sumarizando, sob esse prisma, o *sportswashing* da Copa do Mundo serviria como um fator de agregação de traços específicos ao Qatar, porém identificados como valores intrínsecos à pessoas bem sucedidas no mundo dos negócios.

Conclusões

O presente ensaio procurou analisar a efetuação da Copa do Mundo de 2022 no Qatar sob a égide de dois conceitos ainda em fase de dilapidação no campo das Ciências Sociais: o de *soft power* e *sportswashing*. Ao longo do desenvolvimento da argumentação, procurou-se associar ambos à noção de *brand personality*, ou seja, de personalidade da marca. A hipótese ventilada é a de que megaeventos esportivos podem funcionar enquanto fatores de indexação de nações no seio da economia esportiva global.

Como sugestão para futuros estudos, recomendam-se pesquisas empíricas que validem total ou parcialmente essa ideia.

Referências

- AAKER, Jennifer. Dimensions of brand personality. **Journal of marketing research**, v. 34, n. 3, p. 347-356, 1997.
- AOKI, H. Toward a critical understanding of the Japanese state and capitalism. **Critical Sociology**, v. 47, n. 1, p. 5-15, 2021.
- ABELMANN, N. "Culture" and capitalism in South Korea. **Reviews in Anthropology**, v. 25, n. 3, p. 185-194, 1996.
- AL-MULLA, Mariam Ibrahim. History of slaves in Qatar: social reality and contemporary political vision. **Journal of History Culture and Art Research**, v. 6, n. 4, p. 85-111, 2017.
- AUSTIN, J. R., SIGUAW, J. A., MATTILA, A. S. A re-examination of the generalizability of the Aaker brand personality measurement framework. **Journal of Strategic Marketing**, v. 11, p. 77–92, 2003.
- AVIS, M. Brand personality factor based models: A critical review. **Australasian Marketing Journal**, v. 20, p. 89–96, 2012.
- AVIS, M.,AITKEN, R., FEERGUSON, S. Brand relationship and personality theory: Metaphor or consumer perceptual reality? **Marketing Theory**, v. 12, n. 3, p. 311–331, 2012.
- EPLEY, N., WAYTZ, A., & CACIOPPO, J. T. On seeing human: A theory-factor theory of anthropomorphism. **Psychological Review**, v. 114, n. 4, p. 864–886, 2007.
- GOLDEN, M. War and Peace in the Ancient and Modern Olympics. **Greece & Rome**, v. 58, n. 1, p. 1-13, 2011.
- GORDON, R. S. C. & LONDON, J. Football and Fascism. In Tomlinson, A. & Young, C. (Ed). **National Identity and Global Sporting Events**. Albany: State University of New York Press, 2006.
- GRIX, J. & LEE, D. Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction. **Global Society**, v. 27, n. 4, p. 521-536, 2013.

GUTHRIE, S. **Faces in the clouds**: A new theory of religion. NY: Oxford University Press, 1993.

HOURANI, Albert. **The history of the arab peoples**. London: Faber & Faber, 2013.

JENNINGS, A. Investigating corruption in corporate sport: The IOC and FIFA. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 46, n. 4, p. 387-398, 2011.

KOBIERECKI, M. M.; STROŻEK, P. Sports mega-events and shaping the international image of states: How hosting the Olympic Games and FIFA World Cups affects interest in host nations. **International Politics**, v. 58, n. 1, p. 49-70, 2021.

KRZYZANIAK, J. S. The soft power strategy of soccer sponsorships. **Soccer & Society**, v. 19, n. 4, p. 498–515, 2016.

LENSKYIJ J. H. **The Olympic Games**: A Critical Approach. Bingley: Emerald Publishing, 2020.

LIN, Yeqiang. A Critical Review of Social Impacts of Mega-events. International **Journal of Sport & Society**, v. 3, n. 3, p. 57-64, 2013.

MALAEB, Hanan. The kafala system and human rights: time for decision. **Arab Law Quarterly**, v. 29, n. 4, p. 307-342, 2015.

MERQUIOR, José Guilherme. **O Liberalismo – Antigo e Moderno**. São Paulo: É Reedições, 2014.

NYE, S. J. Soft power. **Foreign Policy**, v. 80, p. 153-171, 1990.

NYE, J. S. Soft power: the evolution of a concept. **Journal of Political Power**, v. 14, n. 1, p. 196-208, 2021.

PUZAKOVA, Marina, KWAK, Hyokjin, ROCERETO, Joseph. Pushing the envelope of brand and personality: Antecedents and moderators of anthropomorphized brands. **Advances in Consumer Research**, v. 36, p. 413–420, 2009.

RODAN, Garry. Inequality and political representation in the Philippines and Singapore. **Journal of Contemporary Asia**, v. 51, n. 2, p. 233-261, 2021.

Senn, A. E. **Power Politics and the Olympic Games**. Leeds: Human Kinetics, 1999.

SESHAN, G. Migrants in Qatar: A socio-economic profile. **Journal of Arabian Studies**, v. 2, n. 2, 157-171, 2012.

SØYLAND, Håvard, & MORICONI, Marcelo. Qatar's multi-actors sports strategy: Diplomacy, critics and legitimisation. **International Area Studies Review**, v. 25, n. 4, p. 354-374, 2022.

TUBINO, M. J. G. **Esporte e cultura física**. São Paulo: IBRASA, 1992.

ZAHLAN, Rosemarie Said. **The creation of Qatar**. New York: Routledge, 2016.

A ESSÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO NO FLUMINENSE DE FERNANDO DINIZ: ENTRE A TEORIA ECOLÓGICA E O SAMBA DE CARTOLA

Rodrigo Baldi Gonçalves
Gabriel Orenga Sandoval
Alcides José Scaglia

Pertencente à família dos Jogos Esportivos Coletivos, o futebol é caracterizado como um esporte de invasão, complexo, com relações de cooperação e oposição dividido em dois momentos ataque e defesa. No ataque, há três princípios fundamentais: conservação da bola, progressão ao alvo e finalização no alvo e na defesa: recuperação da bola, impedir a progressão e proteção do alvo (BAYER, 1994; GARGANTA, 1997). Posto isto, tais princípios são balizadores na construção de um modelo de jogo. Para Reis e Almeida (2019), o modelo de jogo é pautado em ideias do treinador a partir dos aspectos: cultura do clube, jogadores do elenco, competição entre outros. Para mais, permeia de um jogar eficaz e eficiente, atendendo diferentes escalas de uma equipe: Individual – relaciona-se diretamente com o jogador, estimulando a participação do jogador no modelo de jogo suscitando o comportamento e a criatividade para potencializar o jogo coletivo. Setorial – relação e comportamento de jogadores de um determinado setor (defesa, meio-campo e ataque), intersetorial – relação e comportamento dos jogadores durante o jogo com diferentes setores e coletiva – a união das escalas individuais, setoriais e intersetoriais (REIN; MEMMERT, 2016).

Os aspectos relacionados ao modelo de jogo, tática e criatividade estão presentes no futebol brasileiro desde sua origem. Há registros de 1919 em que havia um estilo brasileiro de jogar, a revista “Sports” publicou um artigo intitulado “Inovação brasileira”, o qual relata que contrariando a lógica prevalecida pelos britânicos, os jogadores brasileiros buscavam acertar o gol de qualquer distância, não atacavam com todos os jogadores e havia uma velocidade e movimentos inesperados que desorientavam os adversários (WILSON, 2016). Este “estilo” brasileiro de se jogar considerado alegre, impertinente, improvisado e contrário a obrigatoriedade (WILSON, 2016), advém do jogar nas ruas, o antes de virar futebol, o bate-bola, onde as bolas eram feitas de trapos, onde as habilidades individuais eram de improviso e não convencionais necessárias para superar e ter sucesso nas diferentes adversidades presente no jogo, jogo que não tinha regra proibitiva para limitar as demonstrações de liberdade (WILSON, 2016). Para Mazzoni (1950), o inglês enxergava o futebol como sinônimo de exercício atlético, para o brasileiro era jogo. Para o inglês, o drible era incomodo, para o

brasileiro, a virtude.

Assim sendo, tais características supracitadas no jogo de bola que ocorria nas ruas do Brasil, são para Freyre (2002), uma “representação do nosso estilo de jogar”, pautada na diversidade racial do país. Freyre em 1938, relata:

[...] parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manhã, de astúcia, de leveza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual [...] Os nossos passes, as nossas fintas, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol.

A participação do Brasil nas Copas do Mundo, possibilitou que os estrangeiros presenciassem este estilo de jogar o futebol. Na copa de 58, os estrangeiros atrelavam a figura de Pelé a um capoeirista (KUPER, 1994). Domingos da Guia, em outro exemplo, declarou abertamente que as habilidades criativas e técnicas que lhe permitiam conduzir a bola desde o campo de defesa, tinham raízes, na dança que o miudinho – um tipo de samba – se caracterizava, fazendo com que os quadris balançados para vencer os adversários tivessem inspiração na cultura que permeava seu redor. É bom ressaltar, entretanto, que a caracterização de tais afirmações não é o tema deste trabalho. O racismo que pode haver por trás de tais ideias merece trabalhos dedicados somente a isso. O atual anseio é realçar como há uma nítida percepção de que o futebol tem questões particulares em comparação aos demais

Dentro deste ambiente, essa forma de se jogar atinge seu apogeu na Copa do Mundo de 1970, segundo Nelson Rodrigues, sustentado pela criatividade, habilidades individuais, improviso e tática, através jogadores como Pelé, Gerson, Rivellino, Tostão e outros, formando uma seleção vitoriosa, baseada no ataque ficando na memória popular (WILSON, 2016). O jornalista britânico Hugh McIlvanney, relata que o jogo do Brasil visto nas arquibancadas do



Figura 1. 4º Gol do Brasil #1. Tostão centroavante do Brasil recupera a bola no campo de defesa e o zagueiro

estádio Azteca, era a representação da essência do futebol. Sustentado pela beleza e magia, o futebol brasileiro era coletivo, dinâmico, jogadores com habilidades únicas, fazendo com que fosse perceptível sentir a paixão que os brasileiros tinham pelo jogo (MCILVANNEY, 1970).



Figura 2. 4º Gol do Brasil #2. Pelé, Gerson e Clodoaldo com superioridade no setor da bola



Figura 3. 4º Gol do Brasil #4 Clodoaldo drible três jogadores italianos



Figura 4. 4º Gol do Brasil #6. Após receber o passe de Clodoaldo, Rivelino busca uma bola em profundidade, verticalizando o jogo



Figura 5. 4º Gol do Brasil #8. Jairzinho dribla e dá passe para Pelé



Figura 6. 4º Gol do Brasil #9. Pelé encontra o espaço para dar o passe para Carlos Alberto Torres



Figura 7. 4º Gol do Brasil #10. Carlos Alberto Torres, chega dentro da área para finalizar e marcar o quarto gol brasileiro

As imagens explicitam a liberdade que os jogadores tinham para movimentar em campo. Zagallo, o treinador da equipe, era o maior responsável por isso. Em seu livro “As lições da Copa” (1971), relata que na semifinal contra o Uruguai, perdendo por 1 a 0 e tendo um desempenho ruim, Gerson – que estava sendo marcado individualmente – troca de posicionamento com o Clodoaldo, transformando de primeiro volante em segundo volante. De tal maneira, Clodoaldo teria mais espaço que Gerson para se deslocar assim, empurrando o jogo no final do primeiro tempo.

Entretanto, o fracasso da Seleção na Copa do Mundo de 1974 faz com que as convicções elaboradas quatro anos antes sejam postas em dúvida. A performance da Seleção holan-desa parafusa, segundo Florenzano (1998), a constituição do futebol moderno quando o imperativo da preparação física, aliado à necessidade da adaptação da individualidade ao esquema elaborado por todo coletivo, são escancarados na maneira inovadora de jogar. Dessa forma, a peculiaridade do futebol brasileiro estreladas 4 anos antes são despidas em favor das novas demandas que são anunciadas: o improviso e a criatividade são assombradas pelo controle e a organização da equipe.

Assim, ao longo dos anos, o futebol pentacampeão do mundo em algum momento de sua trajetória perde para o sistema, para a organização sistemática, para o controle, com afirmações de que aquele estilo de jogo, baseado no passe, aproximações, improvisos e criatividade que encantou não seria mais possível e fosse tachado como “futebol antigo” (WILSON, 2016). Contudo, emerge um treinador no interior do estado de São Paulo, treinando o Votorathy em 2009, que vai contra a organização sistemática da tática, ao passo que vê o futebol como um jogo coletivo, onde as habilidades são flexíveis e ajustáveis aos contextos e principalmente, o jogo tende ao “caos e não à “ordem civil” (SCAGLIA, 2022). Fernando Diniz, o nome deste treinador, apresenta a sua forma de enxergar o futebol:

Por conta de gostar de ter a bola, as pessoas me associam ao Guardiola. Mas para aí. A maneira dele ter a bola é o oposto da minha. Nos times do Guardiola, com dois minutos você vê que os jogadores obedecem a um espaço. Quem está na direita fica na direita, quem está na esquerda fica na direita e a bola chega naqueles espaços. Claro que o Guardiola foi modificando, os laterais, como o Cancelo, passam. O jeito que eu vejo nesse momento é quase que aposicional. Os jogadores migram de posição. É um jogo mais livre, a gente se aproxima nos setores do campo e nesses setores, há trocas de posição. Acho que isso tem a ver mais com a cultura do nosso futebol (MIRANDA, 2023, s/p.).

O atual treinador do Fluminense-RJ e da Seleção Brasileira entre 2023 e 2024, teve a maior conquista do futebol sul-americano, a Copa Libertadores da América, apresentando futebol com valências táticas, passes, velocidade e criatividade. Uma das principais ideias já relatada pelo treinador é o jogo “aposicional” com jogadores livres e aglomerados no setor da bola.

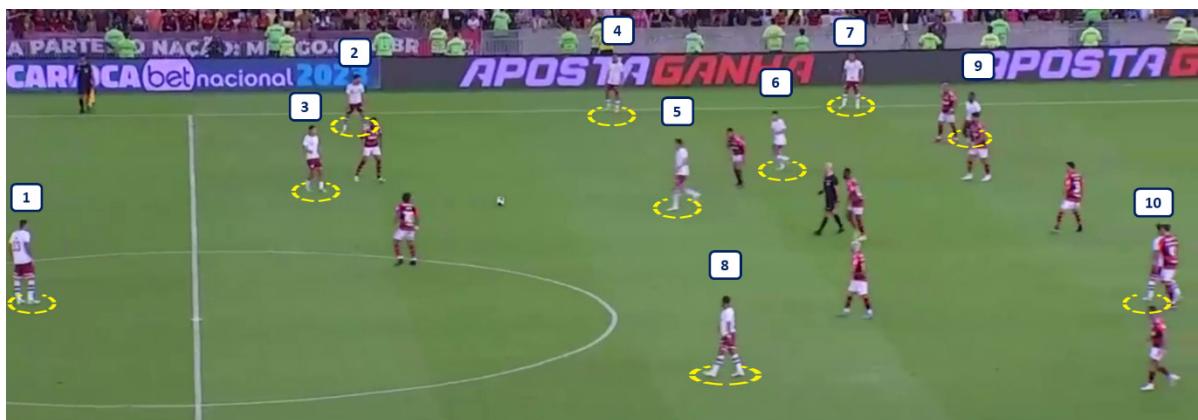


Figura 8. Organização ofensiva – Os dez jogadores do Fluminense no lado esquerdo do campo, sem posição fixa, se movimentando para ser opção de passe

No segundo jogo da semi final da Copa Libertadores de 2023 contra o Internacional, o Flu-minense vence pelo placar de 2x1. Nos dois gols da equipe comandada por Fernando Diniz, podemos observar conceitos táticos prezados pelo treinador, como: zagueiros liberdade de condução e construção, passes verticais, liberdade para movimentação dos jogadores no espaço, imprevisibilidade do passe, criação, laterais com liberdade para ir por dentro do campo, convicção e coragem pra jogar e constante busca por profundidade.



Figura 9. 1º Gol contra o Internacional #1. Lateral esquerdo Marcelo, na região central do campo livre de marcação, representando a liberdade dada pelo treinador aos jogadores

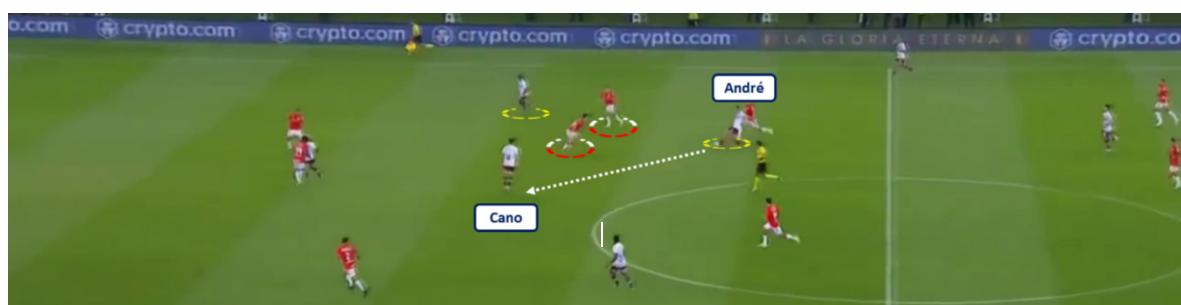


Figura 10. 2º Gol contra o Internacional #1. O zagueiro Nino conduz a bola e com um passe vertical, coloca a bola no espaço vazio, o qual André se movimenta para chegar neste espaço e continuar a verticalizar o jogo



Figura 11. 2º Gol contra o Internacional #2. André conduz a bola e surpreende os dois defensores do Internacional que estavam fechando o espaço e toca a bola para Cano livre de marcação, o centroavante do time está no meio do campo.

Como tais imagens tentam exprimir, a dinâmica do Fluminense é peculiar no que concerne à forma contemporânea de se jogar futebol. A falta de posições fixas para os jogadores é uma mudança abrupta no que tange um futebol contemporâneo pautada na circulação da bola - e não dos jogadores – entre as posições. Diniz, propõe outra maneira de os jogadores se relacionarem com o jogo: eles são os circuladores pelo campo – mais do que a bola – e, assim, tornam-se os protagonistas pelas ações que realizarão durante o jogo.

À beira do campo, é comum notar o característico pedido que o treinador faz a seus jogadores: “Se movimenta!”. Há, é bem verdade, uma palavra depois de ‘movimenta’, mas desconfio que não vale a pena sua transcrição nesse momento. Entretanto, voltando àquilo que interessa,

o imperativo da movimentação que prega o treinador está diretamente relacionado não somente ao protagonismo daquele que joga, mas, como gênese dessa ideia, a compreensão de que, como afirma Scaglia, o jogo pertence mais ao jogador do que ao treinador.

Compreende-se o jogo como um fenômeno, algo que é materializado na brincadeira ou no esporte quando há flexibilidade ou não das regras que o constituem, mas que ele – o jogo -, enquanto ambiente, é capaz de instaurar uma nova ordem, fazendo com a objetividade do mundo seja sobreposta pela subjetividade de quem joga, propiciando um local seguro para colocar em prática a satisfação dos desejos: um local em que, inherentemente, se explicita quem é.

Isso ocorre em decorrência da abdução que o ambiente de jogo é capaz de instaurar. O jogador, em tal local, rompendo com a objetividade da vida, se encontra em Estado de Jogo, uma condição que o coloca como alguém afetado pelo jogo, tendo, dessa maneira, suas ações

norteadas por esse vai-e-vem (FREIRE, 2002).

De tal maneira, a Pedagogia do Jogo (abordagem de ensino que se centra em jogos para ensinar a jogar e não no ensino da técnica descontextualizada) tem sua contração ancorada na abordagem ecológica, distante de uma lógica cognitivista. Isso quer dizer que, sendo o Estado de Jogo a condição de quem joga, a busca pelo entendimento da maneira com que se aprende a jogar não se aloque na relação cognitiva, na memória, atenção e motivação, uma vez que há o rompimento com a vida corrente, mas, por outro lado, a uma forma de se aprender calcada, a partir da abordagem ecológica, das soluções que são desenvolvidas a partir das situações que são enunciadas. Assim sendo, durante os treinamentos, não se paralisa a fim de fazer com que os alunos tomem consciência repentinamente da organização do jogo, mas se deixa o jogo rolar para que quem joga, durante o jogo, suscite ações capazes de resolver os problemas que surgem (SCAGLIA, 2017).

Tal maneira de conceber esta prática pedagógica está fundamentada, a partir do pensamento ecológico, na lógica dos *affordances*. Tal conceito sugere que não são as qualidades ou estruturas que são captadas no momento em que se depara com situação diversas, mas com as possibilidades de ação que são interpretadas, algo que está totalmente relacionado à visão individual. De tal forma, os jogadores jogam em decorrência das interpretações que são feitas por eles e das soluções interpretadas (BETTEGA et al, 2021).

Nada mais ecológico do que a canção “Acontece” escrita por Cartola. Neste samba, Cartola dá a entender que não vai seguir o relacionamento, pois não há mais sentimento que sustente a relação.

Acontece que meu coração ficou frio
E o nosso ninho de amor está vazio
Se eu ainda pudesse fingir que te amo
Ah, se eu pudesse
Mas não quero
Não devo fazê-lo
Isso não acontece

O que não acontece não pode ser realizado. Cartola não deseja fazer algo que não seja sentido e concebido. As coisas que fazem sentido são as que simplesmente acontecem – e, por isso, devem ser respeitadas. Assim, o eu-lírico se recusa a se envolver novamente neste relacionamento uma vez que o sentido não aparece, ou seja, pelo sentimento não florescer, não há motivo para o relacionamento se manter ou reviver.

Quando os jogadores se relacionam com o jogo a partir da falta de posicionamento fixo, deslocando-se para se encontrarem e construírem soluções para os problemas que surgem, a lógica do jogo está ancorada no acontecer. Diniz e Cartola comungam da mesma concepção quando entendem que o sentido – seja no relacionamento ou na maneira de se jogar futebol - só se consolida quando atravessa, marca e move quem realmente importa: os protagonistas

disso.

Assim, quando todos os jogadores de linha se encontram do mesmo lado do campo ou no momento em que o lateral esquerdo se encontra no meio do campo para definir uma jogada, não é o controle das ações dos jogadores que fundamental o jogo, mas, justamente o inverso disso: a possibilidade do descobrimento do jogo, coincidentemente, no momento em que se joga. Assim, são nas *affordances* – que fundamentam a lógica ecológica – dos jogadores que as soluções são encontradas e os acontecimentos ou no simples acontecer do jogo que os jogadores buscam as soluções que os afetam.

Dessa forma, no ano em que o Fluminense homenageia Cartola com uma camisa com as cores da Mangueira – a escola que ele mesmo criou –, é possível enxergar o compositor carioca não somente na vestimenta da equipe tricolor, mas também na dinâmica de um time que não se parafusa em um ponto metodicamente definido anteriormente, mas deixa o acontecer guiar o jogo. Nada mais cartolaniano do que o Fluminense treinado por Fernando Diniz.

Referências

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos.** [s.l]. v. 1, 1994

BETTEGA, O. B., MACHADO, J. C., PASQUARELLI, B. N., AQUINO, R., SCAGLIA, A. J. (2021). PEDAGOGIA DO ESPORTE: BASES EPISTEMOLÓGICAS E ARTICULAÇÕES PARA O ENSINO ESPORTIVO. **Revista Inclusiones**, 8, 185–213. <https://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/3008>

FLORENZANO, J. P. (1998). **Afonsinho & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro.** Musa Editora.

FREIRE, J. B. **O jogo: entre o riso e o choro.** Autores Associados. 2002

FREYRE, G. **The Gilberto Freyre Reader.** Nova York: Knopf, 2002.

GARGANTA, J. M. **Modelação táctica do jogo de Futebol Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento.** Porto: Universidade do Porto, 1997.

KUPER,S. **Football Against the Enemy.** London: Orion, 1994

MAZZONI, T. **O Brasil na Taça do Mundo 1930-50.** São Paulo: Leia, 1950.

MCILVANNEY, H. **World Cup'66.** Londres: Erye & Spottiswoode, 1970.

MIRANDA, L. (2023). *O que é o “jogo aposicional” que Diniz citou no Bem, Amigos! como sua filosofia tática.* <Https://Ge.Globo.Com/Blogs/Painel-Tatico/Post/2022/09/20/o-Que-e-o-Jogo-Aposicional-Que-Diniz-Citou-No-Bem-Amigos-Como-Sua-Filosofia-Tatica.Ghtml>. Acesso em: 19 de dezembro de 2023.

REIN, R.; MEMMERT, D. **Big data and tactical analysis in elite soccer: future challenges and opportunities for sports science.** SpringerPlus. SpringerOpen, , 1 dez. 2016.

REIS, M.; ALMEIDA, M. **Futebol, arte e ciência - Construção de um modelo de jogo.** 1. ed. Natal: Editora Primeiro Lugar, 2019.

SCAGLIA, A. **Pedagogia, Futebol...E Escola.** Talu Educacional ed. Goiânia. v. 2. 2022

SCAGLIA, A. J. Pedagogia do Jogo: O processo organizacional dos Jogos Esportivos Coletivos

enquanto modelo metodológico para o ensino. **Journal of Curriculum Studies**, 49(2), 27–38. <https://doi.org/10.1080/00220272.2016.1149223> 2017

SMITH, S. **The Brazil Book of Football**. Londres: Souvenir, 1966.

WILSON, J. **A pirâmide Invertida**. Editora Grande Área ed. Campinas, SP. v. 2. 2016

ZAGALLO, M. J. L. **As lições da copa**. Bloch. 1971

4

FUTEBOL E FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL CIDADÃO

Homero da Silva Nahum Junior
Ana Cristina Lopes Y Glória Barreto
Roxana Macedo Brasil

Cidadania

Cavalcanti (2023) considerou que o protagonismo juvenil requisitaria educação e cidadania, dada a necessidade de desenvolvimento da formação crítica, a qual teria por alicerce a capacidade de contextualização. Tal compreensão seria de sobremaneira relevante, pois na contemporaneidade aquele protagonismo aconteceria em sentido contrário à capacidade crítica, gerando a falsa autonomia, por conseguinte tendo a nulidade da cidadania.

Talvez, as relações de consumo configurassem o comportamento mais substancializável da consideração exposta (SCHEID; NOGARO, 2017), particularmente, na ciência de que o futebol estaria contido na cultura brasileira e as transformações contínuas, para além dos aspectos desportivos, aprofundaria e reforçaria aquela inserção, fomentando comportamentos, valores, opiniões e percepção de pertinência social (Caetano *et al.*, 2019) pela busca de convergência às condições espaço-temporais. Nesse norte, o futebol como produto consumo foi normatizado na Lei Federal nº 10.671/2003, Estatuto do Torcedor (BRASIL, 2003), e ratificado pela Lei Federal nº 14.597/2023, que revogou a anterior e institui a ordem econômica esportiva.

Assim entendido, o futebol seria uma instituição disciplinadora e civilizadora (Rodrigues, 2004), então especial atenção deveria ser dedicada à formação do jogador profissional, desde as categorias de base, pois esse seria a dualidade produto e produtor social. Logo, influenciando os gestos, as atividades, adaptações e os comportamentos dos consumidores, por vezes, atingindo a identidade deles pela aprendizagem prático-moral, o que convergiria à racionalização foucaultiana de poder (FOUCAULT, 2014).

Pelo exposto, entender o futebol como fenômeno social seria razoável, então, à vista disso, não estaria imune ao processo civilizador descrito por Elias e Dunning (2019) como um *continuus* de alternâncias de impulsos excitatórios e inibitórios. Ou, mais claramente, no domínio social formado por elementos interdependentes e promotores de mudança, o futebol estaria inserido.

Apesar de significativas e válidas as discussões sobre 1) conceituação do esporte de rendimento, educacional e de participação (REIS *et al.*, 2015); 2) políticas públicas de esporte (SILVA *et al.*, 2023); 3) ressocialização pelo esporte (SOUZA *et al.*, 2023); 4) esporte como lazer (SILVA, 2023); 5) práticas corporais e saúde (MANTA *et al.*, 2022; PESSONI; NASCI-

MENTO; PASQUIM, 2022; SILVA, L *et al.*, 2023); e 6) aspectos pedagógicos (Silva, C 2023) e escolares (NETO, 2023; FRANÇA; DOMINGUES, 2023), qualquer profissional contemporâneo deveria desenvolver habilidades técnicas, sociais e humanas, o jogador de futebol não seria exceção.

Habilidades técnicas

Feltrin e Machado (2009) advogaram que a necessidade de sucesso esportivo determinaria o desenvolvimento de suporte à evolução do futebol, visando melhorar o desempenho dos atletas, o qual dependeria, nessa ordem, das habilidades táticas, físicas, técnicas e psicológicas. Os autores destacaram ainda que, não raramente, os estudos mantinham foco nos jogadores de elite, levando à replicação dos modelos estruturais de treinamento, os quais seriam deficientes à formação.

Enriquecendo tais ideias, Pill (2012) apontou que jogadores em formação teriam o desenvolvimento de habilidades técnicas (motricidade, qualidades físicas, tomada de decisão e domínio dos fundamentos) seria prejudicado pela expectativa de desempenho físico similar aos adultos, cuja consequência direta residiria em experiências negativas de jogo e treino. Então, a seleção de atletas por critérios como força, velocidade e tamanho tenderia a promover uma amplitude vasta de aprendizagem e incentivo, desencadeando similar variabilidade de prazer e motivação ao envolvimento com o futebol. Paradoxalmente, tal comportamento de técnicos empobreceria os pensamentos tático e estratégico, e o desenvolvimento motor específico, o que em suma não permitiria os ganhos técnicos de senso de jogo.

A evolução positiva das habilidades técnicas em qualquer formação seria providencial e salutar. Porém, no contexto esportivo, a consideração de alterações físicas e maturacionais seria imperativa, pois, senso comum, seria que que indivíduos cronologicamente similares poderiam apresentar distintos níveis nas diversas capacidades físicas e no desenvolvimento motor (SANTOS, P *et al.*, 2016; PINTO *et al.*, 2018; POLITANO *et al.*, 2020; CAMPOS *et al.*, 2023). Logo, a seleção e o desenvolvimento de atletas deveriam ser ponderados pela maturação fisiológica. Tais considerações foram ratificadas pelos 209 jogadores de futebol, homens, de seis a 17 anos (idade = $11,59 \pm 2,57$ anos), avaliados por Machado, Bonfim e Costa (2009), os quais demonstraram que a antropometria, flexibilidade, velocidade, potência de membros inferiores e resistências aeróbica e anaeróbica estavam significativamente (valor-p < 0,05) correlacionadas à maturação biológica.

Convergindo ao exposto, Gonçalves *et al.* (2016) demonstraram para 151 jogadores de categorias de base que a curva do pico de velocidade de crescimento influenciaria habilidades técnicas e antropometria, tanto que as todas as categorias (sub9 à sub16) guardaram distinções quanto ao percentual de gordura. E da sub9 à sub14 foram identificadas distinções na realização de passe, estatura e massas corporal e de gordura. A condução e o controle de bola foram distintos em, respectivamente, sub9 à sub13 e sub9 à sub15.

As diferenças alcançariam os jogadores de elite, independentemente do sexo, conforme demonstrado por Barfield, Kirkendall e Yu (2002), inclusive por determinação genética, dado que no contexto do treinamento e, consequentemente, desempenho, o princípio da individualidade biológica seria marcante (MENDONÇA; RIBEIRO, 2021; CABRAL; SOUSA; GUIDO, 2021). Em síntese, as habilidades técnicas seriam relevantes à formação do atleta, torcida, aos negócios e ao clube, tanto que foram avaliadas por algoritmos para predição de resultados de jogos (LÓPEZ; JINDRA, 2019).

Porém, não seria prudente ignorar que, para além do profissional, o futebol estaria inserido no espaço do ser humano, e por esse seria a prática e o desenvolvido, logo a prerrogativa seria compreender e formar o jogador como indivíduo, membro de diversos grupos sociais, influenciando e sendo influenciado pela sociedade ao seu redor (ARAUJO; SILVEIRA, 2013; CIRICO *et al.*, 2018; CRUZ, 2021; SILVA; CORTEZ; SCAGLIA, 2021). Portanto, a formação do atleta de futebol seria essencial e conceitualmente um processo educacional.

Habilidades sociais

Jayaram e Musau (2017) identificaram as habilidades sociais como competências comportamentais, interpessoais ou não cognitivas, de forma objetiva, trata-se das habilidades que lidam com as emoções no contexto coletivo, então englobaria comunicação, resolução de problemas, pontualidade, empatia e flexibilidade. Então, a relevância à formação profissional e cidadã seria explícita, extrapolando tais fronteiras e alcançando os limites econômicos, os quais, também, residiriam no domínio social (RODRIGUES, 2022).

A relevância do futebol no desenvolvimento dessas habilidades seria destacada pela popularidade da modalidade, o que facilitaria o desenvolvimento do comportamento de trabalho em grupo e equilíbrio entre competição e cooperação (Fakhretdinova; Osipov; Dulalaeva, 2021). Além de potencializar a flexibilidade requisitada ao mundo contemporâneo, o qual seria caracterizado pelos elevados níveis de dinâmica e complexidade, simultaneamente, à attenuação da segurança e previsibilidade (MOREIRA; QUEIROZ, 2007). Tais características desejáveis seriam objetivadas nos projetos extracurriculares para distintos grupos (HIRUDAYARAJ *et al.*, 2021), então nas categorias de base, o planejamento de treinamento, voltado à formação holística do atleta teria condições mais amplas de conquistar aquele desenvolvimento.

Mossman e Cronin (2019), talvez, tenham explicitado intensamente, a relevância do tema ora em tela, ao investigarem a relação entre comportamento parental (elogio e compreensão, comportamento diretivo e pressão) e desenvolvimento de habilidades à vida e diversão (prazer no futebol) de 317 jogadores no futebol juvenil, idade = $12,83 \pm 1,70$ anos (faixa etária = 10 aos 16 anos). O conjunto de habilidades para a vida tinha por elementos: trabalho em equipe, estabelecimento de metas, gerenciamento de tempo, habilidades emocionais, comunicação interpessoal, habilidades sociais, liderança e resolução de problemas e tomada de decisões.

Demonstraram os pesquisadores que elogio e compreensão contribuíram ao desenvolvimento de comportamento para trabalho em equipe, definição de metas, liderança e habilidades totais para a vida. O comportamento diretivo, aquele de liderança, favoreceu as habilidades emocionais, a resolução de problemas e tomada de decisões. Os responsáveis com características de pressionar os filhos estimularam a gerência de tempo.

Particularmente, os resultados do comportamento diretivo ratificaram as considerações sobre liderança (LAIBIDA, 2016), participação em ambiente competitivo (MONESSO *et al.*, 2016; BETTEGA *et al.*, 2020), comprometimento (SERRANO *et al.*, 2017) e gerência de conhecimento (SZEZERBICKI *et al.*, 2006). Todavia, o estilo comportamental à liderança requereria parcimônia, pois poderia, quando desenvolvido inadequadamente, fomentar eventos de violência (ASSIS, 2008; CAPINUSSÚ; DE MENEZES, 2014) e determinar hábitos de consumo (SANTOS; HELAL, 2016; SANTOS; SANTOS, 2018).

A contextualização do futebol como produto de consumo possibilitaria compreender as relações culturais, geopolíticas e de negócio inerentes à realização de Copa do Mundo (PRONI, 2014; MAIA, 2023), o que atravessa valores e princípios de diplomacia esportiva e exercício de poder. Não por acaso, o torneio realizado no Catar em 2022, em algum nível melhorou, possivelmente, a posição internacional do país, sobretudo pelo estabelecimento de parcerias e propriedades, diluindo, mesmo que timidamente, as preocupações de outras sociedades sobre a situação naquela parte do mundo (NERMEEN, 2022. SILVA; CAMARGO, 2023; SCHATZ, 2023). As consequências pós-evento poderiam ser o crescimento desportivo, alicerçado em volumosos investimentos, os quais propiciariam receitas de distintas origens (SILVA, 2014; DAMO, SESINANDO; TEIXEIRA, 2023).

Essencialmente, a formação profissional exigiria a compreensão ampla e irrestrita do contexto inerente à profissão, e o cidadão somente seria efetivamente formado no entendimento da sociedade que o cercaria. Portanto, a compreensão real da condição espaço-temporal, envolvendo os determinantes econômico, político, social, cultural e ambiental, deveria ser dotada de valor axiomático desde a mais tenra categoria de base. Talvez, assim expressões fáceis e corriqueiras como “nunca foi só futebol” tenha alguma validade.

Habilidades humanas

A capacidade de reconhecer os próprios limites e aprender a lidar com as próprias características, negativas e positivas, seriam as habilidades humanas, e como tal sinônimo de autoconhecimento. A relevância primeira disso habitaria a possibilidade de potencialização do nível de adaptabilidade, expresso no equacionamento de necessidades, desejos, possibilidades, recursos e circunstâncias. Tais considerações convergiriam às conjecturas de Turuta (2022) à preparação de futuros profissionais.

Vestberg *et al.* (2012) perceberam que as linhas de investigação nesse domínio privilegiavam traços cognitivos específicos do desporto em detrimento da cognição geral. Então, os pesquisas-

dores a investigaram em futebolistas suecos de elite (14 homens e 15 mulheres; idade = 25,30 ± 4,20 anos), da terceira e segunda divisões (17 homens e 11 mulheres; idade = 22,80 ± 4,10 anos) e grupo controle com similar faixa etária. Esse apresentou funções executivas inferiores (habilidades cognitivas para controle de emoções, ações e pensamentos) àquelas dos atletas. Isso era esperado, porém o destaque se deu na identificação de correlação significativa entre autoconhecimento e variáveis de desempenho nos jogos, como número de gols e quantidade de assistências realizadas duas temporadas posteriores. Imediatamente, possível inferir que o sucesso como jogador de futebol estava relacionado ao desenvolvimento das habilidades ora discutidas.

Não obstante, Van-Yperen e Duda (2007) ao avaliarem as percepções sobre os determinantes de sucesso no futebol de 75 jogadores de cinco escolas da modalidade, localizadas nos países baixos, identificaram associação positiva entre orientação do ego e crença na capacidade e no talento inatos. Então, aqueles jogadores de categorias de base acreditavam que esforço, trabalho em equipe e apoio dos pais contribuíam ao desempenho esportivo, assim as orientações às tarefas estavam relacionadas àquela crença. Nitidamente, valorizava-se, destacadamente, as habilidades técnicas, e, em algum nível, as sociais. Porém, as humanas não eram consideradas, talvez pela dificuldade de observação e aferição, como também por hábitos solidamente estabelecidos.

Esclareceram Du, Krakauer e Haith (2022) que hábito seria o par ordenado estímulo-resposta, cujo condicionamento ocorreria pela repetição. Contudo, ao desenvolvimento de habilidade seria relevante aquele denominado o deslize de ação, quando em resposta a certo estímulo imperativo, uma ação específica e errada é realizada. Cada habilidade humana resultaria da somação de estímulos excitatórios e inibitórios, então os comportamentos resultariam de múltiplas associações estímulo-respostas, similarmente à soma vetorial. Por conseguinte, a associação mais intensa seria a detentora de maior influência, o que explicaria comportamentos habituais qualitativamente distintos.

Como tal, o hábito possibilitaria a automação de certos aspectos de uma habilidade, possibilitando direcionar a cognição àquelas características que demandariam flexibilidade e tomada de decisão (DANUCALOV, 2010; BOVETO, 2018). Em razão disso, Du, Krakauer e Haith (2022) propuseram que o conjunto estímulo-resposta fosse o ponto focal das intervenções de professores e técnicos esportivos, dado que seria aquele o cerne da aprendizagem de competências técnicas, sociais e humanas. Nesse contexto, hábitos inadequados deveriam ser rompidos propiciando a melhora de respostas, o refinamento de habilidades e a elevação do desempenho, inclusive no reconhecimento das próprias limitações e condições circunstanciais.

Enriquecendo o exposto e aproximando-o do pragmatismo da modalidade valeria expor, mesmo que superficialmente, o entendimento de Riera (2001) de que as exigências esportivas do atleta demandariam o desenvolvimento de competências e habilidades equivalentes àquelas de qualquer domínio da vida humana, então a aprendizagem do atleta em formação teria alicerce no plano geométrico formado pelos pontos:

- Os aspectos do ambiente merecedores de atenção. Por exemplo: condição do gramado (habilidade técnica), nível de ansiedade dos colegas de time (habilidade social) e a própria ansiedade (habilidade humana);
- As competências exigidas pelo ambiente. Exemplificando: identificar regiões do campo com maior risco de lesão (habilidade técnica), como se comunicar com os companheiros (habilidade social) e filtrar provocação adversária (habilidade humana);
- Os instrumentos a serem utilizados naquele ambiente. Exemplos: avaliar a distância para chute (habilidade técnica), gerenciar conflitos entre os times (habilidade social) e avaliar a própria substituição (habilidade humana).

Em suma, a seleção e formação de atletas deveria ser ancorada na percepção holística, o que exigiria a consideração de 1) relacionamento entre jogadores, com equipe técnica e dirigentes; gerenciamento da dupla jornada, futebol e escola; 3) compromisso, disciplina e respeito; 4) autossuficiência; 5) desenvolvimento de princípios; 6) estabelecimento de propósito; e 7) equilíbrio entre os diversos domínios da vida da criança ou adolescente, por exemplo (Larsen *et al.*, 2013). Todo desenvolvimento de habilidades à formação cidadã tem que estimular o reconhecimento e respeito pelo jogador 1) daquilo que ele pode fazer pela evolução da sociedade; 2) dos diversos entes sociais; e 3) dos seus próprios limites profissionais e pessoais.

Referências

ARAUJO, Mahinã Leston; SILVEIRA, Raquel da. As trajetórias de jogadoras de futebol: os processos de Socialização em jogo. **Espaço Plural**, v. XIV, n. 29, p. 271-297, 2013.

ASSIS, Túlia Cristina Ferraz de. **A representação social da violência em torcidas organizadas de futebol**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia (GO), 2008.

BARFIELD, William Roy; KIRKENDALL, Donald; YU, Bing. Kinematic instep kicking differences between elite female and male soccer players. **Journal of Sports Science & Medicine**, v. 1, n. 3, p. 72-79, 2002.

BETTEGA, Otávio Baggiotto *et al.* A competição na iniciação ao futebol: considerações sobre a organização do jogo e a participação no ambiente competitivo. **Revista Motrivivencia**, v. 32, n. 62, e66716, 2020.

BOVETO, Laís. **Hábito e subjetividade na educação**: aproximações entre Aristóteles, Tomás de Aquino e a neurociência. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá. Maringá (PR), 2018.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.671**, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Torcedor. Diário Oficial da União. Brasília (DF), 2003.

BRASIL. **Lei Federal nº 14.597**, de 14 de junho de 2023. Dispõe sobre o Sistema Nacional do Esporte (Sinesp) e o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Esportivos (SNIIE), a ordem econômica esportiva, a integridade esportiva e o Plano Nacional pela Cultura de Paz no Esporte. Diário Oficial da União. Brasília (DF), 2003.

CABRAL, Arthur Lincon Soares; SOUSA, Sávio Rodrigues de; SILVA, Marcelo Guido Silveira da. Periodização no futebol: o papel do professor de educação física na preparação física para o alto rendimento. **Revista Liberum Accessum**, v. 10, n. 1, p. 1-11, 2021.

CAETANO, Cristiano Israel *et al.* Futebol: um produto de consumo. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 8, p. 13223–13239, 2019.

CAMPOS, Helton Oliveira *et al.* Perfil antropométrico de jogadores sub-15 a profissionais da seleção brasileira de futebol. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 30, e2022_0425, 2023.

CAPINUSSÚ, José Maurício; DE MENEZES, Nathalia. Motivos e pretextos para a violência no futebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, n. S1A/S1R, p. 723-732, 2014.

CAVALCANTI, Ana Cláudia Dantas. Cidadania, participação e diálogo: o protagonismo juvenil como fundamento da formação crítica e da autonomia na educação. **Educação**, v. 48, n. 1, e11/1-27, 2023.

CIRICO, Kesley Moraes *et al.* “O sonho em ser um jogador de futebol”: jogar ou estudar? Eis a questão. **Revista Eletrônica de Trabalhos Acadêmicos - Universo/Goiânia**, ano 3, n. 5, 2018.

CRUZ, Jessika Villalon Sousa. O futebol e o futsal como instrumento de socialização entre alunos na educação física escolar. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 59, p. 328-333, 2021.

DAMO, Luís Rebello. SESINANDO, André Dionísio; TEIXEIRA, Mário Coelho. **Gestão do esporte e negócio do futebol**: o preço como estratégia de marketing para os torcedores. Londres (RU): Novas Edições Acadêmicas, 2023.

DANUCALOV, Marcello Árias Dias. A psicofisiologia e o biofeedback aplicado à educação física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 9, n. 1 suplemento 1, p. 28-31, 2010.

DU, Yue; KRAKAUER, John; HAITH, Adrian. The relationship between habits and motor skills in humans. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 26, n. 5, p. 371-387, 2022.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Coimbra: Edições 70, 2019.

FAKHRETDINOVA, Gulnaz; OSIPOV, Petr; DULALAEVA, Liudmila. Extracurricular activities as an important tool in developing soft skills. In: AUER, Michael; RÜÜTMANN, Tiia. (eds). **Educating engineers for future industrial revolutions**. ICL 2020. A

FELTRIN, Ygor Rapahel; MACHADO, Dalmo Roberto Lopes. Habilidade técnica e aptidão física de jovens futebolistas. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 2, n. 1, p. 45-59, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

FRANÇA, Dilvano Leder de; DOMINGUES, Soraya Corrêa. Possibilidades e desafios no ensino

das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 01-22, 2023.

GONÇALVES, Luiz Guilherme Cruz *et al.* Caracterização do perfil de jovens jogadores de futebol: uma análise das habilidades técnicas e variáveis antropométricas. **Motricidade**, v. 12, n. 2, p. 27-37, 2016.

HIRUDAYARAJ, Malar *et al.* Soft skills for entry-level engineers: what employers want. **Education Sciences**, v. 11, 641, 2021. <https://doi.org/10.3390/educsci11100641>.

JAYARAM, Shubha; MUSAU, Rose. Soft skills: what they are and how to foster them. In: JAYARAM, Shubha *et al.* (eds). **Bridging the skills gap**. Technical and vocational education and training: issues, concerns and prospects, v 26, p. 101-122, 2017. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-49485-2_6

LAIBIDA, Luiz Demétrio Janz. Raposas e outsiders no futebol paranaense: um estudo sobre relações de poder e genealogia. **Revista NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses)**, v. 2, n. 1, p. 103-109, 2016.

LARSEN, Carsten *et al.* Successful talent development in soccer: The characteristics of the environment. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, v. 2, n. 3, p. 190–206. 2013.

LÓPEZ, Juan Pablo Maldonado; JINDRA, Vojtech. Player skill estimation for soccer match prediction. **International Journal of Applied Pattern Recognition**, v. 6, n. 1, p. 2-57, 2019.

MACHADO, Dalmo Roberto Lopes; BONFIM, Mariana Rotta Bonfim; COSTA, Leonardo Trevizam. Pico de velocidade de crescimento como alternativa para classificação maturalional associada ao desempenho motor. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 11, n. 1, p. 14-21, 2009.

MAIA, Matheus Ferreira. Sportswashing: o Esporte no meio das relações internacionais. **Revista Pet Economia Ufes**, v. 3, p. 92-100, 2023.

MANTA, Sofia Wolker *et al.* Ações de práticas corporais e atividade física no Programa Saúde na Escola por ciclos de adesão (2014 a 2020). **Saúde Debate**, v. 46, n. especial 3, p. 156-165, 2022.

MENDONÇA, Pedro Mário Menezes; RIBEIRO, Davi Soares Santos. Preparação física no futebol: contribuições para o rendimento do atleta. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 2, n. 1, 2021.

MOMESSO, Cesar Turino *et al.* Percepção de jovens atletas sobre o envolvimento dos pais em relação à sua participação esportiva. **Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 16, n. 1, p. 66-73, 2016.

MOREIRA, Daniel Augusto; QUEIROZ, Ana Carolina. **Inovação organizacional e tecnológica**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MOSSMAN, Gareth; CRONIN, Lorcan. Life skills development and enjoyment in youth soccer: The importance of parental behaviours. **Journal of Sports Sciences**, v. 37, n. 8, p. 850-856, 2019.

NERMEEN, Cantor. Role of World Cup Soccer in healing the Gulf Region: zeal of Qatar's sport diplomacy and soft power. **Arab Media & Society**, n. 33, 2022. Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=4406327>.

NETO, José Ressoni. **Esporte, escola, convivência e trajetória**: o jeito de construir afeta o final da história. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar) – Instituto Federal do Espírito Santo. Vitória, 2023.

PESSONI, Alana; NASCIMENTO, Wedson Guimarães; PASQUIM, Heitor. Práticas corporais / atividades físicas em cinco anos de Telessaúde Goiás **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32, n. 4, e320405, 2022.

PILL, Shane. Teaching Game Sense in Soccer. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 83, n. 3, p. 42-52, 2012.

PINTO, Vanessa Carla Monteiro *et al.* Estágios maturacionais: comparação de indicadores de crescimento e capacidade física em adolescentes. **Journal of Human Growth and Development**, v. 28, n. 1, p. 42-49, 2018.

POLITANO, Hugo *et al.* Estudo comparativo da potência aeróbica entre os estágios maturacionais determinados pela menarca. **Revista de Saúde Pública**, v. 22, n. 1, p. 48-53, 2020.

PRONI, Marcelo Weishaupt. A economia do esporte em tempos de Copa do Mundo. **ComCiência**, n. 157, 2014.

REIS, Nadson Santana *et al.* O esporte educacional como tema da produção de conhecimento no periodismo científico brasileiro: uma revisão sistemática. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 3, p. 709-724, 2015.

RIERA, Joan Riera. Habilidades deportivas, habilidades humanas. **Apunts. Educación Física y Deportes**, v. 2, n. 64, p. 46-53, 2001.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, ano 6, n. 11, p. 260-299, 2004.

RODRIGUES, Yasmine Tomasella. **Competências não cognitivas para a liderança na era digital**: um *framework* para futuros líderes. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto (SP), 2022.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz; HELAL, Ronaldo George. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 4, n. 7, p. 53-69, 2016.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz; SANTOS, Anderson David Gomes dos. Democracia torcedora versus Vantagens consumistas: uma análise da associação clubística em tempos de futebol negócio. **Mosaico**, v. 9, n. 4, p. 246-261, 2018.

SANTOS, Petrus Gantois Massa Dias dos *et al.* Relação da idade óssea e marcadores hormonais com a capacidade física de crianças e adolescentes. **Congresso Internacional de Atividade Física, Nutrição e Saúde**, n. 1, 2016. <https://eventos.set.edu.br/CIAFIS/article/view/2622>.

SCHATZ, Patrícia Volk. Geopolítica através do soft power: investimentos árabes e chineses no futebol mundial do século XXI. **Geosul**, v. 38, n. 86, p.176-198, 2023.

SCHEID, Neusa Maria John; NOGARO, Arnaldo. Formação cidadã para contrapor-se às práticas de consumo no século XXI. **Série-Estudos**, v. 22, n. 45, p. 209-226, 2017.

SERRANO, José *et al.* A opinião de jovens futebolistas sobre o envolvimento parental na sua prática desportiva. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 9, n. 33, p. 206-217, 2017.

SILVA, Alexsandro Ferreira Cardoso da. Coalizões urbanas no país do Futebol: relações entre o megaevento Copa do Mundo 2014 e o mercado imobiliário. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 16, n. 2, p. 13-26, 2014.

SILVA, Cinthia Lopes da (org.). **Experiências pedagógicas em educação, educação física, esporte e lazer**. Ponta Grossa (PR): Atena, 2023.

SILVA, Dirceu Santos *et al.* Programa Segundo Tempo: uma revisão sistemática da principal política pública de esporte educacional no Brasil. **Movimento**, v. 29, e29011, 2023.

SILVA, Júnior Vagner Pereira da. Avaliação do Programa Esporte e Lazer da Cidade implementado em contexto universitário. **Retos: nuevas tendencias em educación física, deporte y recreación**, n. 50, p. 270-279, 2023.

SILVA, Keo; CAMARGO, Wagner Xavier de. Antagonismos entre sexualidade e religião no futebol: breve reflexão sobre a colonialidade na Copa do Catar. **Ponto Urbe** [Online], v. 31, n. 1, 2023.

SILVA, Letícia Rodrigues Teixeira e *et al.* Corporeidade e práticas corporais: (des)encontros na produção científica brasileira. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Revista do PEMO**, v. 5, e510321, 2023.

SILVA, Luís Felipe Nogueira; CORTEZ, Caio Martins; SCAGLIA, Alcides José. Iniciação esportiva: perspectiva de alunos, pais e professores quanto às escolinhas de futebol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 35, n. 4, p. 231-238, 2021.

SOUZA, Breno da Silva *et al.* O esporte e a ressocialização de ex-presidiários: uma revisão integrativa. **Caderno de Educação Física**, v. 21, e30906, 2023.

SZEZERBICKI, Arquimedes da Silva *et al.* Gestão do conhecimento em equipes de alta performance: o caso do Clube Atlético Paranaense. **Revista Produção Online**, v. 6, n. 2, 2006.

TURUTA, Marcelo Itio Nishiura. O futuro depende das habilidades humanas. **ETIC - Encontro de Iniciação Científica**, v. 18, n. 18, 2022.

VAN-YPEREN, Nico; DUDA, Joan. Goal orientations, beliefs about success, and performance improvement among young elite Dutch soccer players. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, 2007.

VESTBERG, Torbjon *et al.* Executive Functions Predict the Success of Top-Soccer Players.
PLoS One, v. 7, n. 4, e34731, 2021.

O FUTSAL COMO MEIO DA PROMOÇÃO DA SAÚDE EM UM PROJETO SOCIAL

Namir da Guia
Heraldo Simões Ferreira
Lídia Andrade Lourinho

Introdução

O futebol pode ser caracterizado como um esporte coletivo, disputado entre duas equipes, e como as ações de um time se vinculam diretamente às reações de seu oponente ele é tido como um esporte de interação. Ao se analisar sobre a sua classificação quanto ao tipo de esporte, podemos constatar que o futebol se enquadra no grupo das modalidades de invasão, pois o objetivo do jogo é pontuar através da marcação de um gol, fato que ocorre após a invasão da metade do campo defendida pelo adversário colocando a bola dentro de sua meta, além de proteger sua própria baliza para impedir a pontuação da equipe adversária (GONZALES *et al.*, 2014).

Entre os esportes coletivos, o futebol se destaca como o mais popular do mundo, sendo a sua prática esportiva realizada por crianças, jovens e adultos de ambos os sexos. Os recentes eventos esportivos realizados no Brasil, como a vigésima edição da Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2016 trouxeram como resultado um crescimento quantitativo de esportistas no país (CASTRO *et al.*, 2016; VILARINO *et al.*, 2017).

A prática esportiva se caracteriza pelos aspectos físico, fatores emocionais e de satisfação que o treinamento e o desempenho esportivo conseguem desenvolver em seus praticantes, que é fundamental para o desenvolvimento das modalidades esportivas como o futebol (DUMITH *et al.*, 2019).

O futebol brasileiro vem se consolidando como uma atividade que exerce uma importante função social, mobilizando milhões de pessoas e recursos financeiros, impulsionando o desenvolvimento do profissionalismo no esporte decorrente das oportunidades de independência financeira e ascensão social, o que acabou por incentivar a capacitação dos profissionais da área técnica e uma preparação mais eficiente dos atletas (GOMES; DE SOUZA, 2009).

A eficiência da evolução técnica e tática dos atletas está diretamente relacionada aos processos metodológicos utilizados nos treinamentos o que nos remete a formação esportiva que segundo Balzano, Lunardelli e Basso (2020) pode ser iniciada com a modalidade esportiva

futsal. Nesse sentido, o futsal se consolida como um importante aliado para o desenvolvimento de atletas do futebol, já que o espaço e número de jogadores reduzidos proporciona uma maior participação efetiva no jogo gerando a possibilidade de aprimoramento dos fundamentos, da tática individual e coletiva.

O presente estudo irá examinar a conexão da modalidade esportiva futsal e sua relação com a saúde.

Escolhemos o futsal, pois as modalidades coletivas tendem a associar a prática esportiva ao bem-estar e à satisfação pessoal. O objetivo da intervenção foi o de analisar uma ação de promoção da saúde, baseada no ensino e prática da modalidade esportiva futsal, como instrumento gerador de aprendizagens e práticas saudáveis em adolescentes de um núcleo social.

A justificativa pedagógica perpassa pela formação dos profissionais da Educação Física que atuam na iniciação e na vivência de modalidades esportivas, e pelo processo de ensino aprendizagem que favoreça a multiprofissionalidade e a interdisciplinaridade no ensino na saúde. Dentro deste contexto, expõe a considerável questão norteadora: o futsal pode ser utilizado como uma ferramenta para proporcionar conhecimentos e práticas saudáveis em adolescentes? Para responder a tal questão, realizamos uma pesquisa participante em um dos núcleos sociais do Projeto Futsal Sesc, localizado no município de Fortaleza.

Material e métodos

A pesquisa está de acordo com as resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) aplicáveis quando há a participação de seres humanos. O projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil e foi aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Saúde Pública do Ceará (CEP/ESP-CE), com o parecer de número 4.199.696.

Trata-se de uma pesquisa participante de natureza qualitativa. Este tipo de pesquisa constitui a sua investigação a partir da introdução e do engajamento do pesquisador na comunidade, instituição ou grupo estudado objetivando a observação e a coleta de informações com a ordenação sistematizada e da análise do que foi observado. Ela se alicerça na associação entre o pesquisador e o contexto estudado, para que ocorra a compreensão do fenômeno pesquisado em sua essência, por meio da teia de relações que o constitui (BORDA, 1981; CAJARDO, 1999; HAGUETTE, 2005; BORGES, 2009; PERUZZO, 2017).

De acordo com Brandão e Streck (2006), a pesquisa participante pode ser compreendida como um conjunto de múltiplas e diferentes experiências de construções coletivas de conhecimentos propostos a ultrapassar a oposição sujeito/objeto no cerne de processos que originam saberes e na sequência das ações que pretendem produzir transformações a partir desses conhecimentos. São experiências voltadas a permitir o antigo eixo pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido, cientistacientificado por uma arrojada façanha que é historicamente inevitável e

emergente, permeada pela construção de redes, teias e tramas de diferentes categorias.

Importante lembrar que são bastante comuns discussões e questionamentos sobre as diferenças entre Pesquisa-ação e Pesquisa Participante. Consoante Soares e Ferreira (2006), para certos autores a expressão pesquisa participante possui o mesmo significado de outros termos, tais como, pesquisa-ação, pesquisa participativa, investigação-ação, investigação participativa, investigação militante, auto-senso, estudo-ação, pesquisa-confronto, investigação alternativa, pesquisa popular, pesquisa ativa, intervenção sociológica, pesquisa dos trabalhadores, enquete-participação, dentre outros.

A pesquisa participante, entretanto, de acordo com a definição de Brandão (1998, p. 43), é “a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior”.

Gil (2012) aponta algumas das características comuns entre a pesquisa-ação e a pesquisa participante: ambas são formas alternativas de pesquisa que propõem a obtenção de resultados socialmente mais relevantes; são caracterizadas pelo envolvimento existente entre o pesquisador e pesquisado; o relacionamento entre pesquisador e pesquisado não acontece apenas pela simples observação do pesquisado pelo pesquisado.

A pesquisa participante, assim como a pesquisa qualitativa, se enquadra nos estudos em que os métodos e técnicas direcionados a obter informação quantitativa e “objetiva” não conseguem analisar eficientemente, já que as ações processuais possibilitam uma melhor análise deste tipo de conhecimento (HAGUETTE, 2005; PERUZZO, 2017).

Quadro 1 – Questões operativas da pesquisa participante.

QUESTÕES OPERATIVAS DA PESQUISA PARTICIPANTE	
O papel do pesquisador	Ele é parte ativa do grupo e pode, por meio de sua presença, intervir no contexto que pesquisa. Ele tem como meta não só coletar informações, mas cooperar de alguma forma com o grupo pesquisado.
Tempo de permanência em campo	Vai depender do tipo de objeto, do tempo que ele se revelar ao pesquisador e da capacidade deste em apreender suas manifestações explícitas e implícitas.
Retorno do conhecimento	A devolutiva dos resultados da pesquisa científica aos que foram pesquisados é uma forma de retribuir a disponibilidade em colaborar com a pesquisa e também é um momento esperado e às vezes até exigido por alguns grupos. Também é uma forma de colaborar com o empoderamento e/ou da transformação do grupo investigado.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O cenário escolhido para a pesquisa foi um núcleo social do Projeto Futsal Sesc, localizado

no bairro do Sapiranga/Coité, na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, que exerce suas atividades desde o ano de 2019. Participaram da pesquisa 23 alunos adolescentes, de 12 a 15 anos de idade, pois segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente os limites cronológicos da adolescência são definidos entre doze dezoito anos de idade.

A coleta de dados utilizou o futsal, que possui um significativo atrativo para a prática de atividade e exercício físico entre adolescentes e que pode atuar como instrumento para a educação e bem-estar nos mais diversos aspectos de saúde, bem como possibilitar uma parcela adequada de conhecimentos e práticas saudáveis. A coleta de dados ocorreu em três momentos distintos.

Quadro 2 – Momentos da coleta de dados.

Fase 1 – elaborar os planos de aula	A primeira fase da coleta de dados consistiu no planejamento de uma ação com base no ensino e prática da modalidade esportiva futsal, resultando em cinco planos de aula.
Fase 2 - ação	Consistiu na aplicação da intervenção que foi realizada e se subdividiu em três etapas: escolha dos temas que foram utilizados nos planejamentos de aulas; elaboração dos planejamentos de aulas e a ação em si, que consiste na execução das aulas.
Fase 3: avaliação	Teve como meta avaliar, por intermédio de uma roda de conversa com os alunos, com o objetivo de provocar reflexões, discussões e relatos de experiência, os temas apresentados durante as intervenções lúdico-pedagógicas no que se refere à prática do futsal como meio de promoção da saúde para adolescentes participantes de um projeto social.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para um melhor entendimento de como foi feita a escolha dos temas que foram desenvolvidos nas aulas, apresentamos os *11 for Health* (os 11 pela Saúde), projeto que teve o governo brasileiro e a FIFA como parceiros. O número 11 foi escolhido porque o futebol é um esporte que, ao início das partidas, cada equipe conta com 11 atletas, 10 jogadores de linha mais o goleiro.

Segundo os autores Rechia *et al.* (2015), o projeto “Os 11 pela saúde” foi uma estratégia criada pela FIFA, utilizada na Copa do Mundo do Brasil de 2014, que foi implementada nas 12 capitais que sediaram os jogos da competição. Utilizando o futebol, o projeto teve como objetivo capacitar professores de Educação Física das cidades sedes participantes, atuando nas questões relacionadas ao esporte, à educação e à saúde objetivando evitar doenças e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Os 11 *for Health* utiliza o futebol com o intuito de educar os jovens em cada um dos temas apresentados no quadro de número três, tendo um elemento correspondente ao esporte como sugestão para cada assunto. Desta forma, o quadro três apresenta os 11 pares de correspondência.

Quadro 3 – Apresentação dos temas dos 11 pela saúde.

i) Atividade Física (prática esportiva/futebol);
ii) Respeito entre os sexos;
iii) Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) - AIDS/HIV;
iv) Drogas e Álcool;
v) Doenças transmitidas por mosquitos;
vi) Higiene;
vii) Saneamento básico;
viii) Dieta;
ix) Vacinação;
x) Medicção;
xi) Comportamento Social.

Fonte: elaborado pelos autores.

Na elaboração dos temas escolhidos, foram incluídas as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), visto que em 2014 esta nomenclatura ainda era utilizada. Atualmente o termo Infecções Sexualmente Transmissíveis²¹ (IST) é considerado mais adequado e vem sendo utilizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Para que pudéssemos realizar uma adequada adaptação dos 11 temas pela saúde que foram utilizados no futebol, foram escolhidos cinco temas sobre saúde, já que o futsal é um esporte que, ao início das partidas, cada equipe conta com cinco atletas, motivo pelo qual se decidiu elaborar o quantitativo de cinco planos de aula.

Em busca realizada em sítios eletrônicos²² por estudos que tratassem dos onze temas sobre saúde, enumerados no quadro de número três, foi encontrada uma quantidade expressiva de artigos científicos e textos completos que auxiliaram na escolha dos cinco temas que participaram da intervenção.

Considera-se que os temas escolhidos são os que mais se aproximam da realidade cotidiana dos alunos do núcleo Sapiranga do Projeto Futsal Sesc, sendo, portanto, os mais relevantes para a intervenção pedagógica.

No quadro de número quatro estão apresentados os cinco temas escolhidos.

²¹ A nomenclatura “IST” (Infecções Sexualmente Transmissíveis) passa a ser utilizada no lugar de “DST” (Doenças Sexualmente Transmissíveis). A nova denominação é uma atualização da estrutura regimental do Ministério da Saúde por meio do decreto nº 8.901/2016 publicado no Diário Oficial da União em 11.11.2016, Seção I, páginas 03 a 17.

²² Scientific Electronic Library On Line-Scielo e Biblioteca em Salud-Bvsalud. Foram escolhidos estes sítios por apresentarem um volumoso acervo, com mais de 600.000 registros bibliográficos de artigos publicados em aproximadamente 1500 periódicos em ciências da saúde, e em mais de mil revistas científicas da Europa, de países da América Latina e do Brasil.

Quadro 4 – Resumo quantitativo dos textos completos publicados.

	SCIELO	BVSALUD	TOTAL
01) Drogas e Álcool;	10.550	1.913.759	2.034.859
02) Atividade Física (prática esportiva/futebol);	20.729	575.391	596.120
03) Doenças Sexualmente Transmissíveis. (DST) - AIDS/ HIV;	12.731	224.739	237.470
04) Higiene;	3.673	75.745	79.418
05) Vacinação.	1.429	40.588	42.017

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir da definição dos cinco temas, os mesmos foram desenvolvidos com os adolescentes que participaram da pesquisa, por meio da execução dos cinco planos de aula, que culminavam com a roda de conversa no seu encerramento (fase 2).

A roda de conversa é um momento de concentração e atenção ao outro, por isso recomenda-se evitar o uso do celular, as conversas paralelas e outras distrações. O mais importante é que durante a realização da roda o respeito entre os participantes deve ser assegurado e mantido, com o intuito de que todos sintam-se seguros e confortáveis para falar (BOYES-WATSON, 2011).

Os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo de Minayo (2014). Conforme Minayo (2014), existe a possibilidade de os dados qualitativos serem trabalhados a partir de uma das três abordagens mais conhecidas: análise de conteúdo, análise do discurso e análise dialética/hermenêutica. A opção da abordagem irá depender da corrente de pensamento ou paradigma à qual o pesquisador se identifica.

A ação pedagógica se iniciou com a elaboração do plano de aula, já que cada aula apresenta um cenário distinto e peculiar, com o objetivo de apresentar conteúdos que possam oportunizar aos alunos conhecimentos, informações e saberes que possibilitem o desenvolvimento de suas habilidades mediante a utilização de uma metodologia que se harmonize com o objeto estudado (TAKAHASHI; FERNANDES, 2004).

Uma eficiente ação pedagógica não deve ser improvisada sem o devido planejamento, já que o ato de planejar é inerente à educação pois o ensino docente demonstra uma construção que enquanto método norteia e alicerça a prática desejada indo de encontro aos objetivos almejados (BOSSLE, 2002).

Para facilitar o entendimento de como foi realizada a atividade, apresentamos uma das quatro ações que foram desenvolvidas durante a aula que consistiu em uma competição entre duas equipes, uma equipe representada na figura um em forma de quadrado, percorrem o trajeto, recolhendo um prato azul por vez, e os alunos representados pelos círculos, percorrem o mesmo trajeto recolhendo os pratos amarelos. Vence a corrida a equipe que terminar o percurso em primeiro lugar.

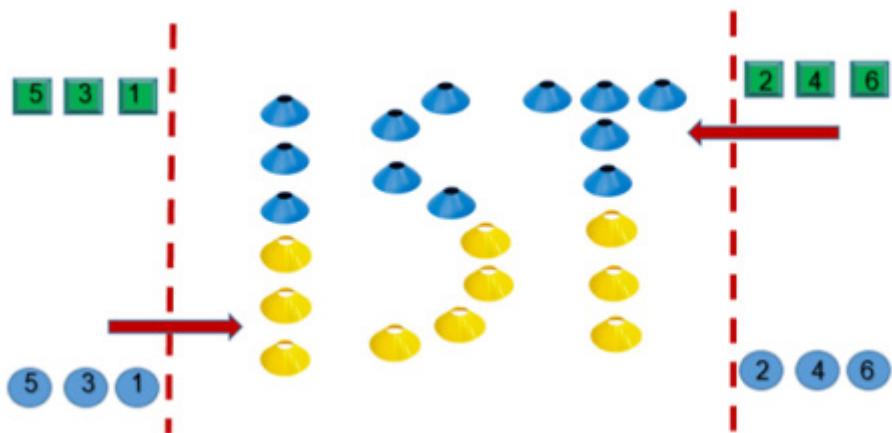


Figura 1 – Aquecimento abordando o tema das IST.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A intervenção foi iniciada com uma oficina, momento no qual os alunos foram convidados a montar o material que seria utilizado na atividade. Foi um momento de trocas de experiências e informações muito produtivo já que nesta fase se iniciou descontraidamente o processo de ensino-aprendizagem.

Resultados e discussão

Infecções Sexualmente Transmissíveis

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) permanecem correspondendo a um dos maiores problemas de saúde pública no país, originando adversidades e desafios ao Ministério da Saúde, a educação permanente em saúde e ao setor da pesquisa científica e tecnológica. Apesar destes desafios, o Brasil continua sendo respeitado internacionalmente, especialmente quando se analisa a ação gerada ao combate a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e o empreendimento em aprimorar o modelo da gerência das IST (SOUZA *et al.*, 2020).

Se destaca a importância da realização de ações de educação permanente com os profissionais da saúde no âmbito das IST, já que a aplicação apropriada destas ações objetiva a conscientização voltada a iniciativa da prevenção. Este autocuidado está diretamente relacionado à prática de relações sexuais seguras, com a utilização de preservativos e informações básicas sobre as IST (BARBOSA *et al.*, 2020).

Ainda, segundo os autores, o HIV é a sigla para o vírus da imunodeficiência humana, o vírus pode levar à AIDS, que é considerada um das IST mais conhecidas. Os desafios de enfrentar às IST e ao HIV/aids se constituem no permanente controle de medidas de monitoramento à enfermidade. A sociedade civil brasileira, em conjunto com as autoridades nas esferas, municipais, estaduais e federais, vem se esforçando para que se invista em medidas

de contenção, prevenção e detecção de novas ocorrências de infecção por HIV (BARBOSA *et al.*, 2020).

A epidemia do HIV/Aids se encaminha para a quinta década de existência e o acréscimo de diagnósticos precoces aliado ao tratamento com os antirretrovirais conseguiu elevar a expectativa de vida dos infectados. Apesar dos investimentos nas medidas de prevenção e da aplicação de recursos e esforços ao tratamento e à profilaxia, o número de novas infecções e óbitos voltou a crescer mundialmente. Não obstante, a utilização do preservativo ainda se constitui em uma das estratégias mais eficientes, de custo reduzido e acessível aplicação para o cuidado contra a infecção pelo HIV (GONÇALVES *et al.*, 2020).

Essas preocupantes e esclarecedoras informações reforçam a necessidade da conscientização dos jovens sobre a adequada prevenção para combater eficientemente as IST e por esse motivo encontramos opiniões uniformes, dos nossos alunos, que se dividiram em dois elementos: em um primeiro momento, se evidencia o foco na prevenção às IST; e no segundo momento, é possível constatar a preocupação com a cura das infecções.

Mesmo com o preservativo, se sentir inseguro, é normal (A 8).

E tem que se prevenir, antes de tudo isso, para não pegar a doença que é o jeito mais fácil de pega (A 12).

Primeiramente tem que ter a prevenção para não pegar a doença (A 10).

O início das atividades sexuais desguarde os jovens por um prolongado período de relações sexuais com uma elevada quantidade de parceiros. Portanto, na adolescência o começo da prática sexual pode ameaçar a saúde dos jovens que, quando correlacionada a alguns determinantes sociais, como conjunturas socioeconômicas, organização familiar, grau de escolaridade, gênero, cor e etnia, acabam aumentando a vulnerabilidade dos adolescentes, tornando-os mais suscetíveis às IST (COSTA *et al.*, 2019).

Assim, eu me sinto meio mal porque, até quem pode usar droga, álcool pode parar e estas doenças não dá para parar, se você[^] contrair você tem que viver com elas, e tem umas pessoas que quer transmitir para outras pessoas e acaba gerando tumulto (A 5).

Na minha opinião, eu entendi que se você usar álcool, droga você pode parar de fazer isso um dia e caso você[^] contraia uma doença, não tem mais o que fazer aí não vai ter mais volta (A 8).

Para que o enfrentamento às IST possa se tornar mais efetivo, o esforço com a prevenção e o aconselhamento devem ser ampliados. O aconselhamento viabiliza um procedimento mais

efetivo na abordagem dos pacientes, antecipando a possibilidade de detecção das infecções, motivo pelo qual, o aconselhamento deve estar constantemente presente nas ações do Ministério da Saúde e se estabelecer na formação acadêmica dos profissionais da área da saúde (BARBOSA *et al.*, 2020).

Considerações finais

Uma ação pedagógica adequada necessita de uma análise continuada sobre a prática e as metodologias de ensino que estão sendo utilizadas. Desta forma, é incumbência do professor determinar e desenvolver as habilidades facilitadoras do processo de formação para fomentar a edificação dos saberes.

Este trabalho verificou a eficiência de se inserir o esporte coletivo como instrumento facilitador para o ensino na saúde. Os resultados apontaram que logramos êxito por conseguir utilizar o futsal como ferramenta para proporcionar conhecimentos e práticas saudáveis em adolescentes do núcleo Social Sapianga do Projeto Futsal Sesc.

Ao analisarmos as ações de promoção da saúde, baseada no ensino na saúde e na prática da modalidade esportiva futsal, constatamos que, durante as fases da investigação, os alunos foram bastante participativos. A busca por realizar aulas com elevado tom de ludicidade se mostrou eficiente no tocante à concentração e dedicação dos alunos em participar das atividades.

Compreendemos que ao analisarmos a prática pedagógica das aulas práticas, buscou-se a construção de jogos/brincadeiras baseados no princípio da cooperação, embora, em determinados momentos, a essência do esporte, que é competitiva, acabou prevalecendo.

A relevância da pesquisa decorre do fato que é uma área ainda muito pouco explorada, motivo pelo qual sugerimos aos profissionais de Educação Física que atuam na Educação Física Escolar ou com esportes coletivos que passem a incluir no planejamento de suas aulas temas relacionados ao ensino na saúde aliado à prática das modalidades esportivas. Buscou-se explorar a alegria de jogar, aliada à promoção da saúde, e o resultado foi admirável.

Conclui-se com a pesquisa que inserir o ensino na saúde dentro dos esportes coletivos é uma abordagem inovadora e eficiente a que traz muitos benefícios aos nossos jovens e, que, portanto, deve ser incentivada.

Referências

BALZANO, O. N.; LUNARDELLI, E.; BASSO, E. DOIS-UM Brasil um método genuinamente brasileiro no ensino do futsal e futebol. Várzea Paulista/SP: Fontoura, 2020.

BARBOSA, Thiago Luis de Andrade *et al.* Prática de aconselhamento em infecções sexualmente transmissíveis, HIV e aids, realizada por profissionais da atenção primária à saúde de Montes Claros, Minas Gerais, 2015-2016. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 1-8, jan. 2020.

BORDA, O. F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C.R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981. cap. 4, p. 42-62.

BORGES, M. Da observação participante à participação observante: uma experiência de pesquisa qualitativa. In: RAMIREZ, J. C. L.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.). **Geografia e pesquisa qualitativa nas trilhas da Investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. cap. 1, p. 12-20.

BOSSLE, Fabiano. Planejamento de ensino na educação física-uma contribuição ao coletivo docente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 31-39, jan. 2002.

BOYES-WATSON, Carolyn. **No coração da esperança**: guia de práticas circulares: o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul; Departamento de Artes Gráficas, 2011.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. A Pesquisa participante e a partilha do saber: uma introdução. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. cap. 1, p. 10-18.

BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliens, 1998. cap. 1, p. 2-14.

CAJARDO, M. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, C. R. (Orgs.) **Repensando a pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. cap. 2, p. 15-50.

CASTRO, Suélen Barboza Eiras; POFFO, Bianca Natália; DE SOUZA, Doralice Lange. Financiamento do esporte de rendimento no Brasil: programa “Brasil no Esporte de alto rendimento” (2004-2011). **Revista brasileira de ciência e movimento**, [s. l.], v. 24, n. 3,

p. 146-157, mar. 2016.

COSTA, Maria Isabelli Fernandes da *et al.* Determinantes sociais da saúde e vulnerabilidades a infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, n. 6, p. 1595-1601, jun. 2019.

DUMITH, Samuel Carvalho *et al.* Preditores e condições de saúde associados à prática de atividade física moderada e vigorosa em adultos e idosos no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-13, jan. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOMES, Antonio Carlos; DE SOUZA, Juvenilson. Futebol: treinamento desportivo de alto rendimento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

GONÇALVES, Tonantzin Ribeiro *et al.* Prevenção combinada do HIV? Revisão sistemática de intervenções com mulheres de países de média e baixa renda. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 1897-1912, jan. 2020.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; SILVA, Leandro Cruz Fróes da. Esportes de invasão: basquetebol-futebol-futsal-handebol-ultimate frisbee. Maringá: Ministério do Esporte. Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2014.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

KROHLING PERUZZO, C. M. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 161-190, mar. 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo. Hucitec, 2014.

RECHIA, Simone *et al.* Projeto FIFA “Os 11 pela saúde”: uma análise qualitativa. **Pensar a Prática**, [s. l.], v. 18, n. 4, p. 1-12, ago. 2015.

SOARES, Leandro Queiroz; FERREIRA, Mário César. Pesquisa participante como opção metodológica para investigação de práticas de assédio moral no trabalho. **Rev. Psicol., Organ.**

Trab., Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 85-109, dez. 2006.

SOUZA, Sara Oliveira *et al.* Iniquidades de género y vulnerabilidad a las ITS/VIH/SIDA en adolescentes de asentamiento urbano: un estudio exploratorio. **Ciencia y enfermería**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 1-12, jan. 2020.

TAKAHASHI, Regina Toshie; FERNANDES, Maria de Fátima Prado. Plano de aula: conceitos e metodologia. **Acta Paul Enferm.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 114-118, jan. 2004.

VILARINO, Guilherme Torres *et al.* Análise dos grupos de pesquisa em psicologia do esporte e do exercício no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 39, n. 4, p. 371-379, abr. 2017.

O QUE É SER UM CRAQUE? UM MODELO EPISTEMOLÓGICO PARA A AVALIAÇÃO DE JOGADORES

Alexandre Meyer Luz

Introdução

Dedicado ao glorioso Corujão FC, o time do Curso de Filosofia da UFSC, sede de muita diversão e de nenhum craque.

O Futebol é um fenômeno social importante e uma atividade humana complexa, sob muitos aspectos. Como tal, ele poderia ser objeto da investigação filosófica? Uma resposta a tal pergunta depende, pelo menos, de duas discussões prévias: primeira, uma sobre o que é “fazer Filosofia”. Segunda, uma sobre a extensão deste termo, quando aplicado a uma área específica.

O ensaio que segue assume uma posição modesta em relação a cada uma das duas perguntas. À primeira ele responde pragmaticamente: ele se apresenta como um exercício de reflexão olhando para o Futebol (ou para alguns aspectos do Futebol) que deriva de uma área que é aceita como parte inequívoca da investigação filosófica, a Epistemologia (ou “Teoria do Conhecimento”). Isso permite que a avaliação crítica dos modelos de fundo que assumiremos aqui seja importada da discussão especializada realizada entre os epistemólogos, permitindo que o que é dito pretenda ter um estatuto mais alto do que o da mera opinião.

À segunda questão se responderá aplicando um princípio de prudência metodológica: se falará aqui apenas do escopo que as teorias de fundo alcançam. Sendo assim, este é um ensaio sobre uma epistemologia do futebol ou, mais apropriadamente, de discussões epistemológicas aplicadas ao campo do futebol - o que deixa de fora, certamente, muitas questões sobre o Futebol.

Vou sugerir, no que segue, que a Epistemologia pode oferecer ferramentas úteis para reflexões diversas sobre o esporte mais popular do mundo e proporei um modelo epistemológico para avaliação de praticantes - ou, mais modestamente, um esquema geral de avaliação. Em outros termos, pretendemos aproveitar resultados da pesquisa epistemológica para jogar luz sobre uma questão que em si mesma não é uma questão filosófica: o que é jogar futebol *bem*? - ou, em termos mais claramente epistemológicos, o que é *saber jogar futebol*?

Explicar o que significa “ser capaz de jogar futebol *bem*” é uma questão parcialmente empírica (e, neste sentido, uma questão que foge ao escopo da Filosofia), certamente; por exemplo, pode-se descrever os tipos físicos mais apropriados para as posições de goleiro ou de lateral-esquerdo, por exemplo, ou pode-se indicar o índice de massa corporal ideal, dentre inúmeras

questões que exigirão investigação científica, em alguma medida. Todavia, parece claro que este tipo de investigação empírica não esgota a questão proposta, já que jogar *bem* futebol parece constituir-se como um resultado complexo de diferentes ações bem-sucedidas, da não-realização de certas outras ações inapropriadas e da capacidade de escolher apropriadamente quais ações realizar - e esta capacidade de escolha parece exigir modos de *categorizar* certos aspectos do jogo e dos jogadores (e jogadoras) que são mais *conceptualmente abstratos* e, neste sentido, mais típicas da investigação filosófica.

É neste ponto que pretendo mostrar a utilidade de um modelo epistemológico de fundo: tal modelo ajuda a responder a pergunta sobre quais os *conceitos* que captam melhor as características de um bom jogador de futebol.

Um modelo epistemológico, claro, não realiza o trabalho completo; ele deve dialogar com modelos mais empiricamente alimentados. Não cabe a ele estabelecer que um zagueiro deve ter, vamos supor, mais do que 1,85m; também não cabe a ele descrever o tipo de movimentação que um meio-campista deve executar durante um jogo. A descrição de tais características fornece informações centrais para a montagem de um bom time, certamente, mas elas respondem a outros tipos de questões.²³

Questões sobre os substratos físicos exigidos para jogar futebol (desde as mais óbvias, como a de ser capaz de correr, até as mais sutis, como a de “ser capaz de manter a potência muscular acima do nível x após 90 minutos de esforço”) fornecem condições de *entrada* importantes, mas elas não respondem a todas as questões que estão em jogo aqui. Afinal, é claro que alguém pode ter mais do que 1,85 ou ser capaz de manter a potência muscular acima do nível x após 90 minutos de esforço e *não* ser um bom jogador de futebol em muitos sentidos importantes. Generalizando, alguém pode ter as aptidões físicas apropriadas e mesmo assim não ser um bom jogador. O que falta?

O presente ensaio pretende, portanto, contribuir oferecendo uma estrutura geral para uma resposta esta pergunta: o que é saber jogar futebol bem (para além de possuir as condições físicas e psicológicas de base apropriadas), considerando-se “jogar bem” como uma expressão do jogar do modo mais apropriado para maximizar a chance de sucesso, ou seja, de vitória²⁴.

Saber como e saber que

Um primeiro aspecto a ser considerado por um modelo tipicamente epistemológico surge por conta da ambiguidade do verbo “saber”. É amplamente aceito que a nossa linguagem oferece

²³ Um modelo epistemológico também não pretende captar o sucesso em relação a outros tipos de expectativas, tais como “jogar bonito”, “ter fair play”, “não servir como ferramenta para divulgação de valores do Estado contra o povo” e etc., pontos mais diretamente relacionados com questões estéticas, morais e políticas.

²⁴ Um jogador pode ter um futebol “bonito” e, neste sentido, sua presença em campo pode ser inspiradora, no sentido de valorizar a posse de certas habilidades ou de satisfazer certas expectativas do público. O ponto aqui, porém, não está ligado a tais expectativas, já que elas são ou estéticas ou, no máximo, boas para o futuro (ou seja, boas para a formação de futuros jogadores). Nossa ponto, porém, como anunciado, tem relação com a maximização do sucesso agora, ou seja, com o aumento da chance de vitória. Note que escolher um passe eficiente e belo (um passe de letra, por exemplo) pode satisfazer uma demanda de sucesso e uma demanda estética. Todavia, um jogador pode ser criticado quando opta pelo passe mais estiloso em detrimento do mais eficiente - ao menos quando se trata de um jogo em que a vitória é o objetivo tomado como o objetivo mais importante.

subsídio para que distingamos três sentidos de “saber”²⁵. O primeiro sentido aparece quando consideramos atribuições de saber direcionadas a descrições. Por exemplo, nossa linguagem cotidiana nos autoriza a dizer coisas como “Ana sabe que ontem choveu” ou “Joãozinho não sabe que o homem já foi à Lua”. Nos dois exemplos o que se está a fazer é estabelecer uma relação entre um agente e uma frase descritiva; Ana possui esta relação específica com a frase e Joãozinho não a possui. É bastante claro, para qualquer falante de uma língua que possua termos para tal descrição (como é o caso da língua portuguesa), que esta relação é diferente de outras relações possíveis, tais como “Ana duvida que ontem choveu”, “Ana acha provável que ontem tenha chovido” e etc.

Saber *que* constitui um primeiro sentido de “saber” (ou de “possuir conhecimento”), um sentido que é habitualmente denominado de conhecimento *proposicional* (já que sabemos que “está chovendo” ou que “o zagueiro era muito alto” ou algum outro conteúdo de uma frase descritiva, ou seja, de uma *proposição*). Mas ele não é o único sentido. Um segundo sentido se estabelece quando nos damos conta de que há atribuições de “saber” (ou de “conhecimento”) que não se destinam a descrever a relação do agente com uma descrição de algo, mas sim com uma *ação*. Este tipo de atribuição, o saber *como* (ou *know how*) é tipicamente uma atribuição de bom desempenho em relação a uma ação. Usamos tais tipos de atribuições em declarações como “Marta sabe como bater uma falta” quando vemos Marta acertando várias faltas.

O terceiro sentido está relacionado a uma *sensação*; ela aparece em frases que descrevem a ocorrência de uma sensação muito específica, a de já *ter tido contato com*. Este tipo de uso fica saliente em declarações como “eu *conheço* aquela pessoa ali, mas eu *não sei quem* ela é!”. Saber *quem* é uma pessoa é uma variação de saber *que*; saber quem uma pessoa é inclui saber que ela se chama Maria, que ela é filha de Pedro ou outras informações julgadas relevantes. Na segunda parte da frase, o declarante nega a si mesmo a posse de saber *que* (ou seja, a posse de conhecimento proposicional), mas mantém uma descrição em primeira pessoa sobre uma sensação específica: “eu já tive algum contato com aquela pessoa e meu corpo está me lembrando disso”. Este tipo de conhecimento é habitualmente chamado de conhecimento *por familiaridade* ou de conhecimento *de trato*.

Este caráter plurívoco das atribuições de conhecimento, se por um lado confere riqueza à nossa linguagem cotidiana, por outro lado pode ser fonte de confusão; por exemplo, uma atribuição de saber *como* pode obscurecer a posse de saber *que* por alguém, e vice-versa. Considere, por exemplo, que alguém que é rebaixado numa avaliação porque não consegue executar bem uma determinada tarefa, mas que tem uma compreensão do saber *que* envolvido (ou vice-versa) é alguém que está sendo submetido a uma avaliação que pode estar sendo simplesmente mal formulada²⁶.

Considere, por exemplo, uma pré-adolescente sendo avaliada por uma selecionadora de

25 Veja, por exemplo, a entrada “Epistemology” escrita por Matthias Steup e Ram Neta para a Stanford Encyclopedia of Philosophy.

26 Pode haver disputa, inclusive, em torno das próprias definições de saber *como* e de saber *que*, particularmente, das relações entre os dois conceitos. Para um locus já clássico da discussão, veja Ryle, G. (2009) “Knowing How and Knowing That”, in: Ryle, G., Collected Papers, Volume 2. New York, Routledge e Stanley, J. e Williamson, T. (2001) “Knowing how”. The Journal of Philosophy. 97:411–44.

talentos para times de futebol. Claro, como já mencionado, esta selecionadora poderia ter sido instruída sobre certas características físicas mínimas que uma jogadora de futebol profissional deveria ter (o ponto fica mais óbvio quando pensamos no vôlei ou no basquete, esportes para os quais a altura é um destes elementos limitantes; adultos com 1,60m têm pouquíssimas chances de ter algum sucesso nestes esportes, por razões óbvias. Já no futebol é menos claro quais são estes elementos limitantes - e não cabe a um ensaio filosófico estabelecer estes elementos); ela pode ser instruída também sobre características físicas excepcionais, como velocidade ou potência muito acima da média e etc.

Estas são boas instruções (mesmo que incompletas), já que elas *guiam bem* a decisão do selecionador. O ponto, porém, é que elas são grosseiras demais, sob aspectos importantes. Elas são grosseiras porque, sozinhas, deixam escapar aspectos importantes de uma avaliação de praticantes de futebol (de futuros e futuras praticantes, no caso), já que jogar *bem* futebol inclui a satisfação de muitas outras demandas além de correr com rapidez ou ser potente.

A selecionadora, então, precisa de ferramentas melhores. Suponha que ela seja instruída a prestar atenção em meninas que são bem-sucedidas em relação a certas tarefas no campo. Por exemplo, suponha que ela atente para garotas que cobram bem faltas. Certamente este é um tipo de sucesso importante no futebol profissional e pode ser um indicativo importante. Ter sucesso em tarefas dentro do campo é realmente algo indispensável em um esporte de competição, guiado pelo interesse na vitória. Cobrar faltas *bem* é algo que tem por base um saber *como* e este é percebido pelo *sucesso* na execução da tarefa - no caso de cobrar bem faltas significa fazer os gols, numa proporção apropriada²⁷.

O ponto aqui é que cobrar bem faltas não é o melhor exemplo para a nossa discussão; isso se deve não à pouca importância deste saber *como*, mas porque ele é muito específico, considerando-se as características do futebol. Um *kicker* do futebol americano pode ter habilidades muitíssimo específicas (como a precisão no chute) e entrar em campo apenas quando tais habilidades específicas são exigidas; no futebol, porém, cobranças de falta em direção ao gol são eventos relativamente raros e que tipicamente são cobradas por um jogador que tem muitos outros encargos em campo.

Este caráter complexo do futebol ajuda a atentar para o risco de artificialidade de avaliações centradas *apenas* em saber *como* (ou apenas em saber *que*)²⁸; considere a própria ação de bater uma falta: não se trata apenas de bater a bola com precisão em uma parte do gol adversário. Trata-se disso *e de avaliar* a posição, o tamanho, a explosão do goleiro, a altura da barreira e seu posicionamento e etc. Em outros termos, bater faltas inclui avaliar *que* aquele goleiro é mais alto do que a média, *que* a barreira está mais à esquerda do que deveria estar e etc. Em outros termos, mesmo uma ação como bater uma falta envolve saber *como*, mas

²⁷ Note que para merecer a atribuição de posse de saber *como* (*know how*) em relação a uma tarefa o sucesso sempre central. O que é uma execução bem-sucedida, claro, pode variar conforme a atividade, e o mesmo vale para a taxa de sucesso considerada apropriada. Alguém que cobra bem faltas é alguém que pode fazer gols numa proporção pequena das chances (digamos, em 25% dos casos), desde que esta proporção seja, por alguma razão, considerada excelente - por exemplo, em comparação com outros jogadores). E, claro, esta taxa de sucesso pode variar contextualmente.

²⁸ Ou em suposições que não considerem as relações entre saber *que* e o saber *como*.

também saber *que*. É útil termos vocabulário teorético capaz de realizar estas distinções. Voltaremos a este ponto mais adiante.

O caráter complexo do futebol torna saliente o quanto competências diferentes estão envolvidas nas ações desempenhadas durante um jogo de futebol. A separação entre saber *como* e saber *que* ajuda a oferecer um tipo de distinção que é útil, já que, como mostraremos, alguém pode possuir as condições para desempenhar bem uma ação (como a de ser capaz de colocar a bola num local apropriado do gol) e mesmo assim desempenhar mal uma dada ação específica por conta da ignorância em relação a este ou aquele caso de saber *que*.

Considere, ainda, a distribuição de boa performance em relação ao saber *como* e ao saber *que* em relação ao jogo. Num extremo, considere a função de um treinador. Considerando-se apenas a sua participação durante o jogo, ele será avaliado quase que integralmente por conta de suas decisões centradas em saber *que*: ele considerou *que* a defesa do adversário era lenta e *que* seria melhor escolher atacantes rápidos, *que* o melhor jogador do time adversário merecia marcação individual, *que* o melhor esquema para aquele jogo era um 3-4-3 e etc.

No outro extremo, imagine um jogador hipotético que possui habilidades físicas tão extraordinárias que, a despeito de sua completa incompreensão das táticas do jogo, recebe a bola, dribla todos os adversários e faz gols, vários em um jogo.

Estes exemplos querem marcar casos extremos, um centrado em posse do que confere excelência *apenas* no saber *que* e outro centrado no que confere excelência *apenas* no saber *como*. Estes são extremos que são artificialmente construídos, para fins de articulação do ponto teórico aqui, e isso por uma simples razão: um treinador não é um jogador e o jogador descrito no exemplo acima simplesmente não existe. De fato, no mundo real, um *bom* desempenho dentro de campo exige tipicamente competências associadas aos dois tipos de desempenhos.

Saber *que*: um modelo de avaliação

O saber *que* (mais tipicamente denominado *conhecimento proposicional*) é o objeto mais típico da discussão filosófica, que dedica a ele toda uma tradicional área, a *epistemologia* (ou Teoria do Conhecimento). Já no início da especulação grega, Platão chamava a atenção para a diferença entre possuir apenas opinião verdadeira e possuir um bem mais precioso, o conhecimento.

Não cabe aqui recuperar a epistemologia platônica ou, menos ainda, recuperar toda a discussão contemporânea sobre a natureza do saber *que*²⁹, mas cabe entender, ao menos em linhas gerais, o que está em jogo. Na terminologia mais típica da epistemologia contemporânea, saber *que* implica em possuir uma crença verdadeira justificada. Vale explorar cada um destes conceitos.

A primeira condição para o conhecimento proposicional é, como sugerido, a de posse de

²⁹ A natureza do saber *que*, mais tipicamente denominado conhecimento proposicional esteve no centro da investigação epistemológica contemporânea nas últimas décadas por conta do desafio lançado por Edmund Gettier em seu pequeno e célebre ensaio, *Is Justified True Belief Knowledge?* (GETTIER, 1963). O ensaio de Gettier motivou uma reforma profunda em várias suposições centrais da epistemologia anterior, com resultados que serão utilizados ao longo deste ensaio.

uma crença. Uma crença, grosso modo, é um estado mental associado a uma proposição (que por sua vez, é aquele conteúdo que pode se manifestar numa frase descritiva).

A exigência pela posse de crença marca uma diferença substancial entre o saber *como*, o saber por familiaridade e o saber *que*. Alguém pode desempenhar uma dada tarefa por conta da sua reação a um input sensorial básico, sem formar crença. Isso permite que nós atribuamos saber *como* a muitas entidades às quais nós não estamos dispostos, por qualquer razão, a atribuir crenças. Por exemplo, alguém pode assumir que um cão não é capaz de possuir conceitos como o de “propriedade” e mesmo assim assumir que um cão tem o saber *como* apropriado para distinguir Pedro (que é o “dono” do cão) de outras pessoas desconhecidas.

Pedro é capaz de mostrar para alguém que seu cão “reconhece Pedro” mostrando como o cão reage de modo diferente à sua presença, em comparação com a presença de estranhos. Ele não precisa, todavia, assumir que o cão tem uma linguagem semelhante à nossa ou assumir que o cão, mesmo que fosse capaz, tivesse a crença de que Pedro é o seu dono ou de que “aquele indivíduo chama-se Pedro”.

Atribuir crença a alguém implica em assumir que tal indivíduo, em condições normais, está disposto a agir conforme o conteúdo da crença. Assim, se Pedro acredita que seu cão gosta de ração sabor frango e que ele detesta iogurte de morango e se Pedro nos diz que vai servir ao cão algo que ele adora comer, é razoável esperarmos que Pedro sirva ao cão ração sabor frango e não iogurte de morango³⁰.

Considere, porém, que muitas vezes atribuímos crenças inadequadamente. Considere, por exemplo, que um amigo de Pedro o vê servindo ração de frango ao cão e que ele supõe que Pedro está seguindo sua crença de que o cão adora ração sabor frango. Esta não é, certamente, uma suposição absurda. Todavia, podemos imaginar que talvez Pedro esteja realizando a ação mais mecanicamente do que isso; por exemplo, que Pedro, talvez insone, talvez absorto em alguma outra questão, talvez tenha simplesmente ouvido o latido do cão num tom típico de “tenho fome”, levantado de sua mesa de trabalho, andado até o armário, despejado o conteúdo do único pacote vermelho na tigela e voltado a trabalhar, sem qualquer consideração sobre o que estava servindo.

De modo similar, podemos apelar para o vocabulário do saber *que* apenas retrospectivamente, para descrever as nossas ações. Talvez Pedro, questionado sobre o porquê serviu ração ao cão naquela manhã, possa dizer *que* ouviu os latidos típicos de fome, que assumiu *que* era a hora do cão comer, que lembrou de *que* a ração estava no armário e etc., e isso sem que ele considerasse que suas ações foram muito menos reflexivamente conduzidas do que esta narrativa retroativa faz supor.

Estas características da crença, como primeira condição para se saber *que*, mostram as dificuldades a serem enfrentadas por um modelo de avaliação de atores numa atividade tão complexa e dinâmica quanto o futebol. Um desafio é particularmente importante, aqui: como

³⁰ Claro, alguém que mente conscientemente é alguém que “esconde a sua própria crença”, ou seja, é alguém que age de modo tal a fazer com que seu interlocutor considere que ele (o mentiroso) possui crenças que de fato ele não possui.

e em que grau o saber que está efetivamente envolvido em um jogo de futebol?

Note que este desafio é dramático porque o entorno de uma partida de futebol claramente supõe muito de saber *que*: resumidamente, aquele que alimenta a escolha de táticas por parte dos treinadores. Um treinador tipicamente precisa transformar o que sabe sobre o adversário em *informações* que possam ser transmitidas para outros (aos seus auxiliares e aos próprios jogadores) e possuir informação é, para os nossos fins aqui, uma noção com função muito parecida com a de crença.

Nós vamos assumir, aqui, que algum grau relevante de saber *que* está envolvido em um jogo de futebol (mesmo sem responder estritamente ao que se pede no desafio 1). Em algum momento, portanto, podemos imaginar que um jogador *acesse explicitamente* uma crença sobre algum aspecto daquela partida. Isso é especialmente razoável quando consideramos certas características do jogo de futebol. Considere, por exemplo, as dimensões do campo e o fato de que muitos eventos em campo envolvem o entendimento do que acontece a uma longa distância. Um lateral-direito, por exemplo, deve saber *que* o seu posicionamento em dado momento deve considerar o que está acontecendo no lado esquerdo do seu ataque - e isso dificilmente poderia ser explicado em termos de reações treinadas ou em um saber *como*.

Se o saber *que* é relevante, vale então dar seguimento à nossa investigação sobre a sua natureza. Como vimos, crença é uma das condições para se saber *que*, mas ela certamente não é a única, por razões bastante óbvias: primeiramente, porque uma crença pode ser falsa, e a nossa linguagem não permite atribuir saber *que* quando se assume que a crença é falsa. Em outros termos, se você assume que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, você não concederá que alguém que crê que Cristóvão Colombo (e não Pedro Álvares Cabral) descobriu o Brasil sabe isso.

Isso remete para o segundo componente de uma explicação do saber *que*, aquela que os epistemólogos contemporâneos denominam de “verdade”. Verdade é um conceito com longa estrada na tradição filosófica e um que é coberto por teses muito amplas. Não é necessário que o leitor carregue as suas suposições mais sofisticadas sobre o conceito, aqui, porque ele está sendo usado em um sentido deveras pré-teórico: “verdade”, aqui, quer apenas captar o sucesso de uma frase descritiva em relação ao mundo. Considere, por exemplo, instruções sobre o futuro, tais como “para chegar ao banco, dobre à direita”. Se tomamos esta descrição do ambiente como verdadeira e se queremos chegar ao banco, dobraremos à direita. Se, ao dobrarmos à direita, não chegamos ao banco, nós fazemos um tipo de reavaliação do que foi dito, aquela reavaliação em que julgamos que a frase falhou em relação ao objetivo de descrever bem o ambiente (ou seja, diremos que a informação contida na frase é “falsa”).

O ponto aqui, portanto, é bastante básico: por vezes avaliamos a crença de alguém sob a perspectiva do sucesso em relação à descrição do ambiente; chamar uma descrição de “verdadeira” é dizer que ela é uma boa descrição, dado este fim; dizer que ela é “falsa” é dizer que ela é uma descrição inapropriada.

Note que o que está em jogo aqui não é uma discussão sobre se o que tomamos como

verdadeiro num dado momento pode ou não ser revisado (ou seja, se podemos ter certeza evidencial) ou algo do gênero. O que está em jogo, antes disso, é a compreensão de uma ferramenta conceitual de nossa linguagem, e o que está sendo dito é que a nossa língua cotidiana exige que um caso de conhecimento deve ser um caso, dentre outras características, em que a frase (ou o conjunto de frases) descritivas sobre o ambiente é, em algum sentido relevante, bem-sucedida em relação ao objetivo de descrever bem o ambiente.

Mas posse de crença verdadeira continua não bastando, e isso porque uma crença verdadeira pode ser obtida de modo acidental. Considere por exemplo alguém que formou, através de um sonho comum, a crença de que “os números sorteados na loteria de amanhã serão 06-37-98-35-22”. Este modo de formar crenças não é, tipicamente, tomado como um bom método de formação de crenças sobre a loteria, dado o objetivo de ser o feliz ganhador do prêmio. A despeito disso, nada impede que a frase “os números sorteados na loteria de amanhã serão 06-37-98-35-22” seja verdadeira, ou seja, que estes sejam os números sorteados. Uma frase pode ser verdadeira por sorte e, tipicamente, crença que apenas por sorte é verdadeira é apenas um palpite feliz, um caso de “chute” bem-sucedido, porém acidental³¹ ou etc., nas nossas atribuições de conhecimento na linguagem cotidiana.

Por conta disso, mais um conceito precisa ser acrescentado à nossa apresentação do conceito de saber *que*, um que capte a ideia de sucesso obtido por *mérito*. O ponto da crença formada por sonhos comuns é o de que sonhos comuns não são, tipicamente falando, tomados como fontes de crenças dignas de mérito em relação à obtenção de conhecimento.

Justificação epistêmica é o conceito que quer captar o mérito dos agentes ao formar crenças. O indivíduo que afirma que ficará rico porque teve um sonho comum sobre os números da loteria é alguém que será julgado como alguém que mantém uma crença inapropriada, mesmo que os números venham a ser sorteados.

Isso não quer dizer, claro, que ter sorte é ruim. Isso quer dizer que alguém não merece um tipo mais específico de avaliação positiva, aquela envolvida com, de algum modo, crer (ou fazer) o que é mais apropriado para melhorar as chances de ter uma crença verdadeira. Seguir um sonho comum não é uma boa maneira de satisfazer isso porque sonhos comuns costumam nos levar a formar mais tipicamente crenças falsas do que crenças verdadeiras. Chutar a bola para cima evê-la ser desviada pelo vento até o gol adversário, encobrindo o goleiro e fazendo o gol, é só um lance de sorte, sem mérito, pelas mesmas razões: as taxas de sucesso são muito baixas e não é razoável, por isso, tomar tal estratégia como uma boa estratégia para se obter sucesso em relação ao objetivo de fazer gols no adversário.

Temos, agora, um tipo de resultado bastante útil: *alguém merece o título de que sabe que P* (onde *P* é uma frase descritiva) se esta pessoa acredita em *P*, se *P* é verdadeira e se ela está justificada em relação à sua crença em *P*.

Justificação epistêmica: como entendê-la

³¹ Até hoje discutimos se Ronaldinho Gaúcho teve mérito ou sorte no antológico gol de falta contra a Inglaterra na Copa de 2002. Note que, mesmo em termos de saber *como*, podemos exigir que o sucesso não seja acidental.

O conceito de justificação epistêmica é comumente tomado como o conceito central da discussão epistemológica, por conta de seu lugar na explicação sobre a natureza do conhecimento proposicional, aquele lugar que capta o mérito que se pode atribuir ao agente. É natural, daí, que a discussão epistemológica seja fortemente centrada sobre este conceito, particularmente sobre a questão sobre o *como devemos entender o conceito de justificação epistêmica?*

Note que a própria apresentação sugerida por Platão para a natureza do conhecimento proposicional parece sugerir uma interpretação do conceito: que justificação consiste em “amarra com a razão” uma opinião. Uma leitura rápida da sugestão de Platão parece sugerir que a justificação deve ser entendida em termos de *pensamento reflexivo sobre crenças*.

Esta interpretação não seria, certamente, tola. A imagem de um Sherlock Holmes avaliando as evidências disponíveis e delas inferindo quem é o criminoso não é tola, porque parece ser referendada, no mundo real, por muitas atividades, do exercício de um diálogo argumentativo até uma investigação científica.

Este tipo de concepção é representado na discussão epistemológica pelas teorias *internalistas* da justificação epistêmica. Para um internalista, *grosso modo*, justificação é sempre uma propriedade que está ao alcance da reflexão do agente e é uma propriedade relacionada à posse de evidências (tal qual um Sherlock, os agentes deveriam inferir a partir de evidências - e daí, como consequência, eles seriam capazes de reconstruir retroativamente seu caminho da coleta de evidências até a conclusão, tal como um cientista escrevendo um relatório de pesquisa).

A despeito da força das teorias internalistas, há muitos protestos anti-internalistas (ou seja, *externalistas*) disponíveis no mercado epistemológico. Não cabe aqui reconstruir a discussão em torno da natureza da justificação epistêmica, mas é importante destacarmos aqui o porquê um modelo alternativo parece mais plausível, ao menos quando consideramos uma atividade como o futebol (e esportes em geral - e esportes coletivos em particular). A principal motivação para pensarmos sobre o saber *que* (o *conhecimento proposicional*) envolvido em atividades dinâmicas como o futebol em termos não-internalistas tem relação com o *tempo e o modo* de coleta de informações durante um jogo.

O tempo é obviamente relevante em um jogo de futebol; para começar, ele não é inteiramente dominado por quem tem a bola, já que quem tem a bola corre sempre o risco de ser pressionado pelo adversário e, claro, precisa considerar isso. Há muitas expressões relacionadas ao controle do tempo ditas em campo: “passe a bola, um adversário está chegando”, “não drible na defesa” e etc, e tudo isto precisa ser dito e bem interpretado, rapidamente (gritar “ladrão” para o colega é uma maneira de acelerar este processo).

Um jogador que vê o colega se deslocando para uma boa posição para fazer o gol, mas não considera o marcador que chega para lhe dar combate não é, certamente, um bom pensador em campo, já que não considerou *todas* as evidências relevantes. Quem já esteve em campo conheceu o jogador “peladeiro” que retroativamente diz “se eu tivesse conseguido o drible

eu teria ficado livre para um passe decisivo”, esquecendo de acrescentar que a probabilidade de conseguir o drible era baixa, de acertar um passe tão longo idem e de que o risco de ceder um contra-ataque era alto.

Note, claro, que este “peladeiro” *não sabia que* a melhor jogada a ser feita incluía o drible, mesmo numa perspectiva internalista, já que ele não considerou possibilidades relevantes que ele deveria ter considerado. O ponto da crítica ao internalismo que se quer conduzir aqui, porém, está em outro lugar: no caráter pouco realista de uma descrição do funcionamento cognitivo de um jogador durante um jogo de futebol. Em outros termos, Sherlock pode (e deve) ponderar com calma sobre as evidências que cuidadosamente colheu; ele pode retornar ao local do crime e avaliá-lo sob diferentes perspectivas, ele pode reconsiderar as inferências que fez diante de novas evidências e etc. Isso, porém, não vale para um jogo de futebol, no qual os cenários mudam rapidamente e as decisões precisam se ajustar aos novos cenários, repetidamente.

Nelson Rodrigues, numa de suas muitas frases emblemáticas, disse que “a bola tem um instinto clarividente e infalível que a faz encontrar e acompanhar o verdadeiro craque”³². Esta não é exatamente uma novidade: “o craque tem “visão de jogo “”, dizemos. Este tipo de craque, aquele que se destaca menos pela habilidade bruta (ou seja, por um saber *como* específico, como o de correr rápido ou o de saber driblar) e mais por saber *que* é a hora de prender a bola (ou que é a hora de arriscar um passe profundo, ou que é a hora de recuar para armar o time ou até a hora de dar um bico na bola ou um carrinho intimidador no adversário).

O craque é craque não porque ele “pensa bem”, em abstrato, mas porque ele *age* bem, cronicamente, com mais sucesso do que a média. Ele age bem como resultado de boas decisões: ele tem uma taxa de acerto acima da média em relação a suas escolhas dentro de campo. Ele une sucesso físico e sucesso em suas escolhas.

Note que isto é significativamente diferente de pensar bem, se pensar bem for desconectado de ser bem-sucedido. O jogador que considera muitos aspectos do jogo ou da jogada - mas não todos os aspectos relevantes, talvez pense bem, num sentido frouxo do termo, mas isso é irrelevante se aquilo que ele deixou de considerar o faz realizar escolhas que conduzem cronicamente ao insucesso (como no caso de nosso jogador peladeiro, mais acima), ou ao menos que conduziriam ao insucesso se repetidas em outras situações.

O futebol nos lembra o tempo todo que o que é relevante não é exatamente a inteligência, ao menos quando a tomamos em abstrato. O que é relevante é ser bem-sucedido em campo como fruto de boa execução e de boas escolhas sobre o que envolve a execução. Ser inteligente pode ser um dos aspectos relevantes para tal, mas não é um fim em si mesmo. Colher evidências para tomar decisões em campo pode ser um meio para ser bem-sucedido em campo, mas não é, igualmente, um fim em si mesmo.

O que estamos sugerindo aqui, portanto, é um deslocamento da atenção: no lugar da atenção ao que nós supomos, abstratamente e apenas por hábito intelectual, ser um condutor para o

³² Em *À sombra das chuteiras imortais*, p. 15.

sucesso, deveríamos olhar primariamente para o sucesso em campo para *depois* tentarmos entender o que leva, em cada caso, alguém a ser bem-sucedido em suas escolhas dentro de campo.

Nossa proposta, portanto, é a de um modelo epistemológico de fundo mais tipicamente *externalista*. Nossa proposta anda a par de considerações como as sugeridas por John Greco:

Conhecimento é robustamente normativo, mas esta normatividade não é internalista. Ao contrário, a normatividade epistêmica é de um tipo perfeitamente externalista, e uma que é perfeitamente “natural” em qualquer sentido relevante do termo. Novamente, conhecimento é um tipo de sucesso por habilidade. Pondo de outro modo, conhecimento é um tipo de conquista ou um tipo de sucesso pelo qual o condecorado merece crédito. E, em geral, (sucesso derivado da habilidade (isto é, conquista) tem um valor especial e merece um tipo especial de crédito. Este é um tipo de normatividade de um tipo familiar e onipresente de normatividade. Nós concedemos crédito às pessoas por suas conquistas atléticas, por suas conquistas artísticas e por suas conquistas morais. Nós também concedemos crédito por suas conquistas intelectuais. Normatividade epistêmica é uma instância de um tipo mais geral, familiar (GRECO, 2010, p. 7).

Esta virada externalista redireciona a nossa atenção, da posse de evidências (que continua sendo importante, mas secundariamente importante) para dois novos objetos de atenção: primeiro, para o como um agente (um jogador, no nosso caso) resolve os desafios dentro de campo e segundo, para o como ele articula suas habilidades e os eventos do jogo de modo a ser bem-sucedido.

Craques de diferentes tipos

Um problema com o modelo baseado em Sherlock, como vimos, tem relação com o fato de que ele não descreve bem os eventos aos quais um jogador de futebol se submete³³. Vale acrescentar agora: ele também não descreve bem o modo como jogadores de futebol resolvem os problemas dentro de campo. Isto se deve a um problema relacionado ao tipo de agente: um detetive (ainda mais um detetive idealizado, como Sherlock) é alguém que *assiste* aos eventos de uma posição passiva e imparcial; um jogador *participa ativamente* dos eventos em campo, uma participação que envolve seu próprio corpo (que varia de estado ao longo do jogo), a sensibilidade aos corpos dos adversários e à bola e etc.

Todos estes eventos muito distintos entre si, acontecendo simultaneamente e sendo pro-

³³ John Greco toca no ponto: “A principal objeção contra teorias deontológicas fracas é a de que elas falham ao não captar a etiologia causal da crença. O argumento principal contra as teorias deontológicas fortes é a de que elas dizem coisas demais sobre a etiologia causal. Especificamente, tais teorias requerem que o conhecimento seja governado por regras, enquanto as nossas intuições sobre quais casos contam como conhecimento não sustentam tal tipo de requerimento. Portanto, teorias deontológicas fortes são muito fortes. Em contraste, teorias da virtude dão importância à etiologia causal, requerendo que, em casos de conhecimento, a crença seja um resultado do caráter cognitivo virtuoso. Entretanto, teorias da virtude não precisam requerer que o conhecimento seja governado por regras. Ao contrário, elas podem fazer disto uma questão empírica sobre as bases da virtude intelectual, ao invés de uma questão filosófica sobre as condições para o conhecimento” (GRECO, 2010, p. 45-46). A parte final do excerto está diretamente ligada aos nossos comentários sobre uma inteligência “encarnada” na prática do futebol (ao final desse ensaio).

cessados em alta velocidade parecem exigir uma pluralidade de tratamentos - e não só aquele descrito em termos scherloquianos de processamento de evidência. Muitos destes tratamentos talvez nem estejam disponíveis para a compreensão de um agente (como parece ser demorado por muitas narrativas retrospectivas, quando o jogador afirma que “pressentiu” algo) e talvez não estejam claras inclusive para descrições científicas. O ponto é que isso não deveria impedir atribuições de conhecimento quando a ação é, ao fim das contas, bem-sucedida de modo crônico.

Isso é importante, também, por conta das variedades de “jogar bem” do futebol. Um zagueiro pode saber *que* deve se antecipar ao atacante por caminhos diferentes do saber *que* manifesto pelo meio-campista que decide cadenciar o jogo em determinado momento. Há craques de diferentes tipos no futebol, com saberes-*que* que ligam, por exemplo, a compreensão da tática às características de seus próprios corpos de modos muito distintos. Zidane, Cruyff, Beckenbauer, Pelé, Tostão, Modric, Roberto Carlos, Didi, Pirlo e Garrincha, dentre tantos outros craques notórios, que são ou foram particularmente bons em resolver tipos diferentes de desafios em campo em diferentes momentos de suas carreiras e que talvez tenham feito os ajustes entre seus corpos, os diferentes adversários, as diferentes táticas e etc de modos variados e que não deveriam ser artificialmente unificados em termos de coleta de e resposta às evidências³⁴.

Novamente: craques como Garrincha e Tostão podem ser descritos por apelos a diferentes parcelas de saber *como* e de saber *que*. Enquanto Tostão avaliava que um movimento seu para fora da área abria espaços para Pelé dentro da área, Garrincha (conforme a lenda) ironizava a preocupação de seu técnico perguntando “se ele havia combinado com o outro time” e confiava tanto em suas habilidades físicas que podia reduzir os seus diferentes marcadores ao mesmo “João”.

Craques mais tipicamente descritos em termos de “saber *que*” (craques “cerebrais”) parecem se dar também em enorme variedade de tipos, em diversas posições do campo e ao longo do tempo (o Pelé da Copa de 70 era um jogador muito mais “cerebral” do que o da Copa de 58, por exemplo). Estes craques são todos unidos pelo sucesso em desempenhar suas funções em campo (no ponto aqui, em desempenhar funções mais bem descritas em termos de saber-*que*). Todavia, indicar o sucesso, apenas, parece dizer pouco sobre o que os unifica, sobre porque eles são todos craques, mesmo que em muitos aspectos, diferentes.

Boas escolhas: uma abordagem baseada em virtudes

Como vimos, nós abandonamos o modelo de avaliação baseado em evidências por conta

³⁴ O modelo sherloquiano é um modelo mais tipicamente deontológico, um em que o conhecimento é atribuído quando o agente, naquele caso, “segue as regras” prefixadas do bom exercício de investigação. Veja a nota anterior. Este é um ponto importante para o presente ensaio: um jogador de futebol deve, em alguma medida, seguir o plano tático previamente traçado. Todavia, note que este conjunto de regras (regras de bom comportamento tático) não é capaz de dar conta dos inúmeros ajustes que precisam ser feitos em campo. Mesmo que tenhamos instruções gerais desde fora, estas regras não são suficientemente detalhadas para explicar o bom desempenho em campo, que inclui decisões não previstas em campo. Se algum treinador optasse por escrever um manual de regras táticas, este manual não seria detalhado o suficiente e, enquanto incompleto, permitiria brechas que os adversários poderiam explorar. Futebol é dinâmico demais para ser explicado *apenas* em termos de seguimento de táticas.

do caráter de sua excessiva rigidez. Todavia, ao fazermos isso, caímos em uma lacuna explicativa, que foi resumida na pergunta implícita no encerramento da sessão anterior: o que permite, em algum grau, explicar o que são bons jogadores - ao menos explicar em termos de saber *que*? Se o conhecimento é em algum sentido “amarrado” pelo agente, como entender isso, para além da mera exibição regular de sucesso? Que tipo de traço um bom descobridor de novos talentos poderia procurar observar, a fim de prospectar novos bons jogadores - para além daqueles traços mais tipicamente relacionados ao substrato físico para o saber *como*, tais quais força, velocidade, coordenação motora acima da média?

Um tipo de resposta bastante tradicional no ambiente filosófico tem algo a dizer: uma resposta baseada na noção de *virtude* (de virtude intelectual, no nosso caso).

Comecemos com uma longa citação de um dos principais teóricos da virtude na epistemologia contemporânea, Ernest Sosa:

Todo tipo de coisa pode “performar” bem ou mal quando testada. Agentes racionais o podem, mas também órgãos biológicos, instrumentos manufaturados e mesmo estruturas feitas para cumprir uma dada função, como uma ponte. Uma ponte pode performar bem a sua função como parte da malha de tráfego. Quando um termostato ativa um aquecedor, este pode performar bem enquanto mantém a temperatura ambiente confortável. Quando um coração bate, ele pode performar bem em relação ao ajudar o sangue a circular. E assim por diante.

A flechada de um arqueiro é um bom exemplo. A flechada almeja atingir o alvo e seu sucesso pode ser medido pelo se ela consegue ou não isto, pela sua *acurácia*. Não importa o quanto acurada ela for, há uma dimensão adicional de avaliação: o quanto habilidosa a flechada é, o quanto de habilidade ela manifesta, quanto *hábil* ela é. Entretanto, a flechada poderia atingir o centro do alvo e poderia manifestar grande habilidade enquanto falha em última instância em uma dimensão adicional. Imagine uma flecha desviada por uma lufada de vento inicial, uma que a faria errar o alvo, mas que é corrigida por uma segunda lufada que a coloca de volta no caminho do centro do alvo. Esta flechada é acurada e hábil, mas ela não é acurada devido à habilidade de um modo que manifestaria a habilidade e a competência do arqueiro. Ela falha em uma terceira dimensão da avaliação, além de sua habilidade e acurácia: ela falha em ser apta (SOSA, 2011, p. 3-4, grifo nosso).

Esta passagem ilustra muitas das características do modelo normativo que queremos sugerir para avaliação de um bom jogador de futebol. Ela ajuda a entender porque habilidade é importante, mas sozinha não destaca tudo que deve ser destacado sobre um jogador: exibir habilidades é um indicador importante, mas o é apenas enquanto estas habilidades conduzem ao sucesso esperado (e considere a confusão de senso comum entre mostrar habilidade e ser um craque). As habilidades, aqui, são relevantes dado o fim (a finalidade do movimento, da jogada, da partida ou o que estiver sendo avaliado) em questão; elas não são “estéticas”, tais

como quando o jogador dá um passe “de letra”³⁵.

Todavia, se o esquema habilidade-acurácia-aptidão capta bem um sentido importante de boa performance (que Sosa chama de “conhecimento animal”), mais coisas podem ser desejáveis em performances humanas: aquelas reunidas sob o *julgamento* apto. Este segundo nível de performance (e, paralelamente, o segundo tipo de avaliação a que um agente pode ser submetido) é assim apresentado, no resumo de C. Kelp:

Enquanto Sosa considera uma variedade de categorias psicológicas com fins epistêmicos, seu foco principal está no julgamento (e na crença associada ao julgamento). O julgamento difere de outras categorias psicológicas enquanto tem um fim epistêmico particularmente robusto: o julgamento não almeja apenas a verdade, mas a aptidão. Para que um julgamento seja apto, portanto, mais é requerido do que mera afirmação apta. O que é requerido para um julgamento apto é que ele seja guiado para a aptidão por um tratamento apto do risco. Um julgamento apto é uma afirmação totalmente apta. Por fim, a última tese central da teoria de Sosa é epistemológica em natureza. Eis-la: A Tese Epistemológica (TE) de que Conhecimento Humano é julgamento apto. (KELP, 2020, p. 5096).

Se a idéia de *performance apta* capta aquele desempenho que não exige reflexão (como aquele dos músculos, que por suas características fazem com que o atleta A seja mais rápido do que o B), a idéia de *julgamento apto* capta, como o nome diz, decisões bem-sucedidas (ou seja, aptas - ou “meta-aptas”). Nos termos de Sosa, “O conheededor que julga precisa dispor de uma compreensão de segunda ordem - uma crença ou pressuposição - de que a sua crença de primeira ordem será apta.” (SOSA, 2015y, p. 151). Esse tipo de entendimento de segunda ordem pode ser entendido como um plano, que inclui certos objetivos, ações e crenças orientadas para este objetivo e (o que nos interessa neste momento) julgamentos que coordenam ações, condições para a ação e tais objetivos.

Suponha que ação intencional e apta requeira um conjunto de ações básicas espacotemporalmente situadas tais que as tome (ao menos na prática) como se executando cada uma delas ele obterá o seu fim. E suponha que o agente deva obter o seu objetivo de modo minimamente suficiente realizando cada um dos membros destas ações básicas. Eu me refiro aqui à “suficiência mínima na ação”. Quer dizer, apesar de cada membro do conjunto ser essencial para a suficiência do conjunto, nenhuma ação adicional é requerida para o fim ser satisfeito. A obtenção do fim então constitui-se como um sucesso intencional e em alguma medida apto à medida em

35 A cultura futebolística brasileira, como é bem sabido, valoriza fortemente os aspectos “estéticos” do futebol. Note que o que está sendo defendido aqui não se contrapõe a tal valoração. Primeiro, porque o futebol pode ser valorado não apenas pelos resultados, mas também pelos aspectos mais estéticos. Segundo, porque os aspectos mais estéticos podem ser indicadores de aptidão no futuro - por exemplo, valorar a exibição de habilidade com fins “estéticos” pode servir para fazer com que jovens atletas persigam habilidades que eles podem vir a aplicar de modo apto. Terceiro, porque nada impede que se satisfaça os fins mais diretos (como o de vencer a partida) e os fins mais tipicamente estéticos (como jogar bonito e fazer algumas jogadas de efeito). Quarto, porque a exibição de habilidade “estética” pode ter funções de intimidação: “não tente me marcar porque lhe darei um drible humilhante), e a intimidação pode ter papel na consecução dos fins mais diretos. O que se está afirmando aqui é que são dois tipos de avaliação diferente, e a satisfação de uma pode não implicar na satisfação da outra (ou seja, um time “chato” pode vencer a partida e um time que joga “bonito” pode não vencer a partida, por exemplo).

que ele é um sucesso que manifesta algum grau de competência específica por parte do agente. Adicionalmente, o agente deve possuir um plano ao menos implicitamente em mente, ao menos um plano que possa ser descrito como tal, tal que o objetivo venha a ser obtido sob a guia de tal plano. (SOSA, 2015, p. 159).

A ideia de julgamento, aqui, nos dá subsídios para pensar num tipo importante de bom jogador de futebol: aquele que julga bem. Note que julgar bem é uma exigência constante em um esporte tão complexo quanto o futebol e com uma taxa de sucesso tão baixa para boa parte das ações ofensivas³⁶. O melhor driblador da história do futebol mundial (Ronaldinho Gaúcho ou Garrincha, provavelmente), ao driblar o lateral adversário e obter posição para um passe perfeito, faz uma grande jogada, porque seu drible foi bem-sucedido e porque ele driblou no momento correto. Driblar o meio campista adversário de modo tal que mata o contrataque em vantagem do modo time pode ser esteticamente belo, mas é uma escolha ruim. Driblar o atacante adversário na entrada da própria área é uma insensatez e não deveria ser aplaudido mesmo quando dá certo.

Avaliar o risco (e o eventual benefício) de uma ação inclui uma capacidade de avaliar as próprias competências, as condições em que elas são dadas e a situação em que elas são requeridas³⁷. Tentar driblar alguém quando se está exausto indica uma falha de avaliação em relação às condições em que as habilidades se dão, naquele momento; tentar driblar alguém com um drible nunca antes praticado indica uma falha de avaliação em relação às próprias habilidades; tentar driblar alguém dentro da sua própria defesa indica uma avaliação ruim sobre a situação em que um drible é requerido³⁸.

Não cabe aqui uma descrição mais detalhada das infindáveis combinações destes três aspectos de avaliação, que incluem a percepção de si mesmo, do adversário, das condições (das condições do gramado, da relevância do jogo, do placar em dado momento da partida, do tipo de resultado esperado, etc.). Também não cabe aqui uma investigação sobre a psicologia desses julgamentos (ou seja, do que significa dizer que elas são “reflexivas”). O que é importante lembrar é, primeiro, que o “julgar” aqui não parece ser uma atividade tão dependente de condições físicas quanto ser rápido, ser explosivo e ter boa coordenação motora; segundo que, por outro lado, ele não precisa ser tomado em analogia ao “modelo Sherlock Holmes”. Nós não temos modelos tão firmemente estabelecidos sobre o que é, exatamente, o refletir, mas já temos o suficiente para entender que os processos mais tipicamente reflexivos talvez não sejam tão frequentes e tão dominantes quanto supúnhamos³⁹. Então, vale a prudência

³⁶ Compare os sucessos ofensivos de um jogo de futebol com um de basquete ou de vôlei, por exemplo. Compare a taxa de sucesso em dribles e passes adequadamente completados.

³⁷ Em cada caso algum julgamento sobre o risco apropriado deve ser feito, um que leva em consideração as habilidades (skills), forma (shape) e situação (situation) relevante do ator (SOSA, 2015, p. 160).

³⁸ Claro, um drible na própria defesa pode ser a melhor escolha, em alguma dada circunstância. Tipicamente, porém, não se deveria, tendo outras opções, escolher por driblar, dado o alto risco de oferecer um gol para o adversário.

³⁹ Bons lembretes sobre este ponto podem ser encontrados em Kahneman (2011) e em Kornblith (2012).

de lembrar que o modelo sherloquiano não deveria dominar nosso modo de olhar para performances que incluem julgamentos.

Considerações finais

Jogar “bem” é, portanto, realizar repetidas performances em campo com um grau de sucesso apropriado⁴⁰. Para tal, como vimos, jogadores e jogadoras precisam satisfazer demandas físicas (e psicológicas) que permitam realizar tais performances. Uma pessoa acamada não pode, enquanto estiver acamada, jogar bem, obviamente. O autor deste ensaio, que neste momento já passa das cinco décadas de vida, não conseguirá, certamente, jogar bem numa partida profissional, igualmente. Nos dois casos, os substratos físicos para a performance não se dão.

Entender as características deste substrato físico interessa certamente à comunidade do futebol e a Filosofia tem pouco a dizer sobre isso⁴¹. Todavia, a Filosofia tem a dizer sobre capacidades além da posse do substrato. Nossa ensaio explorou um destes tópicos para além do substrato físico e psicológico: *a capacidade de julgamento sobre a própria ação*. Procuramos oferecer ao leitor um modelo que pudesse explicar o lugar e a importância desta capacidade numa partida de futebol.

Nossa abordagem, centrada na noção de *virtude intelectual*, permite (1) fornecer vocabulário que ajude a descrever melhor o tipo de craque que é craque por conta de seus julgamentos e ações (um que entende e avalia os fins de um movimento em campo, que avalia as condições em que uma jogada é realizada e que, mais do que a média, toma as decisões apropriadas a partir daí). Este modelo pode (2) abrir as portas para um modelo de formação de jogadores ao colocar *pari passu*, por exemplo, propriedades internas do jogador (a inteligência, em abstrato) e as performances em campo - por exemplo, premiando boas escolhas em um treinamento.

Um jogador ganha quando ele é “inteligente”, mas a inteligência precisa ser exercida em campo, não em abstrato. O modelo aqui proposto, centrado em performance, permite mais apropriadamente que esta inteligência seja mais bem entendida de modo encarnado. O vocabulário de virtudes ajuda a organizar a educação e a busca desta inteligência encarnada. Num nível mais básico, podemos identificar a exibição das boas escolhas, apenas. Podemos, também, incentivar e valorizar as boas escolhas de jogadores em campo, assim como valorizamos o drible e o passe. Podemos criar situações de treinamento que exijam boas escolhas e podemos convidar os atletas a pensar retroativamente sobre suas escolhas.

Uma pedagogia do exercício de escolhas meta-aptas não cabe neste ensaio. Todavia, esta
40 Esse grau “apropriado” depende do contexto de avaliação, claro. Jogar bem no futebol amador é, obviamente, diferente de jogar bem num campeonato mediano e de jogar bem regularmente no campeonato mais disputado do mundo. Jogar bem é, também, gradual: alguém pode jogar bem hoje, mas pior do que ontem ou jogar bem, mas pior do que um adversário e etc.

41 Entender este substrato físico em detalhes pode ajudar a diminuir a necessidade de craques capazes de tomar decisões em relação a situações inesperadas, ou seja, podem diminuir o espaço para o improviso. Nos termos que exploramos aqui, isso poderia ser explicado em termos de uma transferência do espaço das decisões para fora do campo - ou seja, para a comissão técnica. O quanto isso elimina o espaço para as decisões dos jogadores em campo é assunto que não cabe aqui - assim como não cabe uma avaliação sobre os impactos disso para os rumos do futebol, como esporte e como espetáculo. Uma primeira aproximação à esta discussão pode ser encontrada no documentário “The Number Game - How Data is Changing Football” (disponível no YouTube).

pedagogia, em diálogo com a Psicologia e com as disciplinas mais associadas ao desempenho físico, pode ajudar pelo menos a entender que, assim como o desenvolvimento físico e motor, este tipo de caráter virtuoso em campo leva tempo para ser amadurecido, mas pode ser melhorado com auxílio externo.

Referências

- CSIKSZENTMIHALYI, M., 2013, *Flow: The psychology of optimal experience*. New York, NY: Random House.
- FRIDLAND, Ellen e PAVESE, Carlotta (eds.), 2020, *The Routledge Handbook of Philosophy of Skill And Expertise*, New York: Routledge.
- GRECO, John, 2000, *Putting Skeptics in Their Place: The Nature of Skeptical Arguments and their Role in Philosophical Inquiry*, New York: Cambridge University Press.
- _____, 2010, *Achieving Knowledge: A Virtue-Theoretic Account of Epistemic Normativity*, Cambridge: Cambridge University Press.
- GETTIER, Edmund, “Is Justified True Belief Knowledge”, *Analysis* 23 (1963): 121-123.
- KAHNEMAN, Daniel, 2011. *Thinking, fast and slow*. London: Penguin Books.
- KELP, C., “The epistemology of Ernest Sosa: an introduction”. *Synthese* (2020) 197:5093–5100.
- KORNBLITH, Hilary, 2012, *On Reflection*. Oxford: Oxford UP.
- LUZ, Alexandre Meyer, 2013, *Conhecimento e Justificação: problemas de epistemologia contemporânea*. Editora: NEPFil online.
- _____, 2023, “Os Corpos Em Luta: Aspectos Epistemológicos da Prática de Artes Marciais”. *Revista Científica de Artes/FAP* . vol. 28 no. 1. jan - jun, ISSN: 1980-5071 , Curitiba
- RODRIGUES, Nelson. 1993. *À sombra das chuteiras imortais*, Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- RYLE, G., 2000, “Knowing How and Knowing That”, in: RYLE, G., *Collected Papers, Volume 2*. New York, Routledge.
- SOSA, Ernest, 1991, *Knowledge in Perspective*, Cambridge: Cambridge University Press.
- _____, 2007, *Apt Belief and Reflective Knowledge, Volume 1: A Virtue Epistemology*, Oxford: Oxford University Press.

_____, 2009, *Apt Belief and Reflective Knowledge, Volume II: Reflective Knowledge*, Oxford: Oxford University Press.

_____, 2015, *Judgment and agency*. Oxford: Oxford University Press.

_____, 2021, *Epistemic Explanations: A Theory of Telic Normativity, and What it Explains*, Oxford: Oxford University Press.

STANLEY, Jason, 2011, *Know How*, Oxford: Oxford University Press.

STEUP, Matthias; NETA, Ran, “Epistemology”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/epistemology/>>.

WILLIAMSON, Timothy, 2000, *Knowledge and Its Limits*, Oxford: Oxford University Press.

_____, 2001, “Knowing how”. *The Journal of Philosophy*. 97:411–44.

GESTÃO POR COMPETÊNCIAS – UMA QUESTÃO DE LIDERANÇA NO FUTEBOL

Felipe Santos

Cenário esportivo

De acordo com o Ministério do Esporte (2015), o futebol e o futsal estão entre os dez esportes mais praticados no Brasil. Se levarmos em consideração o futebol como um dos esportes coletivos mais populares praticados no mundo (FIFA), sob uma perspectiva comportamental, não é difícil compreender que o coletivo exerce influência mútua na atuação do gestor/líder. Pondera-se, ainda, que existe uma agressividade naturalmente maximizada na tratativa entre jogadores, pelo contato físico, para evidenciar a disposição atlética (física e psíquica) que também influencia diretamente no comportamento do atleta e de seus pares, dentro e fora de campo.

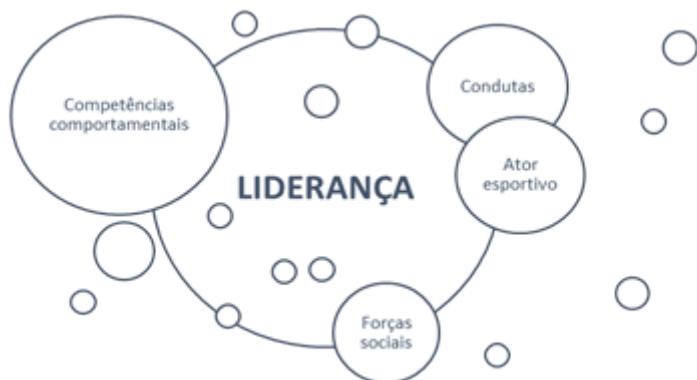
Diante desse cenário, não é exagero afirmar que o poder de influência do futebol vai muito além das quatro linhas, sobretudo restrito às organizações. O universo esportivo, em especial no mundo do futebol, como um ambiente extremamente competitivo, fatores individuais, coletivos e forças sociais de natureza interna e externa estão presentes interferindo no êxito das equipes (Figura 1). O futebol, parece ter se transformado num fenômeno social com características próximas das celebrações religiosas. Tensões emocionais se descarregam numa partida de futebol. A torcida canta, reverencia ídolos, símbolos e cores dos seus times, choram e rezam como se estivessem num templo ou santuário. Em contrapartida, xingam e ofendem seus adversários, menosprezam decisões contrárias, como cangaceiros e delinquentes. A conduta da maioria das pessoas aparece como resposta a estímulos provocados dentro de uma partida de futebol ou aprendidas através de participação na vida social, direta ou indiretamente, seja dentro ou fora de um estádio. O jogo, por si só, promove uma interação intensa, um sentimento de anonimato e uma diminuição das inibições que por vezes extrapolam um padrão de conduta condizente com o grupo, induzindo a agressividade e a violência. O preconceito e a generalização são as forças sociais que mais atrapalham na relação entre ator esportivo, atleta e público em geral, prejudicando a percepção e o comportamento das pessoas envolvidas nesse universo. Constitui-se que a segregação no futebol é ativa e operativa, já enraizada no imaginário social. Um estigma que persiste oculto, porém, que se externa nos momentos tempestuosos e de euforia de uma partida de futebol, potencializada pela crítica veiculada e pelas narrativas da

mídia na reprodução das condutas esportivas.

A nova Lei Geral do Esporte (LGE) traz avanço em questões de governança, integridade, protegendo direitos humanos e prevê rigor em casos de preconceito e corrupção, bem como para condutas discriminatórias, racistas, xenofóbicas, homofóbicas, transfóbicas, entre outras, dando força aos princípios morais e éticos. A realidade do mercado do futebol não pode estar separada de valores inegociáveis como liberdade, igualdade, honestidade, respeito, educação e justiça. Existe a pretensão do governo em criar agência para regular o que chamariam de “integridade esportiva”, que incluiria violência, discriminação, doping, apostas, entre outros, tendo como componente referencial os problemas evidenciados nos estádios de futebol. O fator interveniente vai de encontro à centralização das tomadas de decisão, ou seja, qual órgão (ou quais) teriam competência.

A liderança apresenta características diferentes quando está em órbita com ambientes onde a mudança é acelerada e intensa, como no esporte de alto rendimento, a exemplo do futebol. O esporte é uma prática de liderança, o atleta é um líder em exercício, portanto, dita comportamentos para toda sociedade. Na esfera do futebol, a liderança se maximiza como um ponto central, devido às adversidades a que essa fração é submetida, e principalmente, pela adjacência entre gestores, líderes, pares e espectadores.

Figura 1: Universo Esportivo.



Fonte: Conduta Físico-Postural e Comportamental, (SANTOS, 2023).

A gestão do esporte ainda pode ser considerada uma área de investigação acadêmica recente, atualmente fomentada por um paradoxo intrigante que torna a gestão do futebol um campo atrativo para ser estudado: a gestão de negócios concorrente à gestão de pessoas. Infelizmente, no Brasil, tudo que se refere à gestão do esporte tende a ser tratado por marketing esportivo. Entretanto, marketing e gestão são conceitos diferentes. Gestão - foco no ambiente interno da organização, em contrapartida; Marketing - foco no ambiente externo da orga-

nização. Basicamente, o papel do gestor é transformar um talento específico de uma pessoa em desempenho. O esporte sendo algo cultural, está atrelado a paixão e entretenimento de um povo ou local e por isso move toda uma indústria que trabalha para que possa acontecer. Existe uma linha tênue no futebol entre cultura e negócios. O futebol é o único esporte que consegue conjugar uma sinergia tão forte entre aspectos sociais, econômicos e culturais de magnitude global. Na atualidade, os negócios vêm engolindo a cultura. As interpretações se confundem, pelo movimento de cifras monumentais que transformou o futebol num negócio altamente lucrativo, levando em consideração os direitos de transmissão, transferências de jogadores, publicidade, ganhos com ingressos, alimentos e bebidas e produtos licenciados da agremiação, entre outros; bem como, clube social e esportes amadores, além de outras receitas indiretas.

Comparar o futebol de hoje e o futebol de ontem é um erro. Décadas atrás a mídia impressa era a que ocupava maior cobertura na área esportiva. Atualmente, o bombardeio de informações, municia em velocidade imensurável o arcabouço das mídias disponíveis, como: Mídia TV, Mídia externa, Mídia internet, Mídia jornal, Mídia revista, Mídia rádio e no tempo presente, as Mídias sociais, com um alcance é inquestionável, seja a publicidade do tipo paga, espontânea ou própria. O futebol ocupa um lugar privilegiado nas notícias veiculadas. Durante todo o ano, o calendário esportivo é repleto de competições que envolvem o país inteiro, como os campeonatos estaduais, Brasileirão, Libertadores, Copa do Brasil, Copa Sul-Americana, entre outros campeonatos, sobretudo as eliminatórias de copa do mundo e; as Copas do Mundo propriamente ditas, masculina e feminina, que ganham mais força, reavivando o imaginário social. Futebol, tal como a sociedade e a própria vida humana, é um processo sem fim. Não se restringe às competências tática, técnica e física, mas segue uma evolução para o desenvolvimento de competências comportamentais. Atletas são verdadeiros influenciadores que trazem milhares de fãs e receitas. No Brasil, o futebol é uma questão nacional, e a gestão, uma questão de liderança.

Gestão por competências

Diante das transformações evidentes no universo esportivo, decorrentes da potencialização da competitividade, avanços tecnológicos e conversões nas estruturas dos clubes de futebol, as instituições têm sido desafiadas constantemente a modernizar seus sistemas de gerenciamento e apresentar respostas inovadoras e dinâmicas em seus modelos de gestão de pessoas numa busca contínua no aprimoramento do desempenho.

Os indivíduos e suas competências passam a ser enfatizados como elementos centrais de diferenciação estratégica, uma vez que a base tecnológica é cada vez menos fonte de vantagem competitiva sustentável. As organizações concorrem entre si, e se veem compelidas a competir

por um recurso elevado à condição de mais importante entre todos: a competência humana. (PRAHALAD, 1990, p. 79-81).

Autores como Carbone e Rufatto (2006), definem a Gestão por Competências como um importante sistema de informações estratégicas sobre as competências necessárias e as existentes na instituição, que orienta as ações de desenvolvimento profissional e organizacional na direção correta. Quando se fala em ações, veja pelo lado atitudinal, ou seja, a conduta humana, a questão comportamental do ator esportivo, do jogador(a) de futebol, diante de situações que colocam à prova, atributos de liderança percebidos e observados pelas organizações, pelo mercado e pela sociedade em geral.

Quadro 1 – A noção de competências.

Modelo	Competência	Aplicabilidade	Representantes
Corrente Americana	Conjunto de qualificações (conhecimento, habilidades e atitudes) que permitem à pessoa realizar determinado trabalho ou lidar com uma determinada situação, expressos por comportamentos que identificam desempenhos esperados.	Favorece a capacitação dos indivíduos ao identificar comportamentos desejáveis como preditivos de desempenho, passíveis de treinamento.	McClelland (1973) Gilbert (1978) Boyatzis (1982)
Integrado (2000 em diante)	Combinações sinérgicas de conhecimentos, habilidades e atitudes – expressas pelo desempenho profissional dentro de determinado contexto organizacional – que adicionam valor a pessoas e organizações na medida em que contribuem para consecução de objetivos organizacionais e expressam o reconhecimento social sobre a capacidade das pessoas.	Consolidada as práticas de gestão por competências como resposta fundamental às necessidades de modernização das organizações. Vincula a competência ao contexto ao que é expressa, e aos resultados esperados naquele contexto. Permite a proposição de perfis ocupacionais dinâmicos que facilitam o gerenciamento das competências. Utiliza referências de desempenho baseadas em evidências comportamentais estabelecendo preditivos que favorecem o acompanhamento e o <i>feedback</i> . Coloca-se como referência objetiva para implantação de modelos meritocráticos.	Gonczi (1999) Hselid (1995) Carbone e colaboradores (2009) Brandão (2009, 2012) Ployhart e Moliterno (2011) Carbone (2012)

Fonte: adaptado FGV Management, 2016.

A perspectiva é que a pessoa passa a ser vista como um agente do conhecimento. O conhecimento visto como parte integrante deste agente é distribuído em diversas áreas das organizações, passa a ser percebido como um diferencial competitivo. Este conhecimento detido é armazenado nas organizações no cotidiano pelas práticas rotineiras. Tudo isso, orienta o

ator esportivo na capacidade de avaliar e incorporar experiências, transformando dados e informações em conhecimento aplicável e, com isso, solucionando problemas, aumentando desempenho e gerando resultados.

O papel da gestão de pessoas perdurou, durante os sistemas de produção até as últimas décadas, como os exemplos citados no quadro 2. Logo após ganhou força a teoria do capital humano e por conseguinte, a governança de pessoas.

Quadro 2 – Evolução do papel da gestão de pessoas.

ORIGEM/MODELO	LÓGICA DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL
Japão 1950	Capacitação para o desenvolvimento de competências comportamentais, como o trabalho em equipe e gestão participativa.
Inglaterra 1950	Treinamento orientado para o desenvolvimento de competências comportamentais relacionadas ao trabalho em equipe e gestão participativa.
Noruega 1980	Ênfase em competências comportamentais que viabilizem o trabalho em equipe colaborativo.
USA 2000	Incentivo ao desenvolvimento de novas competências comportamentais vinculadas ao autodidatismo, autodesenvolvimento de múltiplas competências.

Fonte: adaptado, FGV Management, 2016.

A meritocracia é o que reforça o modelo de gestão por competências, causando alto impacto nos resultados das organizações. As novas disciplinas, no campo das teorias, surgem na década de 1980, como por exemplo, a teoria da competição baseada em competências, que defende as competências essenciais e confere vantagem competitiva natural, o que contribui para uma melhor compreensão da formação e do desenvolvimento do jogador(a) de futebol e da equipe como um todo.

Atleta competente

O esporte se apresenta como um relevante instrumento na vida social, gera sensação de pertencimento e colabora para a consolidação de uma identidade nacional. O jogador(a) de futebol moderno é percebido e reconhecido pelo autodesenvolvimento de múltiplas competências.

A expressão: “Não é só futebol” faz todo sentido. O futebol extrapola as barreiras meramente esportivas, o que transcende o relacionamento afetivo pela necessidade de desenvolver maior sentido de empatia, de tolerância, de solidariedade e união no ambiente coletivo.

Atletas competentes reúnem competências físicas, técnicas, esportivas e, sobretudo, com-

portamentais, que se interrelacionam, além da capacidade de liderança, que podem ser desenvolvidas ao longo do tempo, com experiências vividas e treinamentos específicos.

A *competência física* está atrelada à atitude, ao nível de disposição e vigor físico estratégico no uso da energia vital. A higidez física é a característica que se destaca em um jogador(a) de futebol competente. Um(a) jogador(a) forte e com boa postura corporal, que se apresenta em bom estado de saúde físico e mental, não se lesionava facilmente. A impressão que se tem é que jogadores(as) com essa competência são menos suscetíveis a doença, apatia e lesão que demais atletas da equipe. Analisando um time, é possível identificar jogadores(as) com altos índices de energia, que se sentem satisfeitos(as) em atuar em jogos decisivos, suportando situações mais extenuantes e aqueles(as) mais lentos(as), calmos(as) e altamente concentrados(as), ambos com controle de movimentos, de estado de tensão e da resistência ao jogo e, acima de tudo, do estresse mental evidenciado pelos seus pares e emanados pela torcida. Jogadores a nível de seleção, foram reconhecidos mundialmente pela competência física, como o Hulk, que atuou pela seleção brasileira em 2014, o apelido, aliás, não é à toa. Outros jogadores ganharam destaque como o Adama Traoré do Wolverhampton, com uma potência física que impressionava, considerado um dos jogadores mais fortes do mundo e admirado pelos companheiros; Adebayo Akinfenwa, atacante inglês, bastante conhecido pelo peso acima do normal (102kg), no entanto, isso se transformava em força física na hora da bola rolando; Romelu Lukaku, um dos melhores atacantes no futebol mundial, com 1,91m e 93kg, a cada partida na Inter de Milão, chamava mais atenção; Wes Morgan, zagueiro do Leicester, zagueiro inglês, dificilmente superado no corpo a corpo, não tinha empecilho para se destacar nos duelos contra os atacantes rivais; Virgil van Dijk, zagueiro holandês do Liverpool, veloz, alto e forte, uma verdadeira muralha com poucos atacantes capazes de superá-lo; Luís Suárez, uruguaião que está entre os atacantes mais mortais do planeta, com uma força surreal e briga pela bola como se fosse por um prato de comida. Entre as mulheres podemos destacar a Lucy Bronze, dona do título de melhor jogadora do mundo em 2020, atuando como zagueira no Barcelona e na Seleção da Inglaterra.

A *competência técnica* é o conhecimento específico sobre o jogo propriamente dito, as habilidades aprendidas e desenvolvidas no processo e sobre o trabalho que deve ser realizado numa partida de futebol. A técnica, como condição mínima para a atuação profissional e esportiva, tem como base o costume adquirido na formação ou familiaridade com a modalidade. Deve estar estreitamente ligada à posição ou função exercida dentro de campo e, atribuição dentro de uma partida. Ao se tratar da técnica, basta pegar como exemplo a lista dos “Top 50 melhores” da FIFA, que veremos jogadores(as) que se destacam pelos seus dribles e habilidades com a bola. A lista mistura craques consagrados e estrelas no auge do rendimento em campo. A técnica, diferente do talento, não nasce com a pessoa. Ela deve ser aprendida, executada e praticada. Talento é uma aptidão inata de determinado indivíduo, isto é, uma capacidade natural para uma atividade específica. Podemos pegar como exemplos de talento e da técnica, jogadores como os saudosos: “Rei Pelé” e Maradona, o Ronaldinho Gaúcho, o Falcão do futsal e, os

espetaculares: Ronaldo fenômeno, Leonel Messi e Cristiano Ronaldo, respectivamente.

A *Competência esportiva* são os conhecimentos, habilidades e atitudes que estimulam o atleta para um condicionamento físico e comportamental que facilite o desenvolvimento de conteúdos conceituais e procedimentais atinentes a apresentação pessoal, postura, conduta e higiene física, de tal modo que estes aspectos influenciem positivamente no exercício da liderança, sobretudo em fases de competição. A Conduta Físico-Postural e Comportamental é um método que melhor se apresenta para determinar uma competência esportiva (SANTOS, 2023). O emprego de técnicas de reforçamento social, material, atividades e mudança de ambiente, modificam o comportamento do jogador(a) e são capazes de alterar de forma positiva a motivação do atleta, agregando valor às recompensas, usando a meritocracia. Situações que manifestam o desejo ímpeto do atleta a fazer algo fora de puro interesse, é uma forma de estabelecer um propósito para um atleta que por vezes se encontra desmotivado. Alguns atletas chamam a atenção pelo perfil de liderança que apresentam dentro e fora de campo. Quando se descobrem com determinadas características, muitos jogadores cogitam a possibilidade de virar técnico. Iniesta, ídolo do Barcelona e campeão do mundo com a Espanha em 2010, o meia, um dos líderes do elenco que conquistou o mundo sob o comando de Pep Guardiola, seria uma ótima opção de treinador. Capitão do Real Madrid e da Seleção Espanhola, o zagueiro Sergio Ramos se destaca pelo seu perfil de liderança e se tornou símbolo do “madridismo”. Rival de Sérgio Ramos em campo, o zagueiro Pique, do Barcelona, é o símbolo de liderança no vestiário do time catalão. Líder no Real Madrid, Juventus e na seleção de Portugal, o atacante Cristiano Ronaldo é um dos jogadores que mais se destacam no mundo pelo perfil de liderança e comprometimento. O foco e a determinação do camisa 7 pela evolução e vitória é algo importante para um treinador. Ídolo da Juventus e campeão do mundo em 2006, o goleiro Buffon sempre foi símbolo de exemplo e liderança. O centroavante Ibrahimovic, embora sua preferência seja o ramo de agenciar jogadores, tem perfil de treinador para o futuro. O lateral-esquerdo Filipe Luís já declarou que pretende seguir a carreira de técnico no futuro, bem como o meia Diego Ribas (flamengo). Uma vasta gama de jogadores com ótimos exemplos futebolísticos de esportistas nos clubes por onde passam. Existem vários outros nomes, como: Franz Beckenbauer, Megan Rapinoe, Sir Alex Ferguson, Paulo Machado de Carvalho e demasiadamente criticado Dunga, que dentro de campo servia de espelho como profissional aguerrido e líder nato, não obteve o mesmo sucesso quando na função de mando (chefia), reforçando e defendendo a ideia (teoria) da liderança situacional. Entre outros, com perfis favorecidos no futebol. Muitos nomes, claramente, deixaram de ser citados. Não tem como nomear todos os principais líderes do futebol, mas, com certeza, um dos citados poderá lhe inspirar profissionalmente.

A *Competência Comportamental* refere-se aos hábitos e atitudes de um jogador (a) de futebol, que podem ser adquiridos ao longo da vida profissional ou pessoal. Tem íntima relação com o caráter, que é a parte mais visível da personalidade, somado o temperamento, quando reage de maneira particular ao meio ou a situações distintas de forma introvertida

ou extrovertida. Cada jogador(a) traz uma personalidade única para a equipe, e certos perfis de personalidade podem ter mais sucesso em uma posição do que em outra. Como exemplo, trago um nome bastante conhecido mundialmente, pela questão comportamental sempre em evidência: o Neymar, que misturou esporte e causas importantes de humanidade. Neymar passou de crítica a protagonista em cena de racismo, em um jogo disputado pelo campeonato francês. Ele sempre muito cobrado para ter uma representatividade maior na causa, criou uma campanha para que o VAR fosse utilizado para observar cenas do tipo nos jogos de futebol. O jogador brasileiro que é uma das celebridades mais seguidas nas redes sociais com mais de 140 milhões de fãs, fez posts em que repudia esse tipo de atitude e fez duras críticas à arbitragem. Com sua nova ideia sobre o VAR, Neymar pode contribuir bastante para que o futebol seja menos racista e ajudar a identificar agressores também pelas torcidas. A jogadora Marta, maior artilheira da história do Brasil entre homens e mulheres, é também defensora dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e embaixadora da ONU Mulheres. Durante os Jogos Olímpicos de Tóquio, Marta manteve a mensagem de igualdade no esporte que vai além de dinheiro. A craque brasileira luta para que todas as jogadoras relevantes recebam um valor justo de marcas patrocinadoras.

Atitudes de grandes jogadores são importantes em causas sociais, com a influência que eles têm alcançado lideranças e mudado paradigmas.

O “x” da questão

A competência comportamental deve receber lugar de destaque no mundo do futebol. Líderes competentes em todos os níveis da estrutura, favorecem a percepção das características individuais e coletivas dos integrantes de uma equipe. Valorizar essas pessoas viabiliza resultados pessoais e organizacionais, entregando performance, rendimento e competitividade.

O contraste entre o clima social corporativo e o de uma equipe de alto rendimento é um contrassenso, quando se fala em resultados. Para um diagnóstico do ambiente vivido no clube e identificação de planos de ação para aumentar a satisfação e produtividade dos atores esportivos, é sutilmente diferente para o futebolista, que precisa, de forma aguda e imediata, entregar performance e rendimento. Porém, quando se fala em gestão, diversas questões se inter-relacionam, como por exemplo, a estrutura organizacional e controle de pessoal. O que se chama a atenção, é que gestão de grupo é uma questão comportamental, onde é preciso saber diferenciar a hierarquia (como um cargo/chefia), da liderança (como um poder de influência e proeminência sobre seus pares). Utopia, no sentido do que se espera, é um atleta com a compostura de um gestor, e um gestor com uma postura de atleta.

A cercania entre corpo e mente se potencializa no futebol pela codependência no resultado. Uma condição específica de âmbito psicológico, comportamental e emocional, que se caracteriza por uma dependência excessiva dos atores futebolísticos, maximizado no atleta/jogador, causando um desgaste físico e mental inevitável, o que traduz suas carreiras de curta

duração.

No esporte, tudo é uma questão de liderança. O esporte é uma prática de liderança, o atleta é um líder em exercício. No futebol, sobremaneira a liderança se manifesta em toda estrutura. Um universo essencialmente competitivo, em conformidade com negócios, de mudanças rápidas e contínuas, demanda de inovação, e uso intensivo do conhecimento, torna um ambiente dependente de um eixo central que é a gestão de pessoas e, como alicerce, a liderança. De forma geral, isso é inerente ao cenário das organizações contemporâneas e uma realidade inquestionável no mundo dos negócios. Não existe inovação sem a participação de pessoas. Estas questões impõem que o líder se mantenha atualizado, em sintonia com o ambiente interno e externo, em um estado de escuta ativa permanente, com flexibilidade, tolerância ao erro de aprendizagem e abandono do olhar acostumado, ou seja, buscando uma zona de conforto sem estacionar na mesma. O conceito de liderança que melhor se aplica aqui, é como uma força capaz de impulsionar pessoas para concretização de seus objetivos e a obtenção de resultados. Em última instância, é o líder que responde pelos resultados da equipe. Essa afirmação traz à tona o seguinte questionamento: Como poderá alguém responder pelo desempenho de toda uma equipe? A marca da liderança deve estar presente como referência e estímulo aos membros do grupo. A estratégia eficaz é investir na formação de novos líderes. A liderança pode ser treinada, mas de nada adianta aprender e treinar os comportamentos corretos para cada situação se a pessoa não estiver emocionalmente pronta para liderar. Isso pode estar ao alcance de qualquer pessoa que possua habilidades de liderança e que esteja disposta a se esforçar para isso. Portanto, mesmo que um membro do grupo não se sinta capaz, é possível identificar (quadro 3) e melhorar sua liderança e desenvolver sua influência sobre as pessoas à sua volta, dentro da instituição, e perante a equipe. Elencar competências dos líderes do grupo e avaliar a percepção do desempenho da liderança não é um método novo. Neste contexto, cada vez mais os futebolistas precisarão ser competentes e estar comprometidos com o grupo.

Quadro 3 - Descrição das competências na avaliação de desempenho da liderança.

ADAPTABILIDADE	A) É capaz de ajustar-se com facilidade às mudanças de ambiente físico e social, mostrando-se capaz de rever ou alterar suas opiniões e convicções diante de novas informações afetas ao exercício da liderança.
	B) Enfrenta com tranquilidade as diferentes atividades e/ou situações da rotina e aclimatação, sobretudo em ambientes inflexíveis.
INICIATIVA	A) É capaz de empreender voluntária e prontamente uma ação, em tempo hábil e compatível com à urgência da tarefa, sem a necessidade de ordem ou cobrança.
	B) Age espontaneamente com energia e vigor, frente à uma demanda ou problema, a fim de contribuir para melhor execução das tarefas.

COMUNICAÇÃO	A) É capaz de transmitir e receber informações faladas, escritas ou visuais de forma clara e objetiva, com entendimento entre os envolvidos facilitando a divulgação e compreensão de tarefas. B) Argumenta alto e bom som e de forma convincente idéias e posições.
DISCRIÇÃO	A) É capaz de manter reservada entre si e sua equipe assuntos ou fatos que não devam ser do conhecimento público. B) Discerne entre o certo e o errado dentro de sua esfera de ação, enquanto líder e/ou liderado.
TRABALHO EM EQUIPE	A) É capaz de trabalhar em conjunto com os outros membros do grupo, demonstrando valores de cooperação para o alcance dos objetivos, promovendo um ambiente harmonioso e colaborativo. B) Compartilha com o grupo experiências profissionais e conhecimentos e habilidades práticas que influenciam no desenvolvimento de tarefas.
LIDERANÇA	A) É capaz de influenciar pares para se dedicarem no cumprimento das tarefas, promovendo o desenvolvimento pessoal e organizacional. B) Demonstra segurança na execução das tarefas, inclusive em situações inesperadas, promovendo um clima de confiança no grupo.
RELACIONAMENTO	A) É capaz de interagir empática e respeitosamente, mesmo em situações adversas, sob pressão ou de estresse intenso, mantendo um ambiente organizacional agradável e unido. B) É cortês, tratando todos sem distinção de gênero, etnia, credo e religião.
MOTIVAÇÃO	A) É capaz de estimular a equipe no alcance das metas e cumprimento das tarefas, superando as dificuldades e situações inopinadas. B) Demonstra entusiasmo e energia na execução das tarefas, incentivando os demais na busca de soluções para problemas recorrentes.
ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO	A) É capaz de planejar ações, organizar ambiente ou equipe de forma a priorizar a sequência necessária ou forma de execução das tarefas, visando atingir os objetivos previstos. B) Distribui, de forma clara e precisa, as tarefas entre os membros do grupo, direcionando ações para o alcance de objetivos, sem perda de tempo ou desvio para outros interesses.
RESISTÊNCIA	A) Compreende o sentido da inserção de novos conceitos (positivos e eficazes) no contexto ao qual pertence, mesmo que não faça parte da cultura e/ou tradição organizacional, com as quais está habituado a conviver. B) Resiste as influências negativas que assolam o seu crescimento professional, suporta dificuldades, grandes esforços por longo período.

TOMADA DE DECISÃO	A) É capaz de analisar riscos, oportunidades e as variáveis envolvidas em uma tarefa, visando escolher a alternativa mais adequada para a solução do problema dentro do prazo estimado e de acordo com as normas vigentes. B) Rígido e assertivo nas tomadas de decisões.
CRIATIVIDADE	A) É capaz de propor novas idéias, viáveis e adequadas, para a solução de problemas, situações inopinadas e impasses. B) Apresenta alternativas diferenciadas para melhorar a execução das tarefas.
COMPROMETIMENTO	A) É capaz de desenvolver alto grau de compromisso com as tarefas, de modo a tomar as providências necessárias para atingir os resultados previstos, dedicando-se para elas <i>de corpo e alma</i> , mesmo que pareçam triviais. B) Realiza as tarefas junto com os liderados com dedicação e empenho, visando o cumprimento da missão.
CORAGEM	A) É capaz de defender o correto e o justo, ainda que com prejuízo pessoal. B) Assume tanto os acertos como os erros cometidos por si ou pelo grupo, tornando-se responsável por suas ações, mesmo que com risco evidente da integridade pessoal ou física.
ZELO	A) É capaz de preocupar-se ao lidar com projetos, tarefas, objetos, máquinas ou equipamentos, com o fim de evitar o desperdício de recursos ou danos materiais. B) É cuidadoso com a sua imagem e se preocupa com a sua forma física e/ou condicionamento físico.
PERSISTÊNCIA	A) É capaz de insistir na execução das tarefas, enfrentando as condições adversas com intenção determinada, até a consecução do objetivo. B) Busca, constantemente, alternativas para que as tarefas sejam cumpridas, nos momentos de dificuldades ou desafios.
FLEXIBILIDADE	A) É capaz de rever ou alterar suas opiniões e conceitos em face de novos dados, idéias ou pontos de vista. B) Aceita opiniões e sugestões que contribuam para melhora da execução das tarefas.
RESPONSABILIDADE	A) É capaz de aceitar, assumir e enfrentar as consequências de suas atitudes, decisões e ações. B) Cumpre com rigor as obrigações do cotidiano, participando aos seus superiores o desenvolvimento das atividades.
CONTROLE	A) É capaz de dominar e direcionar suas reações emocionais, mesmo frente a situações adversas, mantendo controle para decidir e agir adequadamente. B) Age com coerência na execução de tarefas/procedimentos em situações de emergência, risco iminente ou de forte estresse.

CULTURA DE SEGURANÇA	A) É capaz de internalizar a mentalidade de segurança, empregando as normas e medidas preventivas, já previstas na cultura institucional.
	B) É proativo às situações de risco que possam comprometer a segurança pessoal e material, sobretudo, quando nas atividades práticas.

Figura 1 – Variáveis de despesa com o departamento de futebol amador, atletas profissionais contratados e receitas dos direitos federativos dos clubes analisados.

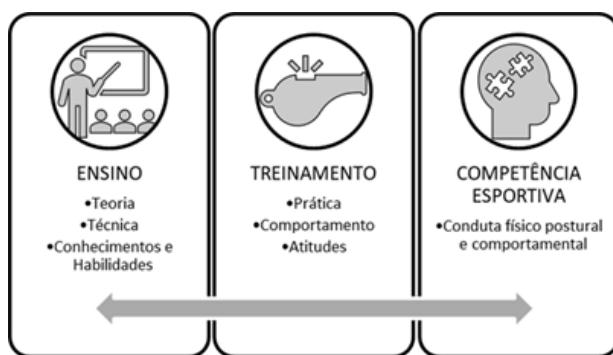
O desafio será suprir uma demanda de inovação, que é desenvolver competências essenciais para que todos sejam líderes naquilo que fazem. Para efeito dessas competências, efetivamente o ideal é esclarecer quais são as competências essenciais para o objetivo proposto, identificar tais competências que apoiam esse objetivo, construí-las e/ou reforçá-las, cultivar uma mentalidade para as competências, identificar pessoas que encarnem as devidas competências e reunir a gestão para constatar e promover a nova geração de competências e, decidir o capital de investimento. No mundo do futebol, ironicamente, a inovação é redescoberta a cada renovação de contrato. O prazo do contrato de trabalho do treinador profissional de futebol no Brasil, nada mais é do que a fixação de um lapso que, decorridos, cerca de 6 meses, que é o tempo médio de permanência de um técnico no futebol brasileiro (GLOBO ESPORTE, 2023), ou uma (01) temporada, como um motor de crescimento, porém que fica estagnado devido à grande rotatividade e trocas repentinhas, com demasiada influência da mídia jornalística e por imensa maioria da torcida do clube, interferindo nas decisões dentro das entidades desportivas brasileiras, o que dificulta a assimilação do conhecimento proposto, corroborando para uma execução medíocre de resultados fracos. Alguns atletas, quando apresentam rendimento e performance acima da média (a minoria), que também são aqueles com maior valor de mercado, sustentam, por um maior período, o tempo de contrato. A cada fracasso, surgem pôsteros na busca frenética pela próxima novidade deparando-se com o desafio de superar os obstáculos à inovação. Na prática, para inovar com sucesso, é preciso substituir erros comuns por soluções eficazes. Seguindo essa linha de pensamento, permitir que inovadores conduzam equipes em períodos curtos demais impede que o entrosamento da equipe se desenvolva. Da mesma forma, presumir que uma equipe deve ser liderada por profissionais com maior capacidade técnica, é negligenciar a condição sine qua non da liderança que é a questão comportamental. Até os atletas mais técnicos necessitam de bons líderes com grande capacidade de relacionamento e inovação. Neste sentido, ao tratar da liderança em todos os níveis da estrutura organizacional, propõem-se a identificação de dois tipos distintos de líderes: o líder da tarefa e o líder socioemocional, um com habilidades estratégicas e grande capacidade para tomar decisões acertadas, outro com alta capacidade para empatia, ambos com papel de diminuir os atritos existentes e contribuir para criar um clima positivo dentro do grupo, dentro e fora das quatro linhas. Equipes precisam de pessoas agregadoras, que prosperam em culturas que encorajam a colaboração. Equipes de sucesso se unem para tra-

balhar no desenvolvimento de uma ideia, mesmo com a grande rotatividade de seus jogadores e comissão técnica. A solução está na escolha de líderes com fortes habilidades interpessoais. A intensão é manter a integridade da equipe, ajudá-la a abraçar metas coletivas, estimular pontos fortes uns dos outros e compartilhar conhecimentos.

As competências essenciais são o aprendizado coletivo sobre a instituição esportiva, sobre o clube de futebol que representa. É comunicação, treinamento e envolvimento. A genuína fonte de vantagem competitiva está na capacidade dos gestores de consolidar as tecnologias e competências comportamentais, que são as raízes da competitividade, de todo o grupo, com uma - carteira de competências, em comparação com uma carteira de clientes e negócios. Isso demonstra organização do trabalho e oferecimento de algo de valor.

Muito se fala, porém pouco se sabe sobre o que acontece nas milhares de interações e decisões diárias que outorgam um bom gestor de futebol obter o melhor da equipe e conquistar seu apoio. Bons gestores descobrem o que é único em cada pessoa e tiram vantagem competitiva disso. Como num jogo de xadrez, no futebol, cada tipo de peça se move de modo diferente, e o time não conseguirá jogar se não souber como é o movimento de cada peça. O técnico não vencerá uma partida se não pensar cuidadosamente como mover os jogadores. Parece óbvio, todavia latente. Grandes gestores, conhecem e valorizam as competências que são ímpares em seus atletas e até mesmo suas excentricidades e estabelecem como melhor integrá-los num plano de gestão (Figura 2).

Figura 2 – Plano de gestão por competências na gestão do esporte.



Fonte: Conduta Físico-Postural e Comportamental, (SANTOS, 2023).

Os pontos fortes para uma pessoa nem sempre estão à vista. Às vezes eles demandam que alguém acione gatilhos precisamente para se tornarem visíveis. O gatilho definitivo para ativar as melhores competências de um futebolista é o reconhecimento, a meritocracia. Modelar o elogio e o treino de acordo com as características individuais, em prol do coletivo. Encontrar um parceiro para o futebolista, com competências complementares irá fortalecer o grupo. Adotar um modo correto de estimular forças vai exigir da pessoa mais de si mesma

e perseverar quando encontrar resistências.

A motivação ainda é revestida de grande mistério e pouco compreendida. Parece que, naturalmente, as pessoas produzem mais quando estão envolvidas em projetos regidos pela motivação pessoal. O que não se pode negar é que ela é uma ferramenta essencial para o desempenho. No esporte, podemos dizer que a motivação funciona como o combustível que move os atletas para alcançar seus objetivos, e traduz o quanto um jogador está disposto em atingir suas metas na busca de algo considerado desejado e válido. Ela afeta as relações interpessoais no grupo, por um motivo maior para ação. O questionamento é: Qual o poder da motivação? Como conseguir que um futebolista faça o que o técnico quer dentro das quatro linhas? Na prática a resposta que aparece como a ideal é: Valorizar as funções dele. Para um jogador de futebol, me parece que a autonomia seria a melhor forma de aplicar essa valorização. Uma alternativa seria atribuir tarefas individuais específicas que permitam o sentimento de especialista naquilo que faz. De certa forma, isso atribui responsabilidade e favorece a um maior comprometimento e autorrealização. Lidar com jogadores, ligeiramente narcisistas, que desfrutam currículos repletos de títulos, que normalmente vem acompanhando de egos levemente inflados, não é tarefa fácil a motivação. Jogadores verdadeiros personagem neste sentido como o Zlatan Ibrahimović, replicava frases ilustres que evidenciavam o seu ego, como: “Não necessito da Bola de Ouro para saber que sou o melhor”, “Se trocarem a Torre Eiffel por minha estátua, ficarei no PSG. Prometo”, “Só Deus sabe...estou falando com ele agora”... Outro que poderia encabeçar uma lista é o reverente Romário, um dos jogadores mais marcantes da história do futebol brasileiro, muito por seu talento, que o levou ao topo do mundo em 1994, com o título da Copa, e em 1995, com o prêmio de melhor jogador do ano pela FIFA. Porém, não só por isso. O eterno camisa 11 é um personagem fora das quatro linhas e tinha frases de impacto, que entraram para a história do esporte nacional: “Agora, a corte está toda feliz: o Rei, o Príncipe, e o Bobo” - A provocação foi diretamente o jogador Edmundo, seu parceiro de ataque do Vasco, na época; “Entrou no ônibus agora. Não está nem em pé e já quer sentar na janela” – Essa frase foi dita para o seu treinador no Fluminense, em 2004; “Vou fazer mil gols” - Vidente ou não, o Baixinho disse a frase à Revista Placar, em 1998; “Como vou aturar “um mala”, igual a mim?” - O jogador jamais quis ser treinador de futebol e a frase acima é o principal motivo, e ainda afirmava que não gostava de treinar.

Na meritocracia, base da gestão por competências, o sistema de recompensa sempre servirá como uma forma para motivação. Entre os fatores de motivação para uma recompensa, podemos citar, a competição propriamente dita, a competência técnica, a competência física e atividades em grupo. O famoso “ bicho ”, largamente utilizado na seara do futebol profissional, é uma premiação como recompensa especial, paga aos atletas e comissão técnica da equipe pelas vitórias e, até mesmo, empates nos jogos disputados, bem como pelos títulos conquistados. A redução da carga horária é unânime para atletas, como uma das melhores recompensas. A “folga” sempre será muito bem-vinda, atingindo a todos, inclusive familiares e; principalmente aqueles que não gostam de treinar, o que é bastante comum nos clubes,

por incrível que pareça.

Um método interessante seria trabalhar em cima de fatores que afetam posturas no trabalho e que levam à satisfação, como a autorrealização, o reconhecimento e o esporte em si. A verdade é que aquilo que nos inspira torna-se motivação e pode se transformar em realidade, isso pode e deve ser transferido para dentro das quatro linhas. Pessoas podem fazer coisas espantosas desde que desenvolvam o entusiasmo e a motivação necessários para levar sua resolução à prática. Motive-se. Desenvolva “programas mentais com base no entusiasmo. O esporte por si só já é motivo de inspiração, o atleta em si, serve de inspiração.

Embora seja necessário que a gestão de pessoas consiga se adaptar às transformações futebolísticas, ainda não há um modelo de gestão totalmente estabelecido e adequado para atender às necessidades que advêm delas e que possa substituir integralmente o modelo tradicional.

Competência é a identidade que determina a motivação para a atitude. O futebolista sofre influência de outras variáveis intervenientes da liderança, como o líder, o grupo e, a situação, que estão inseridos no campo das atitudes. Em plena era do conhecimento, o desafio da gestão é manter o foco absolutamente na concretização de uma intenção ou propósito.

Referências

ARAUJO, Filho, Wilson Constantino de. **Futebol brasileiro: a trajetória do jogador de futebol profissional e o fim de sua carreira.** 2009. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARBONE, et; al; **Gestão por competências;** Rio de Janeiro, Editora FGV, 2016.

CARBONE, Pedro P. **Emergência e performance do capital humano:** estudo de caso em banco de varejo. Tese (doutorado em economia de empresas) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.

CLAYTON, M. Christensen, et al; **Desafios da Gestão;** Harvard Business Review; Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2018.

DIESPORTE, **Diagnóstico Nacional do Esporte;** Ministério do Esporte; Brasília, DF; Caderno 1, junho, 2015; <http://arquivo.esporte.gov.br/diesporte/2.html>

DOS REIS SILVA, Paloma et al; **Efeitos do Programa “FIFA 11+” em Diferentes Atletas de Futebol:** Revisão de literatura; Revista Perspectiva: Ciência e Saúde, v. 6, n. 1, 2021.

GOLEMAM, Daniel, et al; **Gerenciando Pessoas;** Harvard Business Review; Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2018.

MANIAUDET, Guilherme. MALESON, Roberto. **Rotatividade dos Técnicos.** Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/rotatividade-dos-tecnicos>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

RUFFATO Jr., Edgard. **O sistema de desenvolvimento profissional e de gestão por competências do BB.**, Brasília., 2006. V.1., p.133-150.

SANTOS, Felipe Silva dos; **Conduta Físico-Postural e Comportamental:** uma questão de liderança na gestão por competências no esporte; São Paulo: Editora Dialética, 2023.

SILVA, Carlos Aberto Figueiredo; **Racismo no Futebol;** Rio de Janeiro, Editora HP Comunicação, 2006.

TONET, Helena Correa; **Liderança e gestão de pessoas em ambientes competitivos;** Rio de Janeiro, Editora FGV, 2012.

RELAÇÃO ENTRE DESPESAS EM FORMAÇÃO DE ATLETAS DAS CATEGORIAS DE BASE DO FUTEBOL E O DESEMPENHO ESPORTIVO DE CLUBES CARIOCAS EM COMPETIÇÃO

Marco Antonio Ferreira dos Santos

Introdução

O futebol aportou no Brasil em 1984, a partir daí, contrariando as mentes mais pessimistas, constituiu-se da identidade brasileira, que garbosa exibe em suas cores verde e amarela, a história de um estilo próprio quase imbatível criado nas ruas, vielas e campos de várzeas em todo o Brasil. Tal estilo é (e foi) exibido magistralmente por atletas como Pelé, Zico, Garrincha, Barbosa, Ronaldo e Neymar, ao ponto do Brasil ser conhecido no mundo como o país do futebol. Tal estilo-arte é praticamente inalcançável por outras nações, onde do alto de seus cinco títulos mundiais, exprime em mais alto nível a representação tangível de um povo forte e varonil, mas também sua alegria, gingado, beleza e multiculturalidade tão peculiar (BELLOS, 2003).

Sendo o Brasil ainda, a nação mais bem sucedida no futebol, dono de marcas profundas em sua cultura e sociedade devido ao esporte, o futebol não desenvolveu na mesma proporção quando o assunto é a gestão (MATTAR, 2014) mesmo sendo o esporte com maior desenvolvimento sob a ótica comercial (CRUZ, 2011) quando comparados a outros esportes.

Por ser um esporte de entretenimento, a hiper comercialização ocorreu a partir de 1990 através de meios de comunicação, em especial a TV (GUZMÁN; MORROW, 2007). Tendo em vista que o futebol passou a figurar como um negócio, é necessária uma atuação paralela com o desenvolvimento de gestão para obtenção dos resultados esperados, não só desportivos, mas também financeiros (MATTAR, 2014). Guzmán e Morrow (2007) comentam que os grandes clubes de futebol são negócios complexos e muito preocupados com as questões financeiras, por isso, os jogadores são os ativos de maior valor em um clube, e para além do espetáculo em campo, estes jogadores são responsáveis pela movimentação de altíssimos valores durante as janelas de transferências (CONSTANTINO, 2009), portanto, a formação e a venda de atletas formados nas categorias de base representam valor considerável dos ativos de um clube.

O resultado desportivo de uma equipe de futebol tem efeito direto sobre a equipe em si,

mas este efeito tem alcance muito maior do que somente aos 24 jogadores selecionados para compor a equipe. Uma gama de profissionais cerca tais jogadores e são dependentes indiretos de tal resultado desportivo (BELLOS, 2003).

Dentre as possibilidades de construção do sucesso a longo prazo de equipes competitivas, as categorias de base são os primeiros passos para a preparação de atletas, e neste quesito o Brasil é referência em mundial em formação de novos atletas, devido as milhares de crianças brasileiras que aspiram a carreira como jogadores de futebol (GUIMARÃES; OLIVEIRA; PAOLI, 2020).

Compreende-se por categoria de base os grupos de atletas amadores que são parte do componente humano em formação em um clube, que poderão ser utilizados como atletas profissionais contratados em algum momento. Essas categorias começam no mirim (sub-13) e se estendem até os juniores (sub-20) (CÂMARA, 2009). Esses jogadores fazem parte do patrimônio intangível do clube, sendo os principais geradores de receitas (CRUZ, 2011) e por isso, é fundamental buscar talentos em potencial para suas categorias de formação.

Considerando que identificar, selecionar, descobrir ou revelar talentos no futebol é uma das grandes preocupações dos clubes de futebol, faz-se relevante mencionar que a maioria dos clubes ainda não possuem métodos ou sistemas analíticos para a seleção de uma possível joia esportiva, ressaltando que os profissionais conhecidos como “olheiros” ainda atuam com base em sensação ou intuição, realizando uma avaliação subjetiva e simplista em curtíssimos períodos de observação, desconsiderando qualquer metodologia ou processos analíticos racionais (CÂMARA, 2009).

Por isso, admite-se que a categoria de base de um clube de futebol é parte fundamental do processo de desenvolvimento de um atleta (CÂMARA, 2009), então, o presente estudo buscou investigar a relação entre o investimento em categorias de base e o resultado desportivo do clube de futebol, e mensurar qual é o potencial de investimento necessário para obtenção de resultados competitivos satisfatórios.

Para a seleção de jogadores para as categorias de base, é levado em consideração segundo Câmara (2009), testes antropométricos como peso, estatura, dimensão de segmentos, dobras cutâneas e percentuais de gordura. Medidas de estágios de crescimento e desenvolvimento como raio-x e escala de Tanner além de testes físicos como de resistência geral, velocidade cíclica e acíclica, força de membros inferiores e superiores.

Testes psicológicos como os de manifestações psicossomáticas, ansiedade e traço-estado e estado de humor. Testes de habilidade específicas como teste da parede, passe rasteiro, precisão de chutes. Por fim, testes técnico-tático como cabeceio, chute, condução, cruzamento, domínio, drible, inteligência e visão de jogo e passe. Para este processo existe dois tipos de jogadores: os formados pelo clube desde a categoria sub-13 (amadores) ou atletas contratados com seu período de formação já concluído ou em fase final de formação (profissionais) (CÂMARA, 2009).

Tais processos são altamente relevantes e demandam atenção elevada pois quanto maior

for o desempenho de um atleta formado em categoria de base, maior é a probabilidade de as receitas financeiras aumentarem, tais como bilheteria, direitos televisivos, publicidade, marketing entre outros que contribuem para o aumento dos benefícios econômicos de um clube formador (CRUZ, 2011).

Ainda cabe destacar a importância da formação de atletas como um dos principais fatores para existência de um clube, a tal ponto de receberem uma porcentagem toda vez que o atleta tem seus direitos desportivos comprados por determinados clubes, direito este que é garantido tanto pela legislação brasileira quanto pelos regulamentos da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) em sua Circular nº. 769/2001.

Dito isto, é importante investigar se as despesas e receitas com as categorias de formação tem impacto direto no resultado desportivo do clube, e para além disso, analisar se existem correlações entre tais variáveis, sem descartar a inferência sobre o mecanismo mais eficiente para o clube, se é formar o atleta desde a base ou contratar atletas profissionais para compor suas equipes.

Os dados obtidos dos três clubes analisados foram submetidos ao teste de normalidade das amostras, onde as variáveis de despesas com futebol amador a saber: gastos com pessoal ($Z = 0,944$; $gl = 11$; $p \leq 0,20$), serviços profissionais ($Z = 0,921$; $gl = 11$; $p \leq 0,20$), gastos gerais ($Z = 0,806$; $gl = 11$; $p \leq 0,13$), atletas profissionais formados ($Z = 0,919$; $gl = 11$; $p \leq 0,20$), /contratados ($Z = 0,903$; $gl = 11$; $p \leq 0,17$), atletas em formação ($Z = 0,840$; $gl = 11$; $p \leq 0,24$), e a variável receita de direitos federativos ($Z = 0,861$; $gl = 11$; $p \leq 0,20$), apresentaram distribuição normal.

As variáveis de despesa com atletas SUB-15 ($Z = 0,731$; $gl = 11$; $p \leq 0,006$), SUB-17 ($Z = 0,756$; $gl = 11$; $p \leq 0,007$), SUB-20 ($Z = 0,474$; $gl = 11$; $p \leq 0,001$), e a variável receita por mecanismos de solidariedade ($Z = 0,513$; $gl = 11$; $p \leq 0,001$), não apresentaram distribuição normal. A Figura 1 (abaixo) demonstra os valores das despesas e receitas com serviços no futebol de formação e os atletas profissionais contratados.

Figura 1 – Variáveis de despesa com o departamento de futebol amador, atletas profissionais contratados e receitas dos direitos federativos dos clubes analisados.

Após análises estatísticas de comparação entre grupos (teste-t para uma amostra) mostrou que a média do gasto com pessoal ($t(20) = 0,024$; $p > 0,05$), serviços profissionais ($t(20) = 0,428$; $p > 0,05$), gastos gerais ($t(20) = 0,954$; $p > 0,05$), receitas com direitos federativos ($t(25) = 1,222$; $p > 0,05$), atletas profissionais contratados ($t(20) = 1,768$; $p > 0,05$), atletas em formação ($t(23) = 1,766$; $p > 0,05$) da amostra não é diferente da média geral entre os clubes (IC 95%). A variável atletas profissionais formados [$(t(26) = 2,017$; $p \leq 0,05$) (IC 95%)] apresentou diferença da média geral entre os clubes. A tabela 2 abaixo apresenta os valores de cada clube.

Tabela 2: Custo dos atletas profissionais formados nas categorias de base de cada clube.

Clube	N	Média	Desvio Padrão
-------	---	-------	---------------

BOTAFOGO	10	R\$ 4.426.495,60	R\$ 1.724.788,59
FLAMENGO	5	R\$ 12.258.931,20	R\$ 5.321.574,86
FLUMINENSE	9	R\$ 11.587.777,78	R\$ 10.218.928,40

Tabela 2: Média em 12 anos dos custos dos atletas profissionais formados entre os clubes R\$ 28.273.204,58.

O teste de Mann-Whitney mostrou que quando comparados de forma pareada, o clube Fluminense/Botafogo e em seguida, Fluminense / Flamengo, houve efeito das despesas médias com a formação de atletas nas categorias SUB-15 ($U = 0,00; p \leq 0,05$), SUB-17 ($U = 7,000; p \leq 0,05$), e SUB-20 ($U = 0,00; p \leq 0,05$). Quando comparados as despesas médias de Botafogo em relação ao Flamengo, não houve efeito do custo sobre a formação em tais variáveis [(categorias de formação) ($U = 0,00; p > 0,05$)]. A tabela 3 (abaixo) apresenta as médias gerais das variáveis analisadas de acordo com o clube.

Tabela 3: Valores médios das variáveis de custo e receitas dos clubes entre 2010 a 2021:

VARIÁVEIS	FLUMINENSE			BOTAFOGO			FLAMENGO		
	N ^a	Média	Desvio Padrão	N ^b	Média	Desvio Padrão	N ^c	Média	Desvio Padrão
Gastos com pessoal	7	R\$ 3.123.857	R\$ 666.659	10	R\$ 2.057.196	R\$ 997.501	4	R\$ 6.316.948	R\$ 11.103.342
Serviços profissionais	7	R\$ 656.429	R\$ 380.256	10	R\$ 340.229	R\$ 229.905	0	0*	0*
Gastos gerais	7	R\$ 3.807.429	R\$ 1.525.362	10	R\$ 2.950.609	R\$ 2.169.190	4	R\$ 8.593.695	R\$ 10.872.967
Atletas profissionais formados	11	R\$ 9.619.545	R\$ 9.900.008	10	R\$ 2.564.288	R\$ 1.726.456	6	R\$ 1.402.550	R\$ 2.093.748
Atletas profissionais contratados	7	R\$ 26.733.857	R\$ 21.942.778	10	R\$ 17.825.514	R\$ 18.567.444	4	R\$ 6.071.293	R\$ 7.051.266
Atletas em formação	9	R\$ 11.587.778	R\$ 10.218.928	10	R\$ 4.426.496	R\$ 1.724.789	5	R\$ 12.258.931	R\$ 5.321.575
SUB-15	12	R\$ 3.725.583	R\$ 2.842.120	4	R\$ 172.602	R\$ 345.205	0	0*	0*
SUB-20	12	R\$ 2.472.583	R\$ 3.821.150	4	R\$ 250.133	R\$ 500.267	0	0*	0*
SUB-17	12	R\$ 4.142.500	R\$ 3.556.988	4	R\$ 203.599	R\$ 407.198	0	0*	0*
Receitas									
Mecanismo de solidariedade	10	R\$ 36.433.800	R\$ 41.871.254	10	R\$ 2.729.114	R\$ 3.835.945	0	R\$ 0	R\$ 0
Direitos federativos	8	R\$ 22.973.375	R\$ 17.304.603	12	R\$ 24.656.707	R\$ 15.205.357	6	R\$ 12.873.686	R\$ 10.631.983
Média total	R\$ 21.516.159,00			R\$ 10.400.864,00			R\$ 14.910.643,00		
Média por ano	R\$ 4.216.594,00			R\$ 1.485.838,00			R\$ 7.455.322,00		

Nabc - Número de demonstrações financeiras apresentadas por cada clube durante a coleta para o presente estudo. *O Clube Flamengo não descreveu os valores separados por categoria nas variáveis destacadas.

O teste ainda mostrou que as receitas provenientes do mecanismo de solidariedade, quando comparados os três clubes pareadamente, Fluminense/Botafogo ($U = 23,000; p \leq 0,04$), Fluminense/Flamengo ($U = 0,00; p \leq 0,004$) e Botafogo/Flamengo ($U = 2,860; p \leq 0,004$) teve efeito sobre a média geral dos clubes.

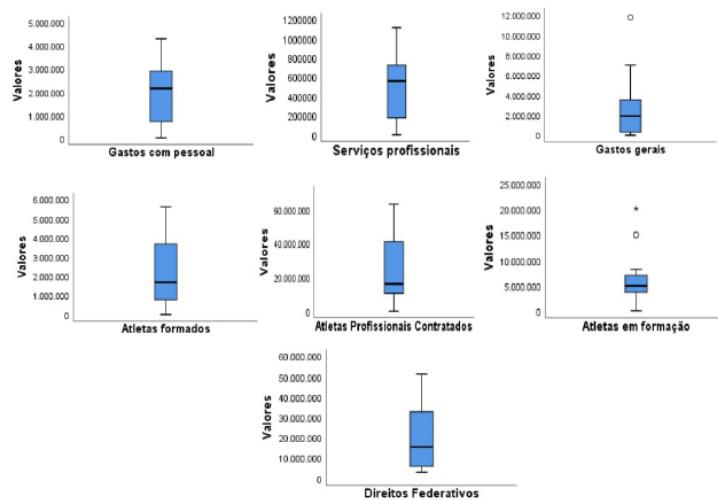
A tabela 4 apresenta o resultado desportivo da equipe (posição na tabela ao final do campeonato) a cada ano no campeonato carioca da Federação Estadual do Rio de Janeiro (FERJ), o

total de títulos conquistados, e os vices de cada clube (considera-se a segunda posição devido ao clube ter alcançado a final da competição).

Tabela 4: Posição de cada equipe na respectiva tabela do campeonato carioca por ano.

Ano	FLUMINENSE			BOTAFOGO			FLAMENGO		
	Sub15	Sub17	Sub20	Sub15	Sub17	Sub20	Sub15	Sub17	Sub20
2010	1		2		2			1	
2011						1		1	2
2012	1		1					1	
2013		1	1					2	2
2014		1	2	1		1			
2015	1					2			1
2016	1					1		1	2
2017	1							1	2
2018		1					1		1
2019		1						2	1
2020									
2021		2	1	1					2
Títulos*	5	4	3	1	0	3	1	5	3
Vice	0	1	2	0	1	2	0	2	5
3º ou menos	6	7	7	10	11	7	10	5	4

*As equipes do clube Fluminense conquistaram o maior número de títulos entre as categorias, em destaque a categoria sub-15 com cinco títulos. O clube Botafogo conquistou o menor número de títulos, destacando que a categoria sub-20 possui o mesmo número de títulos dos demais clubes analisados. Por fim, o clube Flamengo obteve a segunda colocação em números de títulos, destacando a equipe Sub-17 que obteve o maior número de títulos (cinco) em comparação com os demais clubes.



As equipes Sub-15 dos clubes Flamengo e Botafogo não chegaram as finais da competição em questão por 10 vezes no período temporal analisado. Destaca-se ainda que a equipe Sub-

17 do clube Botafogo a partir de 2011 não tem alcançado as finais do campeonato. Por fim, as equipes Sub-17 e Sub-20 do clube Fluminense deixaram de competir nas finais do torneio em questão por mais vezes que as equipes equivalentes do clube Flamengo. A equipe Sub-20 do clube Fluminense ainda empata o número de ausências em finais do campeonato carioca com a equipe Sub-20 do clube Botafogo (tabela 4).

A tabela 5 (abaixo) mostra os valores aplicados a cada ano em despesas de formação, despesas com profissionais, receitas vindas do mecanismo de solidariedade e direitos federativos, bem como demonstra o número de títulos obtidos pelas categorias de base, o número de vices campeonato conquistado e a quantidade de vezes que o clube esteve ausente das finais, figurando da terceira posição em diante.

Tabela 5: Despesas, receitas, e posição no resultado final da competição Fluminense

Ano	Despesas de formação	Receitas	Despesas com profissionais	Nº de títulos na base	Nº de Vices	Ausente das finais
2010	R\$ 8.175.000	R\$ 26.288.000	R\$ 12.690.000	3		1
2011	R\$ 8.973.000	R\$ 36.408.000	R\$ 14.400.000			1
2012	R\$ 9.977.000	R\$ 82.020.000	R\$ 48.570.000	2		1
2013	R\$ 12.040.000	R\$ 34.869.000	R\$ 33.142.000	2		
2014	R\$ 15.329.000	R\$ 5.355.000	R\$ 63.973.000	3		
2015	R\$ 17.963.000	R\$ 3.834.000	R\$ 10.842.000	1		2
2016	R\$ 24.044.000	R\$ 51.193.000	R\$ 16.270.000	1		2
2017	R\$ 20.025.000	R\$ 42.817.000	R\$ 29.585.000	1		2
2018	R\$ 21.778.000	R\$ 0	R\$ 12.645.000	1		2
2019	R\$ 37.172.000	R\$ 105.415.000	R\$ 11.282.000	1		2
2020	R\$ 42.766.000	R\$ 50.333.000	R\$ 17.072.000			
2021	R\$ 63.250.000	R\$ 109.593.000	R\$ 22.481.000	1	1	1
Total	R\$ 281.492.000	R\$ 548.125.000	R\$ 292.952.000	16	1	14
Botafogo						
2010	R\$ 4.868.343	R\$ 16.140.475	R\$ 37.795.975		1	2
2011	R\$ 5.408.726	R\$ 25.638.485	R\$ 31.865.950	1		2
2012	R\$ 6.909.566	R\$ 36.472.662	R\$ 20.392.095			3
2013	R\$ 9.013.000	R\$ 52.726.000	R\$ 60.557.000			3
2014	R\$ 10.026.000	R\$ 16.834.000	R\$ 7.436.000	2		1
2015	R\$ 9.752.000	R\$ 23.299.000	R\$ 1.294.000		1	2
2016	R\$ 11.116.000	R\$ 10.017.000	R\$ 5.157.000			2
2017	R\$ 13.393.000	R\$ 7.190.000	R\$ 5.776.000			3

2018	R\$ 15.516.000	R\$ 17.855.000	R\$ 6.038.000		3	
2019	R\$ 14.248.000	R\$ 39.418.000	R\$ 27.586.000		3	
2020	R\$ 0	R\$ 41.874.000	R\$ 0			
2021	R\$ 0	R\$ 35.707.000	R\$ 0	1		2
Total	R\$ 100.250.635	R\$ 323.171.622	R\$ 203.898.020	4	2	26
Flamengo						
2010	R\$ 45.517.269	R\$ 778.250	R\$ 11.215.586	1		2
2011	R\$ 29.107.617	R\$ 5.322.765	R\$ 18.683.310	1	1	1
2012	R\$ 20.183.828	R\$ 30.223.602	R\$ 458.775	1		2
2013	R\$ 8.195.642	R\$ 9.490.497	R\$ 501.628		2	1
2014	R\$ 7.406.873	R\$ 19.793.000	R\$ 761.170			3
2015	R\$ 10.526.000	R\$ 11.634.000	R\$ 1.080.000	1		2
2016	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 0	1	1	1
2017	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 0	1	1	1
2018	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 0	2		1
2019	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 0	1	1	1
2020	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 0			
2021	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 0		1	2
Total	R\$ 120.937.229	R\$ 77.242.114	R\$ 32.700.469	9	7	17

A tabela 5 mostra que o clube que mais teve despesas com a formação de atletas foi o Fluminense, e da mesma maneira, o clube foi o que mais obteve títulos em suas categorias de base, obteve menos vice campeonatos e entre os clubes analisados, foi o que menos deixou de participar de finais no campeonato carioca.

Ainda sobre estas variáveis, o clube Flamengo apresentou o segundo maior valor em despesas com a formação (de maneira estratificada até 2015, pois o clube passou a mesclar em 2016 as despesas com a formação de atletas de base junto com o profissional), e assim permaneceu na segunda posição no número de títulos conquistados e nas ausências em finais da competição. Cabe destacar que o Flamengo foi o clube com maior número de vice campeonatos nas categorias de base. Por fim, o clube Botafogo foi o que ficou mais vezes fora das finais da competição, o que menos títulos nas categorias de base conquistou e o que menos despesas com formação de atletas apresentou no período temporal analisado quando comparado aos demais clubes avaliados.

As variáveis foram submetidas ao teste de correlação de Spearman. Ainda foram submetidos a comparações entre os resultados desportivos no campeonato carioca, bem como o controle das variáveis de receitas conforme demonstrado abaixo.

Tabela 6: Correlações gerais entre as variáveis de despesa e receita entre si.

Correlação entre variáveis de despesas		SUB15	SUB17	SUB20
Gastos com pessoal	0,67* 0,001**	0,61 0,14	0,61 0,01	0,41 0,12
Serviços profissionais		0,62 0,01	0,69 0,04	0,57 0,02
Gastos gerais			0,47 0,07	
Atletas formados		0,62 0,006	0,55 0,01	0,67 0,002
SUB15			0,92 0,00	0,88 0,00
SUB20			0,92 0,00	

Correlação entre variáveis de receita		Mecanismo de solidariedade
Atletas formados	0,47 0,02	
SUB15	0,58 0,01	
SUB17	0,68 0,002	
SUB20	0,64 0,004	

*Nível da correlação; **Valor da Significância estatística do teste

As tabelas 7 e 8 (abaixo) apresentam a correlação parcial controlada pelos títulos e posição dos clubes na tabela do campeonato carioca.

Tabela 7: Correlação entre as variáveis despesas na posição da tabela do torneio nas equipes Sub-17.

Variáveis de despesas							
	Serviços profissionais	Gastos gerais	Atletas formados	Atletas em formação	SUB15	SUB17	SUB20
Gastos com pessoal	0,68* 0,31**	0,50 0,53		-0,84 0,16	0,69 0,30	0,63 0,36	
Serviços profissionais				-0,95 0,04	0,98 0,01	0,97 0,02	0,50 0,51
Gastos gerais			0,84 0,15				
Atletas formados							0,54 0,45
Atletas em formação					-0,92 0,07	-0,52 0,44	-0,95 0,04
SUB15						0,92 0,07	
SUB20						0,67 0,32	

*Nível da correlação; **Valor da Significância estatística do teste

A tabela 8 (abaixo) apresenta a Correlação entre as variáveis despesas na posição da tabela do torneio nas equipes Sub-20.

Variáveis de despesas							
	Serviços profissionais	Gastos gerais	Atletas formados	Atletas em formação	SUB15	SUB17	SUB20
Gastos com pessoal	0,65* 0,34**	0,53 0,46			0,71 0,29	0,64 0,35	0,67 0,32
Serviços profissionais					-0,76 0,23	0,98 0,001	0,53 0,46
Gastos gerais							0,99 0,01
Atletas formados							
Atletas em formação							
SUB15							
SUB17							
SUB20							

Gastos gerais	0,72 0,27	0,69 0,30				
Atletas formados		0,88 0,11	-0,46 0,54	-0,58 0,41	-0,40 0,59	
Atletas em formação			-0,79 0,20	-0,61 0,38	-0,77 0,22	
SUB15				0,68 0,31	0,99 0,01	
SUB17					0,57 0,42	

*Nível da correlação; **Valor da Significância estatística do teste.

A tabela 9 (abaixo) apresenta a Correlação entre as variáveis despesas na posição da tabela do torneio quando submetida a controle das variáveis de receitas.

Tabela 9: Correlação entre as variáveis de despesas controladas pelas variáveis de receita direitos federativos na posição da tabela do torneio.

Variáveis de despesas

	Serviços profissionais	Gastos gerais	Atletas formados	Atletas em formação	SUB15	SUB17	SUB20
Gastos com pessoal	0,77* 0,008**	0,62 0,05			0,81 0,004	0,72 0,01	
Serviços profissionais				-0,58 0,07	0,86 0,01	0,68 0,03	
SUB15						0,75 0,01	

*Nível da correlação; **Valor da Significância estatística do teste.

Tabela 10: Correlação entre as variáveis de despesas controladas pelas variáveis de receita mecanismo de solidariedade na posição da tabela do torneio.

Variáveis de despesas

	Serviços profissionais	Gastos gerais	Atletas em formação	SUB15	SUB17	SUB20
Gastos com pessoal	0,78* 0,007**	0,60 0,06		0,73 0,01	0,74 0,15	
Serviços profissionais			-0,63 0,05	0,79 0,006	0,70 0,02	
Atletas formados						0,41 0,23
Atletas em formação						-0,41 0,24
SUB15					0,66 0,03	

*Nível da correlação; **Valor da Significância estatística do teste.

A categoria Sub-15 apresentaram dados insuficientes para fins de comparação em testes de correlação ou foram omitidos pelos clubes impedindo, portanto, a execução dos testes. Afim de aferir se as variáveis que apresentaram correlação possuíam significância estatística de causa e efeito entre si, foram submetidas ao teste estatístico de Kruska-Wallis, entretanto, o

resultado do teste em todas as comparações possíveis demonstrou que não houve causa-efeito entre as variáveis analisadas.

Em geral, o clube que em média mais investiu em gasto com pessoal do departamento de formação foi o Flamengo. O Fluminense investiu em serviços profissionais três vezes mais que o Botafogo. O Flamengo não apresentou demonstrações financeiras que descrevessem tais despesas. O Flamengo apresentou quase três vezes mais investimento nos gastos gerais do departamento de futebol de formação. Fluminense e Botafogo se equiparam nesta variável.

As despesas com atletas profissionais formados foram quase 10 vezes maiores no Fluminense em comparação com o Flamengo, e cinco vezes maiores em relação ao Botafogo. Dantas, Machado e Macedo (2014) afirmaram que os clubes mais eficientes são aqueles que mais conquistam títulos; quando em comparação com as receitas, se tornaram mais eficientes. Por isso, é possível afirmar que o investimento do Fluminense com a formação de atletas é um indicador de explicação do resultado desportivo (DANTAS; MACHADO; MACEDO, 2014) das equipes de base demonstrados no presente estudo.

O clube que apresentou a maior despesa com profissionais formados nas categorias de base foi o Flamengo, segundo pelo Fluminense, tendo o Botafogo quase três vezes menos despesas com formação que os demais clubes. É preciso ressaltar que o Flamengo em seu demonstrativo financeiro, passou a mesclar os dados do departamento de futebol a partir de 2014, ao contrário do padrão anterior onde o demonstrativo apresentava os dados estratificados entre futebol amador e profissional, o que se tornou uma limitação (mas não um impedimento) para o presente estudo descritos nas tabelas quatro e cinco.

Ainda segundo Barros, Assaf e Sá-Erp (2010), o tamanho do clube e outros indicadores explicam a variação dos resultados desportivos. O que pode explicar a relação investimento-títulos que resulta no sucesso desportivo das equipes, onde o Fluminense figura como primeiro, sendo seguido de perto pelo Flamengo, e Botafogo por último. Segundo Dantas, Machado e Macedo (2014), os recursos investidos em categorias de base são preditores de aumento do resultado desportivo da equipe, logo, corroborando os resultados do presente estudo. As variáveis indicadas por estes autores não foram passíveis de aferição no presente estudo, porém, não inviabiliza que estudos futuros sejam investigados para fins de comparação com esta pesquisa.

A inferência estatística sobre as médias entre os clubes na variável atletas formados mostrou quando da comparação pareada entre Flamengo e Fluminense, houve efeito estatisticamente significante nas categorias SUB-15 ($U\ 0,00$; $p \leq 0,05$), SUB-17 ($U\ 7,000$; $p \leq 0,05$), e SUB-20 ($U\ 0,00$; $p \leq 0,05$), o que é corroborado pelo efeito direto no número de títulos obtidos por estas equipes no campeonato conforme tabela quatro.

Quando se tratou de atletas profissionais contratados, o Fluminense investiu mais que o Botafogo, e 20 vezes mais que o Flamengo. Entretanto, cabe destacar novamente que tais dados podem ser inconsistentes nessa variável em relação ao Flamengo, devido a mudança de padrão na descrição das despesas em seu demonstrativo financeiro. Como os clubes não

permitem investigação mais profunda em tais dados para fins de pesquisas acadêmicas, seria ideal que o clube disponibilizasse tais dados para fins de comparação e aumento da acurácia da presente comparação.

Os resultados da variável atletas em formação demonstram que tanto Flamengo como Fluminense (respectivamente) investiram valores quase equivalentes na formação de atletas. O Botafogo investiu três vezes menos em 12 anos em comparação aos outros clubes. Só foi possível comparar as equipes das categorias de base SUB-15/17/20 entre Fluminense e Botafogo, já que o Flamengo não descreveu tais dados de forma que pudessem ser comparados com os demais clubes. Nesta variável os resultaram indicaram que em média o Fluminense investiu mais que o Botafogo nas três equipes comparadas.

É importante frisar que em média, no período temporal analisado (2010 a 2021) o Botafogo investiu aproximadamente 97% menos na equipe SUB-15, 90% menos na equipe SUB-17 e 93% menos na equipe SUB-20 em comparação com o Fluminense. Valores que confirmaram resultados equivalentes de Oliveira e Martins (2020). Estes dados apontam para a discrepância evidente no resultado desportivo entre os dois clubes no campeonato carioca (ver tabela quatro) já que a literatura científica indica que a combinação da gestão esportiva e financeira promovem a eficiência da equipe em competição (BARROS; ASSAF; SÁ-ERP, 2010).

Em relação as receitas do mecanismo de solidariedade, o clube que apresentou maior receita foi o Fluminense. Mesmo sabendo que os demais clubes não descreveram todos os anos e de maneira equivalente os dados dessa variável, tal resultado não pode ser desconsiderado visto que nas variáveis de despesas, o Fluminense figura como maior investidor de recursos em futebol de formação, portanto, sendo um indicador de sucesso futuro de venda de atletas, o que justifica o repasse de solidariedade recebido. Portanto, ainda assim, entendemos que seria mais eficiente para fins de comparação que todos os clubes pudessem disponibilizar tais dados de maneira equivalente para obtermos uma maior acurácia nas análises. Por fim, Fluminense e Botafogo apresentaram em média números semelhantes nas demonstrações financeiras a respeito das receitas de direitos federativos, o Botafogo ficou recebeu pouco mais de 2 milhões de reais a mais que o Fluminense. O Flamengo ficou em terceiro, apresentando a metade do valor médio em comparação aos demais clubes.

Como resultado da formação e utilização de atletas profissionais em cada clube, a sua posição final no campeonato foi considerada para fins de comprovação de performance desportiva, já que é um indicador de tendência entre os grandes clubes e por ser um indicador de determinante de eficiência no futebol brasileiro (DANTAS; MACHADO; MACEDO, 2014). Nesta observação, o Fluminense foi o clube com melhor resultado pelas três categorias de base analisadas em comparação com os demais clubes, sendo seguido pelo Flamengo, e por fim, o Botafogo, que ainda foi o clube que menos figurou na disputa pelos títulos entre as equipes de base.

A equipe SUB-15 do Fluminense foi mais eficiente desportivamente em comparação com os demais clubes. A equipe SUB-17 do Flamengo foi a mais eficiente entre seus pares nos

demais clubes, porém, seguido de perto pela equipe do Fluminense com apenas um título de diferença. As equipes SUB-20 de Fluminense e Flamengo obtiveram o mesmo resultado desportivo na primeira colocação, entretanto, a equipe do Flamengo disputou mais vezes a final da competição, obtendo cinco vice campeonatos contra dois da equipe do Fluminense.

As equipes de base do Botafogo tiveram resultado desportivo expressivamente pior quando comparada com seus pares entre os demais clubes, sugerindo assim que o baixo investimento com tais equipes refletiu diretamente na conquista de títulos e consequentemente na sua posição final na competição a cada ano. Dantas, Machado e Macedo (2014) afirmam que a maximização dos títulos é o objetivo principal do clube, logo, os clubes mais eficientes ganharam pelo menos um título por ano, o que não foi o caso do Botafogo no período temporal investigado.

Quando comparamos o resultado das despesas em formação por ano em cada clube, ficou evidente que o Fluminense aumentou gradativamente a cada ano, desde 2010, os recursos investidos na formação. O clube fez o mesmo movimento em relação das despesas com profissionais até 2014, quando fez o maior investimento financeiro nesta área, que refletiu diretamente no resultado desportivo deste ano com três títulos em suas equipes de base, corroborando a afirmação de Dantas, Machado e Macedo (2014) que sustenta o argumento de que clubes eficientes aumentam constantemente os investimentos financeiros.

Entretanto é necessário dizer que em 2010 o clube obteve o mesmo resultado desportivo com investimento cinco vezes menor nesta variável. É necessária uma investigação mais detalhada nestas despesas para fim de entender em qual ano tais valores foram mais determinantes para obtenção de títulos e qual tipo de atleta foi mais evidente, se formado na base ou se contratado.

O Botafogo também fez investimentos progressivos a partir de 2010, entretanto ao contrário do Fluminense, o valor com atletas profissionais foi 10 vezes maior até 2013 tendo o clube obtido apenas dois títulos em categorias contra 10 títulos do Fluminense. A partir de 2014 o Botafogo passou a investir mais na formação do que em atletas profissionais gradativamente, porém, obteve apenas um título e um vice campeonato neste mesmo período. O clube não informou valores de despesas com Futebol em 2020 e 2021 de maneira que pudessem ser comparados para o presente estudo.

O clube Flamengo apresentou dados entre 2010 a 2015 para fins de comparação neste estudo. Nos demais anos o clube mesclou os dados, impossibilitando a coleta para fins de análise. Diferente dos outros clubes, o Flamengo a cada ano investiu menos em despesas de futebol amador e profissional, sendo 2010 o ano com maior valor de formação. No período analisado o clube conquistou cinco títulos e dois vice campeonatos.

Considerando os dados disponíveis no resultado do presente estudo, o Fluminense investiu mais de três vezes que o Botafogo e mais de duas vezes do que o Flamengo em formação de atletas. Também investiu mais que o Botafogo, porém a diferença foi de aproximadamente 89 milhões a mais. O Flamengo apresentou apenas 32 milhões em seus demonstrativos com despesas de atletas profissionais, figurando em terceiro lugar nesta comparação, porém ca-

recendo de uma análise mais profunda nos dados para fins de confirmação desta posição.

O Fluminense obteve como resultado de tais investimentos 16 títulos em categorias de base, com apenas um vice campeonato, ainda ficando ausente de 14 disputas de finais entre as equipes analisadas. O Flamengo obteve nove títulos nas categorias de base, sete vice campeonatos e ficou ausente de 17 finais entre as equipes. Por fim, o Botafogo obteve quatro títulos, dois vice campeonatos e ficou ausente de 26 disputas de finais em suas equipes de base apresentando o pior resultado desportivo entre os clubes analisados.

Em análise média geral, comparando os dados dos três clubes, nas variáveis de despesa, encontramos correlação positiva, moderada e significante entre gastos gerais e gastos com pessoal. O mesmo acontece com as despesas nas equipes SUB-15 e SUB-17. Serviços profissionais apresentou correlação moderada, positiva e significante com as despesas nas equipes SUB-15 e SUB-20, e correlação forte, positiva e significante com a equipe SUB-17. Portanto indicando que os gastos com os profissionais que atuam na formação dos atletas têm reflexos diretos na nas equipes de base entre si, ou seja, o trabalho de tais profissionais pode ser reflexo da eficiência operacional no sucesso desportivo das equipes (DANTAS; MACHADO; MACEDO, 2014; BARROS; ASSAF; SÁ-EARP, 2010).

Atletas formados apresentou correlação moderada, positiva e significante com as equipes SUB-15, SUB-17 e SUB-20. As despesas com a equipe SUB-15 apresentaram correlação positiva, forte e significante com a equipe SUB-20, e correlação muito forte, positiva e significante com a equipe SUB-17, também demonstrando que os clubes evidenciam a eficiência da formação na qualidade dos atletas profissionais que anteriormente passaram pelo processo de formação e estariam prontos para serem vendidos a outros clubes, gerando assim receitas para o clube formador, que segundo Oldra, Deparis e Nez (2020), forma o atleta com alto valor agregado, capaz de influenciar a receita, os títulos e a diminuição das dívidas do clube formador.

As despesas da equipe SUB-20 apresentaram correlação muito forte, positiva e significante com a equipe SUB-17. Esta indicação sugere que os clubes podem investir mais na formação dos atletas nos seus anos finais de formação como parte do processo de renovação do plantel profissional (OLIVEIRA; MARTINS, 2020). As demais variáveis apresentaram correlação fraca ou não apresentaram correlação. Cabe ressaltar que entre as receitas, o mecanismo de solidariedade apresentou correlação moderada, positiva e significante com as despesas da equipe SUB-15, SUB-17 e SUB-20 indicando que esta receita é parte relevante para o clube formador.

Quando as variáveis foram submetidas ao controle do resultado das equipes SUB-15, elas não apresentaram dados ou não foi relevante o suficiente para haver cálculo ou comparações e correlações.

Todavia, quando controlamos a correlação pela posição final das equipes SUB-17, os resultados indicaram que o resultado desportivo das equipes teve correlação negativa, forte e significante entre o gasto com pessoal e os atletas em formação. Porém, apesar desta correlação negativa, houve correlação moderada e positiva com a equipe SUB-17 e correlação forte e positiva

com a equipe SUB-15, novamente demonstrando a relevância do investimento nestas equipes e a sua posição final na competição ao longo do período temporal analisado.

A variável serviços profissionais seguiu a mesma direção, apresentando correlação negativa, muito forte e significante com os atletas em formação, mas apresentou também correlação positiva, moderada e significante com o resultado desportivo da equipe SUB-20. Mostrou ainda correlação muito forte, positiva e significante com o resultado das equipes SUB-15 e SUB-17 na sua posição de tabela. Por fim, houve correlação positiva, muito forte e significante entre o resultado das equipes SUB-15 no resultado da equipe SUB-17, indicando que pode haver reflexos do trabalho formativo das equipes SUB-15 no resultado das equipes SUB-17 na competição.

Quando houve o controle da correlação pelo resultado das equipes SUB-20, a variável serviços profissionais teve correlação muito forte, positiva e significante com as equipes SUB-15 e SUB-20, indicando que o trabalho desses profissionais nas equipes SUB-15 pode potencializar os atletas das equipes SUB-20, e consequentemente na sua posição final na competição. Houve ainda correlação forte, positiva e significante entre a categoria SUB-15 e SUB-20 corroborando o mesmo argumento de que pode haver benefícios na formação destas equipes entre si e sua posição final na tabela do campeonato (SZYMANSKI; KUYPERS, 1999; PEREIRA et al., 2004; BARROS; ASSAF; SÁ-EARP, 2010; OLDRA; DEPARIS; NEZ, 2020)

Ao controlarmos as correlações pela variável de receita com direitos federativos, os resultados mostraram que houve correlação forte, positiva e significante do gasto com pessoal com serviços profissionais, com a equipe SUB-15 e SUB-17, indicando que a utilização das receitas de direitos federativos pode promover o resultado final destas equipes na competição. Houve ainda correlação forte, positiva e significante as receitas investidas em serviços profissionais com os atletas da equipe SUB-15, e moderada com a equipe SUB-17, e por fim, o trabalho de formação da equipe SUB-15 dado as receitas de direitos federativos podem refletir direto na posição final das equipes no campeonato.

Finalmente, quando controlamos as correlações pelo mecanismo de formação, houve correlação forte, positiva e significante no investimento dessas receitas no gasto com pessoal e serviços profissionais, com as equipes SUB-15 e SUB-17, indicando que utilizar tais mecanismos na formação destas equipes pode contribuir para sua posição final na tabela da competição. Ainda observamos correlação forte, positiva e significante entre os serviços profissionais e o resultado das equipes SUB-15 com a equipe SUB-15, indicando a relevância do trabalho de tais profissionais no resultado final das equipes na competição, e ainda sugerindo que é positivo para as equipes superiores haver investimentos do mecanismo de solidariedade nas equipes inferiores (ANDRADE; PIVA, 2019).

Apesar de todas estas correlações, o resultado do teste de causa-efeito sobre as variáveis que apresentaram correlação indicou que não houve nenhuma variável que tivesse efeito sobre outra. Ao questionar tais resultados ficou evidente que este fenômeno pode ter sido causado pela limitação dos dados coletados, ou seja, os demonstrativos financeiros disponibilizados por cada clube podem não ter sido suficientes para explicar ou indicar o efeito das

variáveis analisadas para o presente estudo.

Quando da elaboração da metodologia deste estudo, partiu-se da ideia que era fundamental o acesso detalhado aos dados de formação, considerando investimentos em estruturas, profissionais, e serviços ofertados aos atletas durante a sua formação, entretanto, tais dados permanecem sob sigilo em cada clube, impedindo assim a profunda investigação sobre os fatores que tem como causa e efeito das correlações.

Esses dados seriam relevantes para a construção de um saber específico sobre as causas, efeitos e correlações entre o investimento nas equipes das categorias de base na formação dos atletas, e também na eficiência do resultado financeiro obtido por esta formação, e sua comparação com atletas profissionais que não foram formados nos clubes, permitindo entender o que traz maior resultado: a formação ou a compra de atletas para compor o plantel que disputam nas categorias de base.

Conclusão

Fica evidente que existe correlação entre o investimento financeiro e o resultado desportivo das equipes de categorias de base nos três clubes do Rio de Janeiro analisados. Apesar do Fluminense ter indicado investimentos 20 vezes maior que o Flamengo em atletas profissionais contratados, não é possível afirmar, segundo Pereira, et al., (2015) que a performance desportiva do clube se deu por conta de tal valor de investimento, pois o autor constatou em sua pesquisa que o investimento alto em contratação de atletas não é suficiente para obtenção de títulos e resultados desportivos positivos ao clube, inclusive indicando a necessidade de captar atletas para a formação que demonstrem habilidades técnicas de acordo com as necessidades da equipe. Além do que, o Flamengo mesclou as informações relevantes sobre estas variáveis inviabilizando uma análise profunda sobre este tópico.

Dado que Flamengo e Fluminense investiram valores equivalentes na formação de atletas, podemos afirmar baseado nos resultados de Pereira et al., (2015), e pelos resultados do presente estudo que a performance do desportiva das equipes formadas nas categorias de base é mais lucrativa que a contratação de atletas profissionais. Tal afirmação ainda pode ser corroborada pela performance desportiva do Botafogo e o nível de investimento em formação de atletas que foi superior nos primeiros anos analisados sem ter trazido resultados desportivos e títulos para o clube, e também pelo fato de que o Fluminense obteve maior retorno de receitas através dos mecanismos de solidariedade entre os clubes.

O Fluminense obteve melhor performance financeira-desportiva, dado que investiu menos que o Flamengo, mas obteve um número expressivamente superior de títulos nas categorias de base. O Botafogo foi o clube menos eficiente entre todos os clubes analisados.

Em linhas gerais, o presente estudo contribui para a ampliação do debate sobre a formação de atletas em categorias de base e o efeito que essa formação tem sobre as receitas do clube, bem como também sobre a sua capacidade de performar com sucesso na obtenção

de títulos ou figurar entre as primeiras posições da tabela. Esta performance é importante devido ao alto número de pessoas envolvidas na formação de atletas nos clubes cariocas e a manutenção de emprego e renda destes profissionais.

Referências

- ANDRADE, D. L. I. J., PIVA, T. A., Determinantes do desempenho esportivo dos clubes do futebol brasileiro. Revista intercontinental de gestão desportiva, v. 9, n. 3 p.49-66. 2019.
- BELLOS, A. Futebol: O Brasil em campo. Ed. Zahar. 1^a edição. Rio de Janeiro. p. 352. 2002.
- BARROS, C. P., ASSAF, A., EARP, F. S., Brazilian Football League Technical Efficiency: A Simar and Wilson Approach. Journal of Sports Economics, v.11, n.6, p. 641-651. 2010.
- CÂMARA, H. C. R., Behavioral criterias used by coaches on evaluation of sportive performance of soccer players of base categories. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. p.125. 2009.
- CONSTANTINO, C. A. S. A Contabilização dos Jogadores de Futebol nas Sociedades Anônimas Desportivas. Tese de Mestrado em Ciências Empresariais. Faculdade de Economia. Universidade do Porto. 2009. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bits-tream/10216/7378/2/2006%20Tese%20de%20Mestrado%2015.pdf>> Acesso em 06 de setembro de 2022.
- CRUZ, S. N. S. R. A., SANTOS, L. L., AZEVEDO, G. M. C. Direito desportivo resultante da formação: evidência empírica nos clubes portugueses e brasileiros. Revista Universo Contábil, v. 7, n. 1, p.122-143. 2011. ISSN 1809-3337.
- DANTAS, M. G. S.; MACHADO, M. A. V.; MACEDO, M. A. S. Fatores Determinantes da Eficiência dos Clubes de Futebol do Brasil. VIII Congresso Anpcont, Rio de Janeiro. Anais VIII Congresso Anpcont. p.113-132. 2014.
- FIFA - Fédération International de Football Association, Circular nº. 769: Revised FIFA Regulations for the Status and Transfer of Player. 2001, <https://digitalhub.fifa.com/m/cb37201b05fe8f7/original/Regulations-on-the-Status-and-Transfer-of-Players-July-2022-edition.pdf> disponível em em 07/09/2022.
- GUIMARÃES, M. B., OLIVEIRA, A. M., PAOLI, P. B., A prospecção do talento no futebol brasileiro: diagnóstico estrutural e financeiro do processo de captação de atletas. Editora Appris; 1^a edição. Paraná. p 155. 2020.
- GUZMÁN, I. MORROW. S., Measuring efficiency and productivity in professional football

teams: evidence from the English Premier League. Center European jornal operations research. v15, p.309–328 (2007). <https://doi.org/10.1007/s10100-007-0034-y>

MATTAR, M. F., Na trave: O que falta para o futebol brasileiro ter uma gestão profissional – 1^a edição. Elsevier – Rio de Janeiro. p.135. 2014.

OLDRA, M. D., DEPARIS, M. N., NEZ, E., A formação de atletas torna um clube vencedor nas finanças e nos campos? Revista Panorâmica Online. v31, n.1. 2020. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1182>> Acesso em 28/09/2022.

OLIVEIRA, A. S., MARTINS, E. B., A relevância de investimentos em atletas: caso Ceará Sporting club na Série A. Artigo (Graduação em Ciências Contábeis) Centro Universitário Fametro, Fortaleza, p.15-21. 2020.

PEREIRA, A. G. C., JÚNIOR, A. C. B., KRONBAUER, C. A., & ABRANTES, L. A. Eficiência técnica e desempenho econômico-financeiro dos clubes de futebol brasileiros. Revista Reuna, v20. N. 2, p.115-138. 2015.

SILVA, A. C. R. P., Metodologia da pesquisa aplicada a contabilidade. UFBA, Faculdade de Ciências Contábeis. Atlas. 3^a Edição. Salvador, p.174, 2017. ISBN: 978-85-8292-106-7

SZYMANSKI S, KUYPERS T. Winners and losers: the business strategy of football. Viking, Londres. p.416. 1999. ISBN: 0670884863

9

ÉTICA, VIOLÊNCIA E FUTEBOL DE FORMAÇÃO: SETE POSTULADOS INICIÁTICOS

Constantino Pereira Martins
Luísa Ávila da Costa

Raízes da ética do desporto, a bancada como espelho introdutório

Comecemos pelo começo: o que é a **Ética**?

Aproximar ou tocar um campo com a densidade como o da ética exige sempre uma atitude simultaneamente ousada e humilde. Talvez nos possa ajudar, neste esforço, sondar ou auscultar o que a ética não é, ou pelo menos ao que não pode ser reduzida. Nesse sentido, a ética não é, ao contrário do que o senso-comum por vezes parece apontar, a resposta sistemática da Filosofia Anglófona, vulgo Analítica, em que se ordenam categorialmente os problemas por relação ao seu carácter descritivo, meta-ético, normativo, aplicado, etc. Isso poderá colocar-nos, paradoxalmente do lado de fora do problema. Como seria estar fora da vida. Assim como afirmar que a Ética radica em última instância na escolha, e apagar todo o infinito de possibilidades, tensões, angústias e conflitos que nesse processo estão envolvidos. A Ética é a vida no seu estado mais puro, como uma constante navegação, decisão, envolvimento e implicação. Cada um de nós está irremediavelmente envolvido na sua vida, e acorda todos os dias ao espelho para si mesmo e face aos outros, tendo a morte como último patamar ou destino, e como questão mais radical a inquietação perante o domínio ou falta de domínio desse destino. Se a vida vale a pena ser vivida, a Ética é a resposta a uma pergunta fundamental da existência humana: *como devo agir? O que devo fazer?* Simples, no que de infinitamente complexo comporta. Esta pergunta que nos assombra a todos nasce da própria vida, dos seus problemas naturais, das suas complicações, situações inesperadas, situações desafiantes, numa palavra, a Ética é uma pergunta e um problema que brota da própria vida. A Filosofia, como esforço de esclarecimento, procurou ao longo dos milénios pensar este problema. Contudo, pensar um problema não pode ser apenas agrupar ou descrever analiticamente esse problema, mas sobretudo mergulhar nele, talvez até habitá-lo. E é por isso que ainda hoje lemos os gregos antigos e pensadores como Platão ou Aristóteles, que efetivamente se detiveram na densidade desse problema. Mas foi talvez Kant quem explicitou melhor as tarefas hercúleas da Filosofia nas seguintes determinações:

O que posso saber? O que devo fazer? O que me é permitido esperar? (KANT, 1994, p. 639). Tentaremos, com este texto, dar uma resposta clara e sintética a como devemos agir, ou melhor, tentar-se a delimitar o campo da Ética dado a tantos equívocos no presente tempo, e em especial no, e por relação ao campo do Desporto.

A ética é frequentemente mencionada como um ramo da filosofia que se dedica ao estudo e fundamentação do conjunto hierárquico de valores e práticas que orientam a ação humana em direção ao bem. Ricoeur (1995) define esse bem como a busca por uma vida boa, compartilhada com os outros. Essa perspectiva ética visa promover uma convivência humana orientada para o aprimoramento individual e coletivo, requerendo uma experiência humana vivida de forma livre, responsável, justa, solidária e significativa, no sentido aristotélico de uma vida bem vivida (ARISTÓTELES, ed 2009).

A ética abrange diversos domínios (MCINTYRE, 2007), como a ética da virtude, que foca nas qualidades pessoais e em como elas devem ser orientadas para o bem; a ética do dever (deontológica), que diz respeito ao conjunto de critérios e regras tendencialmente universais que os indivíduos devem seguir; e a ética prática, utilitária ou comportamental, na qual os indivíduos, ao exercerem as suas virtudes e obedecerem a seus deveres, discernem como agir adequadamente em problemas éticos com situações concretas, específicas, contextuais e situadas. Tem sido a partir de uma abordagem específica do desporto sob a ótica destas três principais teorias éticas (utilitária ou consequencialismo, do dever ou deontológica, e ética da virtude), que surgem trabalhos produzidos por filósofos do desporto (BOXILL, 2002; GALASSO, 1988; LOLAND, 2002; MORGAN, 2000; SIMON, 1991; MCNAMEE; PARRY; 1998) que debatem questões como justiça, integridade, responsabilidade e respeito entre os intervenientes, as regras e as normas de uma convivência saudável no desporto, bem como o problema da fraude, do doping e da intervenção médica para potencializar artificialmente a performance, da violência, do racismo, da exclusão e da desigualdade.

Num esforço de contemplação destas diversas perspetivas, e a partir de um propósito inicial de busca pelo acesso facilitado e desmistificado a uma ética do desporto no contexto particular da participação de crianças e jovens no futebol de formação e nas suas consequências dentro de campo, mas também fora do campo (em especial com os pais e a envolvência social), propomos um olhar para o reino da Ética a partir de sete postulados essenciais por ela revelados que neste enquadramento nos parecem essenciais:

A Ética é o contrário da lei do mais forte e a sua superação

Primeira superação: a lei do mais forte

A lei do mais forte é aquilo que designamos na linguagem comum por lei da selva. Na Filosofia é uma questão longamente pensada mas essencialmente trata-se da ordenação da vida, da política ou do amor, conforme à força. Esse estado de natureza, como tematizado

por Hobbes (1651), é a consagração do princípio de sobrevivência, não como Darwin o desenhou no movimento conceptual de compreensão da adaptação e evolução, mas como mínimo civilizacional. São as ditaduras e os estados totalitários na modernidade que nos dão uma imagem mais presente da selvajaria e destruição que a lei do mais forte é capaz. Porque na lei do mais forte tem que existir sempre um mais fraco, um bode expiatório como magistralmente pensou Réne Girard (1972). Essa força bruta e cega que depois toma na acção formas mais complexas, mas que necessariamente fazem despontar forças de resistência, de acção-reacção. A Ética, enquanto possibilidade e fonte de resistência última, não pode ser apagada porque ela é uma exigência de luta contra a submissão, contra a escravatura e a servidão. A liberdade é o horizonte primeiro e último da Ética.

Poderá parecer contraditório num ensaio sobre desporto fazer-se referência à ultrapassagem da lei do mais forte, já que um dos sentidos da competição desportiva é precisamente a descoberta da melhor performance, do melhor rendimento, do melhor resultado, do melhor atleta, expresso muito claramente no lema “*Citius, Altius, Fortius*” adotado em 1894 por Pierre de Coubertin. Talvez tenha sido precisamente um sentimento paradoxal de incompleteness perante este ideal olímpico que, em plena pandemia covid19, na realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 (concretizados apenas em 2021), o lema tenha sido modificado com a adição, após hífen, da palavra latina “*communis*”, que significa “*em comunidade, em solidariedade*”. Esta subtil adição possui uma natureza absolutamente transformadora no que ao olhar sobre o outro (competidor, adversário, companheiro de equipa, árbitro, familiar, espectador) diz respeito. É neste sentido que Robert L. Simon (2010, p. 27) define a competição desportiva como “*a mutually acceptable quest for excellence through challenge*”. É que a excelência se busca em comunidade, em relação, o que nos conduz para a necessidade da ultrapassagem de si mesmo.

Segunda superação: a de si mesmo

Somos seres vivos em evolução, ninguém está parado. Viver é habitar um movimento permanente. Mesmo quando se deseja parar, suspender o momento vivido, o movimento é inevitável. Ainda que alguém se encontre no fundo do poço, numa profunda depressão, num terrível desgosto, sem qualquer vontade de se mover ou avançar, nunca está totalmente parado. Também quem experimenta estados de profunda felicidade e deseja fazer parar o tempo e eternizar a alegria desse momento, não consegue deter a passagem do tempo e do movimento. Poderíamos dizer que a vida diz do movimento e a morte da cristalização. O ser humano encontra-se, por isso, permanentemente em crescimento, aprendizagem e evolução. Parar é aproximar-se da morte e permitir que ela se aproxime de nós. Em Portugal existe uma expressão popular muito certeira e sábia: *parar é morrer*. Isso significa que o movimento é vida, e que a vida é movimento.

Como estamos no quadro do pensamento, e da Filosofia do Desporto, torna-se inevitável

introduzir a noção grega antiga de *devir*. A Ética está em movimento, em *devir*, em mudança, porque naturalmente todos nós estamos igualmente nesse regime ontológico. Mesmo quando estamos parados, penetrarmos um movimento, entre o passado, o presente e o futuro. Nesse movimento, cada ser humano está em constante metamorfose e superação. Mesmo que não queira. Se imaginarmos um jovem atleta preso a um profundo arrependimento de ter causado, deliberadamente, dano físico grave ao seu adversário, por exemplo, esse desportista está - para além da fixação total de não poder mudar o que foi feito e preso a esse facto - em transformação e ajuste ao que essa experiência em si pode transfigurar. Existe um contínuo de autorreflexão e diálogo interior que é despoletado pelo *devir*, pela relação com o outro e com o mundo: *naquela situação será que fiz bem? Poderia ter agido de outra forma? Em que é que o que atravesso me vai transformando e edificando?*

Esta auto-consciência reflexiva dá-se no choque com o mundo, e de forma particular, quando há tensão, sofrimento, dor e conflito, como bem viu Aristóteles, na eterna busca pela excelência (*arête*). Nesta linha de pensamento, o *devir* apresenta uma natureza agonística em busca da transcendência, colocando a ética no centro dos valores competitivos desportivos, desde a antiguidade até à contemporaneidade (Hervas; Albelda; Delgado, 2022).

A Ética, como o desporto - e particularmente a ética do desporto - está em movimento, em evolução, em mudança. E por isso exige e é exigente. Exige de cada um o seu melhor a cada momento. Somos todos nómadas, seres e filhos do desejo, à procura de algo, da superação, da transcendência, da *arête*. A exigência de estar vivo vem acompanhada dessa responsabilidade de superação de si. A responsabilidade do encontro.

A Ética é agir na altura certa (ou pelo menos tentar)

A Ética ultrapassa o mundo das ideias, não existe no ar ou no vazio, mas revela-se no mais concreto da experiência humana. Neste sentido, a Ética não se trata apenas de pensar sobre como agimos. Trata-se de agir de acordo com o que pensamos. Esta subtil inversão verbal faz toda a diferença. Porque se sobre a Ética podemos ouvir e ler um conjunto alargado de frases feitas e lugares-comuns, na sua raiz, na sua radicalidade, o problema não reside apenas em falar sobre, mas sobretudo em agir de acordo com, e agir de facto. Não se trata, contudo, de falar sobre a natureza essencial das escolhas, e de como a escolha é a nossa identidade máxima enquanto humanos, mas escolher na forma de uma acção, de uma posição, de uma partilha, de uma amizade, de uma incompreensão, e no limite na forma de erro. Porque é incontornável a qualquer experiência humana. Como dizia um dos nossos mais brilhantes matemáticos: *se não temo o erro, é porque estou sempre disposto a corrigi-lo*⁴². A Ética constitui-se numa temporalidade, de estar à altura das circunstâncias, de agir na altura cer-

⁴² Frase de Bento de Jesus Caraça inscrita numa parede do então Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, onde lecionou como Professor Catedrático.

ta. Neste sentido, a Ética pertence também de alguma forma à coragem. A Coragem de fazer alguma coisa no presente, mas também de ter a consciência do futuro, de que o que fazemos agora são sementes de futuro. Isto é facilmente comprovado negativamente, ou seja, ver a Ética no problema da inacção, ou do ignorar, branquear, não se envolver, desprezar ou ficar indiferente ao que necessita de ação e atenção. Todos os derivativos negativos de inacção que desembocam na máxima que se espelhou nas armaduras dos aliados na Segunda Guerra Mundial: *the only thing necessary for the triumph of evil is for good men to do nothing* (a única coisa necessária para o triunfo do mal é que os homens bons não façam nada). Este eterno dilema ético, popularmente interpretado por “depois não te queixes”, mostra o silêncio como cobardia, em profunda contradição com a busca por uma ética de vida. Não nos referimos, evidentemente, ao silêncio ponderado, profundo, reflexivo, ou prudente, mas ao silêncio cúmplice e covarde, o silêncio que apaga, o silêncio fúnebre da servidão inimiga da liberdade. E a liberdade, como forma de vida, lembrando Wittgenstein, é estar à altura do que acontece. Entre o *logos*, o *pathos* e o *ethos*, a equação da vida não é uma simples aritmética de soma, subtração, multiplicação e divisão. A complexidade da vida vai muito além da matemática e da lógica. Embora muita gente esteja sempre a fazer contas.

Cabe-nos questionar, então, o que significa estar à altura das circunstâncias no contexto da prática do futebol de formação, para crianças e jovens. O que significa para um pai ou uma mãe na bancada estar à altura das circunstâncias quando assiste a um erro de arbitragem, a uma falta feita sobre o seu filho, ou ao erro ou fracasso de alguma jogada tentada, mas não conseguida? O que compete ao treinador quando tem um jogador em campo que, apesar de marcar muitos golos, apresenta uma conduta permanentemente antidesportiva? E aos pais desse jogador quando, por esse motivo, o treinador decide colocá-lo no banco de suplentes por um jogo?

Todas estas questões colocam o sujeito (jogador, treinador, pai ou mãe, familiar, espectador, árbitro) numa oportunidade de se posicionar à altura das circunstâncias, em tempo real e em ação, tendo como referência o superior interesse do desenvolvimento integral de cada desportista em formação na sua relação com o outro e com o mundo, na superação da lei do mais forte e de si mesmo, em movimento de encontro e procura pela transcendência, o que nos encaminha para o próximo postulado, o da relação.

A Ética é a relação entre mim e o outro

Se o outro é o fim da acção, e eu sou o início da acção, a acção fica algures entre estes dois lados. Mas a acção é uma relação, uma ligação. A questão reside na forma e no processo: *como é que eu me ligo aos outros? Como trato os outros? Como cuido dos outros?*

O desporto é, para Bento e Constantino (2007), o artefacto cultural de excelência, criado pela nossa civilização, para corresponder ao desejo de instituir o corpo como um instrumento

de socialização de princípios e valores que melhoram e qualificam a pessoa e a vida, na sua relação com o outro.

Este olhar sobre o desporto enquanto elemento essencialmente socializador não se refere apenas aos processos individuais de criação de identidades sociais, ou mesmo entre as possibilidades polimórficas da autoconsciência. Pelo contrário, o desporto inicia o ser humano no encontro com o outro através da corporeidade, na sociabilidade, permitindo-lhes a experiência da liberdade através de um sentido de agência pessoal que é corporal (Lacerda, 2002). Este processo não deve ser artificialmente pensado ou adicionado ao desporto por meio de motivações pedagógicas. Ele resulta precisamente da compreensão dos significados essenciais, funções, princípios inerentes e objetivos de cada desporto, e, por si só, promove a alteridade ao procurar uma realização perfeita dos seus requisitos, sejam eles técnicos, táticos, estratégicos, psicológicos ou biológicos (BENTO, 1990).

O desporto, concretamente o futebol, requer uma ocupação corporal especial e intensiva de lugares e espaços, onde cada um vive e se encontra os outros, os seus lugares e as suas maneiras particulares de viver. Neste sentido, se pode ser um lugar acolhedor, deve ser não apenas um lugar para a apropriação do espaço, mas também aquele que proporciona uma experiência criativa e fecunda que promove a convergência subjetiva e intersubjetiva das potencialidades humanas, bem como um diálogo colaborativo entre os seus intervenientes.

O desafio real está em “*como*” esse diálogo pode ocorrer para promover o fortalecimento dos laços sociais, combatendo a exclusão ao encontrar mecanismos para promover a integração, a reconstrução social e a configuração de novas formas de solidariedade em prol do bem comum (PEREIRA, 2009).

Experimentar o espaço, espacializar, através de um jogo de futebol, pode transmitir o significado de dar ao outro, de abrir o espaço ao outro, de viver e promover a alteridade. Contextos de aprendizagem como os proporcionados pelo futebol, baseados na necessidade contínua de exercitar habilidades motoras nas relações entre as pessoas (que não são apenas físicas, mas também expressas por uma corporeidade integral), representam um instrumento importante e valioso para criar identidades sociais e novas formas de convivência que considerem harmoniosamente o desenvolvimento de uma auto e hetero identidade.

Porque no desporto, e convém sempre relembrar esta lição fundamental da Filosofia e Ética do Desporto, a questão central não se circunscreve apenas ao ganhar ou perder, mas em *como* é que se perde, e *como* é que se ganha. Isso também se relaciona com uma certa beleza das coisas, da beleza de uma acção, e em último caso da vida como obra de arte. Não gostaríamos todos que os nossos filhos e netos nos recordassem com admiração? Que contassem histórias belas sobre nós? Que rasto e que memória pretendemos deixar para o futuro no que à experiência do futebol para crianças e jovens diz respeito? Voltaremos a este ponto de análise entre a Ética e a Estética, entre o Bem e o Belo, que aprofundaremos mais adiante de forma mais clara.

A Ética é a relação de mim ao outro, relação ao próximo

A Ética, enquanto relação ao outro e tendo o outro como centro da acção pode ser traduzida de forma muito simples, intuitiva e acessível: cuidado e responsabilidade. Foi talvez Levinas (1982) quem mostrou isto de forma mais bela através dos seus escritos éticos por relação ao rosto. O rosto do outro é uma abertura ética, uma abertura ao infinito. Isso significa em termos sintéticos a afirmação da noção de pessoa como dignidade inegociável e intransmissível: cada um de nós é um ser único e irrepetível. Esse facto atesta bem o excesso de beleza que existe no mundo, apesar de o mundo poder ser um lugar muito feio e aborrecido. É um milagre que as coisas sejam assim. Nesse sentido, absolutamente místico da Ética, ela transfigura-se como combate à solidão substancial e ordenação da tribo natural, por relação ao caos e, politicamente, configura-se como justiça intergeracional mas essencialmente enquanto responsabilidade intergeracional. Hans Jonas (1994) mostrou este sentido da Ética, também por relação à natureza, e reembrou a importância de um sentido antigo de responsabilidade face aos vindouros. Convém nunca esquecer que estamos de passagem. Somos pó, e ao pó voltaremos.

A responsabilidade de estar vivo é a humildade perante os vivos e os mortos, mas também com os que estão por nascer.

O desporto pode ser arena de concretização deste olhar sobre a ética, como tão bem o revelam os casos de Braima Dabó⁴³, mais conhecido e mediático, ou o de Dinis Paulo⁴⁴, porventura mais desconhecido e anónimo. Ambos os episódios, que revelaram uma enorme sensibilidade ética dos seus protagonistas, possuem um alcance que em muito transcende a competição em que se situavam, os resultados desportivos imediatos da prova em que competiam, e as consequências classificativas a que levaram. No registo para memória e para o futuro permanece a marca indelével do fairplay e da humanidade das escolhas feitas e das ações realizadas.

A Ética é a relação de mim a mim, relação à interioridade, pensamento e reflexão

A acção não existe no vazio. Ela é o resultado de um processo invisível que envolve uma relação complexa de muitos elementos, determinações, circunstâncias e contexto. A densidade de uma ação, verdadeira e profundamente considerada, invoca reflexão e ponderação. É claro

⁴³ Nos Mundiais de atletismo em Doha, Catar, no dia 27 de Setembro de 2019, durante a prova dos 5.000 metros, Braima Dabó, observando Jonathan Busby, o atleta de Aruba, a lutar contra o calor e a fraqueza, ele decidiu intervir cerca de 250 metros antes da linha de chegada. Sem hesitar, segurou o adversário pelos braços e pela cintura, ajudando-o a suportar o peso do corpo. Abrandou a sua velocidade para acompanhá-lo e juntos cruzaram a meta. Infelizmente, essa nobre ação resultou na desclassificação de Busby e em um cartão amarelo para Braima, por violar as regras ao auxiliar outro competidor. No entanto, a plateia presente reconheceu e aplaudiu de pé a bela demonstração de fair-play e solidariedade que se desenrolou diante de seus olhos.

⁴⁴ No dia 15 de fevereiro de 2020, Dinis Paulo, de apenas 10 anos, encantou Portugal durante um jogo de futsal entre as equipas de benjamins do Sporting e do Benfica. Com o placar empatado em 0-0, o árbitro marcou um penálti contra o Benfica após a bola tocar no rosto do jogador benfiquista durante uma tentativa de defesa, gerando dúvidas sobre o lance. Os jogadores do Sporting aproximaram-se do árbitro, e foi então que Dinis fez um gesto indicando que a bola havia atingido o rosto do colega de equipa e não o braço. Impressionado com a honestidade do jovem, o árbitro anulou a grande penalidade e premiou Dinis com o cartão branco, símbolo do fair-play. O Sporting acabou por vencer 1-0, mas o resultado foi eclipsado pela bela lição de espírito desportivo proporcionada por esse jogo.

que alguém que mata alguém de “cabeça perdida” não deixa de ter realizado um homicídio, mas esse tipo de acção não é o que se poderia designar com igual grau de profundidade e globalidade de alguém que pensou e planeou durante anos sobre como iria matar alguém. Ou seja, conseguimos desvelar, no mesmo acto, por exemplo o de matar, diversos tipos de acção conforme a sua natureza, extensão, gravidade, reflexividade, etc. Sem aprofundar demasiado a complexidade da acção, existe algo que, queiramos ou não, muda tudo: o princípio, e exigência, de verdade e de compaixão. Evidentemente que uma acção tem várias leituras e perspetivas, em tribunal sempre no mínimo duas, vários envolvidos, por vezes mais do que se imagina nas suas implicações, vários pontos de vista, por assim dizer. Mas existe uma verdade na acção que não pode ser ultrapassada e que dá acesso à compaixão. A paz, ou os processos de perdão, reconciliação e cicatrização de crimes graves, alcançam-se pela aceitação da verdade e, através dela, pela compaixão. O perdão exige, por isso mesmo, reconhecimento e aceitação da verdade, para que se torne possível o rompimento da ligação entre o mal feito em mim e o sentimento e marca que ele me imprime, isto é, para o perdão (ENRIGHT, 1992).

Com frequência, é precisamente a opacidade ou dificuldade de averiguação da verdade dos acontecimentos desportivos - que tantas vezes desagua em decisões de arbitragem nada consensuais - que despoleta o sentimento de injustiça nos atores desportivos (sejam jogadores, treinadores, espectadores etc.) e, por sua vez, de mágoa ou ressentimento. Se por um lado o investimento desportivo na averiguação da verdade desportiva contribui para uma maior transparência e clareza da verdade das ações em campo, por outro lado sabemos que nunca o consegue exaustivamente (o recurso a equipas de arbitragem mais amplas, a tecnologias como o vídeo árbitro, a linha de golo ou o olho de falcão não foi ainda capaz de eliminar na totalidade o número de polémicas que alimentam semanalmente programas de televisão dedicados à análise das arbitragens). Há, contudo, um investimento na formação moral - porventura alvo de menor atenção - para o reconhecimento, para a aceitação e para a compaixão (numa palavra, para o perdão) que pode ser tido em consideração e desenvolvido na formação das crianças e jovens atletas.

A Ética está entre os valores e as regras e radica nessa tensão

A Ética revela a sua máxima potência no dilema e no paradoxo. Não há ética fora do mundo da vida. Isso significa que existe um espaço de mim a mim, entre mim e os outros, e entre mim, os outros e o mundo que a todos nos rodeia. O outro, e eu nessa relação da acção, no fluxo da vida encontram-se num contexto ordenado, já em andamento. A vida já se encontra em movimento quando nela se, qual rio fluindo, que não para para que o observemos. Isso significa que todos os que entram na vida e no mundo, o fazem sempre em conjunto com os que com eles entram e face aos que nela já se encontram em fluxo. Esse encontro pode assumir diversas naturezas, pode ser suave, abrupto, em tensão e choque, adequado ou desadequado, em aceitação ou revolução, etc. Mas qualquer que seja a forma que adquirá, a subjectividade e

a colectividade não ter que se relacionar e dialogar. Até a aparente excepção dos que se dedicam ao isolamento monástico ou eremita, além de nunca o fazerem desde o nascimento, em sentido absoluto, também esses dependem de algum tipo de relação com a comunidade e o mundo natural. Em suma, na existência humana há sempre um *espaço-entre*. A Ética habita esse *espaço-entre*. Um dos seus espaços mais híbridos e pouco palpável é o reino dos valores, motor invisível primeiro da acção. A par da razão e da emoção, os valores constituem-se nessa tríade fundacional da acção. Os valores são, resumidamente, um dos elementos de ignição da ação. Se alguém coloca no topo da sua hierarquia de valores a sua carreira profissional, tendencialmente subvaloriza outras dimensões da vida, como a familiar ou a social. Ou se alguém tem os seus filhos como a presença e a companhia mais vital da sua existência, mais dificilmente se irá expor a uma circunavegação solitária à vela. Ou seja, existe uma relação profunda e hierárquica entre axiologia e ética. O que é a axiologia? É o que designamos em Filosofia pelo estudo dos valores. Não se reduz, contudo, exclusivamente aos valores éticos. No que nos ocupa aqui por relação ao fenómeno desportivo, podemos pensar a axiologia de uma forma imediata como presa entre o que aparece e o que não é visível. A relação da axiologia aos problemas da ética desportiva em termos simples: *dentro e fora de campo*. Tal como na linguagem cinematográfica e televisiva, o plano é uma relação ética e estética entre o que fica e o que se exclui, o que se vê ou não se vê, um recorte ético-fenomenológico com o visível, perceptível, formal. A forma do que fica, *dentro e fora de campo*, é muito importante. Isso é claro por exemplo nas transmissões televisivas e invasões de campo, nos escândalos de corrupção no desporto, nas transacções de jogadores, no tráfico humano de jogadores, etc. Os recentes, e cada vez mais frequentes, casos de violência nos jogos infantis e juvenis ilustram bem que o de fora de campo exibe formas e figuras bastante preocupantes na relação entre atletas e desporto, pais e filhos, clubes e árbitros, etc. No futebol, particularmente, são inúmeros os casos que se sucedem de violência nas bancadas, no campo, com polícia, entre pais, todo um desfilar de formas estranhas de um comportamento e acção que nos deixam a todos perplexos com o nível a que se chegou. As figurações sociais em Portugal, resultantes de algum irracionalismo e preconceitos de classe, impedem uma compreensão global e complexa do problema. Temos que sair para fora de uma dialética da ética da aparência, da ética para inglês ver, para uma compreensão efectiva e concreta. O espaço de tensão entre os valores e as regras não pode ser um espaço vazio que é invadido pela neutralidade e pela barbaridade, esse espaço tenso é a fonte de riqueza para uma vida e uma acção em liberdade e com sentido. A bancada do desporto, do futebol ao hóquei ao futsal, como sofá psicoterapêutico e purga psico-social, não pode ser um espaço impune e aberto às tribos e ao canibalismo. Isso significa que a relação entre a ética e a legalidade está em crise, quer seja pela inacção, quer seja pela vontade de não querer ver, e que é preciso relembrar o estimável e inegável contributo da Filosofia do Direito no âmbito do desporto. Mas não podemos, contudo, juridificar a ética, reduzindo-a às regras. A Ética é, ou pode ser, uma fonte fermentadora do Direito. A Moral é, ou pode ser entre outras coisas também, uma fonte fermentadora do Direito, mas não o

contrário. Mas se uma pessoa pisar o risco da lei, pode e deve ser punida, porque como dizia Hobbes (1651), *a lei sem espada não vale nada*. Se na Ética, é o sofrimento da consciência que assinala a pena, no Direito é a pena que assinala e anuncia o sofrimento.

Se as virtudes práticas podem não ser percepcionadas como não sendo isso – virtudes, leia-se - então essa percepção vem à tona na própria sociedade. O valor da humildade e recatamento, ou da frugalidade e prudência, quase desaparecidos do espaço público monopolizado pelo paradigma da imagem e da aparência social (Bauman, 1999), deixam campo aberto para que se reforce a ideia do egoísmo como princípio de acção ou valor central, obscurecendo o cuidado com o outro, o ter em consideração o outro como parte do raciocínio e ponderação ética e moral. Pôr-se no lugar do outro é, ou deveria ser, um exercício ético contínuo. O certo e o errado, do ponto de vista da acção ética e moral, pode ser pensado sempre e rapidamente à luz da seguinte fórmula popular: *eu gostaria de ser tratado da forma como estou a tratar o outro?* Mais facilmente dito do que feito. Aliás, um dos grandes obstáculos e objecções que fazem à questão ética é que esta é do domínio do mundo ideal, como se fosse algo bom a atingir, mas que, infelizmente, no mundo terreno é impossível. Esta compreensão errada e deficitária do problema ético impede a sua boa interpretação: em primeiro lugar que a Ética reside no exercício da liberdade do mundo real e, portanto, tem consequências a múltiplos níveis e que em última instância sustenta a Moral; e em segundo lugar, que a Ética desagua sempre no espelho de água da Política, e que, consequentemente e em última instância, ela é um gesto micro-político.

A Ética é o reino da Liberdade e da Responsabilidade

Chegámos ao ponto mais alto da nossa reflexão: a ligação umbilical entre liberdade e responsabilidade. Este é o postulado mais importante, mas, talvez por ser tão evidente, é muitas vezes esquecido⁴⁵. Mas se esta meta-evidência é o coração do nosso pensamento, a liberdade e a responsabilidade apresentam uma questão gritante na sociedade contemporânea: o problema dos limites. Numa sociedade onde aparentemente o indivíduo tem a máxima liberdade e onde tudo é permitido, as zonas cinzentas e mais ambíguas colocam sempre em crise esta eterna e recorrente questão (LIPOVETSKY, 1983). E também a questão das consequências, no sentido da responsabilidade por um lado, mas também da responsabilização, do ser responsabilizado, no caso específico que abordamos aqui, da violência nas bancadas e nas categorias mais jovens.

Os conceitos que aqui usamos para pensar este tema não podem estar, por isso, totalmente afastados de uma certa dose de realismo, tentando evitar as perigosas generalizações. Onde

45 Seria importante pensar aqui duas ramificações muito importantes do problema, mas que por razões de economia de espaço serão apenas elencadas sistematicamente: 1) a sub-relação moralidade, legalidade e pedagogia, no quem tem de essencial face à formação dos mais novos em Portugal e ao exercício da cidadania, e 2) eticidade, urbanidade, civilidade e legalidade, no que importante comporta de comportamento cívico no espaço público, e no esquecido par conceptual civilidade-urbanidade e na importância de sublinhar algumas regras base de convivência em sociedade. O quase desaparecimento do conceito de civilização, por relação ao conceito de cultura, teve como vítima infeliz o quase desaparecimento da ideia de base comum mínima de relacionamento civilizacional.

reside o perigo de uma generalização? Vem do seu lado hermenêutico abusivo e absoluto, que recusa toda a complexidade, que tenta chamar a si todas as atenções, ou seja, não podemos confundir a árvore com a floresta. Procuramos aqui um ponto de equilíbrio, autenticidade e pragmatismo. Não se trata de esconder a violência ou a agressividade que o próprio desporto encarna. Se não fosse assim seria birdwatching. Na verdade, trata-se de um impulso colectivo global, e o desporto radica de alguma forma no *tanathos* freudiano, ou pulsão de morte (FREUD, 1920). A violência, não confundida com a pulsão de morte, é altamente contagiosa, e corrói o espírito desportivo. Os exemplos são inúmeros e, neste momento, inegáveis: o fenómeno das claques nas modalidades desportivas para além do futebol de onze, um fenómeno recente e surpreendente, o policiamento e a violência nas bancadas em jogos juvenis e infantis, o descontrole dos pais, o desrespeito e ofensas aos árbitros nas camadas jovens... Talvez o caso mais óbvio seja por inerência o mais mediático: a tensão que se sente nas bancadas de futebol, como se fosse possível fazer e acontecer tudo, como se a qualquer momento a violência pudesse irromper sem aviso. Esta é a realidade dos estádios em Portugal. O problema não são as pessoas no fundo. O problema é o estádio.

Qual é a definição de estádio hoje? Não é só lugar onde as pessoas vão ver os jogos, mas um local muito mais complexo e com diferentes camadas de interpretação, dentro de uma lógica de catarse colectiva. Para algumas pessoas, muitas, o estádio é o lugar onde vão descarregar as suas paixões, onde não conseguem digerir a derrota, e onde insultar pessoas (árbitros, jogadores, adeptos da equipa contrária etc.) é um hábito, quase uma arte psicoterapêutica. Isso não significa que se retirarmos o estádio da equação da violência no desporto⁴⁶, como foi feito e provado em Inglaterra, a violência não irrompa depois em descampados, na rua ou em cafés, mas o facto é que temos que resolver primeiro o estádio como local sagrado do desporto. E com isso, o problema derivado que surgiu na percepção do jogo enquanto culinária de vários elementos: se não integrar um pouco de picardia, violência dissimulada, ofensas e desregramento emocional, não tem sal, não tem graça. Essa ideia preconcebida, essa confusão, aqui é simples de compreender: uma coisa é o estádio ser um local de emoção e paixão pelo jogo ou clube, outra coisa é a pessoa estar no estádio como se pudesse não ter limites para a sua paixão. Ora, a emoção não pode ser circunscrita a uma paixão desregrada e descontrolada. Se juntarmos a isto o álcool e os problemas do quotidiano, e da sociedade portuguesa em geral, estamos já a ver a receita explosiva que temos nas mãos. Ou seja, para sermos claros e simples, poderíamos usar o sistema de causas de Aristóteles para desmembrar, e pensar melhor o problema do estádio enquanto local de culto da violência: 1) *causa formal*: o que lhe deu forma, qual a sua essência ou estrutura?; 2) *causa material*: de que é feito o problema? 3) *causa eficiente*: como foi construída, qual a sua fonte?; 4) qual a sua *causa final* – a intenção? Qual era o objectivo final?

46 Referimo-nos ao problema de violência das claques como um problema de violência “no” desporto e não “do” desporto, já que esta se refere a comportamentos violentos de grupos organizados que os praticam - ainda que a pretexto de eventos desportivos - dentro e fora da arena desportiva, o que demonstra que se trata de uma violência externa ao desporto transportada depois para o contexto desportivo. Já a violência “do” desporto refere-se a manifestações de atos violentos intrínsecos ao próprio ato desportivo, como seria o exemplo de um gesto técnico que resultasse numa expressão de violência (uma placagem no râguebi executada de forma violenta, que provoque, por essa razão, danos físicos excessivos no atleta que a sofre).

Seja qual for a interpretação, do ponto de vista ético, a causalidade só pode ter uma conclusão: o *outro* como fim, o *outro* como o *próximo*, o *outro* como horizonte para longe do qual não posso deixar de olhar.

A Ética é o reino da razão e da emoção

A frase mais famosa da Ética moderna pertence a Sartre: *o inferno são os outros*. Esta afirmação reflecte perfeitamente uma tendência de se jogar para fora, de se chutar para canto. Radica num velho sonho e delírio egoísta: de que se tudo fosse como eu quero, seria tudo perfeito. Este tipo de delírio sobre a realidade é a base, e fundamento, de muitas das ditaduras e totalitarismo que assistimos no Século XX. Neste sentido, os outros são apenas um empecilho, um obstáculo entre mim e a minha felicidade. Quando o fenómeno desportivo é vivido a partir dos pressupostos de paixão, anula-se a questão da emoção, da disposição, e passa-se ao seu limite máximo como desregulamento. Desregulamento da razão e da paixão. Mas a emoção pode vir acompanhada de responsabilidade, nem tudo o que toca o emocional precisa ser da ordem do desregramento. A emoção, conceito central para se compreender o Séc. XXI, tem um papel muito importante não só na questão da responsabilidade, como Espinosa (1677) e Damásio (1999; 2003) viram, mas também, e porque fazem parte dos processos de decisão, fazem parte da razão prática. Sendo que o papel das emoções no desenvolvimento moral do indivíduo é um tema que não teremos espaço de aprofundar aqui, vamos focar-nos no exemplo mais forte para se pensar a violência latente nos espaços desportivos, como efeito de uma causa mais concreta: o deixar- se ir na emoção, e entregar- se à transformação na ira, na fúria, na raiva, no ressentimento. Nesta dicotomia entre emoção e paixão, emoção e desrazão, podemos tentar, para além da científicidade da neurociência, tentar buscar algumas causas por mera observação filosófica. Assim, poderíamos apontar algumas pistas para tentar compreender e pensar o problema:

1) ponto de vista *antropológico-cultural*. De onde vem a irracionalidade? Do fetiche da sociedade do espectáculo (DEBORD, 1967), como se o papel do espectador tivesse que ser preenchido com uma paixão desregulada, lugar de destaque nas televisões e noticiários pelos motivos mais sangrentos e brutais, pela vulgaridade, como se não fosse possível ter outro tipo de postura ou posicionamento;

2) ponto de vista *psicológico*. Muitos dos comportamentos que excedem absolutamente o espírito desportivo do jogo a que assistem, e das acções que depois tomam em mãos, podem ser analisados por relação à imitação, mimesis, apontada como possível chave de leitura por Bandura (1986) na modelação, ou até por Piaget (1971) na imitação diferida, que em Filosofia radica no velho valor filosófico do exemplo, como Kant tão magistralmente desenvolveu e

aplicou;

3) ponto de vista *político-militar*. Existe uma diferença entre inimigo e adversário. Não devemos esquecer a força destruidora da cegueira da ira, uma paixão descontrolada, e lembrar a ideia de que um segundo na vida pode ser vital, se pode perder tudo num segundo;

4) ponto de vista *categórico*. O imperativo categórico Kantiano continua a exibir enorme robustez, mesmo depois de tantos séculos, e que uma boa forma de pensar o problema ético pode ser entre meios e fins, porque, como é óbvio, ninguém gosta de ser usado, abusado e manipulado. Ninguém⁴⁷ gosta de se sentir violentado e vazio;

5) ponto de vista da *potência da alegria*. Espinosa na sua ponderação e pensamento sobre a Ética mostrava a acção como potência entre a alegria e a tristeza. A tristeza é uma diminuição, a alegria um aumento. A tristeza e a alegria são passagens contraditórias, do menor ao maior (ESPINOZA, 1992). A alegria (da boa acção, do gesto belo etc) muitas vezes apagada e esquecida dos telejornais, parece hoje ser renegada para a comédia, um erro civilizacional profundo e grave.

A Ética é o reino do Belo e do Bem

Ética e Estética

No âmbito da experiência de relação com o desporto, e especificamente com o futebol, reside sempre uma busca por valores que, em maior ou menor grau, satisfaçam as expectativas individuais e coletivas do sujeito. Envolvemo-nos e comprometemo-nos com fervor na sua prática, observação atenta, discussão entusiasmada e estudo científico, pois se vislumbra no futebol algum tipo de nobreza que atrai e que pode satisfazer as mais elevadas aspirações humanas.

Segundo Torres (2011), tal valorização pode assumir duas perspectivas distintas: uma externalista e a uma internalista. A externalista refere-se à participação no futebol em virtude das suas consequências externas, tais como os benefícios orgânicos para a saúde ou os valores morais e sociais que podem ser promovidos pela sua prática. Nesse enfoque, o futebol é encarado como mero meio para alcançar fins que transcendem a experiência desportiva em si mesma. Por outro lado, a perspectiva internalista pauta-se pela busca dos próprios bens intrínsecos a este desporto, como a sua natureza e estrutura, expertise e padrões de excelência,

⁴⁷ Existem óbvias exceções do ponto de vista psicanalítico, mas que não têm expressão ao nível desportivo onde nos encontramos a debater o problema. Pode, eventualmente, existir uma ínfima franja de possibilidade, mas sem expressão real na comunidade global e na sociedade como um todo.

independentemente dos benefícios externos anteriormente mencionados.

A apreciação estética do desporto assume manifestações palpáveis, tais como a busca incessante por padrões de excelência, a profunda conexão entre público e atleta, a intensidade, a espontaneidade e o caráter lúdico que o anima. Engloba, igualmente, a interação colaborativa entre os intervenientes, a permanente adaptação a cenários sempre novos e imprevisíveis, a harmoniosa combinação de movimentos, a superação das dificuldades impostas pelos adversários e as estratégias que encerram parcerias e cumplicidades no seio da equipa. Masterson (1983) atribui até uma natureza artística a alguns desportos (nos quais o futebol parece enquadrar-se) por exemplo, quando as ações dos atletas revelam a sublimidade da competência humana, compreendendo elementos estéticos como os movimentos individuais e coletivos, a dinâmica entre os ataques e as defesas, os contra-ataques, o ritmo, a cor, a composição, a elegância, o estilo, a graça, a força e a economia.

O debate acerca da relação entre estética e ética no desporto, em geral, e no futebol, em particular, - entre o belo e o bem - é complexo, visto que algumas características, tais como intensidade, cor, ritmo, graça, estilo, movimentos e força, podem ser interpretadas como atributos eminentemente estéticos, ao passo que outras, como a luta para superar obstáculos, as estratégias de parceria e cumplicidade, a transcendência e a superação de limitações, a capacidade de tomar decisões livres e a competição, são mais intuitivamente percebidas como dimensões eticamente relevantes. Contudo, essa categorização não está impune a questionamentos e discussões acaloradas.

O futebol apresenta aspectos cuja natureza não se submete a uma definição precisa ou a uma categorização exclusivamente estética ou ética. A interação entre colaboradores e opositores, as habilidades técnicas, a comunicação, a vitória e a derrota, a incessante busca por padrões de excelência, a estreita conexão entre público e atleta e a espontaneidade que o anima, por expressarem e revelarem tanto o belo como o bom, podem ser igualmente relevantes tanto para a dimensão estética quanto para a dimensão ética do desporto.

Não obstante a estética e a ética não se enlaçarem de forma totalmente dependente no contexto desportivo, é crucial compreender a fundo sua aparente relação a bem da compreensão do desporto como uma atividade que transcende a mera recreação e que abraça significados mais profundos e sublimes.

Indubitavelmente, o futebol, e especialmente o futebol de formação, encerra elementos de relevância inacessíveis àqueles que se limitam a contemplar apenas a sua aparência superficial. Nesse contexto, o jogo seria reduzido a meras sequências vazias e inócuas de movimentos desprovidos de significado (DAMO, 2001). Entretanto, é imperativo reconhecer que, nos comportamentos desportivos, residem significados específicos, que se manifestam não apenas na sua forma, mas também e sobretudo na intencionalidade dos movimentos, na agência livre das ações em jogo. Dentro do âmbito da sua performance, os jogadores sempre apresentam uma intenção deliberada técnica, táctica, psicológica, estratégica e, até mesmo, espiritual nas suas ações, nos seus gestos. Somente assim é possível enfrentar e resolver os

desafios inerentes a cada momento do jogo no qual voluntariamente se escolhe permanecer a praticar. Assim sendo, a beleza do desporto exige uma carga semântica, uma substância mais profunda, que transcende a mera teatralidade de gestos vazios ou aparências superficiais, uma vez que propósitos e intenções invocam a sua materialização no corpo humano para que sejam percebidos e apreendidos esteticamente.

Nesse contexto, não é por acaso que frequentemente se ouve a exclamação de espectadores: “*Que belo!*” ao se referirem a um remate bem executado, a uma jogada complexa e perfeita que resulta em golo. Da mesma forma, a feiura parece comprometer o valor ético das performances desportivas. Ao contrário da arte, onde a feiura pode ser esteticamente valorizada, e o disforme, o abjeto, o repulsivo e o repugnante, por exemplo, atraem artistas, críticos e público, no desporto essa valoração é de difícil compreensão. Esse fenómeno é revelado quando nas observações ouvidas em estádios, se ouve “*Que jogada feial!*” quando algum jogador age de forma desleal ou antidesportiva, faz escolhas visivelmente equivocadas ou falha ao aproveitar uma oportunidade óbvia em seu favor.

A título de exemplo, imaginemos que um ginasta executa um inédito triplo salto mortal com um novo movimento, jamais presenciado antes. O imenso potencial estético desse momento poderia ser, certamente, comprometido pelo sentimento de desapontamento, caso se descubra que ele realizou tal feito por meio de uma mola ilicitamente escondida sob o solo. Talvez essa circunstância não representasse problema algum num ambiente circense, por exemplo. No entanto, o desporto exige uma congruência entre a aparência das performances e os significados que lhes conferem sentido, entre a expressão estética e o seu significado ético.

Diante disto, a experiência estética do futebol parece estar intrinsecamente imbuída de um forte caráter ético, manifestado na singular interação entre a forma e o conteúdo do gesto desportivo. Desta maneira, o deleite com a beleza no futebol requer não apenas a apreensão sensível de uma ideia visível de beleza, mas exige também a compreensão dos significados que essa ideia pode representar. Similarmente, a experiência do feio reflete essa íntima relação entre forma e conteúdo, revelando-se, desse modo, uma dimensão da experiência a que chamamos de estético-ética.

O feio do futebol (no qual se incluem os comportamentos antidesportivos, os insultos, ou a deslealdade) não é, por isso, apenas percebido pelos sentidos como tal, mas necessita também ser compreendido por meio dos seus subjacentes significados.

Talvez seja este facto que explique a razão pela qual podemos considerar como notavelmente bela a performance inesperada de Aaron Hunt, num jogo crucial da Bundesliga entre o Werder Bremen e o FC Nuremberga em 2014 - duas equipas presas na metade inferior da tabela onde a ameaça de despromoção pairava. Depois de parecer que Hunt tropeçou num jogador do Nuremberga na grande área e de lhe ter sido assinalada uma grande penalidade pelo árbitro, este, beneficiário desta decisão (assim como toda a sua equipa) contestou-a. Hunt levantou-se rapidamente e admitiu ao árbitro que Javier Horacio Pinola não o derrubou, e a penalidade foi anulada. Os jogadores do FC Nuremberga alinharam-se para apertar a mão a

Hunt após a jogada. O Bremen vencia por 2-0 na altura e conseguiu manter essa vantagem até ao final do jogo⁴⁸.

Daqui resulta que a experiência ética do futebol reclama pela superação das regras, assim como das consequências práticas ou utilitárias que dele se retira, invocando uma liberdade que se move pela transcendência de valores mínimos, em busca não apenas da justiça, mas também de algo que transcende o cumprimento estrito do bem-fazer, numa agência pessoal livre em busca beleza interna da experiência do jogo.

A Ética como forma activa de conhecimento, ou seja, não-arqueológica

A Ética não é uma forma isolada. Podemos sempre pensá-la a par da política. Por exemplo, numa das suas questões mais complexas por relação à pobreza e corrupção, ou seja, arriscaríamos questionar se pode um país pobre ser Ético? A realidade tem-nos colocado perante um paradoxo entre causa-efeito: um país é pobre porque é corrupto, ou é corrupto porque é pobre? Ou seja, a corrupção não é apenas do que existe, mas também do que não existe, por relação ao futuro, por exemplo, e nesse sentido a corrupção é também um roubo, ou na corrupção da acção boa como o desaparecimento da possibilidade de algo bom que podia nascer e desenvolver-se, e que é substituído por algo mau e nocivo, que desvia. O problema da sobrevivência é um problema muito complexo para a acção ética. Perguntamo-nos muitas vezes como agir de forma certa, qual a atitude certa, e mesmo que a encontremos pode ser de extrema dificuldade seguir o que nos parece correcto, como Santo Agostinho viu tão claramente: trata-se de uma luta⁴⁹. Uma forma de ter contacto com uma boa acção é pela admiração. *Se queres conhecer a uma pessoa, não lhe pergunes o que pensa mas sim o que ela ama.* Admiramos uma pessoa pela beleza de uma acção. Wittgenstein afirmava que a Ética e a Estética são uma e a mesma coisa. A busca da virtude, da excelência, é também a procura do Belo. E um esforço por ver a beleza nas coisas também é uma forma de amor ao próximo.

A natureza do Bem é lutar contra o mal e vice-versa: notas finais e pré-conclusivas

Algumas considerações breves e sistemáticas sobre a questão do mal:

1. *Mal universal vs Mal local ou particular* (bicondicionalidade). Parece relativamente

48 <https://ftw.usatoday.com/2014/03/bundesliga-bremen-nurnberg-penalty-kick>

49 "video meliora, proboque, deteriora sequor: vejo as coisas melhores e as aprovo, mas sigo as piores". Uma luta tem muitas frentes de batalha. "Mas os males sem dor são os piores. Na verdade, é pior alegrarmo-nos na iniqüidade do que sofrer na corrupção". Santo Agostinho, A Natureza do Bem, Instituto de Estudos Filosóficos, Coimbra, 2023, p.77.

pacífico, e talvez até consensual, que na vida não podemos meter tudo no mesmo saco e nivelar tudo de forma igual. Deste modo, não se pode equiparar uma pequena mentira ou omissão face a um genocídio. Mas há algo que pode ser aferido negativamente por relação ao hábito. Uma pessoa que cultive o mal regularmente parece estar mais preparada, e até inclinada, para realizar acções mesmo más ou terríveis. A isso se poderia chamar *uma membrana original da verdade e bondade*, i.e., uma espécie de repositório e véu natural de bem em cada humano que, sendo exposto demasiada e regularmente ao mal, promove uma dessensibilização face a esse mal em curso. Os que não estão demasiado expostos ao mal, estão num certo sentido ainda desprotegidos e impreparados, e por isso muitas vezes se chocam com algumas coisas mais trágicas da vida, e por isso emergem sentimentos morais de repugnância ou aversão. Isso coloca igualmente, e contrariamente, o que designaremos como o problema da ingenuidade moral e ética: a falta de credibilidade e confiança no raciocínio e cálculo moral. Por exemplo, pode muita gente não dar credibilidade a um sinal de velocidade de 50km/h numa longa recta de uma estrada em Portugal. Em resumo, se por um lado existe uma *virgindade ética* enquanto reserva individual que se vai gastando ao longo da vida, por outro existe a possibilidade de uma ingenuidade moral que impossibilita que, enquanto comunidade, se possa fixar consistentemente um horizonte sólido de confiança mútua;

2. *Mal menor e mal maior.* No seguimento do exposto anteriormente, e seguindo a hipótese de considerar a ponderação face a uma decisão enquanto raciocínio e cálculo ético-moral, também é mais ou menos claro que no advento de uma escolha radical se escolha o mal menor. Se por exemplo, fosse necessário mentir para salvar do extermínio milhões de judeus, poucos hesitariam na sua decisão e na rapidez do seu cálculo moral. Por outro lado, Rousseau (1973, p. 214) ao pensar a questão da piedade, até por relação ao estado de natureza, vai afirmar a máxima natural: “*Alcança o teu bem, causando o menor mal possível a outrem*”;

3. *Mal necessário.* Como Santo Agostinho⁸ notou, e é óbvio para todos, não há perfeição no mundo, e sendo assim, o mal existe por necessidade de contraste e possibilidade de reconhecimento. Esta questão faz-nos pensar sobre a possibilidade de um mal útil, como se diz popularmente em Portugal “*há males que vêm por bem*”, e nesse sentido o mal, por contraposição, faz-nos ver o bem. Em hipótese, se não existisse o mal, no limite não seríamos capazes de reconhecer o bem;

4. *Utilitarismo⁵⁰ e mal.* Se tudo for circunstancial e útil, à boleia do vento por assim dizer, não haverá porto de saída nem porto de chegada. E, sendo assim, e elevada a utilidade ao expoente máximo da relatividade, diferentemente da multiplicidade e impermanência, estaremos lançados na permanente conveniência e máxima funcionalidade do uso e da manipulação. Mas esse possível mundo da perfeição mecânica do útil, que Maquiavel tão bem tematizou

⁵⁰ Na equação entre princípio, máximas e utilidade, relembrmos que existe uma diferença conceptual entre uso, útil e função. Não sendo conceitos distantes, podem ter pesos interpretativos muito diferentes.

por relação ao poder, conquista e manutenção, esbarra na temporalidade do princípio de aperfeiçoamento face à excelência. Ou seja, se o mundo fosse todo composto por pessoas que apenas regessem a sua acção por esses princípios, a lógica do instante absoluto na sobrevivência do aqui e do agora, levar-nos-ia de volta a um estado de natureza constitucionalmente estabelecido. Mas é precisamente porque o *devir* heraclitiano do mundo, enquanto luta, se estabelece em geral que não podemos virar a cara ao problema, sendo a pergunta final simples: devemos lutar contra a ignorância, o mal e a injustiça, ou devemos apenas resignar-nos, na conformação do que existe, acatarmos a força do poder? Em última instância, o dilema ético instala um dilema metafísico na luta entre o impossível e o possível. O gesto ético está sempre em tensão face a estes dois pólos. Mas só emerge com mais força quando a fé ou a coragem exigem coisas de nós que não sabíamos que éramos capazes. Nesse sentido, o gesto ético é uma ginástica e exercício de construção de uma verticalidade e flexibilidade. Vertical porque exige de nós postura e atitude, seriedade e vitalidade, mas também flexibilidade porque obriga à tolerância e à reconciliação, comunidade e amizade.

5. Mal, utilidade e injustiça. Um mundo ad hominem é um mundo sem saída, sem salvação. Num mundo ad hominem só resta a voracidade do banquete na divisão dos despojos do poder. O egoísmo natural não pode ser surdo. Não pode ser cego quando tantos à nossa volta lançam os seus gritos de fome e dor abraçados à lama, ao frio ou ao calor. O egoísmo radical que hoje é moda, conducente ao solipsismo, é uma visão curta da vida, embora muito eficaz no curto prazo. Mas semeia pouco. O equívoco do hipócrita pragmatista é achar que a ética pertence a um mundo ideal, que nada tem a ver com o mundo real. Mas até o hipócrita tem a sua própria ética, nem que seja a sua própria sobrevivência, egoísmo e ganância⁵¹. O hipócrita é, no fundo, alguém que quer ver tudo a arder, mas enquanto agarrado à sua escada de emergência.

Pergunta hipócrita: se o mundo é esse lugar horrível, pragmático, injusto, cheio de armadilhas e infâmias, não deveríamos nós cultivar os nossos filhos, desde tenra infância, nessa cultura de violência e devastação? Não os deveríamos expor às maiores crueldades de forma a garantir que desenvolvessem uma máxima resistência e preparação para as iniquidades que em breve terão que suportar sozinhos? A luta entre o Bem e o Mal é infinita.

Formulação Final

Se a Filosofia, em geral, é a preparação para a morte, a Ética é a preparação para a vida, a realização da própria filosofia no seu patamar vital mais alto.

⁵¹ Entre o medo das consequências e o ardiloso cálculo infinito e estratégico delas, a hipótese do anel de Giges em Platão é um óptimo exercício filosófico para se poder pensar os limites e as provações éticas. O anel de Giges é a prova de que o hipócrita utilitarista vive, e alimenta-se, das sombras.

Referências

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicómaco.** Tradução de António de Castro Caeiro. Lisboa: Quetzal Editores, edição de 2009.
- BANDURA, Albert. **Social Foundations of Thought and Action.** Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1986.
- BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999 (edição 2001).
- BENTO, Jorge Olímpio. **À procura de referências para uma Ética do Desporto.** In: Bento, J.O. and Marques, A. (eds). *Desporto, Ética e Sociedade*. Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 1990.
- BENTO, Jorge Olímpio e CONSTANTINO, José Manuel. **Em Defesa do Desporto. Mutações e Valores em Conflito.** Coimbra: Edições Almedina, 2007.
- BOXILL, Jan. **Ethics and sport.** Oxford: Blackwell, 2002.
- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes.** Emoção, razão e cérebro humano. Lisboa: Temas e Debates, 1999.
- DAMÁSIO, António. **Ao encontro de Espinoza.** As emoções sociais e a neurologia do sentir. Lisboa: Temas e Debates, 2003 (edição de 2012).
- DAMO, Arlei Sander. Futebol e Estética. **S. Paulo em perspectiva**, S. Paulo, 15(3): 88-91, 2001.
- DEBORD, Guy. (1967). **A sociedade do espetáculo.** Lisboa: Antígona Editores, 1967 (edição de 2021).
- ENRIGHT, Robert. D., GASSIN, Elizabeth. A., & Wu, Ching-Ru. Forgiveness: A developmental view. **Journal of Moral Education**, 21: 99-114, 1992.
- ESPINOSA, Baruch de. **Ética.** Lisboa: Relógio d'Água, 1677 (edição de 1992).
- FREUD, Sigmund. **Para além do princípio do prazer.** Lisboa: Relógio D'água, 1920 (edição de 2009).

GALASSO, Pasquale J. **Philosophy of sport and Physical Activity issues and concepts.** Toronto: Canadian Scholars Press, 1988.

GIRARD, René. **De la violence à la divinité.** Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 1972 (Éditions de 2007).

HERVAS, Rocío Gordillo; ALBELDA Eduardo Ferrer.; e DELGADO Álvaro Pereira. **Competiendo para los dioses:** los rituales agonísticos en el mundo antiguo. Sevilha: Editorial Universidad de Sevilla, 2022.

HOBES, Thomas. *Leviatā*. Lisboa: INCM, 1651 Edição de 1995.

JONAS, Hans. **Ética, medicina e técnica.** Gradiva: Lisboa, 1994.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura.** Lisboa: Gulbenkian, edição de 1994.

LACERDA, Teresa Oliveira. **Elementos para a construção de uma Estética do Desporto.** Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito.** Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito.** Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio.** Ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Edições 70, 1983 (edição de 2013).

LOLAND, Sigmund. **Fair play in sport:** a moral norm system. London: Routledge, 2002.

MASTERSON, Don. *Sport, theatre and art in performance.* In Hans Lenk (ed.), **Tropical problems of sport philosophy, pp. 169-183.** Schorndorf: Verlag Karl Hofmann, 1983.

MCINTYRE, Alasdair. (2007). **After virtue:** a study in moral theory. Indiana: University of Notre Dame Press, 2007 (3rd edition).

MCNAMEE, Mike & PARRY, Jim. **Ethics and sport.** London: Routledge, 1998.

MORGAN, William. J. **Ethics in sport.** Illinois: Human Kinetics, 2000.

PEREIRA, Paula Cristina. Habitar e Acolher. **Argumentos de Razón Técnica 2** (serie especial): 211–219, 2009.

PIAGET. Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**. Imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

RICOEUR, Paul. **Si mismo como otro**. Madrid: Siglo XXI, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

SIMON, Robert L. **Fair play**: sports, values, and society. Colorado: Westview Press, 1991.

SIMON, Robert L. (2010). **Fair Play: The Ethics of Sport**. Boulder, CO: Westview Press, 2010 (3rd ed.).

TORRES, César. **Gol de media cancha**: Conversaciones para disfrutar del deporte plenamente. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2011.

10

A VIOLENCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO E O AFASTAMENTO DO TORCEDOR: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROCESSO CIVILIZADOR

Eduardo Baldessarini Pires
Luciana Marins Nogueira Peil
Rafael Marques Garcia
Erik Giuseppe Barbosa Pereira

Introdução

O futebol atrai multidões de diversas culturas e, segundo a Federação Internacional de Futebol (FIFA), aproximadamente 265 milhões de pessoas o praticam no mundo (CONMEBOL, 2023). O principal evento dessa modalidade ocorre de quatro em quatro anos, com a realização Copa do Mundo FIFA de Futebol, em ambos os naipes (masculino e feminino). Este evento é o segundo maior deste gênero no planeta, perdendo apenas para os Jogos Olímpicos. Na Copa, os países participantes têm a oportunidade de capturar as atenções do mundo inteiro, tornando esse torneio o maior objetivo para todas as nações filiadas a FIFA. Atualmente, o Brasil é cinco vezes campeão do mundo no masculino, sendo o principal vencedor deste torneio. No feminino, acumula uma prata, conquistada em 2007. Decorrente do forte apelo nacional à modalidade, que se constitui como uma identidade aos brasileiros, o futebol ocupa um grande espaço e tem muita importância para a sociedade em geral (GASTALDO, 2009).

Com uma história cheia de curiosidades, o futebol cresceu e se tornou o esporte mais popular de nosso país. Nascido no Brasil, filho de pais ingleses, Charles Miller foi estudar na Inglaterra e retornou com duas bolas para a prática do futebol (DUARTE, 2004). Para o autor, ele não teria trazido apenas as bolas, mas calções, chuteiras, camisas e outros objetos também teriam vindo junto com o brasileiro.

Com o tempo o futebol se tornou um objetivo que está além da prática pelo gosto, especialmente para os jovens de classes sociais mais pobres, que procuram através desta modalidade melhorar sua condição de vida e ajudar seus familiares. A procura pelo esporte e pela independência financeira, tanto no Brasil como em outros países, ocorre cada vez mais cedo. Prova disso é o número de jovens que saem do seu país para jogar em clubes no exterior, ainda muito jovens, com 15 ou 16 anos (FREITAS, 2019).

Ao longo dos anos, o futebol passou por diversas transformações, passando do amadorismo

ao profissionalismo e foi aperfeiçoando suas regras. Transformações não ocorreram apenas dentro do campo. Aos poucos esta manifestação passou a ser um grande negócio lucrativo devido justamente ao poder apaixonante do esporte. O torcedor, movido pela paixão, considera seu time como uma extensão dele mesmo e alguns passam a se organizar em torcidas “oficiais”. O descontrole das paixões e frustrações de várias naturezas culminam por vezes em atos de vandalismo e de violência que chocam a sociedade (LOPES, 2022).

Existem inúmeros conflitos já presenciados e documentados entre torcidas organizadas pelo Brasil. Notícias deste cunho são, diuturnamente, vinculadas aos meios de comunicação. Este tipo de comportamento já se tornou rotina no antes, durante e pós-jogo de futebol em nosso país⁵².

Da mesma forma, outras matérias jornalísticas denunciam que a frequência aos estádios de futebol, no Brasil, está diminuindo. Rodrigo Stafford, repórter do jornal O Dia, diz em matéria publicada no ano de 2014, que no ano anterior o “Brasileirão” teve uma taxa de ocupação de apenas 39%. O sociólogo Maurício Murad, citado na reportagem de Stafford, afirma que pesquisas mostram que vários são os problemas, passando pelo trânsito caótico, horário das partidas, preço dos ingressos, transporte público deficiente e principalmente a violência. A mesma matéria traz o dado alarmante de que o Brasil é bicampeão no ranking de mortes relacionadas ao futebol e caminha para o tricampeonato. Mais recentemente, dados da Folha de São Paulo (2022) ratificam a problemática e incluem o fator “impunidade” como uma das causas para a constante ocorrência desses eventos.

Sabe-se de antemão, que atualmente os estádios são planejados e/ou reformados, com um número inferior de ocupação ao que já existia anteriormente. Isto expõe uma política que na realidade acaba elitizando o público dos jogos através da diminuição dos espaços de assistência e o consequente aumento do preço do ingresso (POLAMARTSCHUK, 2022). Mas, de fato, a violência é alardeada como o ponto nevrálgico do comparecimento ou não aos estádios.

Campos e outros (2008), em sua pesquisa sobre o estatuto de defesa do torcedor e a questão da violência na apreciação do espetáculo esportivo, confirmam que as manifestações violentas no futebol se tornaram uma questão de segurança pública. Assim, este trabalho pergunta: a violência no entorno dos estádios de futebol está de fato afastando o torcedor da frequência aos jogos? Nosso objetivo geral é perceber a opinião de torcedores de partidas de futebol masculino, sobre um possível afastamento do público dos jogos devido à violência no entorno dos estádios.

Para tanto, fazemos uma incursão na literatura pertinente, mas sem pretender esgotá-la, bem como em matérias jornalísticas afins. Da mesma maneira, realizamos entrevistas com torcedores no entorno do estádio do Maracanã no antejogo de duas partidas de futebol, uma do Campeonato Brasileiro da série A e outra da série B, no ano de 2014.

Este é um estudo eminentemente qualitativo, não descartando o aspecto quantitativo,

⁵² Vide Violência entre torcidas: problema assombra o futebol brasileiro desde a década de 90. Disponível em https://cultura.uol.com.br/esporte/noticias/2022/08/01/3887_violencia-entre-torcidas-problema-assombra-o-futebol-brasileiro-desde-a-decada-de-90.html Acesso em 28 out. 2023.

posto que intrínseco. Com base em Ander-Egg (1995), nossa entrevista se pode classificar como semiestruturada e foi composta por duas questões abertas “chave”: 1 - Você já pensou em deixar de frequentar os jogos de futebol devido à violência no entorno dos estádios? 2 - O que você pensa sobre esta questão? A partir das respostas dadas pelos depoentes, o entrevistador teve liberdade para seguir adiante de acordo com as reações dos mesmos, fazendo novos questionamentos.

Entendemos que “sentido” é algo que atribuímos às coisas, assim, fazemos um exercício hermenêutico buscando uma verdade momentânea que leva em conta o momento histórico que estamos e quem somos. Ao escutarmos a fala dos entrevistados, a interpretação surge. Dentro deste ponto de vista, procuramos compreender/interpretar com apoio no pensamento de Gadamer (2004). Portanto, apresentamos um ponto de vista possível de acordo com as vivências e as leituras dos pesquisadores.

Assim, discutimos o conceito de violência, abordamos violência e esporte, bem como a relacionamos com o futebol propriamente dito. Na sequência, apresentamos as entrevistas e por fim, a conclusão.

A violência

A OMS (Organização Mundial da Saúde) define violência como “a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis”. Os especialistas no assunto e psicólogos, no entanto, afirmam que o conceito é muito mais amplo e ambíguo do que essa mera constatação de que a violência é a imposição de dor, a agressão cometida por uma pessoa contra outra; mesmo porque a dor é um conceito muito difícil de ser definido e explicam que para todos os efeitos, guerra, fome, tortura, assassinato, preconceito, a violência se manifesta de várias maneiras (BORGES, 2020).

Na comunidade internacional de direitos humanos, a violência é compreendida como todas as violações dos direitos civis (vida, propriedade, liberdade de ir e vir, de consciência e de culto); políticos (direito a votar e a ser votado, ter participação política); sociais (habitação, saúde, educação, segurança); econômicos (emprego e salário) e culturais (direito de manter e manifestar sua própria cultura).

Na psicologia, Bock, Furtado e Teixeira (1995), definem violência como o uso desejado da agressividade, com fins destrutivos, podendo ser voluntário, racional e consciente ou involuntário, irracional e inconsciente. Ainda na área de psicologia, Mangini (2008) explica que a violência ocorre quando a agressividade está relacionada à proteção de interesses vitais, trazendo em si a ideia de destruição, do investimento destrutivo entre seres da mesma espécie quando outras vias de solução poderiam ser empregadas.

É muito comum a associação feita entre a violência e a agressividade. De um modo geral, a violência está associada a um ato enlouquecido, como transgressão de regras, normas e leis já aceitas por uma comunidade e para grande parte da sociedade está ligada à marginalidade,

aos atos físicos de abuso como os assalto e assassinatos.

É preciso, porém, entender que a agressividade é um impulso destrutivo que pode voltar-se para fora (heteroagressão) ou para dentro do próprio indivíduo (autoagressão) e está sempre presente na vida psíquica, fazendo parte do binômio amor/ódio, pulsão de vida/pulsão de morte. A agressividade faz parte da natureza do ser humano e ajuda à sobrevivência e à disposição para superar obstáculos (MANGINI, 2008).

Porém, quando a pessoa não consegue canalizar a agressividade para fins produtivos, deixa transparecer falta de estabilidade emocional, impulsividade e baixa tolerância a frustrações, ou seja, o problema ocorre quando a pessoa não consegue canalizar a agressividade para atividades produtivas, aproximando-a do conceito de violência.

Existem diversos mecanismos de controle da agressividade, como a educação e a lei, e desde a infância, o ser humano é levado a aprender a reprimir e a não expressar de forma descontrolada a agressividade, ao mesmo tempo em que o mundo cria condições para que o indivíduo possa transportar seus impulsos para produções consideradas positivas, como a produção intelectual, as artes e o esporte (MANGINI, 2008).

No contexto do controle da violência, pode-se expor que a sociedade e o indivíduo sofrem inúmeras influências, o que caracteriza a sociogênese e a psicogênese anteriormente relatadas. Deste modo, Brandão (2007) expõe que o controle da violência pode se dar das seguintes maneiras: 1 - como modificações da estrutura de personalidade dos indivíduos; 2- pelas leis; 3- pelo controle exercido por outros indivíduos dentro do convívio social; 4 - pelo controle exercido pelo próprio indivíduo sobre si mesmo, o chamado autocontrole.

No que diz respeito à violência e suas modalidades, ela está presente em todos os ambientes e grupos sociais. Na família, na escola, na rua, no trabalho, no esporte, enfim, em todos os locais sem distinção. Na família, primeiro grupo de onde participa o indivíduo, a violência apresenta-se sob diversas formas: violência física e psicológica contra o cônjuge, a criança, o adolescente e o idoso (MANGINI, 2008).

É possível sinalizar que a violência faz parte da vida e não será eliminada. Contudo, é preciso compreendê-la. Uma situação evidente está representada na ausência de cuidados que a sociedade demonstra em relação aos milhões de crianças e adolescentes que vivem em situação de penúria, em condições de não-cidadania, de não-garantia dos seus direitos mais básicos, como educação, saúde, lazer, alimentação, vestuário, ou seja, aquilo de mais singelo que o ser humano necessita. E que podem gerar a violência. Mangini (2008) diz que é preciso, além de investigar comportamentos violentos, começar a buscar estratégias de implantação de comportamentos de paz, por uma cultura de não-violência.

A violência e o esporte

Na visão de Elias e Dunning (1992) o esporte não pode ser encarado como algo desprovido de sentidos ou mesmo descontextualizado, bem como a sua inserção como um componente

unicamente de desintegração, alienação e distanciamento da realidade social.

Diferentemente de alguns esportes, como por exemplo, os esportes de quadra como o basquetebol ou o voleibol, os dois de origem estadunidense, o futebol, assim como o rugby, teve sua origem na Inglaterra. Resumidamente, para estes autores, o *sport*, na origem inglesa de terminologia, pode ser descrito como sendo um confronto com reduzidos níveis de violência e de habilidades corporais com características fundamentais específicas. Ao observar algumas das atribuições colocadas ao esporte, Elias e Dunning afirmam que:

No decurso do século XX, as competições físicas, na forma altamente regulamentada a que chamamos desporto chegaram a assumir-se como representação simbólica da forma não violenta e não militar de competição entre Estados, e não devemos nos esquecer de que o desporto foi, desde o primeiro momento, e continua a ser, uma competição de esforços dos seres humanos que exclui, tanto quanto possível, ações violentas que possam provocar agressões sérias nos competidores (1992, p. 45).

Distantes dos confrontos humanos de grupamentos sociais anteriores ou dos enfrentamentos militares, as disputas esportivas configuram-se como disputas em nível simbólico, na qual os níveis de violência são controlados de forma interna ou externa aos praticantes. Conforme colocam Elias e Dunning (1992), os fatores que caracterizariam a diferença entre a violência nas guerras e a violência no esporte seriam o nível de aceitação social desta e a representação simbólica que esta carregaria.

É indiscutível a presença de tensões, agressividade e violência no esporte. Algumas modalidades apresentam níveis maiores, outros menores. Porém, não é tarefa simples mensurar, quantificar ou estabelecer comparativos acerca do aparecimento dessas manifestações nas variadas modalidades esportivas. Obviamente, entendemos que formas de agressividade e violência, sejam por qual razão for o seu desencadeamento, não são justificáveis, mas podem e devem ser compreendidas. O equilíbrio envolvente das tensões seria a chave para o interesse humano pelas atividades esportivas.

Assim, Machado (1997) alerta que a violência que vem acontecendo nos meios esportivos acaba atingindo a popularidade do esporte, ou seja, quando há um torcedor se expressando de forma ilimitável, toda a sua agressividade acumulada pode ter sido originada não da situação do jogo, mas, sim, do meio social.

Segundo o autor acima, na busca de identificar e analisar os motivos que contribuem para a situação do florescimento da violência no esporte, conclui-se que para alguns estudiosos são instintivas as tendências agressivas. Já para outros a agressividade é resultante de determinada situação, no seu meio social, em que a reação agressiva ocorre em relação à frustração e diante de uma tentativa de vencer obstáculos na busca do prazer. A conscientização das autoridades sobre a gravidade do assunto seria o primeiro passo para que os torcedores voltem a ter segurança nos estádios.

Perrusi (2000) analisou a agressividade gerada por esse descontrole das paixões e frustrações, a chamada violência extrínseca, e também as que são do conteúdo esportivo do próprio futebol, a violência intrínseca. Ele afirma que o futebol, além de mobilizador das massas, é modelador de comportamentos e formador de opinião. A partir do momento que a violência é exercida pelos jogadores de futebol, muitas vezes a técnica e a tática esportiva acabam sendo desprezadas e só o que fica na mente dos torcedores é o interesse pela agressividade, fazendo com que estes liberem seus impulsos em relação a violência.

Quando se fala de violência no esporte, nos referimos a casos de violência que já ocorreram dentro do futebol, envolvendo jogadores, arbitragem e até a própria comissão técnica da equipe envolvida no jogo, e embora a violência intrínseca ocorra, ela não é maior que a extrínseca, uma vez que os jogadores são submetidos a uma série de regras e normas que, quando infringidas, podem ser severamente punidas pelas instituições que regem o futebol. Em suma, a regra é para regrar e controlar.

Dentro do objetivo proposto por Perrusi (2000) pôde-se constatar que tanto a violência do ponto de vista intrínseco quanto a do ponto de vista extrínseco estão presentes no futebol, porém, a violência extrínseca, originada de fora para dentro e provocada principalmente pelas torcidas organizadas, vem causando preocupação maior, uma vez que a quantidade de pessoas envolvidas é muito grande, dificultando, inclusive, o trabalho da polícia e ferindo, ou até matando, pessoas inocentes.

Perrusi (2000) relata que um dos principais fatores que contribuem para a violência no futebol seria a presença das torcidas organizadas. Estas muitas vezes vão ao estádio para protagonizar cenas de violência, em vez de apoiarem seu clube ao sair vitorioso da partida. Esses torcedores são identificados pela sociedade como vândalos, que provocam momentos de terror em todos os expectadores que vão ao estádio para apoiarem seu clube de coração.

A mudança de comportamento do torcedor nas arquibancadas modificou-se consideravelmente dos anos de 1980 pra cá. Para Pimenta (2000), isso aconteceu devido ao surgimento de configurações organizativas com característica burocrática/militar, fenômeno esse essencialmente urbano, que criou uma nova categoria de torcedor, ou seja, “torcedor organizado”. Outro fator que vem contribuindo para a ascensão da violência nas arquibancadas seriam os meios de comunicação. Devido ao grande sensacionalismo com que veiculam suas informações, produzem a impressão do fato ter proporções muito maiores do que realmente aconteceu. De acordo com Rech (2003), a violência e a agressividade estão presentes nos comportamentos principalmente das torcidas organizadas, onde torcedores acabam jogando objetos em atletas e árbitros e levam armas para os estádios.

Fatos como esses acabam comprometendo o espetáculo e, ainda, colocando em risco a vida de muitas pessoas. Como constata Defrance (2001, p. 233), “entre muitos fatores, o fator da rivalidade competitiva desencadeia de certa forma a violência dentre os espectadores”. Pimenta (2000) salienta que outro fator que vem preocupando a todos da sociedade é que grande parte de “torcedores” envolvidos em brigas e agressões nos estádios de futebol é de

adolescentes, e isso mostra que a escola junto aos pais tem sua importância para amenizar o índice de violência nos estádios, uma vez que cabe também aos nossos governantes se conscientizarem do seu papel, melhorando a infraestrutura dos estádios, reforçando a segurança e punindo os vândalos que vão ao estádio para provocar momentos de pavor entre vários torcedores apaixonados pelo futebol, entre outras medidas cabíveis.

Processo civilizatório e esporte

Ao relacionar a violência e os exercícios físicos, os apontamentos de Elias e Dunning (1992), relatam a importância da sociologia do esporte. Na obra denominada “A Busca da Excitação”, os autores mostraram que o esporte pode ser um dos meios de se observar a sociedade. Parte-se da observação de um fenômeno social significativo, para analisar formas mais abrangentes de relacionamento e de comportamento social.

Para Elias e Dunning (1992), os esportes em geral, são competições, confrontos, que envolvem forças físicas, sem finalidades militares, sendo organizados a partir de regras que existem para diminuir os riscos de danos físicos, além de obrigar os adversários a terem determinados tipos de comportamentos. A prática do esporte acaba recebendo inúmera assistência. No caso do futebol, esta assistência possui milhares de torcedores, que em muitos casos acabam agindo de forma diversa às regras da pacífica convivência social.

Toda a evolução civilizadora no esporte parte da Inglaterra, país que, para restringir a violência, criou regras sociais que exigem um autocontrole dos participantes, sejam eles jogadores ou torcedores, regras estas que foram exportadas para outros países. Todo e qualquer esporte é criado visando certo nível de competição, e nunca buscando a violência. Para o controle dos atletas, durante o jogo, foram criadas as regras para cada modalidade esportiva, porém esta competitividade faz com que manifestações violentas apareçam, inclusive entre os espectadores os quais muitas vezes se excedem em suas atitudes (ELIAS; DUNNING, 1992).

Para os autores supracitados, as sociedades modernas altamente industrializadas diferem-se das demais, entre outros motivos, pela capacidade de elaboração de elevado número de atividades de lazer, por isso, estas pessoas sofreriam caso houvesse uma redução dessas atividades que são caracterizadas como “fome de lazer”.

A possibilidade de expressão humana desses sentimentos e emoções seria possibilitada, em parte, através das aberturas conferidas pelos contextos miméticos, onde os autores afirmam que nestes ambientes os controles sociais encontram-se afrouxados e as expressões humanas podem ser adotadas de formas diversas das quais são expressos em outros contextos.⁵³

Sobre o termo mimese, Elias e Dunning afirmam que:

53 Um outro ponto de vista sobre esta questão é o pensamento de Peil (2006). Este não vai contra o ideário de Elias e Dunning, mas faz algumas ressalvas colocando que o esporte, antes de ser um processo mimético, é constituinte da busca constante do sonho e do devaneio próprios do Ser Humano. É um poderoso instrumento anti-tédio. O esporte não estaria no lugar de outra coisa, por mais que possa sê-lo em determinadas circunstâncias.

O termo refere-se ao fato de que, em contextos miméticos, as emoções adotam uma “coloração” diferente. Nestes contextos, as pessoas podem experimentar sentimentos fortes sem correr os riscos geralmente relacionados ao despertar emocional. Fora de contextos miméticos, o despertar “público” de excitação, especialmente excitação forte – e “público” é um termo chave neste contexto – e demonstrações de comportamento excitado são, em sociedades industriais relativamente civilizadas de hoje, geralmente cercadas por severos controles sociais, assim como por controles internalizados no nível da consciência individual. Em contextos miméticos, a excitação prazerosa pode ser mostrada com aprovação social e sem ofensa à consciência individual, desde que não passe de limites específicos (1992, p. 24).

Todavia, nesses contextos, os controles sociais não estão totalmente ausentes. Mesmo se os limites de expressão emocional forem maiores do que o que está colocado no convívio social cotidiano, ultrapassar as barreiras do que é socialmente aceitável pode causar ao indivíduo sérios constrangimentos.

As atividades esportivas e de lazer assumiriam um caráter *desrotinizante* na vida social dessas pessoas, promovendo uma renovação emocional. As emoções experimentadas nessas situações apesar de, em certo modo, permitirem a sensação de pleno descontrole, também têm o seu controle, mas aceitam essas possibilidades emocionais.

Entretanto, da mesma forma que a ausência total ou parcial de autocontroles e limites pode ser prejudicial, a extrema rigidez e controle em demasia também geram sensações dolorosas àquele que se aplica. O equilíbrio entre a necessidade de se experimentar a sensação de prazer e os limites colocados pelo autocontrole individual tornou-se, nas sociedades contemporâneas, indissociável.

Elias e Dunning (1992) explicam que a teoria do processo civilizador no esporte pode ser descrita através dos moldes nos quais os esportes se organizaram, seja pela regulamentação, pela vigilância na aplicação das regras e punição dos atletas tornando, consequentemente, as competições esportivas menos violentas através de um esforço de auto regulação individual, que possibilita que esses confrontos expressem tensões saudáveis e excitantes com níveis mínimos de agressões e violências.

As transformações às quais o futebol passou, da sua formatação inicial de jogo amador até a forma como se expressa atualmente, levaram, e ainda levam, a inúmeras intervenções e tentativas de diminuição dos níveis de violência, aplicação de autocontroles, órgãos e agentes externos controladores e punitivos, e outras mudanças estruturais.

Elias e Dunning (1992) alertam que estudos internacionais chamam a atenção para o fato de que a violência no futebol não pode ser desvinculada do contexto social, do tipo de inserção que as diferentes classes sociais têm na sociedade, dos padrões de socialização prevalentes dos valores e das normas em relação à agressividade e violência que predominam na sociedade, do grau de pacificação (monopólio da violência) existente, do padrão de relações dentro das comunidades e das identidades sociais que se desenvolvem.

Ao tratar do monopólio da violência, Defrance (2001) utiliza a obra de Norbert Elias, expondo que o monopólio da força (aplicabilidade da violência) pertence ao Estado, porém, por motivos diversos vem ocorrendo uma disseminação da violência entre a população civil.

Ao relatar que o Estado, por meio dos militares, possui o que foi chamado de monopólio da violência, externa-se o fato constitucionalmente aplicado nos dias atuais, em que no Brasil o policiamento ostensivo e a preservação da ordem pública devem ser garantidos pela Polícia Militar, devendo esta utilizar da força necessária para reprimir qualquer fato que ponha em risco essa tranquilidade ou qualquer ato de violência praticada pela população civil.

Ballone e Ortolani (2001), para maior compreensão sobre o comportamento de torcidas de futebol, lembram os estudos de Elias e Dunning feitos a partir das atitudes dos *hooligans*. Estes estudos explicam que tais atos de violência têm como grande responsável o álcool. Esta substância age de forma a facilitar a violência retirando as inibições, aumentando a sensação de camaradagem entre os membros do grupo, ajudando a diminuir o medo de se ferirem e de serem presos (BRANDÃO *et al.*, 2020).

Estas substâncias que alteram o comportamento humano seriam um dos fatores que colocam a violência dentro e no entorno dos estádios, com atos impulsivos e momentâneos, praticados principalmente pelas torcidas organizadas. No entanto, Buford (1992) já alertava que a violência nos campos de futebol não é anárquica ou aleatória, ela tem ritual, segue normas e regras socialmente elaboradas, seguindo, em síntese, um padrão de ações violentas.

Ao trazer esses conhecimentos para a realidade da violência praticada por torcedores de futebol no Brasil, esses rituais podem ser observados antes dos grandes jogos, quando as torcidas organizadas se reúnem em suas sedes e, gritando hinos e canções de ordens, deslocam-se para os locais dos jogos (estádios), onde continuam seus cantos, apreciando o “espetáculo”.

Pimenta (2000) traz em seu estudo aspectos que envolvem as torcidas da cidade de São Paulo, relatando que em jogos sem relevância as atividades relativas ao jogo iniciam três dias antes do evento, e quando o jogo trata de um dos clássicos daquela cidade os preparativos iniciam uma semana antes, citando que a execução das tarefas segue um roteiro pré-determinado que envolve diversas pessoas, responsáveis pelo espetáculo e performance das “Torcidas Organizadas” nos estádios.

O mesmo autor ainda explica que os rituais desses grupos levam a maioria dos indivíduos a ingerir bebidas alcoólicas e substâncias entorpecentes, além de praticarem durante os deslocamentos, atos ilícitos, buscando a autoafirmação do grupo. Atos estes comprovados pelos diversos Boletins de Ocorrências (BO) registrados pela Policia Militar e em estudo de Brandão *et al.* (2020).

Elias e Dunning (1992) afirmam que para se entender o processo de violência coletiva, é necessário levar em conta a identidade social dos participantes do evento. Entender a identidade social exige compreender o contexto social dessa identificação, as raízes sociais dessa identidade e as normas que norteiam o comportamento dos membros da comunidade. O que parece tornar a violência mais perigosa junto a estes jovens é que a definição da identidade

social implica uma separação rígida entre eles e os outros. Essa diferenciação rígida é o primeiro passo para a desumanização do outro e para que o outro se transforme no inimigo. O inimigo ameaça sua própria integridade física, a mera presença dele sugere a impossibilidade de convivência. A separação entre “nós” e “eles” se transforma em “nós” *versus* “eles”.

Não se pode negar que a violência é uma realidade dentro do esporte em todo o mundo, o que se transforma em acontecimentos cada vez mais conflitantes com a normalidade para o convívio social. Essas ocorrências negativas fazem crescer a cobrança da sociedade com relação às autoridades, principalmente em dias de grandes jogos de futebol, momentos em que o número de atos ilícitos se multiplica, dentro e fora dos estádios.

Na visão de Marchi Jr (2015) cabe ressaltar que para Elias o estudo sociológico difere do entendimento do modelo de senso comum, pelos quais aspectos como família, indústria e Estado são analisados independentes, de forma separada e em torno do “eu” (ego). Prossegue o autor lembrando que a teoria de Elias afirma que todos os aspectos sociológicos apresentam interdependência com o indivíduo e entre si. Assim, do ponto de vista de Elias somente pode-se entender o que se passa na área esportiva levando em consideração o que acontece na sociedade, pois se a violência possui diferentes causas, ela é sem dúvida construída socialmente.

Para melhor explicar a teoria de Elias e relacioná-la ao estudo de Marchi Jr (2015), é preciso compreender algumas categorias abordadas na teoria de Elias, sobretudo seu entendimento em torno da psicogênese, da sociogênese, do poder, dos *outsiders* e do controle da violência. Aproximando-se da teoria de Elias, busca-se compreender os indivíduos pertencentes às torcidas organizadas. O autor apresenta dois processos envolvidos na construção da civilização; o primeiro embasado em estudos a respeito do processo de transformação do comportamento e das estruturas da personalidade, denominada “psicogênese”; e o segundo oriundo da formação do estado, conhecido como “sociogênese”.

Para Elias e Dunning (1992), cabe salientar que as discussões acerca da psicogênese estão intrinsecamente ligadas com a sociogênese, e que todas essas ideias, unidas, constituem a teoria dos processos de civilização, e exigem constante correspondência. Por meio da psicogênese, observa-se que seu entendimento parte de um controle externo das emoções e dos sentimentos, pelos quais os indivíduos sofrem influência da sociedade a que pertencem, sejam por meio de regras, leis, costumes ou hábitos, alterando assim seu comportamento, passando a agir em conformidade com o que lhe foi imposto para que possa conviver e ser aceito naquela sociedade.

Partindo do princípio da evolução do indivíduo em um processo civilizador, entende-se que Elias sustenta que essa alteração do comportamento individual tem por base alterações acontecidas na estrutura psicológica, que acabam por gerar transformações no meio social no qual convivem, e isso vem a ser a psicogênese.

A preocupação de Elias era compreender o processo de civilização através da psicogênese e da sociogênese. Segundo Oliveira Junior (2003), para ele psicogênese seria o desenvolvimento das estruturas da personalidade humana e as transformações de comportamentos,

dito de outra forma, a preocupação era compreender a passagem de coações externas para uma forma interna de controle. Ou seja, através do controle das emoções para a formação do superego. Neste processo, a escolha dos objetos de estudo de Elias chamou a atenção para a criação de um espaço não público para onde determinados comportamentos deveriam se retirar. A psicogênese privilegia o que foi chamado de microfenômenos.

Desse modo, a psicogênese e a sociogênese estão diretamente ligadas, pois a sociogênese ocupa-se das mudanças sociais que de uma forma ou outra acabará influenciando e alterando as estruturas psicológicas dos indivíduos. Pode-se afirmar que a sociogênese está relacionada especificamente com o comportamento do indivíduo enquanto membro de uma sociedade, estando ele condicionado ao seguimento de regras, costumes ou hábitos atinentes a esta sociedade, caso contrário acaba por ser estigmatizado.

Olveira Junior (2003) explica que a sociogênese apresenta-se como uma forma de contemplar “o desenvolvimento das estruturas sociais”. Para tanto, o processo de civilização é associado à criação do Estado moderno enquanto uma forma de compreensão das transformações sociais. A formação e consolidação do Estado são dados no sentido de uma monopolização de meios coercitivos para o controle, coordenação e integração do “conjunto de processos sociais”. Tanto a psicogênese quanto a sociogênese são vistas no longo prazo e num alto grau de interdependência entre ambas, elas são aspectos interdependentes do mesmo desenvolvimento de longo prazo, no entanto, o indivíduo em sua curta história passa através dos processos que a sociedade experimentou em sua longa duração.

Diante da abordagem do autor acima, entende-se que a psicogênese são todas as transformações individuais (principalmente psicológicas) oriundas do controle externo das emoções e dos sentimentos, ou ainda, decorrente do processo civilizador. No entanto, além de ser alterado pelo meio em que vive, o indivíduo acaba também por influenciar o meio social em que atua, modificando-o em longo prazo, o que se entende por sociogênese.

Diante desses pontos tem-se que nem toda atividade de tempo livre é lazer, todavia, toda atividade de lazer está inserida no tempo livre. Interessa, ainda, a fala de Elias e Dunning (1992) acerca das restrições que os indivíduos sofrem, inclusive no decorrer de seu tempo livre. Porém, ao se referir ao lazer (mimético) eles apontam para uma atenuação dessas restrições, a qual levaria o indivíduo a uma excitação espontânea.

[...] sob a forma de factos de lazer, em particular os da classe mimética, a nossa sociedade satisfaz a necessidade de experimentar em público a explosão de fortes emoções – um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social, como sucede com as excitações do tipo sério (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 112).

A estas excitações do tipo sério, a que o autor se refere, diz respeito a excitações que podem fugir do controle do indivíduo, podendo gerar atitudes agressivas ou não aceitas pela sociedade. Nesse contexto, Elias e Dunning (1992) mencionam a tensão como um fator relevante

nas atividades de excitação mimética, ao se referir ao aumento de uma tensão, a qual pode aumentar o grau de excitação do indivíduo, auxiliando-o na formação de uma tensão agradável, a qual denomina como uma tensão positiva.

Pode-se verificar essas excitações e tensões presentes nos eventos de futebol, em que em atividade de lazer os torcedores acabam por diminuir suas restrições, agindo de forma diversa da vida fora daquele ambiente. Deste modo é possível questionar os fatores que levam os membros das torcidas organizadas a agirem de forma a ignorar totalmente as restrições impostas a eles pela sociedade.

Como citado anteriormente, a violência gerada pelas torcidas organizadas tem como uma de suas causas a busca pelo poder, dentro e fora dos estádios; diante deste fato faz-se necessário entender o significado dessa categoria social.

O poder pode ser definido como algo presente nas relações interdependentes. Para Elias e Dunning (1992), as relações entre os indivíduos produzem dependências, e o grau de dependência define a quantidade de poder que um indivíduo possui em relação ao outro. Nesse contexto, quanto maior o nível de dependência, maior o grau de poder existente:

[...] o poder é encarado por Elias como uma característica de todos os seres humanos. Este poder está vinculado à relação que o indivíduo estabelece com o outro. Enquanto houver um convívio, e este convívio representar valor, o indivíduo terá poder (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 89).

Cabe ressaltar a importância da formação do Estado, pois este é decisivo no processo civilizador, já que detém o controle dos meios de força e de impostos, e isso é determinante para a formação de uma força interna capaz de produzir desde formas refinadas de controle até o uso de força/violência para impor este controle, apresentando-se assim, como o sujeito social detentor de poder sobre os indivíduos.

Refletindo a questão do controle da violência segundo a análise sociológica de Norbert Elias, verifica-se um modelo que privilegia a visão interdisciplinar dos processos sociais, além de valorizar a observação empírica dos fenômenos sociais sem se esquecer de situar os fatos numa perspectiva histórica, denominado pelo próprio autor como uma visão histórica de longa duração.

Nesse contexto, pensando a violência numa perspectiva histórica de longa duração, pode-se dizer na visão de Brandão (2007) que a civilização procura cada vez mais controlar a violência física em função do interesse em pacificar as relações humanas. Todavia, esse movimento da civilização é um fenômeno não-planejado, casual, fruto de um processo que não se pode datar e muito menos prever um ponto final desse desenvolvimento das relações sociais, enfim, a teoria de Elias sugere que o processo civilizador é interminável.

De acordo com Brandão (2007), no decorrer dos tempos as sociedades foram construindo mecanismos de controle da violência. Sendo que é o Estado que detém o monopólio desse mecanismo de controle da violência (força física) e se serve dele tanto para promover a pa-

cificação interna (manifestações de violência entre os membros do mesmo grupo), quanto para se proteger de outros Estados (que queiram invadir seu território).

Esse monopólio da violência por parte do Estado citado pelo autor, é um mecanismo de controle da violência fundamental, pois garante a defesa dos indivíduos pertencentes ao grupo, assim como pacifica ou media as disputas internas. Este poder do Estado sobre os indivíduos gera um mecanismo de autocontrole das emoções e afetos humanos. Este autocontrole das emoções e afetos, segundo a percepção de Elias, é adquirido por meio do convívio social, da cultura e da educação. O autocontrole das emoções é o mecanismo interno, que age dentro do próprio indivíduo.

Para melhor esclarecimento acerca deste autocontrole Brandão (2007) procura relacionar como o monopólio do uso da força física em uma sociedade pode provocar alterações nos padrões de comportamento dos indivíduos, que passam a ter que controlar as emoções. Apesar desta evolução histórica em termos de civilidade, pode-se encontrar nas mais diversas sociedades ações ou atos de barbárie. Brandão (2007) explica que isso pode ser facilmente ilustrado ao se buscar o comportamento violento de alguns integrantes das torcidas organizadas. O processo civilizador é contínuo, e assim sendo, não se pode pensar que esse processo esteja acabado, pois trata-se de um processo sem fim, já que os indivíduos, membros das sociedades, vivem em constante processo de adaptação e mudança, sendo moldados de acordo com os preceitos e normas impostos pela sociedade.

A violência e a civilização não se contrapõem. Pelo contrário, no processo de civilização encontra-se muita violência. Ao resgatar na história as disputas por territórios e espaços de poder (influência) promoveram-se diversas formas de violência, entretanto o que mais chama a atenção é a violência física, o combate buscando eliminação do “inimigo”. Isso pode ser exemplificado por meio das inúmeras tragédias, guerras, genocídios e atentados terroristas que marcaram o transcorrer da humanidade. Portanto, pode-se dizer que a violência é um fenômeno de manifestação da existência humana, presente em todos os períodos históricos, porém, de maneiras distintas.

As entrevistas

As entrevistas foram realizadas no dia 08 de novembro de 2014, no ante jogo da partida do Campeonato Brasileiro da Série B entre Vasco da Gama e ABC Futebol Clube do Rio Grande do Norte e no dia 15 de novembro entre Fluminense Futebol Clube e Botafogo de Futebol e Regatas, pelo Campeonato Brasileiro da Série A, ambos no estádio do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro. Foram entrevistados dezoito (18) torcedores no jogo entre Vasco e ABC e nove (09) torcedores no jogo entre Fluminense e Botafogo. Esses torcedores foram escolhidos aleatoriamente sem restrição de gênero. As entrevistas foram gravadas em meio digital e todos os depoentes consentiram em conceder as mesmas.

Os depoimentos foram divididos por tópicos/categorias referentes aos pontos mais abor-

dados pelos entrevistados e de acordo com a questão norteadora desta pesquisa. Nem todas as falas serão reproduzidas, apenas as mais representativas da ideia apresentada. Os pontos mais significativos na fala dos depoentes foram divididos em: Torcida organizada; Policiamento; Clássico; Impunidade; Mídia e; Potencial afastamento dos jogos.

TORCIDAS ORGANIZADAS

Este tópico foi abordado por doze (12) entrevistados. Torcida organizada é a definição dada a uma associação de torcedores de um determinado clube esportivo. De acordo com Pimenta (2000) a violência entre “torcidas organizadas” passou a ser uma preocupação social, uma vez que assumiu característica de acontecimento banal, débil e vazio. Na mesma proporção, passou a ser, também, um incômodo aos interesses em torno do evento esportivo.

Dois torcedores afirmam que existem verdadeiros marginais infiltrados nessas torcidas, pessoas que segundo eles se beneficiam das entidades organizadas:

P1: Acredito que essas brigas são causadas por marginais que se escondem atrás das torcidas organizadas e não fazem parte delas.

P2: Muita gente não se prepara para a vida e vive disso, se tornam ‘semiprofissionais’ do Futebol, beneficiados pelos clubes.”

Três relataram que os componentes de torcidas organizadas de um mesmo clube confrontam-se entre si, gerando confusão, medo e espalhando o pânico entre outros torcedores:

P3: As famílias que antigamente vinham e curtiam os jogos estão cada vez mais longe por conta das torcidas organizadas, que no entorno dos estádios se confrontam, marcando pela internet e as pessoas ficam com medo.

Perrusi (2000) relatou anteriormente que um dos principais fatores que contribuem para a violência no futebol é a presença das torcidas organizadas, que ao invés de dar apoio aos clubes, vão ao estádio para protagonizar cenas de violência. De fato, é possível perceber que a presença das torcidas organizadas gera receio, medo e indignação de muitos torcedores que os veem como marginais impedindo a frequência de pessoas que realmente querem torcer por seu clube e se divertir nos estádios com amigos e famílias.

POLICIAMENTO

Outro tópico que merece ser abordado é o policiamento com seus pontos positivos e negati-

vos. Observando pelo lado negativo, de um lado encontram-se bandos violentos, sem controle da polícia e confiantes na impunidade. De outro, as forças policiais sem preparo, reduzidas e, fechando o tripé, temos uma legislação insuficiente para essa realidade e uma justiça que mantém criminosos reincidientes nas ruas e, pior, nos estádios. Seis pessoas deixaram transparecer todo um lado de insatisfação, como mostram alguns depoimentos:

P4: A violência no entorno preocupa mais do que a violência dentro do estádio. O Maracanã é grande e não tem como o efetivo da PM cobrir a área.

P5: Acho que acontece tanta briga porque são os clubes que patrocinam as organizadas e também tem pouco policiamento para o número de pessoas presentes.

Outros fatores relacionados ao policiamento e a violência como assaltos, brigas, falta de segurança e crimes, também foram abordados por três pessoas entrevistadas.

P6: Não temos tanta segurança, nunca cheguei a presenciar nada, mas deixaria de frequentar os estádios por causa da violência.

P7: Não venho a alguns jogos por causa da violência e por medo de assaltos.

P8: As brigas fazem parte da cultura do futebol nacional e internacional. Algo que alimenta a rivalidade e que na maioria dos casos se envolve quem quer e alguns marginais utilizam disso para praticar crimes.

A fala deste último depoente traz a ideia, por vezes recorrente, de que vários comportamentos são “do” esporte, isto é, estariam na natureza do mesmo. Aqui nos reportamos a Elias e Dunning (1992) quando evidenciam que não se pode descolar a prática do esporte da sociedade onde se manifesta. Assim, por mais que para estes autores no esporte se possam viver emoções violentas controladas, ao mesmo tempo fica claro que estas emoções violentas são exercidas de acordo com os valores dos participantes.

Em relação aos pontos positivos, três pessoas explicam que atualmente o policiamento é bom, que há segurança tanto dentro como fora dos eventos, alegando que basta ter atenção e ficar alerta aos acontecimentos.

P9: Tenho medo, mas acho que a estrutura do estádio e o policiamento tornam o ambiente mais seguro que antes.

P10: Já pensei em deixar de ir, mas no jogo há o reforço do policiamento.

O policiamento dentro e no entorno dos estádios, embora tenha melhorado, ainda não é o suficiente para transmitir a segurança que o torcedor espera ter. O efetivo precisa ser aumentado e os policiais mais treinados para que os torcedores se sintam à vontade e tranquilos para frequentar os estádios.

CLÁSSICO

Foi possível perceber que a maioria dos entrevistados concorda que os confrontos ocorrem com maior frequência nos clássicos. Clássico é o nome dado a um duelo futebolístico de grande rivalidade e que se repete de quando em quando, sendo que, normalmente, é realizado por duas entidades esportivas locais. Um clássico refere-se sempre a uma tradição. Nas últimas décadas, alguns destes encontros se transformaram em alvo de confrontos entre craques ou torcidas.

P11: As brigas são quase certas em clássicos.

P12: Não venho a alguns jogos por causa da violência, principalmente nos clássicos.

Ballone e Ortolani (2001) explicam que para maior compreensão sobre o comportamento de torcidas de futebol, existem estudos feitos a partir das atitudes dos *hooligans*, em quais Elias e Dunning (1992) explicam que tais atos de violência têm como grande responsável o álcool. Esta substância age de forma a facilitar a violência retirando as inibições, aumentando a sensação de pertencimento ao grupo, ajudando a diminuir o medo de se ferirem e de serem presos.

Os clássicos sempre são partidas com um número elevado de torcedores e com certeza as torcidas organizadas estão presentes. Em um clássico a defesa da identidade fica mais evidente, pois do outro lado está alguém com grande peso de “moral esportiva”. Se vencemos o jogo, reafirmamos quem somos e aumentamos nossa autoestima. Se perdemos o jogo, damos força a outra “moral” e sentimos que foi colocado em “jogo” quem somos. É o perigo da desestruturação do eu individual e coletivo.

IMPUNIDADE

Quatro depoentes tocaram na questão da impunidade e esta não está apartada da questão do policiamento. O sentimento de impunidade, que não se restringe ao mundo do futebol, estimula as brigas e as mortes de torcedores. O criminoso tem certeza de que se for apanhado não será punido, pois hoje, se lava o boletim de ocorrência e os criminosos vão embora, muitas vezes, impunes. “O fim da impunidade já seria um bom começo para se banir este tipo de comportamento dos estádios e do futebol no Brasil”, declarou o Ministro do Esporte

Aldo Rabello em entrevista para o site Agencia Brasil (2014).

Claro que a punição efetiva não é o suficiente para o fim da violência no futebol. Esse tipo de atitude é só uma das primeiras etapas para começar a resolver o problema. Além disso, é preciso parar com o jogo de empurra-empurra de autoridades e começar a agir. É preciso reconhecer as falhas no combate à violência nos estádios e se unir para procurar soluções para o problema. Indícios positivos nesse tocante são as punições mais severas estabelecidas na Lei Geral do Esporte (Lei 14.597, de 2023) que prevê reclusão de 1 a 2 anos, além do pagamento de uma multa, a torcedores que causarem violências e distúrbios.

P13: Acho que essas brigas acontecem por causa da falta de policiais e a sensação da impunidade que os torcedores têm. Que por muitas vezes tem certeza de que nada vai acontecer a eles.

P14: Eu acho essas brigas ridículas, isso é apenas um esporte. Queria muito poder ver os jogos com meus amigos, independente de times. Quem briga em torno do estádio deveria ser banido e responder judicialmente.

A fala acima traz colocação significativa: “...isso é apenas um esporte!”, como se em lugar de tão grande diversão e prazer, não existisse espaço para manifestações violentas. Devemos pensar que todo o jogo esportivo coloca muito em “jogo”. O envolvimento na vertigem do jogo é de caráter extremamente sério e palco de verdadeiras manifestações de quem somos. De qualquer maneira, fica claro na fala do depoente que ele busca o encantamento do esporte e não seus desencantamentos.

P15: Deveria haver leis mais específicas para crimes e ações covardes contra os torcedores. Também apoio em 100% punição aos clubes.

P16: Deveria ter punição mais severa.

O que é visto hoje em dia é que os confrontos existem, geram violência dentro e no entorno dos estádios e dificilmente há punição judicial severa para isto. Os componentes das torcidas organizadas agem como verdadeiros vândalos, cometendo uma série de irregularidades tanto dentro como no entorno dos estádios e as autoridades falham em garantir a segurança, muito embora novas medidas tenham surgido com promissores efeitos, tais como a tecnologia de reconhecimento facial⁵⁴.

A MÍDIA

⁵⁴ Vide Clubes da Série A do Brasileirão começam a aderir ao reconhecimento facial nas portas dos estádios. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2023/10/18/clubes-da-serie-a-do-brasileirao-comecam-a-aderir-ao-reconhecimento-facial-nas-portas-dos-estadios.ghtml> Acesso em 28 out. 2023.

Pode-se entender mídia como os meios de comunicação em geral. A mídia pode ser de cunho jornalístico e de cunho social tendo sempre o papel de informar. Em entrevista⁵⁵ ao site Esporte UOL a socióloga da Unicamp, Heloísa Reis, afirma que a mídia estimula a violência no futebol. Para ela, a imprensa também é responsável pela atração de torcedores violentos para as torcidas organizadas ao veicular as imagens das agressões e cita estudos feitos no exterior que provam que quanto mais atenção a mídia dá, mais as organizadas crescem: “Jovens violentos buscam esses ambientes para serem protagonistas de cenas que vão sair na TV e no jornal”, diz ela.

Das pessoas entrevistadas, oito citaram a mídia jornalística como um meio de propagação da violência nos estádios:

P17: A mídia divulga muito essa violência e as pessoas ficam com medo.

P18: Acontece a provocação, as pessoas com o sangue quente e acontecem as barbaridades. Com isso, pessoas que não tem nada a ver com a história acabam se dando mal. A mídia divulga e acaba afastando.

Três torcedores citaram a mídia social que planeja e convoca pessoas para os conflitos no entorno dos estádios:

P19: Muitos confrontos são marcados e planejados através de redes sociais.

P20: As famílias que antigamente vinham e curtiam os jogos estão cada vez mais longe por conta das torcidas organizadas, que no entorno dos estádios se confrontam, marcando pela internet e as pessoas ficam com medo.

As redes sociais, como já foi dito anteriormente, são ferramentas também utilizadas pelas torcidas organizadas, para divulgar confrontos, e atrair cada vez mais, um maior número de pessoas, ou seja, utilização da mídia social em prol da violência (BRANDÃO *et al.*, 2020). A rede social, como meio de comunicação extremamente rápido e atual, agiliza a organização do grupo que pensa em comum.

Ao “olhar” as falas dos entrevistados, percebe-se que os mesmos julgam que a mídia jornalística tanto expõe a violência gerando o afastamento das pessoas dos estádios, devido a divulgação que é dada através dela, quanto serve como meio de propagação da violência nos estádios, pois muitas vezes é nela que transparecem os conflitos e até mesmo provocações.

POTENCIAL AFASTAMENTO DOS JOGOS

⁵⁵ Vide Mídia estimula violência no futebol, afirma socióloga da Unicamp. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2013/12/13/midia-estimula-violencia-no-futebol-diz-sociologa-da-unicamp.htm> Acesso em 28 out. 2023.

Dois (02) entrevistados expuseram que devido à violência e a falta de segurança, preferem atualmente a comodidade de assistir em casa aos jogos de seus clubes:

P21: Desnecessário, a gente vem para se divertir, aliviar o estresse. Brigando ou vendo cenas de violência só piora o nosso estado psicológico. É perigoso vir ao estádio. Prefiro assistir em casa mesmo sem ter a sensação de estar presenciando o espetáculo.

P22: Já deixei de vir devido a essa violência em torno dos estádios e a comodidade que temos hoje, de vermos em casa pelo *pay per view* sem percebermos que há violência. Prefiro ficar em casa, mas não tem nada mais gostoso do que vir ao estádio ver o jogo, sem dúvida. Essa violência afasta principalmente o público da terceira idade.

O avanço tecnológico oportuniza o conforto do espetáculo em casa (POLAMARTSCHUK, 2022). Oferece a opção da comodidade para aqueles que preferem assistir e torcer para os clubes na segurança de seu lar, com a oferta de apresentação dos jogos na TV e pacotes como *pay per view*⁵⁶. Mas, as falas demonstram que o prazer não é completo, pois o jogo não se dá apenas entre as quatro linhas. Está muito além disto, relaciona-se com estar com o outro e viver no espetáculo esportivo o que a televisão não mostra e tampouco oferece.

Para além dos aspectos explorados com mais vagar nos tópicos acima, também transpareceram na fala dos depoentes outros fatores que contribuem para o afastamento do torcedor do estádio, como transporte público precário, filas enormes e ingressos caros, mas que não serão aqui explorados por não se referirem, necessariamente, aos aspectos de violência.

Interpretações finais

O estudo explorou a percepção dos torcedores de futebol sobre o afastamento do público dos estádios devido à violência nos arredores. Os entrevistados expressaram preocupação com a violência, especialmente em clássicos. O transporte precário e o alto custo dos ingressos também foram vistos como fatores que poderiam afastar os torcedores.

Também, evidencia-se que as redes sociais são usadas por torcidas organizadas para divulgar confrontos, o que aumenta o número de participantes em atividades ilícitas. Além dos conflitos entre torcidas rivais, podem ocorrer brigas dentro da mesma torcida, motivadas por diferenças de ideais ou vaidades entre líderes. Esses confrontos persistem sem uma punição judicial severa, alimentando a sensação de impunidade. O policiamento, embora tenha melhorado, ainda é insuficiente para impedir assaltos e tumultos nos estádios e áreas adjacentes.

A cobertura midiática desses problemas gera insegurança entre os torcedores, afastando-os dos estádios. Mesmo assistindo em casa, eles reconhecem que nada substitui a emoção de ver o time jogar ao vivo. A violência nos arredores dos estádios priva os torcedores da

⁵⁶ *Pay per view*: expressão idiomática que significa, literalmente, pagar para ver.

experiência do futebol ao vivo, do lazer, do senso de comunidade entre desconhecidos e das conexões familiares e de amizade criadas pelos jogos. O estudo espera contribuir para o campo da Educação Física, oferecendo uma visão atual dos depoentes e incentivando pesquisas futuras mais abrangentes.

Referências

ANDER-EGG, Ezequiel. **Técnicas de investigación social.** Buenos Aires: Editorial LUMEN, 1995.

BALLONE, Geraldo José; ORTOLANI, Ilda Vane. **Comportamento violento.** In Pesquisa Web, Internet, 2001.

BORGES, Dulce Maurilia Ribeiro. **A violência legitimada na ordem social: uma leitura de O matador, Patrícia Melo.** 86f. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2020.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Os processos de civilização e o controle das emoções.** Bauru/SP: Edusc, 2007.

BRANDÃO, Thiago *et al.* Álcool e violência: torcidas organizadas de futebol no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26001, 2020.

BUFORD, Bill. **Entre os vândalos:** a multidão e a sedução da violência. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira *et al.* As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 9-24, set. 2008.

CONMEBOL. 265 milhões de pessoas jogam futebol no mundo inteiro. 2023. Disponível em <https://www.conmebol.com/pt-br/notas-pt-br/265-milhoes-de-pessoas-jogam-futebol-no-mundo-inteiro/>. Acesso em 28 out. 2023.

DEFRANCE, Jacques. O gosto pela violência. In: GARRIGOU Alain; LACROIX Bernard. Norbert Elias: **A política e a história.** São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 231-240.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa, Difel: 1992

FOLHA DE SÃO PAULO. **Violência cresce no futebol, e pesquisadores apontam velha causa: impunidade.** Brasil vê escalada de casos enquanto infratores desfrutam sensação de liberdade. 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/03/violencia-cresce-no-futebol-e-pesquisadores-apontam-velha-causa-impunidade.html>

[ce-no-futebol-e-pesquisadores-apontam-velha-causa-impunidade.shtml](http://www.uol.com.br/cultura/arte/ce-no-futebol-e-pesquisadores-apontam-velha-causa-impunidade.shtml) Acesso em 28 out. 2023.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Futebol e imigração: Os imigrantes e seus descendentes representados nas seleções nacionais europeias. **TRAVESSIA - Revista do migrante**, [S. l.], n. 85, p. 101–114, 2019.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GASTALDO, Édison. “O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 22, jul./dez. 2009, p. 352-369.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Territórios do torcer: futebol, violência e política. **Trayectorias Humanas Trascontinentales**, n. 14, s.p., 2022.

MACHADO, Afonso Antonio. **Psicologia do esporte:** temas emergentes. São Paulo: Ápice, 1997.

MANGINI, Rosana Cathya R. Privação afetiva e social: implicações nas escolas. In: MEDRA-DO, Hélio Iveson Passos (Org.) **Violência nas escolas**. Sorocaba: Editora Minelli, 2008. p. 106. MARCHI JR., Wanderley. A Teoria do Jogo de Norbert Elias e as Interdependências Sociais: um exercício de aproximação e envolvimento. **Conexões**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 101–113, 2015.

OLIVEIRA JUNIOR, Constantino Ribeiro. **Meninos de rua ou de um beco sem saída?:** um novo resgate. 18of. 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

PEIL, Luciana Marins Nogueira. **Esporte e espírito romântico: o caso do Golfe.** 148f. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física), Programa de Pós-Graduação em Educação Física/UGF, Rio de Janeiro, 2006.

PERRUSI, Artur. Notas sobre violência e futebol. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-15, abr. 2000.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 122-128, 2000.

POLAMARTSCHUK, Felipe Codato. **Determinantes do público nos estádios de fute-**

bol brasileiros. 48f. 2022. Dissertação (Mestrado profissional MPE) – Fundação Getulio Vargas, Escola de Economia de São Paulo, São Paulo, 2022.RECH, Sheila. **A torcida no esporte: agressividade e violência. Psicologia do esporte e do exercício.** Caxias do Sul, RS, junho de 2003.

O PROCESSO DE COISIFICAÇÃO E MERCADORIZAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL

Rafael Moreno Castellani
João Batista Freire
Lino Castellani Filho

“Sou uma mercadoria. Não sei o dia de amanhã.”
(declaração à ESPN⁵⁷ de um atleta, à época, do S.E. Palmeiras)

O futebol tem sofrido ao longo de seu processo histórico diversas mudanças, algumas delas muito significativas, que o caracterizam atualmente não mais somente como uma prática social que “expressa hegemonicamente a cultura corporal de movimento” (BRACHT, 1997), mas principalmente como prática social modernizada, globalizada, espetacularizada, produtora de identidade nacional e espaço político e econômico extremamente rentável (DaMATTA, 1994; DAMO 2007; CASTELLANI, 2010). Matias (2019, p. 52) acrescenta que o futebol é, também, “fonte de entretenimento, diversão e de acumulação de capital”.

Configura-se, em virtude do elevado número de transações internacionais, como um “mercado de trabalho globalizado” (RODRIGUES, 2010, p. 358), a ponto de, atualmente os grandes clubes do futebol mundial funcionam como “empresas transnacionais”, que consolidam o comércio internacional de atletas (ROBERTSON; GIULIANOTTI, 2006, p.23). Segundo Alcântara (2006), Gasparotto (2013), Castellani (2017), dentre outros, o futebol, enquanto negócio, possui um peso considerável na economia brasileira, visto que as exportações de serviços (e aqui entram as transferências de jogadores de futebol) representam cerca de 40% das exportações brasileiras⁵⁸ (ALCÂNTARA, 2006).

Santos e Helal (2016) afirmam que, a partir do momento em que o futebol se torna uma prática popular de grandes proporções, antes mesmo de sua profissionalização, ele assume as características necessárias para adequá-lo como uma mercadoria, denotando espaços distintos para o jogar e o torcer, representados, por exemplo, na cobrança de ingressos para o público dando início à configuração de “uma das mais potentes e grandiosas indústrias culturais do século XX” (SANTOS; HELAL, 2016, p. 57).

Dessa forma, Santos e Helal (2016) apontam quatro momentos que consideram marcantes

⁵⁷https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/9633701/palmeiras-deyverson-cita-roger-guedes-e-nao-descarta-atuar-pelo-corinthians-no-futuro-sou-mercadoria

⁵⁸ De 2003 a 2009, 6.648 jogadores profissionais se transferiram para o exterior, dos quais 54% tinham como destino o continente Europeu (SOARES et al., 2011). Considerando a última temporada (2022-23), conforme estudo do Centro Internacional de Estudos de Esporte (CIES - <https://football-observatory.com/>), o Brasil é o país que mais exporta jogadores para o futebol mundial, com 1289 atletas.

no processo de mercantilização do futebol: (1) A constituição de uma sociedade de consumo, bem como a concorrência entre as diversas indústrias culturais e do entretenimento, configura o futebol enquanto negócio: os jogadores tornam-se celebridades, os operários mudam de status passando a ser consumidores da classe média, os clubes buscam se constituir por uma elite vencedora e o jogo se torna mais mecânico e pragmático; (2) a entrada de João Havelange na presidência da Federação Internacional de Futebol (FIFA) dá ao futebol sofisticação nunca vista até então no trato do futebol como negócio; (3) o acidente no estádio de um importante clube inglês, Liverpool, que culminou na morte de 96 torcedores e centenas de feridos, e o consequente teor do Relatório Taylor que serviu de subsídio para exigências de reformas dos estádios ingleses, acarretando nova percepção dos espaços dos estádios, assim como uma mudança no perfil do público, com a grande elevação do custo dos ingressos; (4) a substituição dos estádios por arenas multiusos, condição básica estabelecida pela FIFA e UEFA (Federação de futebol da União Europeia) para realização das partidas, conceito que exigiu nova formatação do público.

Por sua vez, para Damo (2007, p. 73-79), já a partir do momento em que a classe trabalhadora passou a fazer parte do movimento esportivo, iniciou-se um processo de emersão, gradativa, da modernização/espetacularização do futebol profissional. Ou seja, no início da década de 1930, tendo 1933 como marco histórico, passou-se a admitir explicitamente o pagamento de salários aos jogadores e uma compensação financeira pela quebra de contrato, fato que, na prática, instituía o “passe”, na nomenclatura atual, direito federativo. Assim, os clubes passaram a adotar diversas formas de angariar dinheiro, seja com mensalidades dos sócios, venda de ingressos para as partidas e patrocínios de empresários e/ou mecenatas locais, que, por sua vez, permitia que pagassem, num primeiro momento, prêmios e, mais tarde, salários aos melhores atletas. Com a consolidação de um público nos estádios em dias de jogos a partir da construção ou ampliação dos estádios, o futebol, na condição de espetáculo esportivo, passou a ser rentável o suficiente para bancar os prêmios e salários dos atletas.

A partir de então, com medo de perder seus principais jogadores para outros clubes, principalmente do exterior, acelera-se a adoção de normas que regulamentam o mercado de “péss-de-obra”, dando aos jogadores um duplo estatuto, de pessoa e de mercadoria (DAMO, 2007, p. 79/81). Em outras palavras, “o futebol moderno, submetido à racionalidade da empresa moderna, com as mesmas exigências de eficácia produtiva e lucratividade, prossegue e aprofunda o processo de coisificação do jogador como máquina” (FLORENZANO, 1998, p. 152).

Nesse sentido, cabe explicitarmos de antemão a noção de sujeito que defendemos, situada em oposição à noção usualmente refletida por grande parte daqueles inseridos no contexto do futebol profissional. De acordo com Quiroga (1978, p.10), ao reportar-se sobre o juízo de Pichon-Rivièracerca do sujeito, ao se constituir num interjogo dialético com o mundo, cujo alicerce está na contradição interna entre necessidade e satisfação, este passa a ser entendido como “ator, produtor, protagonista de sua história vincular e social” (QUIROGA, 1978, p. 10), características perdidas a partir do momento em que as relações entre jogadores e

clubes deixaram de ser meramente afetivas para serem, também, “contratuais, legalizados e remunerados, sendo a gestão do tempo orientada pelos critérios de eficácia e rendimento” (DAMO, 2007, p. 92). Assim, conforme ainda nos adverte Damo (2007, p. 89), os produtores principais do espetáculo esportivo, neste caso os jogadores de futebol, tornaram-se, eles próprios, também mercadorias.

Dessa forma, segundo Rial (2008), os jogadores de futebol assumem uma característica bastante particular, pois acabam sendo, ao mesmo tempo, força de trabalho e mercadoria. Compreensão semelhante é explicitada por Martins (2016, p. 51) ao se referir ao jogador de futebol como, em um só tempo, “uma mercadoria especial – força de trabalho – e uma mercadoria comum, vendida como “produto” para outros clubes, patrimônio líquido de seu clube corrente, gerador de lucro e de valorização de capital”.

Ainda que tenhamos clareza que o jogador de futebol não é somente mercadoria e fonte de lucro para clubes e agentes, a linguagem própria do futebol, refletida em expressões (algumas delas utilizadas neste texto) como “ser vendido”, “pertencer a um clube”, entre outras, nos remete, guardadas as devidas proporções, a um modelo escravagista, ainda que “haja um consentimento legal e moral em relação à compra e venda de pés de obra” (DAMO, 2007, p. 59) e seja consenso que o intercâmbio de jogadores de futebol esteja inserido nos modelos mais avançados de capitalismo” (RIAL, 2008, p. 30). Não por acaso, a expressão plantel, designada atualmente para nomear um grupo de profissionais, os jogadores, principalmente, de um clube esportivo, era apropriada nos tempos feudais para denominar um “conjunto de escravos de um senhor, uma província, uma região, um país” (GEIGER, 2016). Mas não só em âmbito nacional estas transações entre jogadores foram ampliadas. Segundo Angelo (2014), o jogador de futebol pode ser considerado como um dos principais “produtos de exportação” brasileiros. Internacionalmente, há uma tendência para que os atletas se transfiram cada vez mais cedo e em maior número. O último relatório da FIFA, divulgado em 2024, apresenta uma realidade referente às transferências internacionais de jogadores de futebol, na qual os brasileiros ainda ocupam⁵⁹, com folga, a primeira colocação em número de atletas negociados, representando 11% do total de transferências internacionais. Também nesse relatório, a FIFA estimou que o futebol mundial gerou uma receita, em 2022, de cerca de 300 bilhões de dólares, valor equivalente ao PIB de um país como a Finlândia.

Em relatório da CBF “O impacto do futebol brasileiro”, elaborado pela empresa de consultoria EY e publicado em 2019⁶⁰, estima-se que o futebol, em toda a sua cadeia, representa 0,72% do PIB nacional, ou seja, R\$52,9 bilhões.

Certamente, tal como os recursos oriundos das chamadas cotas televisivas pagas pelas emissoras aos clubes, que dão audiência em virtude da transmissão das partidas (MOURELLE,

⁵⁹ Desde o início da divulgação deste relatório da FIFA, em 2012, o Brasil foi o país que envolveu mais atletas em transações internacionais.

⁶⁰ Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-apresenta-relatorio-sobre-papel-do-futebol-na-economia-do-brasil>>.

2012), uma das maiores fontes de renda dos clubes é a venda de jogadores para o mercado europeu e, cada vez mais, para o mercado asiático. O “processo de internacionalização de jogadores e técnicos” tornou-se uma tendência que, apesar de se destacar a partir de 1980, nos últimos anos tem tomado proporções ainda maiores, já que, em pouco mais de um ano, cerca de 700 jogadores brasileiros deixaram o Brasil em busca de melhores oportunidades em outros 59 países (LOPES, 1999, p. 179). Em pesquisa publicada pouco depois de Lopes (1999), Rial (2006), atesta que, de 2002 em diante, cerca de 2.610 atletas se transferiram do futebol profissional brasileiro para o exterior, principalmente Estados Unidos, Japão e Europa. Passadas quase duas décadas, mesmo considerando os impactos da pandemia, conforme estudo da Fifa⁶¹, o Brasil ainda se apresenta como o maior exportador de atletas para o mercado de “pés-de-obra” internacional, com 998 jogadores negociados em 2022.

Dessa forma, ainda que no discurso de grande parte dos clubes as categorias de base do futebol brasileiro tenham como principal objetivo formar os atletas integralmente, para atuarem em sociedade ou para integrarem a equipe profissional, o fato é que produzir um jogador de futebol tornou-se um negócio extremamente rentável, sobretudo a partir da mercadorização com o futebol estrangeiro. Muitos clubes que inicialmente produziam jogadores para suprir as exigências dos torcedores e necessidades de “pés-de-obra” na equipe principal, passaram a fazê-lo também pensando no lucro econômico que uma posterior venda pode render ao clube (DAMO, 2007).

Na sociedade moderna, não há mais de onde tirar o sustento ou o lucro, a não ser de duas fontes: a força de trabalho e a natureza (antes ou depois de ela ser transformada). Há casos em que a própria força de trabalho, isto é, a pessoa, pode também ser a natureza, de onde se tira o lucro. É o caso de algumas profissões, o esporte entre elas, principalmente o futebol. Nesse esporte, como em outros, o produto vendido é o jogador, uma pessoa, um ser humano. Com uma diferença: concluída a venda ele irá gerar lucros de outra natureza; sua imagem será vendida aos meios de comunicação ou a expectadores presentes, gerando nova e imensa fonte de lucro.

Tal tema de interesse de pesquisadores do futebol é antigo, algo possível de ser notado simplesmente pela data das publicações supracitadas. No entanto, além de destacar que essa discussão ainda não se encontra superada no âmbito do futebol profissional, temos como proposta para este texto trazer outras categorias de análise que explicitam o quão, e cada vez mais, o jogador de futebol tem reafirmado, por dirigentes e mídia esportiva, seu atributo enquanto mercadoria e produto.

Este estudo tem por objetivo, então, refletir sobre o processo de coisificação e mercadorização do jogador de futebol, à luz do modo de produção capitalista e categorias de análise marxistas.

O JOGADOR “COISIFICADO”

61 Disponível em <<https://www.fifa.com/legal/media-releases/fifa-publishes-global-transfer-report-2022-with-all-time-record-setting-numbers>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2024.

Antes de entrar especificamente na análise do conceito de coisificação, nos valeremos, inicialmente, do conceito de “comodificação” trazido por Walsh e Giullianoti (2007, p. 12). De acordo com tais autores, o processo de comodificação refere-se à “transformação de um bem ou serviço [neste caso o jogador de futebol profissional] em mercadoria”, ou seja, em algo passível de ser comercializado. Em outras palavras, trata-se da “transformação de uma coisa que possui somente valor de uso para um bem que possua valor de uso e valor de troca” (WALSH; GIULLIANOTI, 2007, p. 13).

Trazendo para o foco deste texto, falamos em commodities esportivas, caracterizadas pela “venda” de atletas ainda em formação, muitas vezes vendidos de volta já “manufaturados” (treinados), com valor-de-uso mais alto do que aquele existente quando vendido enquanto apenas “matéria prima, ou seja, vende-se a laranja, para posteriormente comprar-se o suco de laranja.

Há, também, um tipo de investimento que se faz no futebol que se assemelha muito a um modo de criar gado, quando os animais são mantidos em condições adequadas para crescer e aumentar o peso. Quando vendidos, pesarão muito mais do que quando foram obtidos e se tornarão enorme fonte de lucro. Atualmente, em todo o Brasil, espalham-se os olheiros/observadores dos clubes de futebol⁶². Os mais importantes possuem vasta rede de observação. Aqueles que forem selecionados pelos olheiros ou em peneiras frequentemente realizadas, integrarão as chamadas equipes de base e nelas permanecerão até que se tornem, com o passar dos anos, mais fortes e habilidosos e possam ser integrados à equipe profissional (casos raros), ou negociados para equipes nacionais ou de fora do país. A diferença entre o que gastaram com sua formação e o valor de sua venda é muito grande, portanto, o lucro obtido é bastante significativo.

Os clubes não precisam se deslocar aos rincões do Brasil para investir na formação de jogadores. Aguardam que sejam tirados de suas famílias e trazidos para a sede do clube, muitas vezes do outro lado do país. Esperançosos do talento de seus filhos e também investindo neles, às vezes ainda crianças, como a possibilidade de ascensão social para toda a família, os pais abandonam seus empregos e cidades para acompanhar seus filhos em nova cidade.

Ainda assim, todos os últimos relatórios anuais da CBF, especificamente o publicado em 2019, nos mostram que o percentual de sucesso, sobretudo financeiro, dessa empreitada é pequeno, afinal, 55% dos atletas profissionais receberam em 2018 aproximadamente um salário-mínimo e 88% até R\$5.000. Estes dados contemplam somente os profissionais. A quantidade de crianças e jovens que participaram das categorias de base dos clubes brasileiros não conseguiram se profissionalizar é enorme, conforme Arbex (2024), algo em torno de 99,0%. Segundo estudo da Universidade do Futebol⁶³, somente 0,03% dos jovens que buscam a profissionalização no futebol obtém êxito nesta empreitada. Neste contexto, os investidores fazem de tudo para negociar os jovens para clubes grandes ou pequenos, do Brasil ou exte-

⁶² Essa imensa rede que percorre o Brasil, traz jovens para todos os níveis de clubes de futebol. Em alguns casos, esses clubes foram fundados apenas para fazer essa espécie de “engorda”, ou seja, somente para investir na formação dos jovens e negociá-los posteriormente.

⁶³ www.universidadedofutebol.com.br

rior, para não perderem dinheiro. Afinal, trata-se de uma mercadoria que precisa ser bem vendida para que não tenham prejuízos em vista dos valores despendidos com a manutenção das categorias de base.

Muitos desses jovens, dentre os poucos que conseguem se profissionalizar, mas que não conseguem obter nível suficiente para gerar grandes negócios, são vendidos por preços pequenos para equipes menos expressivas do futebol brasileiro ou do exterior ou, como também é bastante comum, são negociados sem envolvimento de movimentação financeira⁶⁴. Costumam rodar por diversas equipes, não há quem se responsabilize por isso e terminam por desistir do futebol. Há casos em que ficam abandonados à própria sorte em países distantes, sem que haja quem os ampare.

Adentrando especificamente na análise do conceito de coisificação, vale destacar que Florenzano (1988) não é o único autor a cunhar este termo para se referir ao processo de transformar pessoas em coisas. Ana Quiroga (1978) e Arlei Damo (2007), também trazem em algumas de suas obras essa leitura. No entanto, buscarmos problematizar este conceito, cujo precursor foi Perdigão Malheiro, mas disseminado um século depois por Fernando Henrique Cardoso e Jacob Gorend, nos apropriando também, nesta análise, da crítica realizada por Sidney Cahloub (1990) em seu livro “Visões de Liberdade”.

A redução de um homem à condição de coisa foi designada, ao que nos parece, pela primeira vez de modo destacado por Perdigão Malheiro, em obra publicada em sua primeira edição em 1866, ao se referir à coisificação do indivíduo escravizado. Seu enfoque inicial era explicitar a condição do escravo do ponto de vista legal, já que entendia que os senhores eram proprietários dos escravos somente por aparência. Em momentos, entretanto, Malheiro foi além desse viés jurídico, passando a tratar da sua condição social, por acreditar que os escravos tinham todos os seus direitos e sentimentos negados e eram comparados, por vezes, a seres irracionais, às peças/objetos e ao gado. Eram, portanto, privados de toda a sua liberdade pessoal e capacidade cível (GILENO, 2003). Um século depois, ganham reconhecimento as obras de Fernando Henrique Cardoso e Jacob Gorender, que defendiam a possibilidade da coisificação subjetiva do escravo e da aceitação passiva destes, com os valores de seus senhores/proprietários.

É preciso ressaltarmos que Sidney Chalhoub, na condição de historiador, se referia em sua crítica à coisificação da pessoa escravizada em âmbito jurídico e social, tal como defendido, dentre outros, por Fernando Henrique Cardoso (FHC) em “Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: O Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul”, publicado em 1962, no qual afirmava que os negros escravizados eram destituídos da capacidade de realizar ações autônomas e faziam uma representação de si mesmos como “não-homem”. A defesa de FHC partia do conceito de coisificação trazido um século antes por Perdigão Malheiro, ao entender o ser humano escravizado como sujeito ao domínio/posse de outro, desprovido de direitos e representação, reduzindo-se, da condição de humano, para a de coisa. Por sua

64 Informação disponível em: <[Campeonato Brasileiro Série A - Transferências 2024 | Transfermarkt](#)>. Acesso em 20.02.2024.

vez, Chalhoub fundamenta sua crítica a Fernando Henrique Cardoso no modo como o autor se apropriou das fontes historiográficas e no consequente equívoco conceitual, pois procura provar em sua obra que os escravizados eram possuidores de consciência e certa autonomia e agiam com lógicas ou rationalidades próprias, interferindo, por exemplo, nas situações em que eram comprados e/ou vendidos.

Vale destacar que nosso objetivo ao trazer tais citações não se trata de comparar o jogador de futebol a um ser escravizado, de modo algum, mas de levantar similaridades quanto à negação de seus direitos, sentimentos e subjetividade. Ainda assim, se Chalhoub (1990) contesta o conceito de coisificação por entender, a partir de fontes historiográficas sob o viés dos próprios cativos, que estes não eram destituídos de sua capacidade de agir, ou seja, possuíam possibilidades de ações autônomas e não aceitavam passivamente os valores de seus senhores, o mesmo pode ser feito no âmbito do futebol profissional, pois tem sido frequente nos depararmos com casos em que a vontade e os sentimentos dos atletas, bem como a contestação das condições de trabalho, são manifestadas.

Conforme Damo (2007, p. 58), todos os jogadores profissionais de futebol estão sujeitos a serem convertidos em coisas, pois há um mercado de compra e venda de atletas que se apresenta de modo bastante estruturado, com fluxos preferenciais, tal como acontece com os melhores atletas brasileiros que se dirigem aos grandes centros europeus e os de menor prestígio para outras partes do mundo. Vale destacar que a atribuição de um valor para a transação se dá segundo diversos atributos dos jogadores, assim como a idade, país de origem, comportamento extracampo, o clube que detém o “passe”, agente/empresário que o negocia, entre outros. No entanto, este valor está sempre associado à expectativa que se tem em torno da sua possível performance atlética, e, mais recentemente, aos retornos decorrentes da exploração da sua imagem em propagandas e campanhas de marketing criadas pelos clubes, patrocinadores e marcas de material esportivo, sobretudo pelo forte apelo midiático que possuem.

Por sua vez, vale ressaltarmos que atualmente o clube detém, na maioria dos casos, somente uma parte dos direitos federativos, o empresário outra, o atleta outra, sendo que o sócio majoritário, na maioria das vezes o clube, tem mais poder na definição da transação comercial. No entanto, sem acordo entre todas as partes, o negócio não se realiza.

Importa ressaltar que alguns atletas têm se negado a ir para clubes que não sejam de seu desejo - sobretudo quando se trata daqueles localizados fora dos grandes centros do futebol nacional e/ou mundial ou que não ofereçam boas condições de trabalho-, bem como solicitado aos clubes que os liberem para outro clube, via empréstimo, indenização pela quebra de contrato ou sem compensação financeira, quando estão insatisfeitos no clube atual ou passando por problemas pessoais/familiares.

Há ainda alguns casos nos quais os contratos de jogadores são rompidos em comum acordo a pedido dos atletas, visto que não estão satisfeitos com a posição/função que ocupam na equipe, ou seja, não vêm sendo escalados e utilizados pelo treinador nas partidas e não se veem úteis e importantes para a equipe. Ou então, algo mais comum, ao terem seus salários

atrasados por mais de 90 dias, em vez de buscarem na justiça o direito de romper seu contrato, sem pagamento de multa indenizatória, os atletas negociam com o clube devedor a ruptura contratual para poderem se transferir para outra equipe.

Independentemente do motivo, os jogadores, a partir da quebra de contrato em comum acordo, ou seja, sem a necessidade de pagamento do valor estipulado pela cláusula indenizatória de seus respectivos contratos, ficam “livres” para assinar um contrato com outras equipes.

Vale ressaltar que, costumeiramente, esse “comum acordo” não se dá em condições de igualdade entre as partes e favorece mais quem possui maior poder, ou seja, o clube. Uma coisa é um atleta renomado, reconhecido por seu “capital futebolístico”, estabelecer um acordo com um clube, pois este pode se posicionar de modo diferente no tratado, até porque, provavelmente, não passa por dificuldades financeiras e dificilmente terá problemas em encontrar um novo clube para jogar. Outra coisa, é um atleta pouco (re)conhecido, que defendeu em sua carreira, em toda ela ou maior parte dela, clubes pequenos e de menor expressão, como grande parte da categoria de jogadores profissionais, negociar esse acordo, pois detém pouco poder de negociação e às vezes se vê “obrigado” a aceitar as condições colocadas pelo clube, haja visto que não pode correr o risco de ficar desempregado, por meses que seja, sobretudo por questões de ordem financeira.

Um atleta, entrevistado por Martins (2016), corrobora esse enunciado ao dizer que, para não ficar parado/desempregado, aceitava as condições do clube, pois se via sem condições de fazer qualquer tipo de exigência. O aceite das condições precárias e a insistência nesta carreira, além da questão financeira prejudicada com o possível desemprego, era justificado pela necessidade de manter vivo o sonho de se tornar um jogador de futebol profissional bem-sucedido, ou seja, famoso, admirado e bem remunerado.

Se tomarmos como referência a crítica ao conceito de coisificação realizada por Chalhoub (1990), situações trazidas por Castellani (2017), também veiculadas pela mídia esportiva em outros clubes, nos indicam que o jogador de futebol, ao menos em sua totalidade, não é destituído de sua capacidade de ação, de seu poder contestatório e incapaz de realizar ações autônomas, negando dessa forma a própria associação, ainda que metaforicamente, do atleta como coisa. Entretanto, todos esses processos, ainda que busquem devolver ao atleta o poder decisório e a posse de sua força de trabalho, acabam perpetuando, na prática, a relação desigual de compra e venda de uma mercadoria/objeto.

Embora a Lei Pelé, sobretudo em sua nova redação do artigo 28 dada pela Lei 12.395 de 2011, tenha sido elaborada e implementada possuindo como uma de suas prerrogativas proteger e favorecer o atleta - possuidor e detentor da sua força de trabalho - na relação de trabalho com o clube, ao venderem sua força de trabalho (direitos federativos) para os clubes, os jogadores acabam se tornando “reféns” destes ao longo de quase toda a sua carreira, pois somente poderão reaver sua liberdade contratual e laboral, e se transferir para outras instituições, mediante o pagamento de valor estabelecido pela cláusula indenizatória desportiva, constituída, em grande parte, por valores elevados e desproporcionais (sobretudo

se considerado o valor da cláusula compensatória desportiva) ou quando findado o prazo de vigência do contrato. Isso significa, de acordo com Reis, Lopes e Martins (2014, p. 121), “que essa cláusula ainda atribui ao atleta um valor de troca no mercado de pés-de-obra”.

No entanto, são raros os casos em que o clube cumpre este prazo e dá ao atleta novamente a posse dos seus direitos federativos, pois antes que o prazo para expirar o contrato se aproxime, os clubes se mobilizam para “vender o jogador” e lucrar com a cessão dos direitos trabalhistas a outro clube. De fato, são poucos os atletas que possuem contratos mais duradouros, aqueles dos grandes clubes, renomados ou “promessas” (jogadores recentemente revelados nas equipes profissionais nos quais se atribuem grandes expectativas de sucesso), mas o tempo maior de contrato se justifica, pois “caso outro clube tenha interesse nele, não será possível esperar que seu contrato chegue ao fim para sair sem pagar uma multa [maior pelo período mais longo de contrato] ao clube ao qual o jogador estaria vinculado” (MARTINS, 2016, p.102).

Estabelecido então o primeiro contrato trabalhista, ou a primeira venda, as transferências se dão, quase sempre, tendo como referência o valor de compra e o valor estipulado pela cláusula compensatória. Ainda que com a implementação da Lei Pelé o atleta tenha ganho, teoricamente, mais voz e poder decisório no momento de transferência entre clubes, de fato, esta prática permanece estabelecida, salvo exceções, como um mercado de compra e venda no qual o atleta continua a ser tratado como uma mercadoria/objeto. Nesta relação, o clube é sempre o elo mais forte visto que, dentre outros motivos, “o valor a ser indenizado ao clube é muito superior ao valor indenizado ao atleta no caso de rescisão” (CANI; GODOY JUNIOR, p. 1163, 2013).

Sob viés distinto, o processo de coisificação do sujeito é entendido por Quiroga et al. (1991), tal como por Marx (2013), a partir do conceito de alienação. Se constitui, dessa forma, o fundamento objetivo da alienação, ou seja, o sujeito se aliena do seu trabalho e daquilo que produz. Assim, de sujeito passa a ser aquilo que não é: objeto e, portanto, coisificado, fragmentado, abstrato, como uma mercadoria entre tantas outras. A alienação implicará a ele um esvaziamento e coisificação da sua vida e suas relações, pois as convivências entre os homens serão substituídas pelo convívio entre as coisas, se naturalizando e fixando no psiquismo. Em sua existência alienada, expressa também no âmbito grupal e, portanto, reeditando suas relações cotidianas, o sujeito será levado à

[...] fragmentação e dissociação estereotipadas, ao desconhecimento de si e do outro, ao isolamento, à negação das necessidades, à ruptura dos processos identificatórios, fratura entre realidade e representação, ao pensamento unilateral, à ausência de visão integradora (QUIROGA et al., 1991, p. 85).

Por fim, Quiroga et al. (1991) ressalta, ainda, que a alienação se manifesta de modo sutil e diversificado nas configurações grupais, mesmo que em todas elas o sujeito perca e mantenha clivada a representação de si em sua multidimensionalidade. Em outras palavras, quando

alienado, o sujeito se “coisifica”, as relações humanas são coisificadas e perde-se a qualidade da comunicação direta e plena entre membros de uma sociedade/comunidade/grupo (BLEGER, 1988).

TRAZENDO MARX PARA O JOGO

Karl Marx é, sem dúvidas, um dos maiores e mais importantes pensadores e filósofos da era moderna! Apesar do tempo histórico de seus escritos, suas ideias, até hoje, carregam traços de contemporaneidade. Que a teoria marxista nos ajuda muito a compreender a sociedade que vivemos, sobretudo devido ao modo de produção capitalista que nos guia, não temos dúvidas.

Se, no tópico anterior, trouxemos para reflexão algumas analogias com a época da escravidão para compreender o processo de coisificação do atleta, é preciso destacar que, na sociedade atual, “a existência de trabalhadores livres e de possuidores de todo o aparato produtivo são elementos fundantes da produção capitalista” (MATIAS, 2019, p. 30).

No âmbito da área acadêmica da Educação Física brasileira, já se fazem presentes estudos voltados à economia política do esporte. Dentre eles, destacamos o livro publicado por Wagner Matias (in memorian) pela editora Appris sob o título *Futebol de Espetáculo*, no qual o autor procura desvelar o que está sendo o futebol espetacularizado no contexto do capitalismo tardio. Categorias marxistas desenvolvidas com vistas à compreensão do modus operandi do modo de produção capitalista, são acionadas com maestria por Matias (2019).

Dentre elas, vale destacarmos o conceito de mais-valia para refletirmos sobre os jogadores de futebol. Afinal, se o esporte é produção humana, se o futebol é parte constituinte de nossa cultura e se o atleta profissional desta prática social representa um papel de destaque em nossa sociedade, entendemos ser pertinente tecermos algumas considerações sobre os trabalhadores da bola e a forma ganha pela força de trabalho que traduzem.

Para Marx (1957, p. 552), a mais-valia, um dos objetivos centrais do modo de produção capitalista, é o “valor criado pelo trabalho do operário assalariado acima do valor de sua força de trabalho e do qual o capitalista se apropria gratuitamente”. Ou seja, o capitalista (neste caso, o clube de futebol, independente se associativo, empresa ou SAF) ao pagar pelos direitos federativos de um atleta, possui não só a propriedade da sua força de trabalho, mas também o produto (ou o lucro) deste trabalho, revertido, principalmente, pela venda dos seus direitos federativos a outro clube.

Da mesma forma que Marx (1957) aponta em *O Capital* que, sob o modo de produção capitalista, um trabalho só é produtivo à medida que gera mais valia, assim também o é no âmbito do futebol (obviamente por este estar inserido numa sociedade capitalista), pois quanto mais o clube conseguir lucrar com a venda dos seus direitos federativos, mais produtivo ele é. Ainda assim, não só com a venda dos direitos federativos o clube lucra. Mas também com cotas de patrocínio, utilização da imagem do atleta, vendas de camisas, com o “*match day*”,

assim como a partir dos resultados esportivos obtidos pelo emprego da força de trabalho do jogador. Ou seja, conforme Matias (2019, p. 43), no caso do setor de entretenimento, especificamente o futebol, o processo de trabalho é a mercadoria a ser vendida.

No caso da “indústria do esporte”, especialmente do futebol é visível a presença de atividades de serviços em que a materialização da mercadoria ocorre após a produção como também é perceptível que o processo de produção e consumo de uma mercadoria imaterial também ocorra durante a performance dos atletas. Ou seja, há uma simbiose entre produção, distribuição, troca e consumo (MATIAS, 2019, p. 44).

Como destaca Antunes (2014, citado por MATIAS, 2019), há, cada vez mais, uma relação de dependência entre o trabalho produtivo e o improdutivo, afinal, o mesmo trabalho que realiza atividades que gera valor, confere a qualidade do que realiza. Ou seja, “a linha entre o que é produtivo ou improdutivo é cada vez mais tênue no capitalismo contemporâneo” (MATIAS, 2019, p. 43).

Assim, o jogador de futebol é visto atualmente como um dos principais “ativos” dos clubes, afinal, são importantes fontes de receita, tanto para os clubes associativos quanto, e principalmente, para os clubes empresas e Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs). Não podemos perder de vista que os clubes, sobretudo os clubes-empresas ou as Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs), esperam que, ao final de uma jornada de trabalho ou de um “projeto”, o dinheiro obtido a partir do trabalho dos seus funcionários (não considerando aqui somente os atletas) seja maior do que o dinheiro investido inicialmente. E os clubes-empresas e SAFs, diferentemente do clube associativo que busca a mais valia para aumentar seu poder de investimento, qualificar sua estrutura e suas equipes para ampliar seu rendimento esportivo e conquistar títulos, objetivam, geralmente com elevado aporte de investimento e estratégias de gestão mais profissionalizadas, ampliar o rendimento esportivo para valorizar o clube e obter lucro posterior.

Pode parecer trivial considerar e nomear o jogador de futebol como um “ativo” do clube, mas, de fato, trata-se de mais uma forte evidência do atributo de mercadoria/produto atribuído aos jogadores. Termo “emprestado” do campo da contabilidade para designar o jogador de futebol, o conceito de “ativo” no futebol é, segundo Goulart (2002), polissêmico e controverso. Ainda assim, independentemente de ser entendido como um bem ou direito de uma entidade, ou “benefícios futuros esperados”, ou segundo a *Statements of Financial Accounting Concepts* (SFAC), apud Goulart (2002), como os “benefícios econômicos futuros prováveis, obtidos e controlados por uma entidade em consequência de transações ou eventos passados”, os argumentos trazidos neste texto possuem fundamento.

Por sua vez, conforme Lopes e Davis (2006), o direito de vínculo desportivo que o clube tem sobre o atleta, pode ser considerado como um “ativo” à medida que representa um direito exclusivo à determinada entidade esportiva, que oportuniza ao clube um benefício futuro e

que tenha ocorrido algum evento (o pagamento de luvas para a assinatura de contrato ou a celebração do primeiro contrato de trabalho entre o clube e o atleta formado em suas categorias de base, por exemplo), que origine o direito da entidade a um benefício econômico. Lopes e Davis (2006, p. 4) acrescentam ainda que “o reconhecimento do valor do atleta como ativo atende plenamente à Teoria Contábil”.

E para que esse “ativo” se torne ainda mais lucrativo para os clubes e agentes, os contratos passaram agora a explicitar em suas cláusulas um percentual de ganho futuro com a... *mais-valia* do jogador. Ou seja, se o clube que comprou os direitos federativos de um atleta, o revender para outro clube por valor superior ao pago, o clube vendedor receberá um percentual referente a este lucro obtido.

Outra categoria marxista importante e facilmente notada no contexto do futebol profissional trata-se do “valor de uso”. Muitos dos estudos e textos publicados corroboram a ideia de que o jogador de futebol é entendido e tratado por grande parte daqueles que compõem o contexto do futebol profissional como uma *coisa*, uma *mercadoria* e um *produto* que pode ser comprado, vendido, trocado e descartado tão logo perca seu *valor-de-uso*.

Segundo Marx (2013), enquanto o valor de uso pode ser determinado pela sua utilidade ou devido sua “determinidade quantitativa”, o valor de troca se refere à relação quantitativa, quando o valor de uso de uma mercadoria é substituído pelo valor de uso de outra mercadoria (de outra espécie). Analogicamente, o valor de uso de um jogador de futebol profissional será determinado pelo seu uso do corpo - e porque não do seu “capital futebolístico” (DAMO, 2005)? -, ao passo que seu valor de troca, o preço para adquirir seus direitos federativos, será estabelecido pelas técnicas corporais empregadas em sua prática profissional (GIGLIO & RUBIO, 2013), pela possibilidade de exploração da sua imagem em propagandas, vendas de material esportivo e outras estratégias de marketing, e pela identificação que possui com o clube e torcida. Se um objeto ou uma pessoa reificada, tal qual o jogador profissional de futebol, pode ser comercializado, é possível afirmarmos, segundo Walsh e Giullianoti (2007), que ele possui um valor de uso e um valor de troca. Portanto,

Devido as rotinas de treinamento, os atletas literalmente trazem incorporado o seu valor de uso e, dessa forma, o valor de troca, que converte o objeto em mercadoria, é traduzido por meio do uso de seu corpo e do que é capaz de produzir enquanto força de trabalho (GIGLIO; RUBIO, 2013, p. 389).

Giglio e Rubio (2013, p.389) acrescentam ainda que “o jogador que tiver a sua força de trabalho corporal reconhecida no meio futebolístico aumenta as chances de transformar seu saber corporal em maior rendimento financeiro”.

Se o modo de produção capitalista é capaz de intensificar as desigualdades existentes no mundo do trabalho, no futebol não é diferente. Conforme Rubio (2001, p.175), a vida de um atleta profissional de futebol é vista pela sociedade em geral como “uma sucessão de rega-

lias, facilidades, fama e sucesso financeiro” (RUBIO, 2001, p.175). Dentro do imaginário da sociedade, jogador de futebol é um profissional muito bem remunerado, mas a realidade não é bem assim.

Conforme relatório da CBF, há, no Brasil, mais de 360.000 atletas registrados, dos quais, cerca de 25% são profissionais. Dentre eles, 55% recebem somente 1 salário-mínimo (quando recebem), sendo que 80% dos valores recebidos em salários por atletas brasileiros, de futebol, estão concentrados “nas mãos” de 7% deles. Estes dados fortalecem o argumento de que, também no futebol, o valor de uso define a capacidade intrínseca de seu valor de troca, e do “ativo” que representa para o clube.

Com as mudanças pelas quais o futebol passou nas últimas décadas, sobretudo em relação ao modelo de organização e gestão ocorridas em função da economia política e do mercado, instaurou-se uma nova configuração, na qual se destaca a comercialização de jogadores, transformando-os em produtos e commodities (ANGELO, 2014).

Mundialmente reconhecido por possuir um alto valor de uso e baixo valor de troca (sobretudo em relação aos atletas que atuam nos grandes centros do futebol europeu), o atleta brasileiro constantemente está envolvido em transações de uma equipe para outra, principalmente de um clube brasileiro para outro estrangeiro. Desde a implementação do novo e padronizado sistema de transferências da FIFA, o Brasil é o país que possui mais registros em movimentação de atletas em todo o mundo, sendo responsável por 13% de todas as transferências registradas. Para que tenhamos maior entendimento sobre o que representa tal porcentagem, o segundo país que mais movimenta atletas no mundo é a Argentina, com 6% das negociações. Ainda segundo informações da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Portugal é o país que mais envia atletas para o mercado futebolístico brasileiro, ressaltando que 98% dos atletas que saem de Portugal para jogar em equipes brasileiras são nascidos em solo brasileiro.

Em relação ao processo de compra e venda de atletas, Melani e Negrão (1995, p.69) salientam que, a partir do momento em que o jogador passa a não responder pela venda da sua própria força de trabalho, se traveste em objeto, se reificando, quase sempre, nas mãos de clubes e, cada vez mais, dos agentes, já que grande parte dos atletas, quando possuem uma porcentagem dos seus direitos federativos, esta é muito pequena. A partir de então, “o jogador assimila sua existência como parte de uma engrenagem subjugada por outros interesses que não os seus” (MELANI & NEGRÃO, 1995, p. 67). Cabe ressaltar que esse processo se inicia ainda quando o atleta assina seu primeiro contrato profissional e passa a fazer parte de um contexto que lhe retira a propriedade da força de trabalho, e no qual se estabelece que a relação “mercadoria-jogador é a coisificação do ser humano-atleta” (MELANI & NEGRÃO, 1995, p. 67).

Diferentemente de outras pessoas, os jogadores de futebol vendem não apenas sua força de trabalho, senão que eles próprios são comprados e vendidos como coisas. Eles podem ser

mercadorias muito apreciáveis, sendo que o preço varia, nestes casos, não apenas pela relação entre oferta e a demanda convencionais, mas por uma lógica especulativa, como no mercado de ações futuras (DAMO, 2007, p. 58).

De acordo com Florenzano (1998, p. 152), o futebol moderno está impregnado pelo discurso que associa o jogador a uma máquina, como uma peça de engrenagem e que pode ser tranquilamente reposta/substituída quando vendida ou inutilizada. Dessa forma,

Quando um clube vender o passe de alguns jogadores, tratar-se-á da reposição de peças para a equipe; quando o futebol apresentado por uma equipe estiver aquém das expectativas, tratar-se-á de fazer com que as peças se encaixem; quando a equipe deixar de vencer uma partida, será porque as peças não funcionaram como deveriam (FLORENZANO, 1998, p. 152).

Não à toa, referências às equipes futebolísticas como máquinas e dos seus jogadores como peças, são bastante comuns, até mesmo entre os próprios atletas. Ainda que alguns, sejam eles integrantes de comissões técnicas, dirigentes, jornalistas e acadêmicos, venham se esforçando para romper com esse olhar e, principalmente, humanizar a relação com o jogador, não nos restam dúvidas que a força do mercado, na lógica do modo de produção capitalista, é significativamente mais poderosa.

Assim, ao invés de humanizarmos as relações trabalhistas entre jogadores de futebol e os clubes esportivos, dando ao trabalhador maior autonomia e poder em relação à sua força de trabalho estamos, cada vez mais, reforçando seu atributo de mercadoria.

Apontamentos finais

Como pudemos notar nos tópicos anteriores, há muitos anos, autores da Educação Física e das Ciências Humanas se dedicam à discussão do processo de coisificação do sujeito e, consequentemente, do atleta de futebol, o que o transforma numa máquina, numa coisa, num produto e mercadoria. Arlei Damo e José Florenzano são referências conhecidas por nós. Mas a psicóloga social Ana Quiroga e, principalmente, o precursor do termo, Perdigão Malheiro, já problematizavam, há décadas, essa questão. Não se trata, evidentemente, de um fenômeno exclusivo do esporte, tampouco do futebol. O tipo de sociedade que vivemos busca transformar todos nós em consumidores, clientes e em mercadorias. Vende-se, de ar a sonhos, nada escapa à ganância do lucro desenfreado. Porém, buscamos neste texto refletir sobre o processo de coisificação do atleta e destinar olhar ao fenômeno da mercadorização apenas no futebol.

Toda discussão trazida neste texto parte do pressuposto de que o futebol é, cada vez mais, uma mercadoria que carrega a “marca” de uma sociedade capitalista. E, nesse mundo balizado pelo modo de produção capitalista, poucas mercadorias produzem lucros tão astronômicos

quanto jogadores de futebol.

É claro que, como parte deste negócio, o trabalhador da bola também se beneficia financeiramente dele. E, em alguns casos, esse benefício representa valor tão exorbitante que mascara a realidade da absoluta maioria de atletas, cujos rendimentos não ultrapassam os cinco salários-mínimos. Entretanto, quando se fala do exagero com que alguns craques da bola são remunerados, pensemos no valor que geraram aos empresários de diversas organizações, quando da negociação dos seus direitos federativos ou de seus espetáculos. Apesar disso, ganham, em sua grande maioria, parcelas mínimas do rendimento que produzem. Sim, mas os trabalhadores “comuns” também geram, em alguns casos, lucros extraordinários e pouco ganham com isso. Claro, e deveriam ganhar muito mais, mas aí trata-se de distribuição injusta e desigual de renda, de exploração da mão-de-obra etc., algo que não buscamos aprofundar neste texto.

Como vimos, Marx “foi escalado” neste texto para que entendamos melhor como ele, futebol, se insere na lógica capitalista e como essa lógica intensifica o processo de coisificação e mercadorização do atleta. E, por que não, nos apropriarmos da teoria marxista e seu espírito revolucionário para que também o futebol transcendia essa lógica por outra de natureza mais humanizada?

Referências

- ALCÂNTARA, H. **A Magia do futebol: Negócios, transações e personagens.** Estudos Avançados, São Paulo, vol.20, n.57, p. 297-313, maio/ago, 2006.
- ANGELO, Luciana. **Gestão da carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol.** Tese (doutorado em ciências) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2014.
- ARBEX, Daniela. **Longe do ninho: Uma investigação do incêndio que deu fim ao sonho de dez jovens promessas do Flamengo de se tornarem ídolos no país do futebol.** Ed. Intrínseca, 2024. 266p.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução.** Vitória: CEF/UFES, 1997.
- CASTELLANI, Rafael. M. **Em jogo a relação entre pesquisador e clube: Futebol e processos grupais.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2010.
- CHALHOUB, S. **Visões de liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DAMATTA, Roberto da. **Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro.** Revista USP, n.22, p.10-17, jun/ago. 1994.
- DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: A formação de atletas futebolistas no Brasil e na França.** São Paulo: hucitec/ANPOCS, 2007.
- FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho e Edmundo: A rebeldia no futebol brasileiro.** São Paulo: Editora Musa, 1998.
- GASPARETTO, Thadeu Miranda. **O futebol como negócio: uma comparação financeira com outros segmentos.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 825-845, out./dez. 2013.
- GEIGER, P. **Novíssimo Aulete: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon Editorial, 2016.

GIGLIO, S; RUBIO, K. Futebol profissional: O mercado e as práticas de liberdade. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, 27(3), p. 387-400, jul/set. 2013.

GILENO, C. H. Perdigão Malheiro e as crises do sistema escravocrata e do império. Tese (doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2003.

GOULART, André Moura. O conceito de ativos na contabilidade: um fundamento a ser explorado. Rev. contab. finanç. 13 (28), Abr 2002.

LOPES, J.S.L. Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998. Estudos históricos, n.23, p.175-191, 1999.

LOPES, H. A.; DAVIS, M. D. O ativo jogador de futebol. Pensar Contábil, v. 8, n. 33, p. 1-10, 2006.

MARTINS, Mariana. Aperfeiçoando o imperfeito: A ação sindical dos jogadores de futebol no período pós Lei Pelé. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2016.

MARX, Karl. O Capital: Crítica da economia política. Livro 1. O processo de produção do capital. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

MATIAS, Wagner Barbosa. A economia política do futebol e o “lugar” do Brasil no mercado-mundo da bola. 2018. 510 f., il. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MELANI, R; NEGRÃO, R.F. Passe para a servidão. Discorpo, São Paulo, v.4, p.61-69, 1995.

MOURELLE, P.M.P. Entre “jabás” e “migués”: Dificuldades e desafios no dia-a-dia de um clube de futebol de segunda divisão. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2012.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

QUIROGA, Ana. P. A concepção de sujeito no pensamento de Enrique Pichon-Rivièrre: Fundamentos para uma psicologia definida como social. Revista APA, Buenos Aires, vol.3, 1978.

RIAL, Carmen. Rodar: A circulação de jogadores brasileiros de futebol no exterior.
Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul/dez. 2008.

ROBERTSON, R. & GIULIANOTTI, R. Fútbol, Globalización y Glocalización. Revista Internacional de Sociología. Vol.LXIV, n.45, p.9-35, Septiembre-Diciembre. 2006.

RODRIGUES, F. O fim do passe e as transferências de jogadores brasileiros em uma época de globalização. Sociologias, Porto Alegre, ano 12, no 24, p. 338-380, mai/ago. 2010.

RUBIO, K. O atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SANTOS, I. HELAL, R. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. Tríade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, p. 53-69, jun. 2016.

SOARES, Antônio. et al. Jogadores de futebol no Brasil: Mercado, formação de atletas e escola. Rev. Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out/dez. 2011.

SOBRE OS AUTORES

Alcides José Scaglia

Livre Docente em Pedagogia do Esporte e Pedagogia do Jogo pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Professor no curso de Ciências do Esporte da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas.

scaglia@unicamp.br

Livre Docente em Pedagogia do Esporte e Pedagogia do Jogo pela UNICAMP. Doutor em Pedagogia do Movimento pela UNICAMP. Mestre em Pedagogia do Esporte pela UNICAMP Licenciado em Educação Física pela UNICAMP Bacharel em Educação Física pela UNICAMP. Atualmente é professor associado (M.S.5.1) na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA-UNICAMP) no curso de Ciências do Esporte da UNICAMP. Co-responsável pelas pesquisas do LEPE (Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte). Líder do grupo de pesquisa LEPE-FUT Docente pleno no programa de pós-graduação, mestrado e doutorado da Faculdade de Educação Física (FEF) da UNICAMP (Brasil).

Alexandre Meyer Luz

Doutor em Filosofia (PUCRS)

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina

alexmeyerluz@gmail.com

Membro-fundador do GT Epistemologia Analítica da ANPOF e tem desenvolvido trabalhos em Teoria do Conhecimento, Epistemologia Social, Filosofia da Violência e Filosofia do Esporte. É professor da linha de Lógica e Epistemologia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. É jogador de futsal desde priscas eras, sem jamais ter sido um craque.

Ana Cristina Lopes Y Glória Barreto

Doutorado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro Universitário Celso Lisboa

ana.barreto@celsolisboa.edu.br

Mestre em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco; Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Coordenadora e Docente dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Educação Física no Centro Universitário Celso Lisboa. Atua nas áreas de Fisiologia do Exercício; Bioquímica do Exercício Físico; Treinamento de Força; Atividade Física para Grupos Especiais.

Carlos Eduardo das Neves

Mestre em Ciências da Saúde
Universidade de Vassouras
carloseduardo.neves@univassouras.edu.br

Bacharel em Nutrição pela Universidade Veiga de Almeida (2007), cursou Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1998). Possui Mestrado em Ciências da Saúde pela Universidade Federal Fluminense (2014). É Especialista em Bases Nutricionais da Atividade Física pela Universidade Gama Filho (2014) e Especialista em Fisiologia do Exercício e Avaliação Morfológica pela Universidade Gama Filho (2000). Coordenou o Curso de Especialização Consultoria e Gestão em Serviços de Alimentação, Universidade Veiga de Almeida (2018-2019). Exerceu o cargo de Professor do Curso de Educação Física nas Faculdades Integradas Bezerra de Menezes (2013-2014) e nas Faculdades Integradas de Jacarepaguá (2010-2016). Como docente em Nutrição, atuou no Centro Universitário Celso Lisboa (2007-2012). Coordenador e Docente do Curso de Graduação em Nutrição da Universidade Veiga de Almeida (2008-2021). Ministra aulas em Cursos de Especialização na área de Nutrição e Educação Física. Atua na área de Educação Física e Nutrição. Atualmente é docente da Universidade de Vassouras (*campi Maricá, Vassouras e Saquarema*).

Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)
Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras
carlos.ferrari@univassouras.edu.br

Carlos Ferrari é doutor, aprovado por unanimidade, nota máxima, membro pesquisador do Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto, pela Universidade do Porto (UP / FADEUP / PORTUGAL) com reconhecimento pela Universidade de São Paulo (USP / BRASIL); mestre em Ciências da Atividade Física, membro pesquisador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Atividade Física, pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO / PPGCAF / BRASIL); bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL); licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL). Carlos Ferrari é um dos idealizadores do Projeto Educação nos Valores Olímpicos, aprovado pela Direção-Geral da Educação (DGE), que conta com o apoio do Comitê Olímpico de Portugal (COP), da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), Teach for Portugal e do Centro de Formação de Associação de Escolas (CFAE) Guilhermina Suggia. (Decreto-Lei n. 55/2018 - Portaria n. 181/2019 de 11 de junho). Carlos Ferrari tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física escolar (EFE); projetos - esportivos - sociais; esporte educacional e inclusão; processo ensino-aprendizagem; docência; discância; violência e Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Atualmente, Carlos Ferrari é Professor Adjunto I da Universidade de Vassouras, Campus Saquarema, lecionando notadamente nas seguintes

disciplinas: Sociologia, Antropologia e Aspectos Filosóficos da Educação Física, História da Educação Física e Teorias e Práticas do Lazer e Recreação.

Constantino Pereira Martins

Doutorado, Instituto de Estudos Filosóficos / Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Universidade de Coimbra

constantinomar@gmail.com

Licenciado, Mestre e Doutorado em Filosofia pela Universidade NOVA de Lisboa com o apoio da FCT. Investigador colaborador do IEF e CECH da Universidade de Coimbra, criador e fundador do FilArch e da AFDLP. A sua investigação atual foca-se em quatro vectores fundamentais: Humor, Política, Desporto e Arquitectura. Foi pesquisador visitante da USP- São Paulo e da Concordia University - Montreal.

Dirceu Ribeiro Nogueira da Gama

Doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho.

Professor Adjunto do Instituto de Educação Física e Desportos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IEFD/UERJ)

dirceurng@gmail.com

Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestrado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF). Doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF). Lecionou na Universidade Católica de Petrópolis (RJ) Universidade Estácio de Sá (RJ) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), estando lotado no Departamento de Ciências da Atividade Física (DECAF) do Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD). É coordenador do Laboratório de Temas Filosóficos em Conhecimento Aplicado à Educação Física e Desportos (LAFIL). É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE/UERJ). Desenvolve estudos e pesquisas nas seguintes áreas: fatores psíquicos intervenientes nos comportamentos de indivíduos inseridos em contextos de prática de atividades físicas e esportivas com finalidades de promoção da saúde, lazer, educação e rendimento competitivo; bioética aplicada à educação física; epistemologia da educação física e esportes; filosofia da educação física e do esporte; análise da intervenção pedagógica do educador físico, relações entre exercício físico e cognição; esportes eletrônicos.

Eduardo Baldessarini Pires

Bacharel em Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola de Educação Física e Desportos

eduardo.ufrrj.eefd@gmail.com

Bacharel em Educação Física, formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015).

Atualmente, atua no mercado *fitness* como *Personal Trainer* sendo sua maior ocupação. Possui vasta experiência em atividades aquáticas e aulas coletivas em geral, onde também atua.

Erik Giuseppe Barbosa Pereira

Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Escola de Educação Física e Desportos, UFRJ

egiuseppe@eefd.ufrj.br

Professor associado da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ). Líder do Grupo de Estudos em Corpo, Esporte e Sociedade – GECOS. Interesse e afinidade estão voltados para as seguintes áreas: pesquisa qualitativa, voleibol, corpo, relações de gênero, sexualidades, esporte e sociedade.

Felipe Santos

Mestre em Ciências da Atividade Física - UNIVERSO

Rio de Janeiro

fip_ssantos@hotmail.com

Especialista em Psicologia Esportiva / Gestão de Pessoas e Recursos Humanos, membro da Associação Brasileira de Gestão do Esporte, com certificação profissional em liderança. Atuante por mais de 20 anos na área da saúde e educação; galgando por equipes esportivas, como atleta, preparador físico e comissão técnica; transpassando pelo Centro de Educação Física da Marinha (CEFAN). Prêmios: INOVAÇÃO CORPORATIVA pelo reconhecimento da Marinha do Brasil pela otimização de tarefas e melhoria das condições de trabalho na idealização, elaboração e execução do Curso de Práticas de Liderança (2015); INSTRUTOR PADRÃO pela Diretoria de Ensino da Marinha pela docência e instrução nos cursos de Especialização e Aperfeiçoamento na Técnica do Desporto (2010).

Gabriel Orenga Sandoval

Doutorando em Educação Física e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP)

Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.

g216386@dac.unicamp.br

Bacharel em Ciências do Esporte pela Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (FCA/UNICAMP). Mestre em Educação Física e Sociedade pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP). Doutorando em Educação Física e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP).

Heraldo Simões Ferreira

Pós doutorado em Desenvolvimento Humano (UNESP)

Universidade Estadual do Ceará

heraldo.simoes@uece.br

Possui graduação em Educação Física (UNIFOR), Especialista em Psicomotricidade (UECE), Mestre em Educação em Saúde (UNIFOR), Doutor em Saúde Coletiva (UECE) e Pós-Doutorado em Desenvolvimento Humano (UNESP) e atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará.

Homero da Silva Nahum Junior

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro Universitário Celso Lisboa e Universidade Cândido Mendes

Junior_alema@yahoo.de

Atua em Música, Matemática e Informática com aplicações em Educação Física.

Jayme de Oliveira Aranha Neto

Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física da Universidade Católica de Brasília.

Discente na Universidade de Brasília (UCB).

neto_joan@hotmail.com

Mestrado pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física na Universidade Católica de Brasília (UCB). Graduação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade de Brasília (UNB). Graduação em Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Graduação em Bacharelado em Educação Física pela Faculdade de Piracanjuba (FAP). Pós-graduação em Futebol e Futsal na Faculdade Albert Einstein. Possui o Curso de Monitor de Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército (EsE-FEx-2013) e monitor do Curso de Bacharelado da Escola de Educação Física do Exército no período de 2016 a 2019. Especialização em Futebol pela CBF Academy Licença A. Atualmente é auxiliar técnico da Seleção Brasileira das Forças Armadas. Tem experiência prática na área de Treinamento Desportivo, Gestão do esporte, com ênfase em Futebol de alto rendimento.

João Batista Freire

Professor Livre-Docente (aposentado) em Pedagogia do Movimento pela Faculdade de Educação Física da Unicamp

Instituto Esporte e Educação

jbfreire32@gmail.com

Doutor em Psicologia Educacional pela Universidade de São Paulo, consultor pedagógico da Universidade do Futebol e do Instituto Esporte Educação e autor de vários livros, dentre eles, “Educação Física de corpo inteiro” e “Pedagogia do futebol”.

João Rafael Valentim-Silva

Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal

p.jrvalentim@gmail.com

Possuo graduação em Educação Física (2003) e Mestrado em Ciência da Motricidade Humana, ambos pela Universidade Castelo Branco (2008) e Doutorado em Biotecnologia com concentração em Biotecnologia Aplicada à Saúde e Saúde Pública. Realizei três estágios de Pós-Doutorado, o primeiro em Nanobiotecnologia, o segundo em ciências da saúde e o terceiro na Divisão de Endocrinologia da Miller School of Medicine da Universidade de Miami. Possuo 11 anos na docência, com especial atuação em Educação e Saúde e ênfase em Educação Física, Enfermagem, Medicina, Nutrição, Biomedicina, Odontologia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia e Psicologia. Durante o desenvolvimento da minha carreira puliquei 13 capítulos de livro, mais de 77 artigos completos, conclui a orientação de mais de 45 trabalhos de conclusão de curso de graduação, 5 de especialização, 6 mestres, 4 doutores formados sob minha orientação e atualmente atuo como líder e colaborador de alguns grupos de pesquisa de referência nacional e internacional. Adicionalmente, fora do âmbito acadêmico, possuo consistente atuação no mercado fitness e esportivo no treinamento personalizado, treinamento de grupos, treinamento de esportes de combate, gestão de equipes, de empresas do fitness, esportivas e treinamento de equipes. A propósito, também possuo experiência em coordenação e gestão de área e de cursos superiores, já participei da criação do Projeto Político Pedagógico de 3 cursos superiores, produzi 1 e participo da criação do Projeto Político Pedagógico de um Programa *Stricto Sensu*.

José Mauro Malheiro Maia Junior

Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCEE/UERJ/RJ).

Docente na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx/EB/RJ).

cadmauro@hotmail.com

Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE/UERJ). Graduação em Bacharelado em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército e Universidade Celso Lisboa (RJ). Especialização em Ciência do Treinamento Desportivo pela Universidade Federal de Juiz de Fora – MG. Pós-graduação em Direito e Administração Pública (Universidade Castelo Branco – RJ). Graduação em Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras. Especialização em Futebol pela CBF Academy Licença Pro. Membro do Laboratório do Exercício e Esporte (LABEES/UERJ). Atualmente é professor da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx/EB/RJ) no curso de Bacharel em Educação Física nas Disciplinas Futebol de Campo, Administração Desportiva e Saúde e Qualidade de Vida. Tem experiência prática na área de Treinamento Desportivo, Gestão do esporte, Administração, com ênfase em Futebol de alto Rendimento.

Lídia Andrade Lourinho

Pós doutorado em Saúde Coletiva (UECE).

Universidade Estadual do Ceará

lidalourinho@hotmail.com

Possui graduação em Pedagogia (UECE) e Fonoaudiologia (UNIFOR), Mestre em Educação em Saúde (UNIFOR), Doutora em Saúde Coletiva (UECE/UFC/UNIFOR) e Pós Doutora em Saúde Coletiva (EUCE) e atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará.

Lino Castellani Filho

Professor Livre-Docente (aposentado) da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Universidade Estadual de Campinas

lino.castellani@uol.com.br

Secretário Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer (Ministério do Esporte, 2003/ 2006); Presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, CBCE (1999/2001 e 2001/2002) e Autor de vários livros, dentre eles, “Educação Física no Brasil: A História que não se conta” e “Coletivo de Autores – Metodologia do Ensino de Educação Física”.

Luciana Marins Nogueira Peil

Doutorado em Educação Física, Universidade Gama Filho

Escola de Educação Física e Desportos, UFRJ

luciana.peil@eefd.ufrj.br

Professora associada da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ). Membro do comitê científico de epistemologia do CBCE. Interesse e afinidade estão voltados para as seguintes áreas: basquetebol, história da educação física, epistemologia e sociologia do esporte.

Luísa Ávila da Costa

Doutorada, Faculdade de Desporto

Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto

Universidade do Porto

mlcosta@fade.up.pt

Professora Auxiliar da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, tem vindo a desenvolver o seu trabalho de investigação nos campos da Sociologia, da Antropologia e da Filosofia do Desporto. Lecciona atualmente Sociologia do Desporto e Desporto e Religião na Licenciatura, e também Aspetos Socioantropológicos do Desporto e Metodologia de Investigação Qualitativa no Mestrado. O seu trabalho de investigação tem tocado em temas como a estética e a ética do desporto, a educação pelo desporto e pela educação física, as virtudes desportivas, a tecnologia e o desporto, o corpo no desporto, entre outros. É ainda coordenadora do Grupo de Responsabilidade Social e membro da Comissão de Ética da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Marco Antonio Ferreira dos Santos

Mestre em Educação Física – UFRJ

Professor substituto no departamento de jogos da Escola de Educação Física e desportos da UFRJ. Atua na linha de pesquisa de rendimento físico-esportivo com ênfase em análise técnica e tática, é especialista em gestão de negócios esportivos e faixa preta de jiu-jitsu brasileiro.

Namir da Guia

Especialização em Liderança e Gestão de Equipes de Alta Performance Universidade Norte do Paraná (2023)

Serviço Social do Comércio – SESC/CE

professordagui@gmail.com

Possui graduação em Educação Física (UNINOVE), Especialista em Metodologia do Treinamento do Futebol e Futsal pela Universidade Gama Filho, Habilitação de Treinador de Futebol, licença B pela Confederação Brasileira de Futebol, Mestre em Ensino na Saúde (UECE), especialista em Gestão Esportiva e Liderança e Gestão de Equipes de Alta Performance pela (UNOPAR). Atualmente é professor de futsal do Serviço Social do Comércio (SESC-CE).

Rafael Marques Garcia

Doutorado em Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Escola de Educação Física e Desportos, UFRJ

rafaelgarcia@eefd.ufrj.br

Professor adjunto da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ). Licenciado, Bacharel, Mestre e Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Interesse e afinidade estão voltados para as seguintes áreas: corpo, relações de gênero, sexualidades, esporte e sociedade.

Rafael Moreno Castellani

Doutor em Psicologia Social (Universidade de São Paulo)

CBFacademy

rafael.castellani@universidadedofutebol.com.br

Graduado e mestre em Educação Física (Unesp e Unicamp, respectivamente) e doutor em psicologia social (IP-USP). Atualmente, é líder do grupo técnico pedagógico da Universidade do Futebol, pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em estudos do futebol brasileiro e professor/tutor da CBFacademy.

Roberto Ferreira dos Santos

Doutor em Ciências do Desporto

Universidade Salgado de Oliveira

rob.fersantos1949@gmail.com

Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975), Mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1990) e Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física pela Universidade do Porto (1996) onde apresentou tese intitulada “A violência no futebol português: uma interpretação sociológica baseada na concepção teórica de processo civilizacional”. Atuou como professor do Instituto de Educação Física da UERJ de 1978 até 2003, além de ter sido Chefe do Departamento de Esportes Individuais durante alguns anos. Foi Técnico de Atletismo e Professor de Educação Física da Escola Naval/Ministério da Marinha de 1974 até 1985 e Técnico de Atletismo do Fluminense de 1976 até 1991. De 1998 até 2006 foi Professor Titular e Diretor do Curso de Educação Física e Diretor da Escola de Saúde e do Desporto do Centro Universitário da Cidade do Rio de Janeiro - UNIVERCIDADE. Durante todos esses anos, lecionou disciplinas tais como: Atletismo, Metodologia do Ensino do Atletismo, Prática de Ensino, Fundamentos Pedagógicos, tendo também orientado cerca 60 trabalhos de conclusão de curso e 15 dissertações de Mestrado. Atualmente é professor Titular da Universidade Salgado de Oliveira no Programa Mestrado em Ciências da Atividade Física no qual ministra a disciplina Seminário de Pesquisa e Disciplina Eletiva sobre Esporte e Violências. Nesse programa está inserido da Linha de Pesquisa Aspectos Socioculturais da Atividade Física.

Rodrigo Baldi Gonçalves

Mestre em Biodinâmica do Movimento e Esporte. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.

r205486@dac.unicamp.br

Bacharel em ciências do esporte pela Faculdade de Ciências Aplicadas, UNICAMP. Mestre em Biodinâmica do Movimento e Esporte pela Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Atualmente é Doutorando em Biodinâmica do Movimento e Esporte - Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Membro dos laboratórios: Laboratório de Biomecânica e Instrumentação - LABIN e Laboratório de estudos em Pedagogia do Esporte – LEPE.

Rodrigo Gomes de Souza Vale

Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Professor Associado do Instituto de Educação Física e Desportos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IEFD/UERJ) e Professor Titular do curso de Educação Física da Universidade Estácio de Sá (UNESA/Cabo Frio/RJ)

rodrigogsvale@gmail.com

Graduação em Educação Física (UFRJ). Mestrado em Ciência da Motricidade Humana (UCB/RJ). Doutorado em Ciências da Saúde (UFRN). Pós-doutorado em Biociências (UNIRIO). É Professor Associado do Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD)

e do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É coordenador do Laboratório do Exercício e do Esporte (LABEES-UERJ). É Professor Titular, coordenador do Laboratório de Fisiologia do Exercício (LAFIEX) e do curso de Educação Física da Universidade Estácio de Sá (UNESA-Cabo Frio/RJ). Tem experiência na área de Educação Física e Saúde, com ênfase em Condicionamento Físico, Treinamento Desportivo, Biomecânica, Fisiologia do Exercício, Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida.

Roxana Macedo Brasil

Doutorado em Atividade Física e Esporte pela Universidade de Valencia - Espanha

Centro Universitário Celso Lisboa

roxanabrasil@gmail.com

Mestre em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco; Graduada em Licenciatura Em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua nas áreas de Efeitos Fisiomorfológicos das Atividades Físicas; Fitness Aquático; e Ciclismo Aquático; Qualidade de vida. Consultora em fitness.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

carlos.ferrari@univassouras.edu.br

Carlos Ferrari é doutor, aprovado por unanimidade, nota máxima, membro pesquisador do Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto, pela Universidade do Porto (UP / FADEUP / PORTUGAL) com reconhecimento pela Universidade de São Paulo (USP / BRASIL); mestre em Ciências da Atividade Física, membro pesquisador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Atividade Física, pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO / PPGCAF / BRASIL); bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL); licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL). Carlos Ferrari é um dos idealizadores do Projeto Educação nos Valores Olímpicos, aprovado pela Direção-Geral da Educação (DGE), que conta com o apoio do Comitê Olímpico de Portugal (COP), da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), Teach for Portugal e do Centro de Formação de Associação de Escolas (CFAE) Guilhermina Suggia. (Decreto-Lei n. 55/2018 - Portaria n. 181/2019 de 11 de junho). Carlos Ferrari tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física escolar (EFe); projetos - esportivos - sociais; esporte educacional e inclusão; processo ensino-aprendizagem; docência; discância; violência e Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Atualmente, Carlos Ferrari é Professor Adjunto I da Universidade de Vassouras, Campus Saquarema, lecionando notadamente nas seguintes disciplinas: Sociologia, Antropologia e Aspectos Filosóficos da Educação Física, História da Educação Física e Teorias e Práticas do Lazer e Recreação.

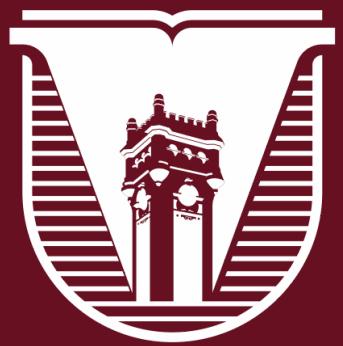
Rafael Carvalho da Silva Mocarzel

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

professormocarzel@gmail.com

Doutorado em Ciências do Desporto na Universidade do Porto (UP / Portugal); Mestrado em Ciências da Atividade Física e Licenciatura Plena em Educação Física (UNIVERSO / Brasil); Especialização (Lato Sensu) em Acupuntura (ANHANGUERA / Brasil). Professor (Faixa Preta) em 6 estilos de Kung-Fu (Garra de Águia, Tai Chi Chuan, Shuai Jiao, Sanda/ Sanshou e Wushu Moderno: Norte & Sul). Instrutor de Pilates e Dança (zouk e forró/xote). Atua também com Terapias Holísticas e Massagens. Atualmente estuda as Artes Marciais



UNIVASSOURAS